

ESCOLA DE HUMANIDADES
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA
DOUTORADO EM HISTÓRIA

JANETE DA ROCHA MACHADO

**EMPREENDEDORISMO TEUTO-RIO-GRANDENSE:
O CASO DAS EMPRESAS BROMBERG & CIA. (1860 – 1932)**

Porto Alegre
2019

PÓS-GRADUAÇÃO - *STRICTO SENSU*



Pontifícia Universidade Católica
do Rio Grande do Sul

JANETE DA ROCHA MACHADO

**EMPREENDEDORISMO TEUTO-RIO-GRANDENSE:
O CASO DAS EMPRESAS BROMBERG & CIA. (1860 – 1932)**

Tese apresentada à banca examinadora do Programa de Pós-Graduação em História, como requisito parcial para a obtenção do grau de Doutora em História pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul.

Orientadora: Prof^ª. Dr^ª. Claudia Musa Fay

Porto Alegre

2019

Ficha Catalográfica

M149e Machado, Janete da Rocha

Empreendedorismo Teuto-Rio-Grandense : O caso das Empresas Bromberg & Cia. (1860 - 1932) / Janete da Rocha Machado . – 2019.

261 f.

Tese (Doutorado) – Programa de Pós-Graduação em História, PUCRS.

Orientadora: Profa. Dra. Claudia Musa Fay.

1. Bromberg & Cia. 2. Empreendedorismo Alemão. 3. Alto comércio Teuto-Rio-Grandense. I. Fay, Claudia Musa. II. Título.

JANETE DA ROCHA MACHADO

**EMPREENDEDORISMO TEUTO-RIO-GRANDENSE:
O CASO DAS EMPRESAS BROMBERG & CIA. (1860 – 1932)**

Tese apresentada à banca examinadora do Programa de Pós-Graduação em História, como requisito parcial para a obtenção do grau de Doutora em História pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul.

Aprovada em: 20 de agosto de 2019.

BANCA EXAMINADORA

Profa. Dra. Claudia Musa Fay – PUCRS (Orientadora)

Profa. Dra. Daniela Marzola Fialho - UFRGS

Profa. Dra. Gislene Monticelli – PUCRS

Prof. Dr. Marcos Witt - UNISINOS

Prof. Dr. René Gertz - PUCRS

“Para estabelecer-se um balanço exacto da cooperação germânica na formação da riqueza rio-grandense, deve-se começar pela citação de uma firma que foi das primeiras a se estabelecer em nosso Estado, a cujo progresso tem emprestado sempre o mais firme e desinteressado apoio, de modo a se poder medir o seu desenvolvimento pelo próprio desenvolvimento da terra gaúcha. Não precisaríamos mencionar esse nome. Todos os filhos do Rio Grande sabem como foi grandioso e fecundo o plano de trabalho iniciado e levado a efeito com tanto êxito pela firma Bromberg & Cia., que cooperou indefesamente, desde os tempos remotos em que aqui se estabeleceu, em 1860, para transformar a província despovoada e pobre de então num dos mais florescentes e poderosos esteios do Brasil”.

(Revista do Mez. Janeiro de 1923. Número especial, dedicado a Colônia Alemã do Estado do Rio Grande do Sul. Acervo Benno Mentz – Instituto Delfos/PUCRS).

AGRADECIMENTOS

A realização desse estudo não seria possível sem o apoio e participação de algumas pessoas, entre elas:

À minha família, em especial, meu marido Sergio, que esteve sempre presente nas minhas atividades acadêmicas, incentivando-me e compreendendo os nossos desencontros. À minha mãe, Vera Regina, pelo apoio e ajuda incondicional em todas as horas. Aos meus filhos, Arthur e Pedro, por entenderem minhas ausências nas horas de lazer e nos momentos destinados às tarefas da escola. E à professora de Língua Portuguesa Catarina Tolotti pela correção deste trabalho;

À professora Dra. Claudia Musa Fay, a qual com seu conhecimento, sua orientação e acompanhamento, possibilitou-me alcançar os resultados desse trabalho, desde quando ainda era um projeto na graduação desta universidade.

Ao CAPES – Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior pela bolsa de auxílio, sem a qual não seria possível a realização desta pesquisa.

Aos professores, funcionários e colegas do Programa de Pós-Graduação em História da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, cujos conhecimentos e parceria ajudaram no desenvolvimento da pesquisa. A eles agradeço pelo companheirismo, pelas trocas, pelo aprendizado, enfim, por tudo que partilhamos; Agradeço também à professora Dra. Gislene Monticelli pelo acervo Benno Mentz/Instituto Delfos da PUCRS e pelas sábias e bem-vindas colaborações a essa escrita de tese.

E, finalmente, um agradecimento especial aos depoentes: Lilian Dorothy Bromberg, Rita Bromberg Brugger e Walther Bromberg, bisnetos de Martin Bromberg, o idealizador das firmas. Sem eles, com certeza, não seria possível recuperar a história da Bromberg & Cia.

A todos esses, que nos momentos difíceis da pesquisa me incentivaram e ajudaram na superação dos obstáculos, possibilitando à conclusão desse trabalho, expresso a minha profunda gratidão. Muito obrigada!

RESUMO

A presente investigação pretendeu uma análise da construção e desenvolvimento dos negócios da família Bromberg ocorrido no sul da América do Sul, no período de 1860 até 1932. As Firms Bromberg & Cia., juntamente com outros empreendimentos de alemães, integraram, no passado, o alto comércio teuto-rio-grandense no Brasil. A concepção capitalista e o espírito empreendedor de alguns grupos, oriundos de regiões mais desenvolvidas da Alemanha como a cidade de Hamburgo, foram fundamentais para o surgimento das primeiras indústrias no Estado. Por meio do comércio de importação e do consequente processo de industrialização, esses empreendedores colaboraram na modernização histórica no final do século XIX e início do século XX no Rio Grande do Sul. A tese investigou ainda a trajetória de Martin Bromberg, o idealizador da Bromberg & Cia, uma das maiores distribuidoras de maquinário alemão para a América do Sul.

Palavras-chave: Bromberg & Cia. Empreendedorismo alemão. Alto Comércio Teuto-Rio-Grandense Brasileiro.

ABSTRACT

The present investigation aimed to analyze the construction and development of the Bromberg family business that took place in southern South America from 1860 to 1932. Bromberg & Cia., Together with other German enterprises, have in the past integrated the high trade teuto-rio-grandense in Brazil. The capitalist conception and the entrepreneurial spirit of some groups, coming from more developed regions of Germany like the city of Hamburg, were fundamental for the emergence of the first industries in the state. Through the import trade and the consequent process of industrialization, these entrepreneurs collaborated in the historical modernization in the late nineteenth and early twentieth century in Rio Grande do Sul. The thesis also investigated the trajectory of Martin Bromberg, the first of the family to come to Brazil, and founder of Bromberg & Cia, one of the largest distributors of German machinery throughout South America.

Keywords: Bromberg & Co. German entrepreneurship. High trade Teuto-Rio-Grandense Brasileiro.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1: <i>Chegou Tarde</i> . Pedro Weingartner. Óleo sobre tela, 1890. 74,5 x 100	42
Figura 2: Arthur Bromberg (de gravata borboleta), um dos gestores da Bromberg.....	46
Figura 3: Paulo Bromberg (ao centro) como caixeiro viajante em Agudo/RS - 1925	47
Figura 4: Martin Bromberg, fundador da Bromberg & Cia.	70
Figura 5: Depósito de máquinas Abramo Eberle.....	74
Figura 6: Árvore Genealógica de Martin Bromberg	79
Figura 7: Momentos em família, Martin na Alemanha e no Brasil.....	80
Figura 8: Bodas de Ouro de Martin e Sophie/1918	81
Figura 9: Primeira aeronave (hidroavião) da VARIG/1928	88
Figura 10: Acionistas presentes na assembleia de fundação da VARIG/1927.....	89
Figura 11: Os irmãos Bartolomeu e Waldemar Bromberg.....	94
Figura 12: Waldemar, Dorothy e filhos/1925.....	96
Figura 13: Os seis filhos empreendedores de Martin Bromberg/1900	98
Figura 14: Oscar Bromberg diante de escultura de sua autoria.....	99
Figura 15: Estátua de Martin Bromberg	99
Figura 16: Escritórios da Bromberg em Hamburgo/Alemanha.....	106
Figura 17: Filiais da Bromberg localizadas no centro de Porto Alegre/1912	111
Figura 18: Guindaste da Bromberg descarregando equipamentos	112
Figura 19: Trapiche e depósitos da Bromberg no centro de Porto Alegre	113
Figura 20: Locomóvel Lanz/trapiche Porto Alegre	113
Figura 21: Planta Comercial de Porto Alegre. 1900.....	115
Figura 22: João Day, sócio da Bromberg & Cia.....	116
Figura 23: Carlos Daudt, sócio da Bromberg & Cia. e informe publicitário da firma.....	119
Figura 24: Diretor da loja e divulgação da Ao Cylindro	121
Figura 25: Fachada das lojas Ao Cylindro/Porto Alegre.....	123
Figura 26: Depósito de máquinas de costura da Bromberg & Cia.	124
Figura 27: Sede da firma Bromberg em Buenos Aires.....	126
Figura 28: Salão de exposição e venda de máquinas na filial de Rosário de Santa Fé	127
Figura 29: Obras de irrigação da Bromberg & Cia. em Buenos Aires	128
Figura 30: Loja Naval da Bromberg na cidade de Rio Grande	131
Figura 31: Depósito de querosene da Bromberg & Cia. em Rio Grande	132

Figura 32: Anúncio de um locomóvel Lanz	137
Figura 33: Casa comercial da Bromberg em Pelotas.....	141
Figura 34: Bertram e Werlang, os dois gerentes da Bromberg & Cia.....	142
Figura 35: Depósitos da Bromberg em São Paulo.....	145
Figura 36: Anúncio publicitário da firma Bromberg. São Paulo/1913.....	146
Figura 37: Bromberg, Hacker & Cia. em São Paulo.	147
Figura 38: Prédio da filial da Bromberg/Rio de Janeiro.....	148
Figura 39: Tabela com o número de empregados da Bromberg & Cia./1913.....	151
Figura 40: Hidrelétrica fornecida pela Bromberg de São Paulo.....	155
Figura 41: Turbinas em processo de montagem	156
Figura 42: Turbina com potência de 17150 cav.	159
Figura 43: Ferrovia portátil fornecida pela Bromberg.....	163
Figura 44: Ponte sobre o rio Ijuí/construção da Bromberg e Engenheiros.....	166
Figura 45: Placa “Bromberg & Cia Engenheiros	166
Figura 46: Bonde de passageiros/Rio de Janeiro.....	167
Figura 47: Instalações de uma padaria fornecida pela Bromberg/1911	169
Figura 48: Montagem de cozinha/Buenos Aires	170
Figura 49: Vapor América – Bromberg/Rio Grande	172
Figura 50: Sala de jantar do Vapor América	173
Figura 51: Imagem interna do pavilhão da Bromberg na Exposição Agropecuária	182
Figura 52: Álbum da II Feira Agropecuária Estadual/1912	183
Figura 53: Entrada de Borges de Medeiros e família no Parque de Exposições/1912.....	184
Figura 54: Locomóvel da marca alemã Lanz	187
Figura 55: Locomóvel Lanz importado pela Bromberg & Cia.	188
Figura 56: Loja da Bromberg após incêndio/1917	197
Figura 57: Fachada da Casa Bromberg/Porto Alegre	198
Figura 58: Paulo Bromberg nas lojas incendiadas no centro de Porto Alegre/1916	199
Figura 59: Residência de Waldemar Bromberg na Rua Mostardeiro/1920.....	211
Figura 60: Booth e Bromberg na praia particular da família/1920.....	214
Figura 61: Casa de veraneio de Waldemar Bromberg/1906.....	215
Figura 62: Waldemar e filhos na praia da Pedra Redonda/1929	216
Figura 63: Famílias Booth e Bromberg na chácara da Zona Sul/1910.....	217

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

IPHAN	Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional
CNPq	Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico
PIBIC	Programa Institucional de Bolsas de Iniciação Científica
PRR	Partido Republicano Rio-Grandense
PUCRS	Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul
VARIG	Viação Aérea do Rio Grande do Sul

ARQUIVOS CONSULTADOS

Acervo Benno Mentz. Instituto Delfos/Espaço de Documentação e Memória Cultural PUCRS

FGV CPDOC – Centro de Pesquisa e Documentação de História Contemporânea do Brasil

IHGRGS - Instituto Histórico e Geográfico do Rio Grande do Sul

LAPHO - Laboratório de Pesquisa em História Oral

MCRG - Museu da Cidade de Rio Grande

MCHJC - Museu da Comunicação Hipólito José da Costa

Fototeca Sioma Breitaman - Museu de Porto Alegre Joaquim Felizardo

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	12
1 IMIGRAÇÃO ALEMÃ: AS ORIGENS DA ELITE COMERCIAL E DA INDÚSTRIA GAÚCHA	29
1.1 A COLONIZAÇÃO ALEMÃ NO RIO GRANDE DO SUL.....	29
1.2 O CAIXEIRO VIAJANTE E A GÊNESE DA VOCAÇÃO COMERCIAL	38
1.3 O ACESSO AO ALTO COMÉRCIO: AS GRANDES FIRMAS ALEMÃS	48
2 BROMBERG & CIA: UMA REDE SE ESPALHA PELA AMÉRICA DO SUL	56
2.1. MARTIN BROMBERG E A GÊNESE DOS NEGÓCIOS DE IMPORTAÇÃO	57
2.2 PRIMEIROS TEMPOS DO IMIGRANTE NA AMÉRICA.....	76
2.3 O RETORNO PARA HAMBURGO E A CRISE DE 1889	84
2.4 A CASA DE HAMBURGO E OS ESTABELECIMENTOS SUL-AMERICANOS.....	101
2.4.1 Porto Alegre: o berço das empresas no Brasil	107
2.4.2 As filiais Portenhas: Buenos Aires e Rosário de Santa Fé	125
2.4.3 Rio Grande, Cachoeira do Sul e Pelotas: As grandes lojas no interior do Estado	130
2.4.4 Rio de Janeiro, São Paulo e Cia.: filiais da Bromberg pelo Brasil	144
3 A BROMBERG NO CENÁRIO INTERNACIONAL	152
3.1 INSTALAÇÕES PÚBLICAS E PRIVADAS: AS USINAS DE GERAÇÃO DE ENERGIA.....	152
3.2 A INTEGRAÇÃO DO TERRITÓRIO: AS FERROVIAS FORNECIDAS PELA BROMBERG.....	160
3.3 OUTRAS INSTALAÇÕES DA BROMBERG PELO PAÍS	164
3.4 AS GRANDES EXPOSIÇÕES UNIVERSAIS: DESTAQUE PARA A BROMBERG	178
3.5. OS LOCOMÓVEIS: SÍMBOLO DOS NEGÓCIOS BROMBERG	184
4 O INÍCIO DO FIM: DO PERIGO ALEMÃO AO CRASH DA BOLSA EM 1929....	190
4.1 A PRIMEIRA GUERRA MUNDIAL: SURGE A LISTA NEGRA NO BRASIL.....	190
4.2. O QUEBRA-QUEBRA DAS LOJAS BROMBERG EM PORTO ALEGRE.....	196
4.3 A CRISE DE 1929 E O FIM DA BROMBERG & CIA.	203
4.4 A MUDANÇA DEFINITIVA DE ENDEREÇO E AS SOCIABILIDADES DA FAMÍLIA BROMBERG À BEIRA DO GUAÍBA.....	212
CONSIDERAÇÕES FINAIS	219

ANEXO A: Carta de Martin Bromberg, neto de Bartolomeu M. Bromberg.	235
ANEXO B: Carta de Bartolomeu Martin Bromberg para Frederico Mentz/1924	240
ANEXO C: Reportagem sobre Arthur Bromberg	241
ANEXO D: Matéria sobre os 50 anos de Bromberg & Cia/1913.	242
ANEXO E: A Família Bromberg e o Lazer na Zona Sul	243
ANEXO F: Documento de Paulo Bromberg/Caixaieiro Viajante.....	244
ANEXO G: Folder de divulgação da Bromberg.....	245
ANEXO H: Notas fiscais da Bromberg.....	246
ANEXO I: Cronologia da Bromberg & Cia.....	256

INTRODUÇÃO

“O Brasil necessitava de estímulo, requerendo homens beneméritos que se encarregassem de lhe imprimir novos métodos. Entre esses homens figuraram o sr. Martin Bromberg e os seus filhos, em quem a natureza havia singularmente reunido toda a capacidade técnica e comercial do chefe-senior, a par de uma visão patriótica e perfeita do futuro do país” (Revista do Mez. Porto Alegre, p. 18).

Os interesses econômicos prevaleceram nas relações entre Alemanha e Brasil no final do século XIX. As cidades hanseáticas situadas no noroeste da Alemanha, bem como suas casas comerciais, foram fundamentais para o desenvolvimento do comércio com o Brasil nesta época. A partir de 1824, um grupo considerável de imigrantes deixou a Alemanha rumo ao Brasil. Eram em sua maioria colonos que buscavam trabalho nas áreas rurais no sul do país. Somado a esses, vieram também homens de negócio, possuidores de capitais, e que podiam investir em seus próprios empreendimentos. Para Sandra Pesavento (1991) o chamado burguês imigrante alemão já vem pronto da sua terra de origem, e este vai trazer todo o capital necessário para iniciar os primeiros negócios, bem como experiência profissional.

Estes empreendedores não vinham em grupos numerosos, mas, em termos qualitativos, exerceram uma importante influência sobre os grupos em ascensão daquela época. O conhecimento e o espírito de empreender, somado ao capital que detinham, foram os principais pilares que lhes conferiram sucesso, poder e fortuna ao longo dos anos. A maioria desses “homens de negócio” se transformou em gestores no Rio Grande do Sul, exercendo atividades como direção de grandes empresas, e, ainda mantendo relações comerciais fortes com algumas cidades alemãs. A Alemanha se tornou, em pouco tempo, um importante fornecedor de produtos industrializados para o Brasil, país cujas iniciativas industriais estavam apenas começando.

Segundo Pesavento (1991), ficou no passado a ideia de um estado exclusivamente agropastoril, embora esta tenha sido a imagem fixada ao longo da história e reafirmada nas escolas e nos livros didáticos. Ainda, segundo a historiadora, o gaúcho com seus símbolos culturais, como o cavalo, o churrasco e o chimarrão ficaram no imaginário do Rio Grande. Porém, ao longo dos anos, paulatinamente, estruturou-se uma ordem urbano-industrial, com a presença de grandes empreendedores, a maioria de origem alemã, a qual é preciso recuperar.

Havia um projeto regional do PRR, Partido Republicano Rio-Grandense, que se consolidou no poder no período da República Velha, constituído sob os princípios ideológicos

do Positivismo¹, os quais contemplaram a indústria gaúcha e seus empresários. O partido exerceu influência nas condições de organização da classe industrial do Rio Grande do Sul. O PRR viabilizou uma proposta política reformista e modernizante para o estado, atraindo as novas camadas médias urbanas, como os comerciantes de Porto Alegre. O partido trouxe para si, igualmente, uma classe em ascensão, como os executivos, entre eles, banqueiros e industriais.

Neste sentido, o objetivo deste trabalho é analisar o surgimento, bem como, a trajetória da Empresa Bromberg & Cia.² a maior importadora alemã de máquinas e insumos para as indústrias do Rio Grande do Sul. Com filiais espalhadas pelo Brasil e exterior, a Bromberg foi protagonista no processo de industrialização no estado gaúcho. Integrantes do alto comércio teuto-rio-grandense³, os descendentes de imigrantes foram, entre outros grupos, os agentes responsáveis pelo desenvolvimento econômico do Rio Grande do Sul. Por meio da importação e da exportação dos mais diversos equipamentos, esses empreendedores destacaram-se no contexto de modernização histórica no final do século XIX e início do século XX no Brasil.

¹ O positivismo é uma das doutrinas filosóficas derivadas do iluminismo. Sua origem mais remota se encontra em Condorcet, filósofo vinculado à Enciclopédia, para quem era possível criar-se uma ciência da sociedade com base na matemática social, de acordo com Michael Löwy. Mas foi com Augusto Comte (1798-1857) que o positivismo se tornou uma escola filosófica. A época do positivismo foi marcada pela profunda transformação material e espiritual trazida pela Revolução Industrial. Os fundamentos do positivismo consistem na busca de uma explicação geral diante de um fenômeno derivado da industrialização: a crescente especialização. Comte procurou fazer de sua filosofia um instrumento para manter plena a perspectiva do geral, da visão macro. Fundou, assim, a física social, nome que ensejou o aparecimento da sociologia. Essa ciência se baseou no modelo de investigação comum às ciências empíricas particulares, com vistas a descobrir as regras que governam a sucessão e a coexistência dos fenômenos. A componente política do positivismo, aquela que migrou para outras fronteiras nacionais, como a brasileira, possuía um fundamento autoritário. A sustentação do princípio de uma república unitária, na qual o primeiro dos cidadãos agiria ditatorialmente, no sentido de possuir a faculdade de ditar os anseios do povo, criou interpretações antidemocráticas, sobretudo amparadas em ambientes de forte tradição política mandonista. Dessa maneira, a combinação da leitura positivista na esfera da política com os valores embasados no jacobinismo e nas tradições patrimonialistas produziram uma cultura política que esteve a alimentar uma das vertentes de República nos primórdios do regime republicano brasileiro. Os integrantes do Apostolado Positivista fundado no Brasil, que teve em Raimundo Teixeira Mendes e Miguel Lemos seus principais doutrinadores e em Benjamin Constant Botelho de Magalhães seu líder, inspiraram os dizeres da bandeira brasileira, com o lema Ordem e Progresso e se empenharam em dar suporte à ideia de uma República unitária, capaz de pôr em prática as vontades gerais (PENNA, 2019).

² Os nomes “Bromberg & Cia”, “Bromberg & Co.”, e apenas “Bromberg”, serão citados ao longo do trabalho. Isso se deve às diferentes nomenclaturas encontradas nos acervos familiares e na bibliografia pesquisada.

³ Entenderemos por teutos os brasileiros cujos pais são de origem alemã. Engloba de fato a quase totalidade dos descendentes de imigrantes (ROCHE, 1969). Sobre esse assunto ver mais em: (GANS, 2004), (GERTZ, 2014).

Desta forma, a presente investigação pretendeu também o estudo sobre esses gestores, entre eles, Martin Bromberg, o primeiro da linhagem Bromberg a chegar ao Brasil, ainda no século XIX, e seus seis filhos (Arthur, Bartolomeu, Erwin, Fernando, Otto e Waldemar), todos envolvidos no empreendimento. Alguns desses herdeiros de Martin foram contemplados na pesquisa, visto que desempenharam funções importantes, tais como de diretoria nas diversas filiais espalhadas pelo país e também da matriz localizada na cidade de Hamburgo na Alemanha. O percurso de sucesso da Bromberg & Cia. no Brasil e no exterior se insere no processo de imigração alemã ocorrido no estado na primeira metade do século dezenove. O fato é que foi a partir do incentivo do governo imperial brasileiro que grupos de imigrantes vieram para o sul do Brasil, entre eles, famílias com maior poder aquisitivo, as quais buscavam desenvolver seus negócios e investir em regiões promissoras da América do Sul.

Vários são os estudos que enfatizam a importância da colonização alemã no Rio Grande do Sul. Um dos autores mais citados pela historiografia e referência em imigração alemã é Jean Roche (1969)⁴. Em suas pesquisas, o autor reconstituiu a história da imigração alemã desde a fundação de São Leopoldo, em 1824 até os anos de 1960. A investigação é minuciosa em termos de dados geográficos, históricos e sociológicos. Ela tem um eixo norteador centrado na colonização alemã e no desenvolvimento das colônias, designadas de agrícola, comercial e industrial. A obra recupera ainda a história dos descendentes dos imigrantes no contexto regional do Rio Grande do Sul. Assim, a pesquisa buscou neste autor elementos para a composição dos fatos, pois entende que ela traz o registro completo acerca dos primórdios da imigração alemã, bem como de todo o processo migratório ocorrido no estado no século XIX.

Outra fonte inesgotável de informações sobre a colonização alemã no Rio Grande do Sul é o historiador e professor Dr. René Gertz. A obra de Gertz traduz, especialmente, o universo da população teuta no sul do Brasil, bem como questões relacionadas ao Estado Novo, neonazismo, perigo alemão, etnia, colonização, cultura, religião e política. Em sua página na Internet, o autor (GERTZ, 2019) disponibiliza uma extensa e importante

⁴ Apesar de existir outros autores especialistas no tema imigração (AMADO, 1977; TRAMONTINI, 2009; REINHEIMER, 1999), a pesquisa optou por trabalhar com Jean Roche (1969). Segundo o professor Martin Dreher, não há como estudar a colonização alemã no Rio Grande do Sul sem consultar a obra desse francês.

bibliografia sobre a imigração alemã, bem como publicações de artigos e textos, fundamentais para qualquer investigação que verse sobre o tema.

Em se tratando de negócios alemães na região sul do Brasil, os quais foram analisados na presente pesquisa, um setor importante foi o financeiro, onde a presença dos bancos contribuiu também para o sucesso de algumas empresas. Eugenio Lagemann (1985), ao analisar a história do Banco Pelotense, aborda, em seus estudos, todo o sistema financeiro regional (como o Banco da Província, o Banco do Comércio, o Banco Pfeiffer, etc.), os bancos nacionais (Banco do Brasil), os bancos estrangeiros (inglês, alemão, francês, etc.), caixas rurais, casas bancárias particulares e outras organizações de crédito. O autor destaca ainda a importância das duas formações econômicas principais: a pecuária e a colonial agrícola.

Os estabelecimentos comerciais funcionavam como credores, mas, com o crescimento viabilizado pelas trocas comerciais, fez-se necessária a criação de complexas estruturas financeiras. Assim, conceituados bancos alemães fundaram filiais, as quais se espalharam pelo Brasil. Com o financiamento dos grandes bancos, surgiram então os primeiros polos industriais no estado. É fato que os bancos e casas de crédito estão entre as empresas mais importantes e antigas na maioria dos países da América Latina. Por isso a história bancária ganha força em pesquisas, especialmente, as que abordam a formação de burguesias comerciais e industriais. Esses estudos focam o papel desempenhado pelos bancos no desenvolvimento econômico regional e na constituição de redes sociais tecidas por famílias tradicionais de âmbito local ou provincial.

É importante salientar ainda que os bancos alemães com sede no exterior costumavam negociar empréstimos vinculados, o que significava que o devedor, muitas vezes integrante do governo brasileiro, precisava empregar o dinheiro do empréstimo na compra de produtos alemães. Com esse suporte, empresas alemãs no ramo industrial conseguiram estabelecer representações diretas no Brasil. É nesse período, justamente, que encontramos as raízes de empresas de origem alemã, como as firmas Bromberg & Cia. Sem dúvida, é um período fértil de investimentos de capital alemão no Brasil, o que ocorreu até o período da Primeira Grande Guerra (1914 – 1918), aproximadamente. Assim, as relações comerciais se intensificaram, e, no cenário brasileiro, a Alemanha passou a ocupar o segundo lugar, só ficando atrás da Inglaterra.

Pensando o tema “os grandes homens de negócios” e relacionando-os com os empreendedores pertencentes à Bromberg & Cia, responsáveis pelo sucesso das empresas no Brasil e no exterior, a pesquisa realizou um estudo minucioso na obra “Os industriais da República”, da professora e historiadora Sandra Pesavento (1991). A autora recupera os caminhos da indústria gaúcha durante o período da República Velha, desde as origens até os anos de 1930. Segundo ela, a industrialização no Rio Grande do Sul não experimentou a substituição de uma fase manufatureira nítida por uma fase fabril, como aconteceu na Europa. Os primeiros surtos industriais surgiram quando alguns locais da Europa já estavam exportando máquinas para a América Latina. Especialmente, firmas sediadas em cidades alemãs como Hamburgo, faziam esse comércio, como a Bromberg & Cia.

No âmbito empresarial, a história da Bromberg & Cia. remete ao empreendedorismo e tudo o que ele representa. A temática sobre o empreendedorismo foi uma sugestão da professora orientadora da pesquisa Dra. Claudia Musa Fay (PUCRS) para ser trabalhado nos estudos da tese. As histórias a respeito das Firms Bromberg, bem como de seus familiares, surgem a partir da investigação sobre o veraneio de alguns grupos de alemães na zona sul de Porto Alegre, analisado no trabalho de dissertação (MACHADO, 2014). Uma parte da família Bromberg costumava passar longas temporadas de férias em sua chácara de verão à beira do Lago Guaíba, no arrabalde da Tristeza, na primeira metade do século XX.

Com a defesa da dissertação, a banca composta pelos professores Dr. René Gertz (PUCRS), Dra. Claudia Musa Fay (PUCRS) e Dra. Helga Piccolo (UFRGS) sugeriu a continuação dos estudos. Diante de um rico e amplo acervo, cujas fontes são oriundas de documentos familiares (cartas e fotografias), e também da oralidade, a percepção dos professores presentes na banca era de que a investigação deveria ter continuidade. A apresentação da pesquisa foi elogiada, sendo aprovada com louvor pelo grupo de professores, naquela ocasião.

Na realidade, a investigação teve início em 2008, na Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul. Naquele momento, cursando uma disciplina na graduação, a temática sugerida pela professora do curso de História da Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, Dra. Claudia Musa Fay, foi as histórias dos bairros de Porto Alegre. Com o objetivo principal de recuperar a cultura, a origem e, principalmente, a história da região, a pesquisa sobre os bairros margeados pelo Guaíba evoluiu, não só no meio acadêmico, mas também na comunidade. Algumas famílias foram consultadas para a realização de

entrevistas. Os primeiros depoentes, no início dos trabalhos, já demonstravam, naquela época, uma valiosa contribuição, não só com suas memórias, mas também no empréstimo de acervos, os quais não estavam disponíveis nos museus ou nos arquivos públicos da cidade, mas, sim, em baús guardados dentro das residências. A certeza de estar diante de um tema que necessitava de uma investigação mais específica, além da facilidade com as fontes escritas e acervos familiares, favoreceu o desenvolvimento do estudo.

A problemática pretendida, portanto, foi a questão do empreendedorismo⁵ identificada nos negócios da família Bromberg. Importante ressaltar que a ideia de empreender tem sido muito discutida nos últimos anos. A palavra “entrepreneurship”⁶ ganhou notoriedade, principalmente nos Estados Unidos, país onde o capitalismo teve a sua maior desenvoltura. No Brasil, o empreendedorismo tem recebido especial atenção, não só dos governos, mas também da iniciativa privada, decorrente da preocupação com as falências das empresas (pequenas e grandes) e do alto índice de desemprego da população.

Nas grandes cidades, o desemprego empurra, muitas vezes, os ex-funcionários para a criação de seus próprios negócios, surgindo, assim, a necessidade de se tornar um empreendedor. É importante salientar que os novos gestores trabalham encurtando distância, modificando conceitos, criando novas relações de trabalho, globalizando e gerando riquezas. De outra forma, emergem também novos empreendedores, aqueles que herdaram os negócios, já em andamento, dos pais, e que dão seguimento a empresas criadas, muitas vezes, há décadas e com solidez no mercado. Este é o caso de Martin Bromberg – o idealizador dos negócios no Brasil e de seus seis filhos empreendedores.

Analisando os membros da família Bromberg que trabalharam na empresa, é fácil concluir que os empreendedores são pessoas diferenciadas, que possuem, além do conhecimento do negócio, motivação e liderança. Os grandes gestores são, invariavelmente,

⁵ O termo empreendedor é proveniente da palavra *entrepreneur*, que no século XII, na França, era utilizada para designar a pessoa que incentivava brigas. No século XVI, o termo passa a descrever uma pessoa que tomava a responsabilidade e dirigia uma ação militar. No século XVII, surgem as primeiras relações entre assumir riscos e empreendedorismo, onde empreendedores estabeleciam acordos com governos para a realização de algum serviço ou fornecimentos de produtos, arcando com o lucro ou prejuízo. Entretanto, foi no final do século XVII e início do século XVIII que o termo passou a ser utilizado para se referir àquele que criava e conduzia projetos e empreendimentos. Ainda no final do século XIX e início do século XX, empreendedores eram confundidos com administradores, pois eram identificados apenas pelo ponto de vista econômico. Foi somente no século XX que ao termo empreendedorismo foi associada a ideia de inovação (FAY; SCHEMES; PRODANOV, 2010).

⁶ Empreendedorismo em inglês.

apaixonados pelo que fazem. Na definição de Joseph Schumpeter (1982), referência no assunto, o empreendedor é aquele que destrói a ordem econômica existente pela introdução de novos produtos e serviços no mercado, pela criação de novas formas de organização ou pela exploração de novos recursos e materiais. Em sua teoria do desenvolvimento, o autor distingue o “capitalista” do *entrepreneur* (traduzido como empresário): “Mas, qualquer que seja o tipo, alguém só é um empreendedor quando efetivamente levar a cabo novas combinações, e perde esse caráter assim que tiver montado o seu negócio, quando dedicar-se a dirigi-lo, como outras pessoas dirigem seus negócios” (SCHUMPETER, 1982, p. 56).

O empreendedor é aquele que cria novos negócios, a partir de novas ideias, é um inovador, ou seja, alguém que desenvolve algo único. A inovação descrita pelo autor (1982) se assemelha ao desempenho da Bromberg & Cia. no Brasil e no exterior. Desta forma, é perceptível a semelhança desse inovador com os gestores da empresa de Martin. A Bromberg foi a responsável por introduzir maquinário alemão para as incipientes indústrias gaúchas, portanto, uma atividade que se revelou inovadora e altamente lucrativa para a época.

Ato empreendedor é o processo de introdução de uma inovação no sistema econômico pelo empresário empreendedor, visando à obtenção de lucro. A teoria do ciclo econômico desenvolvida por este pensador é fundamental para a ciência econômica contemporânea e ainda amplamente estudada. A razão, segundo o autor, para que a economia saia de um estado de equilíbrio e entre em um processo de expansão é o surgimento de alguma inovação que altere consideravelmente as condições prévias de equilíbrio. Essa capacidade de inovar pode ser observada no decorrer da história, desde os antigos egípcios, que criaram e construíram as grandes pirâmides com blocos de pedra que pesavam muitas toneladas, até o módulo lunar Apollo, a cirurgia a laser, as comunicações sem fio, etc. Embora as ferramentas tenham mudado com os avanços da ciência e da tecnologia, a capacidade de inovar está presente em todas as civilizações ao longo da História.

Porém, esse empreendedor ainda pode inovar dentro de negócios já existentes, destacando-se pelo talento. O talento empreendedor resulta de algumas habilidades, entre elas, percepção, direção, dedicação e trabalho dessas pessoas que fazem acontecer e são responsáveis pelo desenvolvimento da empresa. O talento, somado a boas ideias e ao capital, resulta no processo empreendedor de sucesso. Portanto, na vertente da economia, Schumpeter (1982) associou os empreendedores à personificação da força do novo traduzida na capacidade de imaginar e no espírito inovador. A elaboração e a execução de novas

combinações produtivas fazem desses gestores agentes desencadeadores de mudanças (pela introdução de novos produtos e serviços, criação de novos métodos de produção e formas de organização, ou exploração de novos recursos, novos materiais e novos mercados) que alavancam o desenvolvimento econômico. As características mencionadas corporificam com exatidão o imigrante alemão empreendedor, cujo exemplo observa-se, portanto, na figura de Martin Bromberg.

Edith Penrose (2006) introduziu o conceito de serviços empreendedores para explicar o mecanismo que conduz as firmas ao movimento de expansão no mercado. Segundo a autora, não são apenas os recursos produtivos que conduzem as empresas ao crescimento, mas a percepção de oportunidades e a gerência dos recursos necessários para viabilizá-las. Essa visão empreendedora esteve presente no grupo de gestores da Bromberg & Cia. desde os primórdios dos negócios no final do século XIX. Firms que compreendem a importância dos serviços empreendedores alocam grande parte dos seus recursos sejam eles humanos, materiais ou financeiros para a investigação de possibilidades rentáveis de exploração econômica. E foi isso que fez Martin Bromberg em suas primeiras investidas no Brasil em 1860.

O crescimento é um processo que reflete as decisões e estratégias adotadas pelas firmas. Penrose (2006), ao definir o conceito de firma, chama a atenção para a importância dos recursos produtivos e para a organização administrativa. A empresa que visa o crescimento necessita de capacidade para transformar os recursos existentes em serviços empreendedores. De nada adiante uma firma possuir serviços empreendedores se não é capaz de administrar os seus recursos em direção ao crescimento.

Visto que a firma é composta por uma administração organizada e recursos produtivos, a alta gestão deve buscar oportunidades de negócio e ao mesmo tempo preparar antecipadamente o seu time de gestores. A Bromberg & Cia possuiu um conceituado time de gestores ao longo de sua trajetória de sucesso. Pois, conforme a autora (PENROSE, 2006), somente com um time de gestores preparados, as empresas conseguem ampliar sua capacidade produtiva e diversificar os negócios. É preciso investir em pessoas, materiais, tecnologia e infraestrutura para aproveitar oportunidades que conduzem a um crescimento sustentável.

O aporte metodológico da presente pesquisa utilizou-se da análise dos documentos e também das memórias, tal como no trabalho da dissertação (MACHADO, 2014). No que se

refere às memórias, empregou-se o uso da oralidade, pois parte das famílias seguiu, então, colaborando com seus depoimentos, ao longo dos anos. No caso das histórias das empresas Bromberg & Cia., os memorialistas foram três membros da família Bromberg, o que definiu o foco das entrevistas não apenas para a área empresarial, mas também para a familiar.

Trabalhar com a metodologia da História Oral apresenta inúmeras potencialidades, entre elas, empreender as vivências dos memorialistas, valorizando assim o trabalho do historiador. A oralidade proporciona ao pesquisador uma interessante aproximação com seu objeto de pesquisa, ainda que o uso de outras fontes, como as documentais, por exemplo, também viabilizem esta aproximação.

Na visão de Verena Alberti (2004), a experiência histórica do entrevistado torna o passado mais concreto, importantíssimo na divulgação do conhecimento. Quando bem aproveitada, a História Oral tem um elevado potencial de ensinamento do passado, porque fascina com a experiência do outro. Segundo a autora, “a história oral tem o grande mérito de permitir que os fenômenos subjetivos se tornem inteligíveis, isto é, que se reconheça, neles, um estatuto tão concreto e capaz de incidir sobre a realidade quanto qualquer outro fato” (ALBERTI, 2004, p. 9).

A importância reside, portanto, nas experiências desse grupo estar centradas em fatos relacionados aos negócios da Bromberg & Cia. São pessoas que abriram não só as portas de suas residências, mas também da empresa, por meio da documentação guardada (fotografias, cartas, mapas, diários e álbuns). A parceria com Lilian, Rita e Walther Bromberg⁷, bisnetos de Martin, o primeiro Bromberg e fundador das empresas no Brasil, foi decisivo para o prosseguimento e para a conclusão da investigação. Com certeza, a possibilidade de trabalhar com bons narradores enriqueceu a temática e ampliou a abordagem também sobre o empreendedorismo e sobre a economia no Rio Grande do Sul.

⁷ BROMBERG, Lilian. Formação: Escola Normal Colégio Americano. Estudos na High School em Indiana nos EUA. Formada em Letras pela UFRGS. Professora de inglês nas escolas estaduais Padre Reus e Parobé e no Curso Americano. Guia de Turismo com formação no SENAC. BROMBERG, Rita. Formação Básica no Colégio Farroupilha. Formada em Artes Plásticas pelo Instituto de Belas Artes de Porto Alegre. Professora de desenho na Fundação Evangélica de Novo Hamburgo, na UCS (Universidade de Caxias do Sul) e na NAVI (Núcleo de Artes Visuais de Caxias do Sul). Atualmente é ilustradora de livros infanto-juvenis e expositora. BROMBERG, Walther. Formação Ensino Fundamental Colégio Farroupilha e Secundário no Colégio Sinodal em São Leopoldo. Estudou Engenharia Mecânica na Staliche Ingenieurschule Hagen na Alemanha.

Obviamente que existe o fator subjetividade quando se trabalha com oralidade, porém, esta não invalida o uso das fontes orais, pois, como destaca Portelli (2004, p. 12), elas permitem a recuperação da memória e da tessitura singular existente na vida cotidiana. Para Núncia Constantino (2004), a História Oral possibilita ao historiador da imigração a constituição de novas perspectivas acerca do processo histórico e a construção de fontes para a investigação.

Paul Thompson (1992) analisa, por meio da figura do empresário, as contribuições dessa oralidade no estudo da história econômica. Vários estudos aludem a outra forma em que a evidência oral começa a contribuir para a história econômica: o estudo do empresário. Estes estudos têm resultado em novas e importantes descobertas. A História Oral é um método valoroso para a realização da pesquisa e para o resgate da memória nacional, mostrando-se um método bastante promissor para a realização de pesquisa em diferentes áreas. Segundo o autor (THOMPSON, 1992, p. 17), “é preciso preservar a memória física e espacial, como também descobrir e valorizar a memória do homem. A memória de um pode ser a memória de muitos, possibilitando a evidência dos fatos coletivos”.

Percebe-se o valor de se recuperar e de se registrar as memórias de um passado não tão remoto, quando os memorialistas, já com idade avançada, adoecem ou morrem, deixando para trás a possibilidade da recuperação de parte significativa da história. E aí reside a importância de se construir um novo conhecimento histórico: a presença de uma elite⁸ política que conversava com outra, a econômica (empresarial), as quais realizavam encontros de negócios na orla da zona sul de Porto Alegre. Com a justificativa de descanso e lazer, os encontros aconteciam nas chácaras de verão situadas no antigo Arrabalde da Tristeza. Presente, portanto, na investigação, as chamadas “redes de sociabilidades”⁹ foram as responsáveis por viabilizar os contatos entre esses empresários, a maioria de origem alemã.

⁸ O termo “Elites” faz referência a categorias ou grupos que parecem ocupar o ‘topo’ de estruturas de autoridade ou de distribuição de recursos. Entende-se por esta palavra, segundo o caso, os dirigentes, as pessoas influentes, os abastados ou os privilegiados, e isto, na maior parte dos casos, sem outra forma de justificação, uma vez que o poder da elite impor-se-ia por si próprio e prescindiria de maiores explicações. De fato, como afirma um especialista do tema, o termo elite aponta tão somente para uma vasta zona de investigação científica cobrindo profissionais da política, empresários, legisladores. (HEINZ, 2006).

⁹ Ao analisar as redes sociais de reciprocidade e de trabalho em Veranópolis, na Serra Gaúcha, um dos municípios mais desenvolvidos do Rio Grande do Sul, Guilherme Radomsky possibilita, por meio de teóricos e estudiosos no assunto (Boyssevain, Mauss, Putnam, Scherer-Warren, Wolf, entre outros), um entendimento

As sociabilidades se constituíram, no passado, no seio do universo restrito da Zona Sul de Porto Alegre, local de encontros de grupos que compunham uma classe em ascensão na cidade. Esses grupos interagiam nesse ambiente natural, o qual convidava ao lazer. A questão aqui é pensar que tais relações se estabeleciam porque estes sujeitos faziam parte de um grupo social, elitizado, e que possuía poder (político e econômico). É importante ressaltar que esses grupos e seus encontros viabilizavam o arranjo de novos ou velhos negócios, bem como a relevância do termo “redes” no entendimento de tal fenômeno. Dessas redes, emergiram novos grupos articulados em torno de interesses comuns.

Portanto, a noção de rede de sociabilidades indica um acordo entre partes na realização de um projeto maior, o qual se vê engajado em relações entre grupos. Com esses dados, foi possível esboçar uma rede relativamente complexa, envolvendo Martin Bromberg e seus seis filhos a um conjunto de empresários e políticos gaúchos, os quais compunham a alta sociedade porto-alegrense naquele período. É fato que as sofisticadas e confortáveis chácaras dos alemães, situadas à beira do Guaíba, na Zona Sul, serviram, não só como locais de sociabilidades, mas também de encontros entre políticos e empresários, nas primeiras décadas

sobre as redes de sociabilidades. Por meio de uma exaustiva investigação, o autor descortina as relações de proximidade e de parentesco entre trabalhadores e empresários da região, os quais constituíram mecanismos sociais para a formação das sociabilidades. Na análise de Radomsky, a pesquisa se mostrou bastante interessante diante do cenário da região serrana: uma série de empreendimentos econômicos, entre eles, indústrias, vinícolas e estabelecimentos comerciais, cujas relações de trabalho eram marcadas por pessoalidade. As redes analisadas na pesquisa foram três: a dos fruteiros, das indústrias de microfusão de aço e das indústrias de calçados e artigos esportivos. Portanto, as redes que o autor define como redes de reciprocidade, estruturaram as interações sociais, constituindo-se num modo de regular os mercados e a concorrência. É nesse sentido que se advoga ao recurso da análise de redes sociais. No contexto dos gestores da Bromberg & Cia, as redes de sociabilidades são fundamentais na configuração dos novos grupos de empresários em Porto Alegre, os quais são detentores de capital e de poder político. Exemplos: Alberto Bins e Otto Meyer. É de conhecimento que o mercado de trabalho e o surgimento de novas empresas se dão por meio de vínculos pessoais, os quais podem facilitar financiamentos, entre outras vantagens. O grupo de empresários pode transformar-se em uma ampla rede que conectam empregados e empregadores, os quais podem estar ligados por laços que os conecta como uma teia. Do mesmo modo, e vinculado a isto, pessoas estruturam suas energias empreendendo novas empresas, isto é, tecem relações de proximidade cujo objetivo pode ser o negócio próprio. O autor desenvolve a ideia de que nas sociedades complexas, as estruturas informais, paralelas às burocráticas, podem ser tão centrais, que estas alianças entre parentes, compadres e amigos se tornam o fundamento que permeia as empresas. Portanto, observa-se uma combinação de confiança nas relações de parentesco ou proximidade entre sócios, contribuições em forma de capital, trabalho e conhecimento para iniciar e manter a empresa. Para finalizar, o autor registra que são os laços, os responsáveis pelo sucesso, e conhecer pessoas é o que constitui a rede, portanto são formas de relação social concreta e permeada de atitudes recíprocas. Por isso as redes são fundamentais para a compreensão das interações dos grupos e das estratégias de influências (RADOMSKY, 2006).

do século XX. Assim, analisando a família Bromberg e seus negócios, a investigação evoluiu, culminando em um trabalho mais apurado e consistente.

Muitos dos documentos utilizados na pesquisa foram gentilmente cedidos por descendentes de Martin Bromberg. Entre esses, estão cartas antigas escritas em alemão, trocadas entre integrantes da família ao longo dos anos. As cartas em questão expõem fatos inéditos sobre os negócios das filiais da Bromberg. Salienta-se a importância do acervo Delfos da PUCRS¹⁰, local onde a coleta de material sobre a Bromberg se mostrou bastante profícua. Entre esses materiais, estão revistas, periódicos, almanaques e jornais, os quais compõem parte do acervo Benno Mentz.¹¹ Outros documentos colaboraram com a pesquisa, como as correspondências de empresários alemães (ver ANEXO), as quais eram endereçadas à Martin Bromberg e a seus filhos, todos atuantes no negócio em Porto Alegre. Algumas notas fiscais da Bromberg & Cia, pertencentes ao acervo da família, também foram disponibilizadas para uso da investigação (ver ANEXO).

A maioria das fotografias que integram o presente trabalho pertence ao acervo da família Bromberg. Ao longo dos anos em que durou a pesquisa (cerca de dez anos), as depoentes Lilian e Rita Bromberg viabilizaram o empréstimo das imagens, as quais remetem aos anos áureos da empresa e também registros da família em momentos de lazer. Outras fotografias pertencem ao acervo Delfos da PUCRS, já citado. E, por fim, um terceiro grupo de fotografias se encontra no livro comemorativo aos cinquenta anos da Bromberg & Cia., retratando as firmas e os negócios espalhados pelo mundo. Um mosaico de informações, as quais permitiram uma análise mais detalhada da investigação.

O recorte temporal escolhido compreende a chegada de Martin Bromberg e o início do empreendimento no Brasil, fato que se deu em torno de 1860, se estendendo até o ano de

¹⁰ O Acervo Benno Mentz abriga coleções de documentos, jornais, almanaques, revistas, fotografias, mapas e materiais diversos que servem como fonte de pesquisa para a compreensão da trajetória dos imigrantes alemães e de seus descendentes no sul do Brasil. O Acervo começou a ser organizado na década de 1920, e a atividade de reunião deste material se estendeu até os anos 60 do século XX. Grande parte dos intelectuais porto-alegrenses tinha ligações com ele, na época do seu fechamento, após a morte de Benno Mentz. Os documentos mais importantes de que dispõe são um fichário genealógico de 25.000 famílias de origem alemã no estado, jornais e almanaques em língua alemã, além de livros, revistas, arquivos pessoais de personalidades da política gaúcha e ainda arquivos de empresas e material iconográfico. Acervo Benno Mentz. DELFOS - Espaço de Documentação e Memória Cultural. Disponível em: <http://www.pucrs.br/delfos/>. Acesso: 12 abr. 2019.

¹¹ Acervo disponibilizado gentilmente pela professora adjunta no curso de História da Escola de Humanidades da PUCRS, Dra. Gislene Monticelli.

1932, período posterior ao *crash* da Bolsa de Valores de Nova Iorque, que culminou na falência das firmas no Brasil e também no exterior. O período estudado na pesquisa é conhecido no Rio Grande do Sul por “República Velha”, momento em que a política no estado foi fortemente marcada pela doutrina filosófica do positivismo e pela figura de Júlio de Castilhos. No Rio Grande do Sul, a implantação da República implicou a adoção de um governo autoritário, fortemente centralizado na figura do chefe político. Isso pode ser notado nas características da Constituição Estadual de 1891, elaborada pessoalmente por Júlio de Castilhos.

Salienta-se ainda que a possibilidade de efetuar parte dos estudos em uma obra rara¹² permitiu a descoberta de novos e relevantes conhecimentos sobre as firmas Bromberg & Cia. A partir desse documento, foi viabilizada a coleta de dados para uma análise mais detalhada acerca da temática trabalhada. No ano de 1913, em comemoração ao meio século da fundação das Casas Bromberg, com o patrocínio da família, foi editado na Alemanha o álbum “Bromberg & Cia (1863-1913)”.

Na obra em questão, é possível identificar os primórdios dos negócios originados na Alemanha no século XIX, bem como seu desenvolvimento nos primeiros anos do século XX. O texto, escrito em duas línguas, português e alemão, apresenta um retrospecto de todos os negócios no Brasil e no exterior. Também dignifica o trabalho dos fundadores (todos alemães), sócios e trabalhadores da Bromberg & Cia, e apresenta um histórico de sucesso do empreendimento herdado por várias gerações.

Outro fato importante para o desenvolvimento da pesquisa foi a participação no LAPHO - Laboratório de Pesquisa em História Oral da PUCRS¹³. Salientando que o foco das

¹² A obra pertence ao acervo da Família Bromberg. Empréstimo feito pela Sra. Rita Bromberg Brugger.

¹³ O Laboratório de História Oral da PUCRS foi criado pela Professora Dra. Núncia Constantino no final da década de 1990, com o propósito de criar novas fontes. Ele foi viabilizado com a ajuda dos alunos do curso de graduação e pós-graduação da universidade, os quais trabalharam na produção e na guarda dos depoimentos. Na época, a fonte oral era praticamente ignorada pela historiografia brasileira. Porém, havia aqueles que acreditavam em sua utilidade como fonte. Alguns historiadores, entre eles a professora Núncia acreditava que os depoentes, ao terem seu direito reconhecido, tomavam posse de um passado, o qual também lhes pertencia, pois os auxiliava na construção de uma identidade. Atualmente o LAPHO está sob a orientação da professora Dra. Cláudia Musa Fay (PUCRS). Ele propõe-se a auxiliar aqueles que procuram trabalhar com História Oral, fornecendo informações importantes sobre como preparar uma entrevista, como realizar a transcrição do texto, como fazer um termo de cessão, como elaborar bibliografia sobre o assunto. Além disso, o Laboratório possui um acervo com mais de 200 entrevistas compiladas sobre diversos temas relacionados com política, educação, arqueologia, histórias de vida e, especialmente, vinculados ao tema imigração.

pesquisas é sempre o trabalho com a oralidade, formou-se, no primeiro semestre de 2018, um grupo de estudos sobre essa temática. Fizeram parte desse grupo, além da professora orientadora, Dra. Claudia Musa Fay, alunos do Programa de Pós-Graduação em História (PPGH) da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul. No transcorrer do curso, foram compartilhadas experiências com memorialistas e discutidos textos de autores diversos, cujo eixo norteador foi a memória. Ao término do curso, o grupo foi contemplado com a publicação do livro *“Vozes Urbanas: Experiências com História Oral”* (MACHADO; FAY, 2019).

Ressalta-se que o trabalho desenvolvido com depoentes, invariavelmente, desperta o lado afetivo e de gratidão das famílias envolvidas. Os descendentes dos Bromberg, os quais possibilitaram a recuperação de parte da história das empresas, sentiram-se valorizados com a possibilidade de suas histórias serem publicadas e reconhecidas pelos diferentes segmentos da sociedade, entre eles, o meio acadêmico e os meios de comunicação¹⁴. Consequentemente, criam-se “laços”, os quais se fortalecem, permitindo a liberação de novos e interessantes acervos e memórias, antes guardadas ou esquecidas.

Salientando ainda que os indícios, fundamentais nesse processo surgem a partir desses depoimentos, inicialmente contidos, mas que se transformam, com o passar do tempo, em valiosas informações do passado. Os estudos de Ginzburg (2005) se fundamentam na utilização de pistas, sinais ou indícios, os quais são revelados por meio do método indiciário. Ou seja, essas pistas podem levar à decifração da realidade. O autor (GINZBURG, 2005) afirma que as pessoas deixam pegadas, traços da realidade. E a pesquisa segue justamente esses traços, os quais se encontram nas entrelinhas das entrevistas.

Alguns descendentes que herdaram os negócios e o exemplo do primeiro Bromberg também foram contemplados na presente pesquisa. Entre esses figuram Arthur (1869 – 1963) e Waldemar Bromberg (1880 – 1942), ambos domiciliados em Porto Alegre e filhos de Martin Bromberg. Na capital gaúcha, o negócio apresentou um crescimento vertiginoso no final do século XIX. Em 1890, Arthur Bromberg passou a ser também sócio da casa matriz localizada em Hamburgo. Waldemar Bromberg era um executivo com perfil de relações

¹⁴ A pesquisadora mantém um Blog na Internet onde publica, por meio de artigos, os resultados das pesquisas. Disponível em: <https://janeterm.wordpress.com/>. Acesso em: 05 abr. 2019.

públicas. Os dois irmãos viabilizaram o sucesso e novas iniciativas no ramo empresarial na cidade.

Ainda sobre a importância da metodologia aplicada no trabalho, salienta-se que a confiança dos memorialistas foi gradual, sendo estabelecida ao longo dos anos, a fim de que os acervos fossem disponibilizados. Da mesma forma, o processo de construção e de análise das memórias e dos documentos exigiu dedicação, tempo e um trabalho acurado. Isso porque confrontar os depoimentos com as fontes escritas requer conhecimento, o que gerou o processo que resultou no trabalho final: um novo documento histórico. A desconstrução, a crítica e a comprovação dos depoimentos, juntos, resultou no surgimento do documento final. As entrevistas se encontram à disposição de outros pesquisadores no LAPHO (já mencionado).

Cabe salientar que os três depoentes do presente trabalho possuem idades que variam entre setenta e noventa anos, cujas memórias não só se revelaram lúcidas, mas também fundamentais para o enriquecimento da pesquisa. Para Ecléa Bosi (1994), estudiosa da memória e das lembranças dos mais velhos, há um momento em que o homem maduro deixa de ser um membro ativo da sociedade, deixa de ser um propulsor da vida presente do seu grupo. Nesse momento de velhice social resta-lhe, no entanto, uma função própria: a de lembrar.

Segundo a autora (BOSI, 1994, p. 18), “os velhos são a fonte de onde jorra a essência da cultura, ponto onde o passado se conserva e o presente se prepara”. Eles são os guardiões do passado e a eles é dada a função social de lembrar e aconselhar, pois para esses grupos, a lembrança é a sobrevivência do passado, o qual se conserva no espírito de cada ser humano, aflorando a consciência na forma de imagens e de lembranças. A autora salienta ainda a importância da convivência dos velhos com os mais jovens e adultos num processo pleno de aculturação.

Dessa forma, priorizou-se, ao longo da investigação, a coleta e o registro dos depoimentos¹⁵, bem como de materiais, os quais acrescentaram fatos inéditos ao

¹⁵ Mais que os livros, filmes e programas de televisão mostram, há um forte interesse popular pelas memórias históricas. Esse interesse cada vez maior provavelmente é uma reação à aceleração das mudanças sociais e culturais que ameaçam as identidades, ao separar o que somos daquilo que fomos (BURKE, Peter. O que é história cultural? Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2005, p. 88).

conhecimento sociocultural da cidade. O contato com acervos familiares, até então desconhecidos, trouxe à luz fatos novos ao trabalho, os quais permitiram a análise de novas representações acerca do acontecido naqueles tempos. É importante evidenciar que algumas dessas fontes trazem códigos que precisam de uma decifração, um insistente diálogo entre os sujeitos de diferentes tempos, espaços e sociabilidades. Com os aportes teóricos definidos para esta escrita, procurou-se tornar essas fontes audíveis, dizíveis, enfim, compreensíveis. É fato que as fontes não se resumem ao que arquivam, mas abarcam também aquilo que está silenciado, ou seja, aquilo que está no esquecimento.

A presente tese foi estruturada em quatro capítulos. O primeiro capítulo procurou mostrar que o espírito empreendedor de alguns imigrantes, oriundos de regiões mais desenvolvidas da Alemanha, como Hamburgo, foi fundamental para o surgimento e desenvolvimento das primeiras indústrias no estado. Desta forma, foram eles, os alemães e seus descendentes, os agentes responsáveis pelo incremento na economia do Rio Grande do Sul. Por meio do comércio e do consequente processo de industrialização, os imigrantes, e, posteriormente, os teuto-brasileiros transformaram-se nos executores de um processo de modernização histórica no final do século XIX e início do século XX. Nesse capítulo pretendeu-se ainda uma análise sobre a colonização alemã no Rio Grande do Sul e o acesso desses imigrantes ao alto comércio do estado. Procurou-se também salientar a importância do caixeiro viajante, prática bastante comum entre alguns descendentes de Martin Bromberg, bem como o poder comercial desses grupos no cenário gaúcho.

O segundo capítulo propôs uma análise abrangente acerca das Empresas Bromberg & Cia., uma grande importadora de maquinário alemão, a qual se tornou referência, não só no Brasil, mas também na América do Sul. Partindo da trajetória de seu sócio fundador, Martin Bromberg, a investigação abordou a gênese desses negócios, desde a chegada do imigrante ao sul do Brasil no final do século XIX, perpassando pelos diversos momentos das firmas. O capítulo também trouxe aspectos relevantes sobre a casa de Hamburgo, os estabelecimentos portenhos, as filiais localizadas no interior do estado do Rio Grande do Sul, as casas com sede na região sudeste do Brasil, e, especialmente, as lojas de Porto Alegre.

O terceiro capítulo analisou a Bromberg & Cia no cenário internacional da época. A empresa tornou-se conhecida mundialmente a partir de seu comércio de máquinas para as indústrias. O capítulo mostrou ainda que a diversificação dos negócios fez com que a empresa se transformasse em um exemplo internacional de gestão. Ela foi referência também nas

instalações públicas e privadas, entre elas as usinas de geração de energia e a construção de ferrovias, esse último fundamental para a integração do território brasileiro. As grandes exposições da Bromberg mostraram ao mundo essa diversidade (de produtos e serviços), merecendo destaque os conhecidos locomóveis, símbolo da Bromberg & Cia. no exterior.

O quarto e último capítulo trouxe a decadência das firmas Bromberg & Cia. ocorrida na década de 1930, decorrente da crise econômica que afetou o mundo em 1929. Episódios como a Primeira Guerra Mundial (1914 – 1918) e a perseguição aos alemães e seus negócios em Porto Alegre (1917), desencadearam um processo sem volta, que a pesquisa vai identificar como o “início do fim”. Entre as medidas de contenção de despesas, estava a mudança de endereço, forçando parte da família Bromberg (a qual residia em Porto Alegre) a fixar-se, definitivamente, na zona sul da cidade, local onde, no apogeu dos negócios, o grupo utilizava apenas para o lazer como férias e finais de semana. Desta forma, este capítulo analisou também a socialização da família nesses espaços de recreação e de descanso.

1 IMIGRAÇÃO ALEMÃ: AS ORIGENS DA ELITE COMERCIAL E DA INDÚSTRIA GAÚCHA

1.1 A COLONIZAÇÃO ALEMÃ NO RIO GRANDE DO SUL

A Europa viveu no século XIX um processo amplo de expansão do capitalismo. A revolução agrícola serviu como um fator propulsor ao processo de industrialização em alguns países, ocasionando o fim da estrutura feudal. A consequência disso foi a expulsão do camponês da terra e o fim dos pequenos artesãos, os quais migraram para os grandes centros. As cidades ficaram superlotadas e sem condições de absorver a mão-de-obra trabalhadora criando, assim, problemas sociais em países como Alemanha e Itália.

Essa explosão demográfica esteve associada também a fatores como a queda da mortalidade infantil e o aumento da natalidade. A solução foi enviar o excedente populacional para o exterior, e nesse cenário político internacional da época, o Brasil se apresentou como uma alternativa econômica, uma vez que a mão-de-obra escrava entrava num crepúsculo, e a abolição já se anunciava, consequência da nova ordenação da economia mundial vigente.

Na região sul, diferente de outras áreas do Brasil, a colonização alemã foi motivada pela necessidade de povoação e posse do território, pois o local se apresentava como um grande vazio demográfico. O cenário descrito abrange o final do século XVIII e início do século XIX. Os primeiros colonos oriundos da Alemanha vieram de Holstein, Hamburgo, Mecklemburgo e Hanover. Mais tarde chegaram os de Hunsrück e Palatinado. Também vieram outros da Pomerânia e de Württemberg. Portanto, suas origens remontam a lugares diferentes do território alemão.

Além desses fatores, a Alemanha enfrentou uma crise política decorrente ainda da Guerra dos Trinta Anos, (1618 – 1648), o que influenciou fortemente o processo de saída dos alemães de seu país. Com o término do conflito, deu-se o fim definitivo do poder do Sacro Império Romano Germânico, deixando as pequenas nações germânicas arrasadas economicamente. A guerra havia sido cruel em demasia com a população, especialmente na região alemã, principal cenário do campo de batalha.

O território alemão foi dividido em áreas independentes, os quais não dispunham de condições de gerar seu próprio desenvolvimento. Logo, a pobreza disseminou-se pelo País,

perdurando por vários anos. A prerrogativa, então, foi buscar por melhores condições de vida no Novo Mundo. A unificação só viria na década de 1870 com Otto von Bismarck, o que não acenou aos alemães perspectivas de prosperidade, uma vez que o descontentamento perdurava na Alemanha e nos países circundantes, o que fomentava ainda mais as revoltas internas.

Assim, esses conflitos políticos incrementaram o êxodo para aqueles que almejavam novas oportunidades e também estabilidade financeira para as suas famílias. “Emigrar surgia como a única alternativa para um dia se realizar o sonho de ser proprietário de um pedaço de chão. A emigração era a procura consciente de terra e liberdade” (ALENCASTRO, RENAUX, 1997, p. 319). Porém, a troca de endereço não foi fácil, havia uma série de dificuldades para esses colonos mudarem para o Brasil. Dentre as dificuldades enfrentadas, estavam a grande distância entre os dois países, a língua e o custo da passagem cobrado pela travessia. Por isso, foi necessária a intermediação do governo da época, neste caso, o Imperial, na figura de D. Pedro I.

Segundo Jean Roche, “foi o Governo Brasileiro que atraiu os emigrantes europeus, oferecendo-lhes diversas vantagens em dinheiro ou em espécie. Por resolução imperial introduziu-se essa colonização” (1969, p. 93). Assim, o próprio Imperador D. Pedro I empenhou-se no sucesso do povoamento e na exploração de novas regiões do Brasil por brancos não portugueses. Havia, desta forma, interesse do governo em receber colonos, cujo propósito era o de estimular a ocupação efetiva do território brasileiro. A esse tipo de iniciativa, o autor vai definir como sendo “uma colonização dirigida”.

No processo de colonização, ocorre a influência ou transferência cultural dos colonizadores para os colonizados e vice-versa. Muitas das feições culturais assumidas pelos gaúchos são frutos dessa troca ocorrida a partir da chegada dos primeiros imigrantes ao Estado. Caio Prado Júnior (1970, p. 19) vai denominar de “colonização” a formação de colônias de estrangeiros, cujo objetivo era o de ocupar permanentemente certas regiões. Este autor explica o processo colonizador a partir da descoberta do Novo Mundo, no século XV, ou seja, um território primitivo habitado por indígenas incapazes de satisfazer as necessidades mercantis das metrópoles. Assim, era preciso ampliar o povoamento das terras recém-descobertas, criando condições, principalmente, de comércio. E nesse cenário, Portugal foi o pioneiro, pois soube muito bem povoar e organizar a produção.

Diferentemente do processo colonizador citado acima, o qual tinha o financiamento do governo, havia ainda a imigração de colonos por iniciativa particular, a qual visava à

substituição da mão-de-obra escrava. “Nesse contexto internacional, o Brasil se configurava como um país de imigração, receptor dos braços europeus que emigravam em busca de terra e trabalho” (PESAVENTO, 1985, p. 26). A absorção maior de imigrantes se deu, inicialmente, na região Sudeste do País, onde os colonos eram incorporados às grandes fazendas de café de São Paulo. Os cafeicultores recebiam empréstimos do governo federal para custear o transporte de imigrantes para o Brasil.

No Rio Grande do Sul, os alemães foram deslocados para regiões virgens não cultiváveis, como a Encosta da Serra e próximo aos rios, obrigando assim o desenvolvimento do local, com melhorias, como a abertura de estradas e o início das comunicações. Na visão de Alencastro (1997, p. 322), essa organização se dava da seguinte forma:

Os grupos que chegavam da Europa estabeleciam-se em vales nas margens dos rios, formando uma comunidade isolada que se organizava de modo a garantir sua sobrevivência material e cultural. O primeiro passo era a instalação dos equipamentos urbanos, iniciada com a construção de uma igreja, um cemitério, uma escola. Uma casa comercial recebia os alimentos produzidos pelos colonos e os trocava por produtos manufaturados trazidos da capital. As famílias viviam exclusivamente de produção de alimentos, motivo por que precisavam ter filhos, os quais ajudavam na lavoura.

Na colonização alemã, portanto, está a gênese da formação de um campesinato típico, marcado fortemente com traços da cultura camponesa da Europa Central. O primeiro grupo de imigrantes colonos chegou ao Estado em 1824, iniciando uma agricultura de subsistência em pequenos lotes de terras. “Vindo de Porto Alegre, chegou à Real Feitoria do Linho Cânhamo, à margem esquerda do Rio dos Sinos, um estranho grupo de passageiros: eram os primeiros colonos alemães destinados a uma colônia que se fundaria naquela região” (PESAVENTO, 1994, p. 199). Essa colônia foi São Leopoldo, considerada por muitos historiadores como o “berço” da colonização e da imigração alemã no Estado.

A Feitoria do Linho Cânhamo era um estabelecimento agrícola de propriedade do Governo Imperial localizada à margem esquerda do Rio dos Sinos. Esses imigrantes, portanto, foram instalados nessa Feitoria, aguardando o recebimento dos lotes coloniais. O Governo do Estado batizou o núcleo de imigrantes de Colônia Alemã de São Leopoldo, uma homenagem a D. Leopoldina, a Imperatriz do Brasil. A área abrangia mais de mil quilômetros quadrados, indo na direção sul-norte, de Esteio até Campo dos Bugres (hoje, Caxias do Sul), e em direção leste-oeste, de Taquara (hoje) até o Porto de Guimarães, no rio do Caí (hoje São Sebastião do Caí).

A colônia de São Leopoldo foi recortada e os lotes distribuídos aos recém-chegados imigrantes. Eram terrenos de aproximadamente 70 hectares. As providências foram tomadas na intenção de receber os grupos de imigrantes: “Em março de 1824, José Feliciano Fernandes Pinheiro, primeiro Presidente da Província, recebeu ordem de proceder à liquidação do estabelecimento e de preparar a instalação dos colonos recrutados na Alemanha” (ROCHE, 1969, p. 94). Havia ainda a participação de um agente do Governo Brasileiro, o Major Schaeffer, o qual atuava na seleção dos voluntários estrangeiros. Schaeffer era das relações do Imperador D. Pedro I e da Imperatriz D. Leopoldina.

A imperatriz D. Leopoldina, em carta de 12.7.1824, escreveu a Schaeffer: “mande mais 3 mil homens, todos solteiros e moços sem descontar o número que lhe escrevi outra vez”. D. Pedro I também escreveu: “a imperatriz já lhe mandou da minha parte encomendar mais 800 homens para soldados, agora eu lhe ordeno que em lugar de colonos casados, mande mais 3 mil solteiros para soldados, além dos 800”. Este processo de engajamento alemão prosseguiu até 1829 (ROCHE, 1969, p. 81).

Com o passar do tempo, e a continuidade do processo imigratório no Rio Grande do Sul, a administração provincial das colônias tratou de melhorar a recepção, instalação e tutela desses colonos. Um fator importante recaiu sobre a hospedagem do imigrante quando este chegava ao Estado. Três locais transformaram-se na base de chegada desses grupos: Rio Grande, Porto Alegre e Rio Pardo. Rio Grande era o porto receptor dos imigrantes vindos diretamente da Europa. Pela Lagoa dos Patos, os alemães seguiam viagem até Porto Alegre:

O Governo do Rio Grande do Sul, primeiro, tomou medidas referentes ao alojamento e à manutenção dos imigrantes durante a viagem através da Província. Dotou de um centro de hospedagem em Rio Grande, por onde entravam, e, em Porto Alegre, onde tinham de preencher diversas formalidades; Rio Pardo, onde deixavam o navio a fim de se dirigirem para a maior parte das colônias fundadas entre 1848 e 1870 (ROCHE, 1969, p.104).

O trabalho de dissertação de Gabriela Ucoski da Silva (2014) problematiza a organização, o funcionamento e o cotidiano da Hospedaria de Imigrantes do Cristal, espaço este criado para recepção dos imigrantes recém-chegados a Porto Alegre. Nesse trabalho, a autora, por meio dos boletins diários, livros que controlavam o movimento dos imigrantes, faz uma importante investigação acerca desse estabelecimento localizado na Zona Sul da cidade.

Ucoski identificou que a hospedaria do Cristal “foi um imenso edifício, grande suficiente para alojar cerca de 3.000 imigrantes” (SILVA, 2014, p. 81), registro que a insere no contexto das grandes hospedarias de imigrantes construídas no Brasil. Localizada à beira

do Guaíba, a hospedaria serviu para o atendimento temporário aos colonos que chegavam ao Estado. Em 1899, com a diminuição do número de imigrantes e com as dificuldades do governo, as atividades da Hospedaria do Cristal se encerraram. Em suas dependências, instalou-se o 3º Batalhão da Brigada Militar, cujos integrantes eram atendidos pelo conhecido “Trenzinho da Tristeza” (MACHADO, 2010), uma ferrovia municipal responsável pelo trajeto do centro à longínqua Zona Sul de Porto Alegre.

Segundo Roche (1969, p. 121), “entre 1824 e 1914, entraram no Rio Grande do Sul cerca de 48.000 alemães, 64,3% dos quais entre 1824 e 1889, 35,7% entre 1889 e 1914”. Desta forma, verifica-se que o maior contingente de colonos provenientes da Alemanha ocorreu nos primeiros tempos da imigração, reduzindo bastante no século posterior. Portanto, eram números diferenciados, ao longo do tempo. Da mesma forma, havia diferenças quanto à procedência desses grupos, os quais variavam bastante:

Os imigrantes dos anos 1830-50 vinham do Sudoeste da Alemanha, de regiões definidas como tendo estrutura econômica agrícola em combinação com o artesanato rural e com pequenas indústrias domésticas. No período 1850-65, provinham das regiões agrárias do Norte e do Leste. Do resto da Alemanha saíam, durante os anos 1865-95, grupos sociais empobrecidos, juntamente com artesãos e pequenos empresários. A partir de 1880, a maioria dos emigrados passa a ser de procedência urbana (ALENCASTRO; RENAUX, 1997, p. 318).

Inicialmente, o Governo Federal forneceu gratuitamente o transporte dos colonos, cujos destinos eram Porto Alegre ou a cidade de Rio Grande. As terras para o cultivo foram concedidas pelo Estado, porém, com o tempo, foi verificado que esse auxílio era oneroso aos cofres públicos, o que permitiu ao governo estadual receber um auxílio financeiro federal necessário:

1500 reis por dia e por imigrante, para sua manutenção em Porto Alegre; o preço da viagem por estrada de ferro, entre Porto Alegre e a estação que servia a colônia; 400 mil-réis por família estabelecida, sendo 150 dados para a compra das ferramentas e das sementes, e 250 adiantados para a construção da casa. O colono devia reembolsar desse adiantamento o Estado, que, por sua vez, devia transferir 150 mil-réis à União. Não só esta recuperava de outra mão as vantagens que concedera ao Estado, mas também essa disposição era a origem de complicações administrativas (ROCHE, 1969, p. 122).

As complicações administrativas de que trata o autor iam desde a quantidade de imigrantes que chegavam ao Estado, a qual não era respeitada conforme as normas vigentes, até problemas com os meios de transporte e alojamentos, estes últimos insuficientes para os

grupos. “A União não respeitou o ritmo de remessa dos imigrantes fixados em 4 grupos de 100 por mês. Em janeiro de 1909, por exemplo, enviou 1361 juntos. Houve constantemente incidentes desagradáveis” (ROCHE, 1969, p. 122). Assim, os serviços precisaram ser reorganizados pelo Governo do Estado. Foi criada a Secretaria de Obras Públicas, com agentes incumbidos de receber os imigrantes nas cidades de Rio Grande e Porto Alegre.

É incontestável que a imigração alemã foi fundamental para o povoamento e exploração de regiões até então desertas no Estado. Jean Roche vai falar de “um enxerto vigoroso”, não só pelo dinamismo da população de origem germânica, mas também pelo fato de os grupos que se instalavam no Rio Grande do Sul não cogitarem retornar à Pátria de origem. Vinham para ficar. Para Koseritz (1972, p. 32), o colono alemão é alguém que permanece na terra, funda bens de raiz e constitui família.

Após desbravar as terras desconhecidas, tratavam de cultivá-las. Foram eles que introduziram novas técnicas no plantio, desenvolvendo a atividade agrícola nas colônias alemãs. “É certo que, entre 1824 e 1875, a agricultura foi atividade característica e exclusiva dos colonos alemães e que, ainda às vésperas da Segunda Guerra Mundial, forneciam dois terços, pelos menos, da produção agrícola do Rio Grande do Sul” (ROCHE, 1969, p. 243).

Entre os primeiros produtos cultivados pelos colonos destaca-se o trigo. Esse produto agrícola era a matéria-prima para a produção do pão branco, muito utilizado entre as famílias alemãs, o que estimulou a produção tríticola. Durante a Revolução Farroupilha, o Governo incentivou essa produção, por meio de campanhas, para exportação do produto. Com o fim da guerra, o governo continuou incentivando os agricultores, oferecendo prêmios àqueles que produzissem mais de mil alqueires por ano. Porém, a produção declinou com o cultivo do milho e do centeio, ambos utilizados para a produção do pão (misto) do alemão.

A cevada também foi bastante cultivada pelos agricultores alemães. A princípio, ela destinava-se como uma alternativa para a produção alimentícia. Com o passar do tempo, os alemães que já conheciam as técnicas da produção das cervejas passaram a utilizar a cevada também nas indústrias. Os descendentes de alemães foram os grandes mestres-ervejeiros do Estado, nomes como Ritter, Becker, Sassen e Bopp são reconhecidos no Rio Grande do Sul, assim como a Empresa Continental, um conglomerado que uniu as famílias e a técnica da boa cerveja.

É importante salientar que esses imigrantes não vinham exclusivamente do meio rural, muitos deixavam seus negócios nas cidades alemãs e rumavam para o Brasil, trazendo na mala a experiência empreendedora:

Uma fração sempre mais considerável da imigração no Rio Grande do Sul foi fornecida pelas cidades alemãs, cuja estrutura social se modificou no decorrer do século XIX. Antes de contar numerosos proletários, a imigração de origem urbana reuniu artesãos e burgueses desejosos de deixar a Alemanha por motivos quer econômicos, quer políticos. O malogro dos movimentos liberais de 1848 e o advento do nacional-socialismo em 1933, por exemplo, expulsaram da Alemanha sujeitos de apreciável valor para o Rio Grande do Sul (ROCHE, 1969, p. 158).

Portanto, a origem citadina de alguns desses imigrantes foi decisiva para escolherem Porto Alegre como destino final, local onde desenvolveram atividades relacionadas ao comércio e também à indústria. “Os mais antigos e os mais importantes foram comerciantes importadores ou exportadores atacadistas, que, desde 1880, ocupavam as mais altas posições sociais” (ROCHE, 1969, p. 193).

Eugenio Lagemann (1985), em sua investigação sobre o Banco Pelotense, também faz referência a esses grupos, os quais o autor identifica por alto comércio: “Em Porto Alegre e Rio Grande localizava-se o chamado alto comércio, dedicado à importação e exportação, com presença tanto de elementos imigrantes quanto de subsidiárias estrangeiras, inglesas e alemãs, principalmente” (1985, p. 26).

Na visão de Luiz Felipe de Alencastro (1997), a diversidade dos grupos de imigrantes que chegavam foi fator determinante na definição dos processos de produção, nas relações de trabalho implementadas no estado e na herança cultural transmitida aos descendentes. Na segunda metade do século XIX, conforme esse autor, já haviam se consolidado no Sul do País as comunidades alemãs e, em menor medida, as italianas, que iriam constituir uma nova fase da diversidade cultural brasileira. E, entre os grupos de alemães que migravam, também havia diferenças.

No estudo das colônias alemãs no Sul do Império, é preciso considerar, em primeiro lugar, a diversidade existente entre os próprios membros dessas comunidades. De fato, boa parte do contingente de 350 mil alemães que chegou ao Império a partir de 1824 – data da fundação da colônia de São Leopoldo, no Rio Grande do Sul – até a Proclamação da República, não tinha a mesma procedência regional, nem os mesmos hábitos. Tal heterogeneidade, às vezes, levava os alemães a julgarem a si próprios estrangeiros (ALENCASTRO; RENAUX, 1997, p. 317).

Este fato influenciou, em grande parte, a cultura e a paisagem físico-social do Rio Grande do Sul. O alemão difundiu, entre outras coisas, a religião protestante. Várias igrejas luteranas foram implantadas com a chegada dos primeiros imigrantes. Para René Gertz (2011) os imigrantes alemães foram os primeiros a trazer para este país e para este estado contingentes significativos de protestantes. Apesar de todos os esforços, os luteranos, até hoje, continuam sendo predominantemente pessoas com sobrenome alemão.

Assim, a cultura e a tradição germânica espalharam-se pelo território brasileiro, especialmente nas colônias do Sul, introduzindo novos hábitos, entre eles, as festas natalinas com pinheiros de natal enfeitados de algodão para lembrar a neve na Europa. “No Natal, as vitrines iluminadas contêm árvores de Natal ou pinheiros artificiais, neve em profusão e coroas verdes, com grandes laços de fita vermelha. Na Páscoa, coelhos de chocolate ou açúcar, cujo ninho e ovos as crianças devem procurar” (ROCHE, 1969, p. 193).

Outras manifestações artísticas de origem alemã também tiveram um papel relevante na formação da cultura brasileira. Entre essas manifestações, estão o teatro, os corais de igrejas, as bandas de música, etc. Assim, “os alemães, com suas igrejas, seus clubes, sua imprensa, sua mentalidade e seu estilo de vida, constituíram uma colônia” (ROCHE, 1969, p. 193).

Na segunda metade do século XIX, com o processo de imigração em curso, chegaram ao Rio Grande do Sul não só agricultores, mas também médicos, professores, empreendedores, entre outros. Desse grupo, a pesquisa identificou a presença de médicos, os quais desempenharam papel relevante desde o início da colonização no Estado. René Gertz (2013) revela o trabalho do médico Daniel Hillebrand, primeiro diretor da colônia de São Leopoldo. Para esse autor, numa lista de mais de 600 profissionais de sobrenome alemão, cujos estabelecidos situavam-se em Porto Alegre, na segunda metade do século XIX, cinco eram identificados como médicos.

Com o passar dos anos, outros médicos alemães viriam a se destacar na história da medicina do Rio Grande do Sul. Formado pela Faculdade de Medicina e Farmácia de Porto Alegre, professor e diretor em duas gestões, o doutor Luiz Francisco Guerra Blessmann foi também um importante provedor da Santa Casa de Misericórdia. Foi destaque na área médica pela fundação da Escola de Enfermagem da Universidade Federal, a qual possibilitou a formação de um considerável número de enfermeiras (MACHADO, 2017). Assim como

Blessmann e Hillebrand, a comunidade teuto residente em Porto Alegre desempenhou funções relevantes nas diferentes áreas profissionais.

Alguns autores identificam o período que vai do ano de 1824 a 1840 como a primeira fase da imigração alemã no Estado, quando predominou uma economia de subsistência, com a ajuda do Governo Brasileiro. Já a produção de excedentes ocorrerá somente na segunda fase, entre os anos de 1840 e 1870. Desta forma, observa-se que a produção desses núcleos imigrantes se diversificou bastante. Entre os artigos produzidos estavam os produtos para selaria, tecidos, chapéus, vinhos, ferramentas, charutos e cigarros, sapatos, tijolos, panelas e produtos alimentícios.

Jean Roche pontua o terceiro período ou terceira fase do processo de imigração como de “o colapso da colonização”, pois, segundo ele, “o período ficou marcado pela frieza do Governo local em respeito à colonização: enquanto os estabelecimentos fundados anteriormente seguiram sua própria evolução, a obra administrativa foi, sobretudo, conduzida pelo Governo Geral” (1969, p. 114). A consequência foi que o trabalho desses colonos ocasionou um aumento do excedente da produção, passando a ser vendido para o mercado regional e também nacional. Tratava-se, assim, de uma nova atividade, pois além da agricultura, passaram a desenvolver o comércio e uma ainda incipiente atividade artesanal. Para Sandra Pesavento (1994), tratava-se, basicamente, de uma produção mercantil não capitalista, na qual o artesão, com ferramentas simples, produzia para o consumo local e para o mercado, com o auxílio de mão-de-obra familiar. Na análise desta autora (1994, p. 200), foi a partir desse excedente da produção, gerado pelo trabalho dos alemães e pela acumulação de capital, que surgem as primeiras indústrias no Rio Grande do Sul:

Sem dúvida alguma, foi no chamado complexo colonial imigrante, a partir da chegada dos alemães, que se configurou uma acumulação de capital-dinheiro-passível de, sob determinadas condições, converter-se em capital industrial. Basicamente, esse capital-dinheiro originário apresentou-se como um capital comercial, auferido da venda dos produtos da zona colonial por um dos seus elementos, que se especializara na tarefa de intermediação.

Segundo Roche (1969), o comércio também teve suas raízes nas colônias alemãs, cuja prosperidade esteve associada ao trabalho do imigrante e às trocas, as quais possibilitaram o desenvolvimento da economia. Desde sua fundação, as colônias alemãs do Rio Grande do Sul constituíram grupos rurais cuja estrutura era muito mais complexa que a da sociedade luso-brasileira da Campanha. Para este autor, “houve simbiose entre o comércio e a

agricultura” (ROCHE, 1969, p. 403). Com destino certo, os produtos eram encaminhados à principal praça comercial do Estado, a cidade de Porto Alegre. Nesse cenário, foi fundamental o trabalho do caixeiro-viajante.

1.2 O CAIXEIRO VIAJANTE E A GÊNESE DA VOCAÇÃO COMERCIAL

Inicialmente, os alemães fixaram-se nos núcleos coloniais de São Leopoldo, Novo Hamburgo, Santa Cruz do Sul e Montenegro. E, como comerciantes, faziam a redistribuição dos produtos pelas colônias. Nesse cenário, surgiu, na segunda metade do século XIX, a figura do caixeiro-viajante. O termo “caixeiro-viajante” significa: representante de vendas, empregado de comércio que viaja por conta de uma firma ou, por conta própria, encarregado dos negócios de várias casas ou ramos comerciais (HOLANDA, 2019). A explicação acima se assemelha bastante com os caixeiros alemães do sul do Brasil, profissionais que percorriam longas distâncias entre as colônias, no interior do estado e na capital, Porto Alegre.

O caixeiro-viajante desempenhou igualmente a função de intermediário imprescindível entre Porto Alegre e a Serra, entre o atacadista e o varejista. “Foi entre 1860 e 1865 que o ‘Musterreiter’ apareceu nas colônias alemãs” (ROCHE, 1969, p. 432). “*Musterreiter*” que, na língua alemã significa “caixeiro-viajante”, era o símbolo do vendedor autônomo ou empregado de outro comerciante. Para Roche, eles andavam pelas colônias “apresentando amostras, fechando negócios e efetuando a cobrança dos fornecimentos” (1969, p. 432).

No final do século XIX, uma das parcerias no negócio de importação e exportação das firmas Bromberg & Cia. foi feita com João Day, imigrante alemão, naturalizado inglês. João Day, já contava com experiência comercial, a qual foi adquirida na Europa, quando chegou ao Brasil. É importante ressaltar que a firma empregava seis viajantes responsáveis pela divulgação e venda dos produtos. Produtos estes que chegavam de diferentes países:

A firma João Day, Bromberg & Cia, fundada em Porto Alegre, em 1895, com o capital de Rs. 250:000\$000, importa toda espécie de ferragens, armas, tintas, drogas, metaes, miudezas, machinas de costura, cevada, lúpulo, rolhas, etc. Estas mercadorias são importadas em grande escala da Allemanha, Inglaterra, America do Norte, Italia, e vendidas pelo interior do Estado do Rio Grande do Sul. Para propaganda e venda dos seus gêneros, emprega a firma seis viajantes. As vendas da casa sobem, anualmente, a mais de Rs. 1.000:000\$000. Os escriptorios e armazéns da firma acham-se instaladas nos vastos prédios à rua Marechal Floriano, 5, e à rua Vigario José Ignacio, 19 e 21 (WRIGHT, 1913, p. 828).

Posteriormente, a firma conhecida por “União de Ferros”, a qual foi estabelecida a partir da união entre a Bromberg & Cia. e outros sócios como Carlos Daudt & Cia e Edward Ringel & Cia de Hamburgo, também empregava viajantes para a distribuição dos produtos importados, entre eles, ferro, estanho, cobre e bronze. “A casa tem 15 viajantes que a representam pelo Estado do Rio Grande do Sul, e cerca de 25 empregados” (WRIGHT, 1913, p. 834).

Na visão de José Carlos Daudt (1952, p. 59), os brasileiros de cabelos loiros e olhos azuis podiam ser também excelentes caixeiros viajantes. Para Daudt, o viajante era o vendedor dos produtos da firma, o homem que faz a firma ficar conhecida e respeitada, tanto no interior do Estado, como mesmo fora dele, no país ou no mundo inteiro.

A figura desse viajante mascate era reconhecida e aguardada nas regiões de colonização alemã no Rio Grande do Sul, pois poucos se aventuravam nas longas viagens a que eles se submetiam. Numa época em que as estradas eram precárias e não havia ainda automóveis, a solução era percorrer as regiões a pé ou sobre o lombo de burro ou cavalo. “As distâncias eram percorridas a pé, os colonos transportavam seus produtos em sacos nas costas, outros usavam cavalos, levando na mala de garupa pequenas quantidades” (FLORES, 2003, p. 83).

A historiografia cita o uso de mulas, porque são mais resistentes, dóceis e com grande capacidade de equilíbrio quando estão com cargas. Esses animais são capazes de percorrer com agilidade trilhas estreitas, sinuosas, pedregosas, acidentadas e íngremes. Ainda hoje, no nordeste brasileiro, por exemplo, esta alternativa para o transporte de cargas é bastante utilizada pela população de baixa renda, residente, principalmente, no agreste ou no sertão. “Tropas de mulas percorriam uma média diária de 8 léguas (48 km) transportando cada animal dois sacos de 60 kg, ligando as vendas do interior com a sede da colônia” (FLORES, 2003, p. 83).

O caixeiro-viajante, tal qual o sertanejo descrito por Euclides da Cunha na obra *Os Sertões*, “é, antes de tudo, um forte” (1975, p. 95), ainda que díspares sob o aspecto da complexidade etnológica. Diferentemente dos “jagunços”, os comerciantes itinerantes eram fortes fisicamente, o que lhes conferia a pertinácia na profissão. “Na sela, inverno e verão, seguidos da mula que carregava as duas pesadas sacolas de amostras, galgando as colinas, atolando-se nos vales, molhados pela chuva ou pela passagem dos arroios a vau, queimados pelo sol” (ROCHE, 1969, p. 432).

O desgaste de uma jornada, a qual costumava durar dias, exigia desses profissionais não só resistência física, mas também emocional. Para Roche (1969, p. 432), havia ainda o perigo pelo transporte de valores, como dinheiro em espécie. “Era-lhes necessária a força física para resistir a uma vida esgotante, e coragem pessoal para garantir o transporte de consideráveis somas (alguns pereceram assassinados)”.

Com o surgimento dos caminhos entre as picadas, o caixeiro trocou a mula e o cavalo pela carroça puxada por cavalos ou bois, melhorando as condições das viagens. A carroça colonial, introduzida pelos imigrantes, era produzida, inicialmente, em São Leopoldo, servindo também para o transporte de produtos oriundos da lavoura. Os colonos abriam clareiras no mato, faziam roçados e construíam suas choupanas. Este trabalho de abertura das novas estradas, fundamental para o trabalho do caixeiro-viajante, era quinzenal e remunerado pelo governo.

Conhecedores da clientela, os caixeiros, via de regra, costumavam estreitar relações de confiança e familiares com os comerciantes e suas famílias. Muitas vezes casavam com a filha do vendeiro. Às vezes constituíam um segundo lar no interior, para compensar as longas ausências da família legítima, em Porto Alegre. Além disso, também eram os portadores de notícias e arautos da alegria por meio de narração de histórias e piadas (causos pautados pelo humor). Em um universo desprovido de recursos de comunicação e de meios de transporte, a figura do caixeiro viajante era fundamental para atualizar as pessoas sobre o que ocorria nos lugares mais distantes e até nas redondezas:

A vila, à chegada de qualquer representante comercial, movimentava-se para conhecer as novidades... as últimas notícias e a opinião do seu novo hospede, que, em geral, se via crivado de perguntas sobre política, e os acontecimentos comerciais e sociais da Capital, de maior repercussão. O caixeiro-viajante não foi apenas um incomparável agente de penetração econômica do nosso ‘hinterland’, que ele devassou muito antes que tivessem chegado aí os traçados ferroviários e os meios de comunicação rodoviários, então inexistentes ou de acesso difícil, na generalidade das regiões coloniais do Rio Grande (DAUDT, 1952, p. 59).

O perfil extrovertido e amigável do caixeiro facilitava sua missão principal: a comercialização de seus produtos. E essa prática era facilitada pelos núcleos coloniais organizados pelos alemães, onde estavam a venda, a capela, e escola, a sociedade, os cemitérios, etc. Com o decorrer do tempo, outros artesãos e casas de negócios se estabeleceram nestes pequenos núcleos, dando origem aos povoados e vilas.

O pintor alemão Pedro Weingärtner¹⁶ retratou, por meio de suas telas, a imagem desse caixeiro viajante do final do século XIX. Weingärtner (1853 – 1929) costumava passar férias no sul do Brasil, onde aprofundou seu interesse pelos aspectos típicos das regiões de colonização alemã e italiana. Os detalhes de uma dessas pinturas foram captados por Jean Roche e descortinam o universo das “vendas” no interior do Estado e do trabalho do caixeiro, conforme segue:

Retrata-nos, no interior de uma venda colonial, um caixeiro viajante, belo homem de bigode conquistador, janota, sentado, ou melhor, escanchado num tamborete, com um saco de couro aberto aos pés e amostras que lhe caem, em cascata, dos joelhos ao solo. Para colocar a mercadoria, faz o cerco à dona da casa com uma galanteria tão espalhafatosa quanto sua chegada (1960, p. 433).

O artista mostrou não só a indumentária do caixeiro-viajante, mas também uma possível decepção por ele ter chegado atrasado naquele estabelecimento, onde outro já havia lhe antecedido e oferecido suas mercadorias.

Um caixeiro viajante, de botas, bombachas, poncho, chapéu de alforje no braço, ia entrar em uma venda, mas imobiliza-se na soleira da porta, porque um de seus colegas o precedeu: o saco aberto no chão, amostras expostas sobre uma mesa diante da dona da casa, e uma negra, com ar malicioso, servindo o chimarrão da hospitalidade. Decepção logo dissipada pelo bom humor e energia moral do caixeiro-viajante (ROCHE, 1960, p. 433).

Ao analisar a construção da imagem do gaúcho por meio dos pinceis de alguns artistas, a historiadora Luciana de Oliveira, em sua tese de doutorado, faz referência a Pedro Weingärtner. Segundo Oliveira (2017, p. 564):

Analisar a construção da imagem do gaúcho na pintura de Pedro Weingärtner é, pois, incursionar em um mundo onde diversos homens se encontram e se entrelaçam. Gaúchos da colônia alemã, vendedores, soldados, carreteiros e tipos de lida campeira: essas são as personagens que transitam pelas telas do pintor. Elaborados a partir de traços precisos, em cenas de atividades simples e cotidianas e de diferentes regiões do Estado, o gaúcho de Weingärtner é, ao mesmo tempo, a sua memória e o seu presente.

¹⁶ Filho de imigrantes alemães, Pedro Weingärtner (1853 – 1929) foi pintor, desenhista e gravurista. Estudou artes plásticas nas renomadas Academias de Hamburgo, Berlim e Paris. Em seu retorno ao Brasil apresentou problemas financeiros e foi socorrido por amigos como Martin Bromberg. Figuram entre suas obras mais importantes, *Chegou tarde!* ou *Demasiado tarde* (1890), onde retrata a figura do caixeiro-viajante. GUIDO, Angelo. *Pedro Weingärtner*. Divisão de Cultura da Secretaria de Educação e Cultura do Estado do Rio Grande do Sul, 1956, pp. 12-16.

Sobre a técnica utilizada pelo artista (figura 1), a pesquisadora (OLIVEIRA, 2017, p. 565) destaca que:

Elaborada em uma pequena tela de 74,5 X 100 cm, uma diversidade de pequenos detalhes podem ser observados e percebidos na pintura: os relacionados ao monstruário do caixeiro viajante sentado à mesa, os pequenos objetos dispostos no armário que está ao fundo da tela, a mesa posta que se pode observar através da abertura logo atrás do balcão e, ainda, as minúcias de um cartaz alusivo à empresa de barco à vapor (*Hamburg Südamerikanische*) pendurado na parede logo atrás do recém-chegado. Afora tais particularidades, é interessante perceber a maneira com a qual o artista não só trabalha as linhas diagonais na construção de sua pintura como, também, as elabora a partir da troca de olhares entre ambos os caixeiros, a dona do estabelecimento e a mulher negra que está servindo o chimarrão. É precisamente a partir desse encontro de olhares que os demais elementos da pintura se organizam, especialmente a cena que se passa atrás da de maior destaque, onde está a mulher medindo um tecido para vendê-lo, possivelmente, ao menino que está sentado a sua frente.

Figura 1: *Chegou Tarde*. Pedro Weingartner. Óleo sobre tela, 1890. 74,5 x 100



Fonte: Museu Nacional de Belas Artes

Ao se observar a tela de Wingärtner, pode-se ainda depreender, pela imagem, que esta profissão de caixeiro viajante era uma forma de esses imigrantes amelharem dinheiro para futuros negócios. Ainda que houvesse uma concorrência nessa modalidade de comércio de “porta em porta”, existiam entre os caixeiros, relações cordiais, conforme se nota na análise de Roche: “Decepção logo dissipada pelo bom humor e energia moral do caixeiro-viajante” (1960, p. 433). E isso também revela que essa forma de comércio era muito rentável,

o que lhes permitiu, posteriormente, um excedente de capital, tema analisado nos próximos capítulos.

Importante salientar que a “venda” era o estabelecimento onde aconteciam as relações comerciais no interior das colônias. Era o local aonde chegava o caixeiro-viajante para oferecer suas mercadorias e novidades. Todo o vilarejo tinha o seu “bolicho” – espécie de minimercado, muito comum no interior do sul do Brasil, e era por meio dele que a população desses ermos supria as suas necessidades. “O balanço, como de todas as vendas coloniais contemporâneas, comporta: alimentação, confeitaria, ferramenta, quinquilharias, drogaria, perfumaria, bebidas, fumo, livraria, artigos de armarinho, tecidos, roupas feitas, guarda-chuvas, etc.” (ROCHE, 1960, p. 431).

Esses comércios ofereciam ao colono desde o alfinete até alimentos perecíveis como açúcar e o café. Era um estabelecimento similar aos “secos e molhados”, bastante comuns nas cidades. Dois utensílios eram indispensáveis nesses estabelecimentos: a balança no balcão e as conchas nas sacas de cereais, os quais costumavam ser pesados: o arroz, a farinha, o milho e o feijão. Tudo era vendido a granel¹⁷. As embalagens e os pacotes fechados foram novidades que chegaram com as indústrias no século vinte, e, disseminados pelas grandes redes de supermercados.

Ao analisar os denominados “colonos exponenciais”, ou a elite local e suas relações de parentesco e compatrio, Marcos Antônio Witt (2015), descortina o universo das vendas no interior das colônias alemãs, entre elas a de Três Forquilhas. Witt faz um apanhado de alguns alemães vendeiros, ou seja, proprietários desses típicos estabelecimentos comerciais na região das colônias. Segundo o autor (2015, p. 228), “este modelo de estabelecimento comercial, mais tipicamente chamado de venda, existiu no mundo colonial até recentemente e reunia em seu interior diversos tipos de mercadoria”. Ele cita ainda a importância da “caderneta” para anotações de contabilidade: “Os valores da venda e da compra eram registrados em uma caderneta, e o saldo ficava depositado, como uma espécie de banco, no comerciante, sendo

¹⁷ O termo “a granel” refere-se a mercadorias comercializadas fora da embalagem, em quantidades fracionárias. HOLANDA, Aurélio Buarque. Dicionário Aurélio Online de Português. Disponível em <https://dicionariodoaurelio.com/>. Acesso em: 16 de jun. 2019.

disponibilizado pelo mesmo em espécie quando surgia a necessidade do produtor” (WITT, 2015, p. 229).

Com o passar do tempo e o advento da modernidade, o caixeiro-viajante substituiu o transporte por meio de mulas, passando a utilizar o conforto e as facilidades do automóvel, recém-chegado ao Estado¹⁸. “O caixeiro moderniza-se. Desce de um carro americano. Traz o chapéu imaculado, sapatos envernizados, gravata de côr viva, traje de bom alfaiate, com a mão tratada faz cintilar as amostras pregadas com alfinetes a folhas ilustradas” (ROCHE, 1960, p. 433).

Percebe-se que, apesar de um novo visual, mais janota e cidadão, o novo caixeiro não perde as antigas características, as quais fizeram dele um intermediário comercial indispensável e eficiente, com “inspiração fácil, linguagem brilhante, persuasão pronta” (ROCHE, 1960, p. 433). O Cavaleiro da Amostra, segundo Jean Roche (1960, p 433), representa aquele que vem da cidade trazendo consigo os ecos da política, da atualidade, da moda e da civilização moderna, uma boa dose de sonho à imaginação dos sedentários camponeses.

Assim, o *Musterreiter* modernizava-se: trazia catálogos, os quais contemplavam aos clientes uma gama de produtos que eram encomendados para posterior entrega. Isso, não só incrementou as vendas, mas também permitiu a esses comerciantes maior lucratividade. Essa visão comercial denota nesses imigrantes o espírito empreendedor que a história empresarial vai confirmar a posteriori.

O caixeiro, hoje, tem a sua história preservada por meio de uma associação – a Associação dos Caixeiros-Viajantes de Porto Alegre, fundada em 26 de dezembro de 1885. Essa instituição disseminou-se por diversas cidades do Rio Grande do Sul. Em 1º de junho de 1936, ocorreu a fusão com a Associação Serrana dos Caixeiros Viajantes, de Ijuí, fundada em 28 de setembro de 1932, e depois, em 17 de junho de 1942, ocorreu a adesão da Sociedade de Tiro de Porto Alegre, sendo esta fundada em 9 de janeiro de 1869.

¹⁸ O automóvel entrou no Brasil em 1891, trazido por Santos Dumont, que conheceu essa máquina em Paris, aos 18 anos de idade, em sua primeira viagem à Europa. No Rio Grande do Sul, um dos primeiros automóveis foi o de Avelino Reis, que em 1901 importou um carro marca Chase, com motor de três cilindros e número de série 96, movido a gasolina. O primeiro automóvel que circulou pelas ruas da capital do Estado, Porto Alegre, foi o de De Dion Bouton, com cinco lugares, um cilindro e 10 cavalos de força, importado da França pelo imigrante italiano Januário Grecco, em 15 de abril de 1906, adquirido por 800 mil reis (MADURO, 2010, p. 30).

Em Santa Maria existe o Museu da União dos Caixeiros-Viajantes do Rio Grande do Sul, cujo acervo conta a história desses antigos comerciantes. São bens arqueológicos, paleontológicos e objetos antigos que foram recolhidos no início do século XX (no livro de tomo original constam registros até 1913), por integrantes da Instituição. Reunidos, formam um conjunto diversificado de bens de diferentes proveniências, ao estilo dos acervos organizados por colecionadores. A coleção foi tombada pelo IPHAN (Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional), e, em 1981, o acervo foi doado à Universidade Federal de Santa Maria, passando a integrar o Museu Victor Bersani.

Alguns membros da família Bromberg fizeram parte desse grupo seletivo de vendedores autônomos e ambulantes, os quais colaboraram para o sucesso dos negócios das firmas Bromberg & Cia. no Brasil e no exterior. Anos mais tarde, alguns descendentes dessa família (segunda e terceira geração) tinham por hábito reunirem-se no Clube Caixeiros Viajantes com o propósito de festejar.

Na figura 2 é possível identificar a imagem de Arthur, um dos seis filhos de Martin e também gestor da Bromberg, em momento de confraternização, no Clube Caixeiros Viajantes¹⁹. Sobre o evento, relembra Rita Bromberg, neta de Arthur: “A festa foi no Club dos Caixeiros Viajantes. O Arthur é o de gravata borboleta, que ele usava até o fim da vida, com colarinho engomado. O meu pai Paulo, filho de Arthur, também foi caixeiro viajante pela firma em 1925-27” (BRUGGER, 2018).

¹⁹ Atualmente, o Clube Caixeiros Viajantes, com sede em Porto Alegre, possui local de recreação para seus associados e familiares. O local também preserva a história desses primeiros comerciantes ambulantes. Ver em Clube Caixeiros Viajantes. Disponível em: <http://caixeirosviajantes.com.br/>. Acesso em: 14 jun. de 2019.

Figura 2: Arthur Bromberg (de gravata borboleta), um dos gestores da Bromberg.



Fonte: Acervo Família Bromberg

Dando continuidade às lembranças de Rita, a depoente traz registros de seu pai na função de caixeiro-viajante. Era representante dos produtos da Bromberg pelo interior do Estado (ver em ANEXO documento de Paulo Bromberg):

Há registros das viagens de meu pai como caixeiro viajante (fig. 3). Ele contava que no início ia a cavalo, com um peão, dormiam ao relento. Mais tarde iam de Ford Bigode. O meu pai quando veio da Alemanha não falava português, daí eles botaram ele para ser caixeiro-viajante. Era para ele aprender português. Ele tinha um livro grosso, parecia uma Bíblia, com os desenhos de tudo o que eles vendiam. Como caixeiro, ele viajou todo o estado divulgando os produtos da Bromberg (BRUGGER, 2018).

Figura 3: Paulo Bromberg (ao centro) como caixeiro viajante em Agudo/RS - 1925



Fonte: Acervo Família Bromberg

Nas palavras da depoente é possível afirmar que os caixeiros não tinham o hábito de viajar em grupos numerosos, normalmente faziam o percurso pelo interior entre dois ou três companheiros. Segundo Daudt (1952, p. 60):

Como as antigas bandeiras, sem, contudo, o luxo pompeante e a algazarra festiva dos paulistas nas suas rumorosas entradas dos sertões brasileiros, em busca das esmeraldas ou à caça de índios, - os nossos caixeiros-viajantes desacompanhados de um séquito numeroso, em que apenas dois ou três peões reforçados constituíam os únicos companheiros da jornada embrenhavam-se sertão à dentro, para criar e multiplicar uma civilização, carreando a produção dos centros industriais e fazendo circular a riqueza dos núcleos produtores.

Ainda segundo esse autor, excepcionalmente, o caixeiro se dava ao luxo de usar um automóvel, cujo modelo se assemelhava ao utilizado pelo pai de Rita:

O tropeiro de antigamente e o seu sucessor, o caixeiro-viajante de hoje, representam o novo traço de união entre o litoral e o sertão. O tropeiro podia carregar, levando para o interior, somente o que ele ou os seus burros eram capazes de transportar. É esse, também, o caso de seu sucessor, com a exceção que, se possível, ele usa um Ford; mas em muitos lugares, a condução em lombo de burro é ainda a única existente (1952, p. 61).

É importante ressaltar que foram alguns antigos caixeiros-viajantes que fundaram inúmeras casas comerciais de sucesso em Porto Alegre, pois era para esta cidade que

convergia toda a produção agrícola das colônias alemãs. “Graças à atividade de seus agentes e à coesão dessa rede, os importadores de origem alemã puderam assegurar para si, entre 1870 e 1880, a supremacia na praça de Porto Alegre e no mercado rio-grandense” (ROCHE, 1960, p. 434). Alguns nomes desses caixeiros-viajantes são lembrados até hoje pela importância de seus empreendimentos:

Bastará lembrar o nome de alguns desses *Musterreiter* que tiveram êxito: Bastian, Becker, Bercht, Brutschke, Day e Sesiani (os dois primeiros sócios de Bromberg & Cia.), Drugg, Harbich, Kolberg, Krahe, Meyer, Niemeyer, Rache, Reiniger, Shardong, Teschauer, Ullmann, Volkmer e outros. Encontramo-los, ao lado de seus antigos clientes ou ex-patrões, à testa de florescentes casas de atacado (ROCHE, 1960, p. 432).

Da capital, parte da produção, seguia para o resto do Brasil e também para o exterior, transformando a cidade em um grande polo de disseminação da economia imigrante. E será na cidade de Porto Alegre onde grupos de alemães empreendedores irão compor o chamado “alto comércio”, tema analisado a seguir.

1.3 O ACESSO AO ALTO COMÉRCIO: AS GRANDES FIRMAS ALEMÃS

Conforme já explicitado, a imigração alemã no Brasil desempenhou um importante papel no processo de diversificação da agricultura, no desenvolvimento do comércio, e no conseqüente início da industrialização no estado. A organização comercial no Rio Grande do Sul contou com a participação ativa dos alemães e de seus descendentes. Havia uma simbiose entre o comércio rural e a agricultura das colônias, o que permitiu a circulação dessas mercadorias.

A distância do Rio Grande do Sul com outras regiões do país, bem como os precários meios de transporte e de comunicação da época, encareciam os custos, dificultando a entrada de produtos de outros estados no mercado gaúcho. Esse relativo isolamento determinou que a economia gaúcha recebesse os bens que lhe faltavam, importando-os, principalmente do exterior. Entre as atividades econômicas desenvolvidas pelos alemães, no final do século XIX e início do século XX, destacam-se a importação e exportação de produtos, os quais possibilitaram, com o sucesso nos negócios, o acesso de algumas famílias ao alto comércio sul-rio-grandense. “Os mais antigos e os mais importantes foram comerciantes importadores ou exportadores atacadistas, que, desde 1880, ocupavam as mais altas posições sociais”

(ROCHE, 1960, p. 193). Muitas vezes, essas atividades - exportação e importação - eram exercidas simultaneamente pelas empresas com sede em Porto Alegre.

As atividades citadas eram basicamente de exportação de produtos coloniais e de importação de artigos de metalurgia, como ferro, máquinas e ferramentas (um mercado bastante promissor se apresentava com o início do processo de industrialização no Estado). Entre os produtos coloniais exportados, $\frac{3}{4}$, aproximadamente, eram controlados por alemães. “São senhores do comércio da batata (85%), do feijão-preto (70% em 1922, 66% em 1950), do qual as 10 principais firmas totalizam 9%, da mandioca (64% em 1922, 70% em 1950), sendo que oito casas lhe garantem 58% da exportação” (ROCHE, 1969, p. 443). Pelos percentuais apresentados, observa-se que os alemães tinham o monopólio do negócio.

Para Roche, a atividade exportadora cresceu a partir do estreitamento das relações das colônias com a capital gaúcha, transformando-se em um rentável negócio para os alemães. “Quando se ligaram as zonas de produção agrícola a Porto Alegre, em fins do século XIX, é que a exportação se desenvolveu e adquiriu fisionomia moderna” (ROCHE, 1969, p. 443). Apesar de o maior montante ter sido a exportação de produtos agrícolas, alguns alemães souberam tirar lucro também com a venda da madeira, cortada nas serrarias das zonas coloniais e transportada para Porto Alegre, principal mercado consumidor, e com a banha e a carne de porco. No final do século XIX, as casas alemãs tiveram exclusividade também nesse tipo de comércio:

A banha e a carne de porco saíam para Rio Grande ou, diretamente, para o centro norte do Brasil. A tendência constante do comércio porto-alegrense foi estreitar seus laços com as praças de destino: desde 1880-1890, vemos as principais firmas (Claussen, Dreher, Issler, Jung, Kessler, Schmitt, Sperb) consignar as barricas de banha e de carne diretamente para Santos, Rio de Janeiro, Bahia e Pernambuco (ROCHE, 1969, p. 443).

A atividade de exportação era muito rentável para os alemães. O negócio era transmitido de uma geração a outra, mas que, ainda assim, tinha menor visibilidade que as atividades de importação: “os comerciantes estão unidos entre si por interesses comuns, por laços de família e pela mesma origem. Seu caráter germânico, sua solidariedade e seu poder, embora indiscutíveis, são menos visíveis que nos comerciantes importadores” (ROCHE, 1969, p. 445).

Já os importadores se constituíram em grupos de empreendedores que tiveram suas origens nas casas de comércio fundadas em Porto Alegre. Eram alemães mais “endinheirados”,

ligados a cidades como Hamburgo na Alemanha. Lembrando aqui, especialmente, os integrantes da Família Bromberg, de que trata a presente pesquisa. Os filhos de Martin Bromberg pertenciam a uma classe social em ascensão. Alguns fixaram residência em Porto Alegre, portanto, integrando a alta sociedade da capital, que experimentava um período de crescimento econômico. Segundo Roche, esses grupos “permaneceram mais estreitamente ligados à Alemanha, movimentam negócios de maior vulto e, de fato, dão a impressão de constituir uma oligarquia” (1969, p. 445).

Na análise de Sandra Pesavento (1990, p. 14), a riqueza, decorrente da produção de café, proporcionou a acumulação de capital e a consequente modernização das cidades, entre elas Porto Alegre:

A acumulação do capital proporcionada pelo café fazia com que as ideias de progresso e civilização que vinham da Europa adquirissem um sentido preciso no Brasil. Em função do complexo cafeeiro, aparelharam-se portos, construíram-se vias férreas, adquiriram-se máquinas e produtos europeus para uma sociedade que se modernizava e acertava o passo com a História. As cidades cresciam e transformavam-se, criavam-se bancos para atender as necessidades de uma economia em expansão e para fazer frente à massa de salários num país que deixava para trás a escravidão. As chaminés das fábricas nascentes passaram a alterar, pouco a pouco, a fisionomia de uma nação predominantemente agrária.

Sérgio da Costa Franco (1983, p. 116), ao analisar a cidade de Porto Alegre e o seu comércio, faz referência às empresas Bromberg & Cia:

Cabe destacar, outrossim, que o comércio importador de Porto Alegre, mormente o especializado em engenhos mecânicos e em material elétrico de procedência alemã, teve um relevante papel no desenvolvimento industrial do Estado. O historiador e sociólogo Jean Roche incumbiu-se de mostrar o notável papel desenvolvido pela firma Bromberg & Cia. (de 1891 a 1932) e suas antecessoras de diferentes razões sociais, tanto no introduzir implementos agrícolas modernos, como no implantar instalações industriais de beneficiamento e secagem de arroz, cervejarias, teares e planta metalúrgicas, afora numerosas usinas elétricas.

No final do século XIX, o comércio entre a cidade de Hamburgo e o Rio Grande do Sul apresentou um crescimento vertiginoso devido à criação das linhas alemãs de navegação a vapor para a América do Sul. O transporte marítimo foi, desta forma, preponderante para o sucesso dos negócios que envolviam as casas importadoras. As mercadorias que chegavam a Rio Grande e, posteriormente a Porto Alegre, vindas do exterior, tinham destino certo: as firmas importadoras alemãs. Em 1890, o registro de navios recém-atracados na Capital, confirma a exclusividade desses grupos no negócio.

Encontramos os conhecimentos de dois navios chegados, no mesmo dia, a Porto Alegre (8 de fevereiro de 1890), um inglês, proveniente de Liverpool, e outro, alemão, de Hamburgo. Os destinatários das mercadorias do primeiro eram uma firma inglesa, uma francesa, onze luso-brasileiras e doze alemãs ou teuto-brasileiras. Os do segundo eram também as duas firmas inglesa e francesa, quatro luso-brasileiras e dezessete alemãs, cuja parte representava 93% do carregamento: tinham a preponderância absoluta quanto aos tecidos e a exclusividade dos ferros, ferramentas, vidro, papéis, produtos químicos. Esse exemplo bem esclarece o processo de conquista da praça e revela a origem da força dos comerciantes alemães, que se apoiavam ao mesmo tempo nos clientes e nos fornecedores compatriotas (ROCHE, 1969, p. 446).

E foram justamente as firmas de importação os primeiros estabelecimentos comerciais fundados na cidade de Porto Alegre por alemães. Em 1875, existiam sete casas na capital, cinco anos mais tarde, esse número subiu para quarenta e seis casas comerciais, o que demonstra um crescimento vertiginoso em pouco tempo. Havia uma grande variedade de artigos importados, produzidos na Alemanha, e escoado pelo porto de Hamburgo, cidade alemã com a qual mantinham sólidas relações comerciais. Conforme Pesavento (1990, p. 20), as máquinas compunham esse universo de produtos importados:

Em 1897, o Almanack Literário e Estatístico do Rio Grande do Sul comentava que a indústria fabril estava próspera e se desenvolvia “a olhos vistos de ano para ano”. O Almanack destacava, basicamente, as importantes inovações tecnológicas presentes nas maiores empresas, constando de máquinas vindas da Alemanha ou Inglaterra, via de regra acompanhadas de técnicos para fazê-las funcionar. O trabalho dividia-se em várias secções e essas empresas destacavam-se das demais pelo elevado capital, valor de produção anual e significativo número de operários.

No início do século XX, as firmas alemãs expandiram-se, surgindo na cidade, muitos estabelecimentos como lojas, livrarias, papelarias, drogarias, cafés, hotéis, entre outros. Os “armarinhos” também se multiplicaram, especialmente, nos arrabaldes mais distantes. Isso reforça a ideia de que os alemães prosperaram ancorados nos grandes atacados. “Em 1914, parecia já não existirem senão firmas alemãs: de 140 casas consignatárias das remessas a Porto Alegre, em julho de 1914, registramos 96 alemãs, 31 luso-brasileiras, 8 italianas, 3 francesas e 2 inglesas” (ROCHE, 1960, p. 446).

Entre os equipamentos importados, estavam as máquinas, essenciais para o desenvolvimento das primeiras indústrias no Rio Grande do Sul. Assim, fatores como a acumulação de capital e a aquisição de máquinas para as fábricas foram decisivos no processo de industrialização do Estado. “Na medida em que muitas destas firmas se dedicavam à importação, foram elas as responsáveis pela introdução não apenas de gêneros manufaturados

estrangeiros, mas também de máquinas para as indústrias nascentes” (PESAVENTO, 1985, p. 30).

Para essa autora, o capital industrial no Rio Grande do Sul teria se originado a partir de cinco possibilidades, as quais são citadas no texto de Marli Mertz (1991, p. 427), que, em seu estudo sobre os primórdios do processo de industrialização no estado, enumera essas cinco vias:

A primeira, a partir do capital comercial, onde a indústria já teria nascido pronta, isto é, no caso em que o comerciante montava uma empresa fabril. Num segundo caso, a indústria teria surgido da evolução do artesanato para a empresa industrial, situação esta em que teria também ocorrido, paralelamente à atividade artesanal, o desenvolvimento de atividades comerciais, o que, de certa forma, teria proporcionado acumulação de capital capaz de ser aplicado na atividade produtiva, tornando-se, assim, responsável pela mudança qualitativa ocorrida. Uma terceira forma, diferente da anterior, seria a de uma pequena manufatura que, associada ao capital comercial, viria a se expandir em termos de capital, força-motriz, força de trabalho e linha de produção. A quarta forma pela qual se teria originado a indústria seria a partir da participação do capital bancário na formação de empresas industriais. Por último, ter-se-ia o “burguês imigrante”, isto é, aquele que trouxe consigo, de sua terra de origem, capital e experiência profissional na gestão de alguma empresa.

É importante salientar que surgiu no Estado neste período (final de século XIX) um importante setor metal-mecânico oriundo do complexo colonial de imigração. E serão essas empresas as responsáveis pela fabricação e distribuição de utensílios de uso doméstico e de máquinas para o setor agrícola com tecnologia de ponta. “Quanto à tecnologia importada e adquirida pelas maiores empresas, destacou-se a grande firma comercial Bromberg de Porto Alegre, responsável pela entrada e divulgação das mais recentes máquinas fabricadas na Europa” (PESAVENTO, 1985, p. 36). Muitas dessas máquinas utilizavam energia a vapor ou eletricidade, tema abordado no segundo capítulo desse trabalho.

Destaques no cenário empresarial da cidade de Porto Alegre, na primeira metade do século XX, alguns alemães se transformaram em proprietários de grandes casas comerciais, ampliando suas fortunas e investindo em negócios diversificados. Entre eles, figuram, além dos Bromberg, os Dreher, Gerdau, Hermann, Meyer, Linck e Renner²⁰, etc. Desta forma,

²⁰ A história do empresário fundador das lojas Renner, atualmente uma das maiores redes varejistas de vestuário no Brasil é o tema central da obra de Axt Gunter e Eduardo Bueno. Como empreendedor, “o empresário foi pioneiro em iniciativas inovadoras para a época, como cooperativa de crédito, cooperativa de consumo, assistência médica, creche, atendimento à saúde e previdência, crescimento econômico sustentado e, inclusive, a participação de colaboradores nos lucros da empresa. Precursor no País nas relações humanas, no trabalho e na

reforça-se a ideia inicial de que a concepção capitalista e o espírito empreendedor de alguns alemães foram fundamentais para o surgimento das primeiras indústrias no Rio Grande do Sul. Por meio do comércio e do consequente processo de industrialização, esses empreendedores teuto-rio-grandenses²¹, transformaram-se nos executores de um processo de modernização histórica no final do século XIX e início do século XX. “Em suma, é impossível pensar as origens da indústria no Rio Grande do Sul ou a transformação de Porto Alegre de uma pacata cidadezinha açoriana numa cidade comercial e industrial sem a contribuição do capital alemão” (PESAVENTO, 1994, p. 203).

Na esteira do empreendedorismo desses alemães industriais, importadores e empreendedores, não se pode deixar de lembrar a importância dos negócios da família Bromberg. Originária de uma firma importadora sediada em Hamburgo na Alemanha, no final do século XIX, a Bromberg & Cia. foi referência na aquisição de máquinas e equipamentos para a indústria, agricultura e para a lavoura no Rio Grande do Sul. Fundadores de grandes casas de comércio, incluindo exportação e importação de produtos, os Bromberg, ao ampliarem relações comerciais com a Alemanha, puderam investir na industrialização do estado gaúcho.

René Gertz, ao fazer um apanhado bibliográfico sobre a imigração alemã e o empreendedorismo industrial no estado, cita a tese de doutorado de Dietrich von Delhaes Guenther, defendida na Alemanha em 1973. A obra em questão destaca o processo de industrialização e o protagonismo dos alemães no Rio Grande do Sul. Segundo Gertz:

Trata-se de um texto originalmente apresentado como tese de doutorado na Universidade de Marburg (na Alemanha), em 1973, e publicado em livro, no mesmo ano, por Dietrich von Delhaes-Guenther, sob o título original: *Industrialisierung in Südbrasilien: die Deutsche Einwanderung und die Anfänge der Industrialisierung in Rio Grande do Sul (Industrialização no Rio Grande do Sul: a imigração alemã e os primórdios da industrialização no Rio Grande do Sul)*. O trabalho se concentra nos primórdios do processo de industrialização, concretamente, da metade do século XIX até a Primeira Guerra Mundial. O autor relata as dificuldades para localizar fontes, sobretudo dados estatísticos, motivo pelo qual o texto é pouco quantitativo, não havendo por exemplo nenhuma tentativa para construir séries a respeito do processo – apresentando-se muito mais qualitativo. Delhaes Guenther valeu-se de

promoção social, A. J. Renner tinha em mente a importância de todos esses benefícios aos colaboradores e os colocou em prática muito antes de outras empresas do Brasil” (AXT & BUENO, 2013, s/p).

²¹ Segundo o professor René Gertz: “*esses termos podem ser utilizados e servem para evitar o mais longo ‘brasileiros de descendência alemã’ ou ‘rio-grandenses de origem alemã’*”. E-mail recebido em 25 jun. 2019.

questionários e de entrevistas com descendentes de fundadores de empresas, consultou publicações comemorativas, mas, sobretudo, fez um levantamento bastante minucioso de informações contidas em jornais gaúchos e em outras publicações de todo esse período (2014, p. 163).

Na tese mencionada, o autor faz referência aos proprietários da Bromberg & Cia, ao qualificá-los como exemplo de gestão. Nas palavras de Gertz, Guenther:

Cita como exemplo marcante os proprietários da Casa Bromberg, uma das maiores empresas comerciais da época, que, por exemplo, importava máquinas a vapor, as quais eram instaladas na capital e no interior do estado por engenheiros por ela mantidos – de maneira que essa empresa comercial participava de forma direta na construção ou na ampliação de fábricas (2014, p. 164).

Na análise de Pesavento, poucas empresas cresceram neste período. Apenas as que já nasceram grandes ou as que foram incorporando capital pela entrada de novos sócios. Este é o caso da Bromberg, que surge, justamente, de um processo de concentração empresarial:

O acompanhamento do desempenho da indústria gaúcha ao longo da Primeira República permitiu verificar que, independentemente da alternância de períodos marcados pelo aumento da produção (Encilhamento e I Guerra) ou pelo aumento da capacidade produtiva (saneamento do pré-guerra ou do pós-guerra), houve um reduzido número de empresas que cresceram sempre, incorporando capital, adquirindo tecnologia, diversificando a linha de produção, aumentando o contingente de força-trabalho. Tais empresas, que já nasceram grandes ou foram incorporando capital pela entrada de novos sócios, ou que ainda surgiram como resultado de um processo de concentração empresarial, constituíram-se nas líderes do movimento de articulação do empresariado gaúcho e de reivindicação de seus interesses específicos (PESAVENTO, 1994, p. 220).

Assim, a Bromberg “ficou estabelecida em Porto Alegre, em estreita ligação com a Alemanha, de onde provinha o essencial de suas importações, que distribuía por todas as colônias e mesmo por todo o Rio Grande do Sul” (ROCHE, 1969, p. 435). Cabe salientar também a diversificação dos negócios empreendida pela empresa:

A firma tem grandes interesses em diversas das principais empresas do Rio Grande do Sul, como sejam fábricas de tijolos, plantações de arroz e serrarias, a fábrica de chapéus de Oscar Teichmann, instalações elétricas e outras de força e luz. Foi fundadora das casas: João Day, Bromberg e Cia., importadores; Luís Noelcher e Cia., negociantes a varejo, de ferragens, utensílios sanitários e caseiros; O cilindro, importadores de máquinas de costura, utensílios para eletricidade, instalações elétricas, máquinas de escrever, espingardas e armas diversas, munições, etc.; União de Ferros (Bromberg, Dauth e Cia.), importadores de ferro bruto, aço, cobre, bronze e outros materiais, ferramentas para ferraria e materiais para construção (WRIGHT, 1913, p. 21).

No próximo capítulo serão apresentados mais detalhes sobre o empreendimento da Bromberg & Cia., uma rede de negócios gerenciada por alemães que se espalhou com sucesso pelo sul da América do Sul, chegando a outros continentes.

2 BROMBERG & CIA: UMA REDE SE ESPALHA PELA AMÉRICA DO SUL

Conforme já mencionado, não vieram apenas colonos para as áreas rurais do sul do Brasil. Somado a esses imigrantes, vieram também homens de negócio, possuidores de capitais, os quais podiam investir em seus próprios empreendimentos. Sandra Pesavento (1991), ao analisar o processo de industrialização no Rio Grande do Sul, afirma que o burguês imigrante já vem pronto da sua terra de origem, e este vai trazer o capital necessário para iniciar os primeiros negócios, bem como experiência profissional:

Dois outros elementos devem ainda ser destacados nas origens do processo de industrialização no Rio Grande do Sul: o chamado burguês imigrante, que já vem pronto da sua terra de origem, trazendo capital e experiência profissional na gestão de alguma empresa, e o capital bancário. Via de regra, entre a chegada do burguês imigrante da Europa e o seu estabelecimento como empresário decorreram apenas alguns anos, o que demonstra que este burguês é portador não apenas de uma experiência técnica e empresarial como também de uma acumulação prévia de capital passível de ser imediatamente investida em algum negócio (1991, p. 43).

Patrícia Bosenbecker (2017), ao analisar a figura dos imigrantes empreendedores da família Rheingantz, cita as atividades transnacionais, as quais não se tornaram a principal forma de adaptação econômica dos imigrantes, pelo contrário, apenas uma pequena parcela desse grupo tornou-se empresário transnacional. Os estudos dessa autora (BOSENBECKER, 2017, p. 23) apontam ainda que esse tipo de empreendedorismo é resultante, sobretudo, de homens com firme inserção na estrutura familiar, homens com instrução, bons relacionamentos e uma sólida implantação no país de acolhimento, o que facilitava o sucesso nos negócios viabilizados fora da Alemanha.

É importante destacar que esses homens de negócio exerceram uma importante influência sobre os grupos com poder econômico daquela época. O conhecimento e o espírito de empreender, somado ao capital, foram os principais pilares que lhes conferiram bons resultados, sucesso, poder e fortuna ao longo dos anos. Observa-se, contudo, que, embora apareçam nomes nacionais entre os fundadores de empresas importantes no contexto do estado nesta época, justamente as que tiveram maior destaque no parque industrial gaúcho foram constituídas a partir de elementos de origem imigrante, especialmente, de imigrantes de primeira geração ou de segunda. Permanece, portanto, como certa a vinculação básica com o processo de imigração e colonização como decisiva para a origem do capital industrial.

A maioria desses imigrantes citados por Pesavento (1991) se transformou em empreendedores no Rio Grande do Sul, ou seja, influentes diretores de grandes empresas, e, ainda, mantendo relações comerciais fortes com alguma cidade alemã. Hamburgo na Alemanha se tornou, em pouco tempo, um importante fornecedor de produtos industrializados para o Brasil, país cujas iniciativas industriais estavam apenas começando. Com o tempo, os produtos importados da Alemanha, especialmente as máquinas, entrariam no país pela região sul, tendo como portão de desembarque a cidade portuária de Rio Grande, viabilizando o processo de industrialização do estado. Nesse contexto, um imigrante alemão se destacou: Martin Bromberg. Pioneiro das empresas Bromberg & Cia., Martin chegou ao Brasil no final do século XIX, trazendo, além de ideias, capital para investir e experiência empreendedora adquirida na Alemanha com seu pai.

2.1. MARTIN BROMBERG E A GÊNESE DOS NEGÓCIOS DE IMPORTAÇÃO

Foi na cidade de Porto Alegre onde grupos oriundos de imigrantes alemães fundaram grandes casas de comércio. As primeiras a fazer sucesso foram as casas de importação, entre elas, Fraeb, Huch, Foelzer, Telscher e Holtzweissig (ROCHE, 1969). Porém, de todos esses grupos, nenhum teve maior responsabilidade no processo de industrialização do Rio Grande do Sul do que as firmas Bromberg. Nos primeiros sessenta anos, após fusões com outras empresas e a entrada e saída de sócios²², o empreendimento se chamou Bromberg & Cia, porém, a partir dos anos 1930, com a decadência das firmas, ocasionada pela crise da Bolsa de Valores de Nova Iorque em 1929, a empresa passou a ser conhecida como Bromberg Sociedade Anônima, Importadora, Comercial e Técnica. Nas memórias de Walther Bromberg, bisneto de Martin, percebe-se, exatamente, a gênese dos negócios de importação nas mãos desses alemães:

Esse negócio nasceu no final do século XIX, porque no Brasil não existia indústria e nem interesse em se industrializar. Somente mais tarde, com o desenvolvimento e principalmente com a imigração de europeus aqui no sul, onde o desenvolvimento econômico não dependia somente da escravatura, houve um interesse maior. Tanto é que as primeiras firmas que se instalaram tiveram oportunidade de importar

²² Ver nos ANEXOS a cronologia da Bromberg & Cia. (1860 – 1932).

praticamente de tudo. No Rio Grande do Sul, a firma Bromberg foi a que mais se desenvolveu. A partir de pequenas firmas, que aos poucos foram sendo incorporadas pelo meu bisavô. Foi também a primeira firma grande que começou a trabalhar com os caixeiros viajantes que distribuía principalmente a cultura europeia aqui no sul do Brasil, e que, em contato com os imigrantes, foram descobrindo as necessidades que havia. E havia uma necessidade grande de todo tipo de importação de mercadorias. Principalmente, a firma Bromberg chamou a atenção para a importação de maquinário mais pesado, máquinas para indústrias, para agricultura e para a geração de eletricidade que era uma novidade na época (BROMBERG, 2018).

As memórias do depoente possibilitam uma síntese dos negócios empreendedores dos Bromberg no Brasil, especialmente no Rio Grande do Sul. Walther recupera, desta forma, as primeiras ações da firma que passou a operar na cidade de Porto Alegre:

Era praticamente impossível alguém como cidadão importar algum material, isso por dificuldade de comunicação. A única possibilidade de comunicação que havia era o telégrafo que era caríssimo, e já naquela época a firma Bromberg tinha desenvolvido toda uma biblioteca de telegramas cifrados para poupar na despesa. Eles tinham uma biblioteca enorme de compêndios – que cada artigo importado tinha uma diversa chave com as quantidades e os preços. Então isso reduziu enormemente o texto dos telegramas. Isso foi feito na Alemanha e a cópia desse livro existia aqui em Porto Alegre, como foi distribuído na Alemanha para os principais fornecedores. Então barateou muito a comunicação e possibilitou todo um intercâmbio rápido. Outro problema era o transporte. Como eles exportavam (da Alemanha) em grande quantidade, eles tinham facilidade com todos os transportadores marítimos – tanto alemães como ingleses também. Tanto é que vinham aqui para Porto Alegre navios com carga completa carregados na Europa. Os navios menores entravam aqui, não os grandes (esses iam a Rio Grande). Os grandes não entravam aqui. Seguido entravam em Porto Alegre navios da companhia Hamburguesa sul americana (Hamburg Süd) - Companhia Hamburguesa Sul Americana. Entravam em Porto Alegre e eram encomendas das Firms Bromberg (BROMBERG, 2018).

Assim, diante das necessidades de cada lugar, especialmente no interior do Rio Grande do Sul (cujo abastecimento era feito pelos caixeiros viajantes), verifica-se a importância dos negócios da Bromberg. As firmas supriram, essencialmente, a falta de máquinas e ferramentas, fundamentais para as incipientes indústrias, para a agricultura e para a geração de eletricidade em todo o país.

No ano de 1913, em comemoração ao meio século da fundação das casas Bromberg, com o patrocínio da família, foi editado na Alemanha o álbum “Bromberg & Cia (1863-1913)”. O livro, composto de 236 páginas (escrito em alemão e traduzido para o português) possibilitou a descoberta de textos e imagens inéditas sobre as filiais da Bromberg espalhadas pelo Brasil e exterior. De fundamental importância para o resgate da história dos negócios, a obra traz os primeiros cinquenta anos do empreendimento que teve início em Hamburgo:

Naquela época, quando ainda não estava unida a Alemanha e seus filhos viam-se constringidos a recorrerem ao patrocínio alheio quando se achavam em terras estranhas, veio ao Brasil, procedente da antiga cidade hanseática de Hamburgo, o chefe-senior da firma, o Sr. Martin Bromberg, para ali, a sombra da afamada hospitalidade do maior dos paizes sul-americanos, lançar a pedra fundamental de uma casa comercial que, surgindo de condições acanhadas, hoje, devido ao espírito empreendedor e à energia incançável dos que lhe estavam e estão à testa, atinge a um grau de desenvolvimento colosso (BROMBERG & Co., 1913, p. 5).

O livro comemorativo ao aniversário da Bromberg recupera a história empresarial de uma das firmas mais importantes do cenário gaúcho nas primeiras décadas do século XX. Da mesma forma, enaltece o trabalho dos fundadores, da família, dos sócios e dos funcionários e colaboradores da Bromberg:

Hoje, depois de 50 anos de existência, ella estende as suas ramificações pelas costas do Atlantico, abrangendo os Estados Brasileiros e vai, muito além das frondosas mattas virgens do Norte e das vastas planícies do Sul, arraigar-se nas plagas da Republica Argentina. Para transplantar a cultura de dois milênios do velho mundo ao novo, assiduamente coadjuvaram os fundadores e colaboradores da firma (BROMBERG & Co., 1913, p. 5).

A obra em questão informa também sobre as pequenas firmas, as quais foram sendo encampadas pela Bromberg, ao longo dos anos, empresas que foram adquirindo força nas mãos de Martin Bromberg e de seus colaboradores. Walther Bromberg (2018) retoma mais momentos da formação da Bromberg & Cia. no século XIX:

Em 1863, ano que chegou a Porto Alegre, procedente de Hamburgo, Martin Bromberg assumiu a firma Holzweissig & Cia. tendo como socio Jacob Rech. Este era sócio da importadora de ferragens Kopp & Rech. Com a retirada do sócio sr. Kopp da sociedade, Assumindo em seu lugar Martin Bromberg, mudaram a denominação para Jacob Rech & Cia. Mais tarde admitiram como sócio Sr. B. Sesiani. Com o aumento dos negócios houve necessidade de abrir novas casas de comercio. Isto aconteceu mediante admissão de novos sócios e novas casas sob a razão social incluindo o nome do novo sócio. A primeira foi a de Rio Grande, sob o nome de Holzweissig, Breyer & Cia. Sucessivamente foram criadas outras sociedades em Porto Alegre, Rio Grande e Pelotas, e mais tarde em outros municípios, Sempre tendo um, ou mais dos três sócios - Rech, Bromberg e Sesiani - no comando. Em 1870, havendo necessidade de organizar uma casa de compras na Alemanha, retornou a Hamburgo o sr. Rech, fundando a casa de compras do grupo sob nome individual de J. Rech. Até lá, as compras eram feitas através de uma casa de comissões hamburguesa, que teve dificuldade de acompanhar o crescimento das encomendas, alem de onerar sobremaneira as transações. Com a mudança do Sr. Rech a Hamburgo, ficaram na gerencia das casas no Brasil, os Srs. Bromberg, Sesiani e Breyer. Em 1873 Martin Bromberg retornou a Hamburgo, sendo seguido, poucos anos após, por Sesiani, que poucos anos após se retirou dos negócios. Com a mudança de residência dos três sócios a direção das casas no Brasil foi confiada a empregados de confiança, alguns admitidos como sócios. O crescimento das atividades comerciais exigiu a abertura de novas casas, o que era feito pelo sistema já aprovado, mediante admissão de novos sócios, e novas razões sociais, que incluíam o nome do novo sócio. Com isto, após diversas

saidas, trocas e admissão de novos sócios, a casa matriz em porto Alegre passou a chamar-se sucessivamente, Ernesto Bencke, Rech & Cia, em 1890 Lau, Huber & Cia, quando foi admitido como sócio Junior Artur Bromberg, dando origem a denominação João Day, Bromberg & Cia, e a partir de 1895, Bromberg & Cia. Em 1887, com o falecimento de J. Rech, Martin Bromberg ficou sendo proprietário único da casa de compras em Hamburgo, conservando para ela a antiga firma J. Rech. Registro aqui as informações de que disponho que simultaneamente tomou conta de todas as casas no Brasil, abolindo a exportação de manufaturas. Tenho dúvidas quanto ao significado destas afirmações. Não se trata, a meu ver, de modificação de status das diversas firmas no Brasil em filiais, mas de uma declaração que estas firmas, que eram autônomas, são de sua propriedade, passando a gerenciá-las diretamente de Hamburgo. A afirmação da abolição das exportações deve ter cunho na legislação comercial na Alemanha na época, facilitando o fornecimento de mercadorias de uma firma alemã às suas propriedades no exterior. As mesmas informações dão conta que havia dificuldades, necessitando de inúmeras explicações à burocracia na Alemanha, motivadas pelas diferentes denominações das casas no Brasil, totalmente diferentes da firma J, Rech em Hamburgo. A denominação das casas no Brasil obedeceu à legislação brasileira, diferente da alemã. Em 10 de Janeiro de 1910 a casa de compras de Hamburgo passou a denominar-se Bromberg & Cia, permanecendo como sócios solidários Martin Bromberg e seu filho primogênito Bartolomeus Martin Bromberg.

Em 1910, a casa de Hamburgo passou a se chamar Bromberg & Cia., período em que permaneceram como sócios Martin e Bartolomeu, respectivamente, pai e filho. Com o passar do tempo, e, diante da urgência em se desenvolver o parque industrial brasileiro, a Bromberg passou a concentrar-se na exportação de máquinas, diretamente da Alemanha, para o sul do Brasil:

O Brazil instituiu os direitos prohibitivos sobre uma serie de produtos europeos com o intuito de facultar e proteger o desenvolvimento de uma indústria indíggena. Como, porém, as ricas jazidas de minérios no Brazil acham-se por emquanto pouco aproveitadas, sobretudo a exploração de minas de ferro, que, por assim dizer, está ainda no primeiro período de puerícia, as novas industrias d'aquella Republica dependem sempre da Europa quando necessitam de produtos de ferro (BROMBERG & Co., 1913, p. 141).

Nesse sentido, a empresa vinha ao encontro dos interesses do governo brasileiro, na época, intensificados pela ideia de iniciar o processo de industrialização. Com o objetivo de fomentar a instalação de fábricas pelo país, os dirigentes brasileiros passaram a favorecer a importação de máquinas industriais, o “carro-chefe” das empresas Bromberg & Cia. Eram máquinas direcionadas especialmente para as cervejarias, moinhos, fábricas de madeiras, de tecidos, de papel, serrarias, olarias, entre outros.

Desde a instituição d'esses direitos proibitivos, as firmas Bromberg & Cia. e Bromberg, Hacker & Cia. importam essencialmente machinas de toda espécie, construindo também fabricas completas e instalações technicas prontas a funcionarem. Assim construíram em todos os Estados do Brazil cervejarias, moinhos

de trigo, fabricas de manipulação de madeiras, fabricas de parafusos, de chapéus, de moveis, de papel, de tecidos, de phosphoros, serrarias, olarias, etc., munidas de todos os recursos da technica moderna, o que faz com que já hoje os seus produtos possam concorrer francamente com os produtos europeos no que diz respeito à sua qualidade (BROMBERG & Co., 1913, p. 141).

O mesmo ocorreu na agricultura, onde a importação de máquinas e a compra de ferramentas agrícolas surgiram a partir da necessidade de desenvolver técnicas produtivas e de possibilidades de competição no mercado internacional. Foi nesse período também que foram importados os primeiros objetos requintados para o lar, como louças de porcelana, vidro e cristais, negócio que se perpetuaria ao longo dos anos (mesmo após a quebra da Bromberg), associando a marca Bromberg a artigos para casa e decoração²³. Segundo Roche (1969, p. 448), “a tendência dessas casas para a especialização estendeu-se aos tecidos para móveis, aos tapetes, às cobertas de mesa, às porcelanas e cristais em resumo, a todas as seções de artigos para o lar e da decoração, o que corresponde, aliás, ao prestígio dos arquitetos de origem alemã”. Em Porto Alegre, os estabelecimentos de decoração e objetos para o lar situavam-se no centro da cidade, conforme informa Walther (2018):

Nos primeiros anos de operação da firma em Porto Alegre, o grosso de produtos importados foi de ferramentas manuais para todos os fins: ferragens para fabricação de carretas, ferros para necessidades das ferrarias, telhas de chapa de ferro zincadas, e, em enormes quantidades de rolos de arrame farpado, pois estava iniciando o cercamento das estâncias. Na época, a firma operava, também, no ramo mole - fazendas - e objetos caseiros, louças e vidros.

Esse desenvolvimento levou a uma expansão das atividades técnicas e de engenharia da empresa, viabilizando um departamento composto por engenheiros de diferentes ramos. Essa importante área técnica da Bromberg era responsável por inúmeros serviços

²³ Na década de 1930 com a quebra da Bromberg & Cia (mais detalhes no capítulo 4), surgiu a Bromberg S/A, cujas lojas situavam-se no centro da cidade. A matriz, com sede na Rua da Praia, era o endereço certo para comprar tudo o que fosse necessário para casa, desde utensílios úteis até artigos finos de decoração. Assim, a loja da Andradas era conhecida por “Palácio Encantado da Dona de Casa”. A Bromberg Sociedade Anônima foi a primeira empresa gaúcha a importar o fusca da Volkswagen, da Alemanha, conforme relembra Rita Bromberg Brugger: “Sou bisneta do fundador. Nasci e morava em Porto Alegre e, certamente, fui uma das melhores e mais assíduas clientes. Tudo o que a nossa família e a vizinhança precisava, eu comprava depois da aula: desde os alfinetes, lâmpadas, tintas, cristais. Tudo o que conseguia carregar e levar de ônibus. Morávamos além da Tristeza e por lá o comércio se baseava principalmente em cebola e batata. Presenciei a enchente de 1941 e também o quebra-quebra, em 1943 ou 1944, quando depredaram o varejo. Lembro de vidro estilhaçado e tudo quebrado dentro da loja. O meu pai comprou um dos primeiros fuscas que chegaram na firma, era verde claro” (MACHADO, 2014, p.58).

especializados, entre eles as instalações de máquinas a vapor e caldeiras, ferrovias, iluminação e força motriz, fábricas de gelo, filtros, construção industrial, instalações de carros, máquinas agrícolas, motores, moinhos, bombas, construções navais, turbinas e mesmo de fábricas de fiações e tecidos. Walther (2018) explica como funcionava o departamento de engenharia da Bromberg & Cia.:

Nasceu dentro da Bromberg & Cia o departamento denominado Bromberg Engenheiros, para dar apoio técnico às vendas de máquinas e equipamentos. Bartolomeu Martin Bromberg aprendera, em sua passagem por Montevidéu e Buenos Aires, que este tipo de venda necessitava de acompanhamento técnico. O equipamento em Montevidéu não funcionou como devia, por erros de montagem pelos montadores locais, que danificaram peças, que tiveram de ser substituídas. Em Buenos Aires o problema fora causado pelos foguistas, que, por falta de instrução e controle, não alimentaram corretamente as fornalhas das caldeiras. As importações de máquinas e equipamentos tiveram crescimento vertiginoso. As vendas passaram a não ser mais de máquinas isoladas, mas a firma passou a vender instalações completas, no sistema "turn key". Isto é, a instalação tinha sua viabilidade econômica. O local de sua instalação, examinado pela Bromberg Engenheiros, que produzia todas as plantas necessárias, mandava realizar por terceiros os trabalhos de infraestrutura e construção necessários, tais como abertura de canais através de terreno rochoso, construção de barragens em concreto armado e construção dos pavilhões necessários ao abrigo de máquinas. A instalação era entregue completa, funcionando. Foram fornecidas, neste sistema, usinas hidroelétricas, usinas elétricas a vapor, moinhos para moagem de grãos, engenhos para secagem beneficiamento de arroz, estações de levante de água, tecelagens, fabricas de embutidos, cervejarias, ente outros. Em algumas pequenas hidroelétricas pelo interior do Rio Grande do Sul, ainda pode se ver a placa de bronze com os dizeres Bromberg Engenheiros.

Bartolomeu, um dos filhos de Martin Bromberg, em sua passagem pelo Uruguai e pela Argentina, pôde conhecer as reais necessidades dos serviços técnicos, os quais deveriam acompanhar a venda das máquinas alemãs. É importante salientar que esse quadro de funcionários especializados, o qual prestava serviços para as firmas Bromberg, era oriundo de escolas técnicas e universidades localizadas no exterior. Muitos eram descendentes de imigrantes já radicados no Brasil, pois era prática, no início do século XX, as famílias de imigrantes (com boa situação financeira) enviarem seus filhos para estudar fora do Brasil, cujo propósito era o de adquirir experiência no negócio:

Esta liderança empresarial, com origens sociais marcadas pela influência imigrante e pela presença do capital mercantil, constituiu-se basicamente de grupos familiares, entrelaçados entre si por casamentos; a partir da primeira década do sec. XX tal liderança passou a enviar seus descendentes à Europa e aos Estados Unidos para lá adquirirem experiência profissional e conhecimentos (PESAVENTO, 1991, p. 105).

Além dos Bromberg, outros alemães também enviaram seus filhos para estudar no exterior. Entre esses figuram nomes conhecidos no cenário empresarial do Rio Grande do Sul,

como: Ritter, Sassen, Becker, Gerdau, Pabst, Eberle, Dreher, etc. A necessidade de habilitação técnica foi resolvida, desta forma, com a formação desses jovens fora do país. Além de completar os estudos, os alemães aproveitavam também para realizar estágios ou visitas guiadas em centros industriais conhecidos, especialmente na Alemanha e Inglaterra. Para Pesavento, “a segunda e terceira gerações de industriais de descendência alemã no Rio Grande do Sul estudaram na Europa, aprendendo a manipular novas máquinas e recolhendo experiência técnica e organizacional” (1988, p. 60). Essa experiência foi preponderante para o desenvolvimento e o sucesso dos negócios familiares.

A abertura de filiais²⁴ no Brasil e na Argentina revela a vasta rede em que se transformou a Bromberg, ao longo dos anos. A expansão do empreendimento possibilitou aos

²⁴ O termo “filial” na concepção do depoente Walther Bromberg não se aplica as casas fundadas por Martin Bromberg e administradas pela família e demais gestores na América. Segundo Walther: *“Esta situação de dependência de gerência das diversas casas a partir de Hamburgo permaneceu até 1922. Premido pela depressão econômica pós- guerra, Bartolomeu Martin Bromberg, que após falecimento de Martin Bromberg em 1918 tornou-se proprietário único da casa de compras em Hamburgo, propôs aos irmãos que as diversas casas Bromberg & Cia. por eles gerenciadas se tornassem autônomas, mantendo a casa de compras em Hamburgo, operando todas sob um Contrato de Pool. Tal proposta foi aceita por todos. Não tenho conhecimento das exigências deste Contrato Pool, e jamais tive acesso à sua redação. Esta situação perdurou até 1930, quando houve a falência da Bromberg & Cia Porto Alegre. Pelo exposto, creio que as casas Bromberg no Brasil, bem como as casas que deram origem a estas, não podem ser consideradas filiais da casa em Hamburgo, pelo menos não no sentido clássico, pois todas eram firmas autônomas. O que as unia foi o fato de todas se originarem da iniciativa dos sócios Jacob Rech, Martin Bromberg e B. Sesiani, e operavam todas as compras na Alemanha através de uma central de compras, inicialmente por casa de comissões, a partir de 1870 pela firma J. Rech, que deu origem à firma Bromberg & Cia em Hamburgo, cuja gerência geral, a partir de 1873, foi exercida por Martin Bromberg, pessoalmente, a partir de Hamburgo”*. E segue Walther em sua análise sobre a questão “filial x matriz”: *“Conforme informa o livro da Bromberg na página 54, a primeira filial criada pelos três sócios, J. Rech M. Bromberg e B. sesiani foi a de Rio Grande. Cabe aqui uma explicação. Sem dúvida, a intenção foi estabelecer uma filial. Ocorre que na época a legislação exigia que uma nova casa comercial a ser aberta em qualquer município tivesse ao menos um dos sócios residentes no local. Por isso a casa aberta em Rio Grande foi registrada como Hozweissig, Breyer & Cia. como teve razão social da casa que deveria ser sua Matriz, J. Rech & Cia, em Porto Alegre. Porto Alegre, legalmente, não foi sua filial. O mesmo ocorreu com as outras casas que foram abertas pelo grupo. A legislação na Alemanha era diferente, mas também não reconhecia interdependência entre a firma Jacob Rech & Cia de porto Alegre e J. Rech de Hamburgo. Somente após a casa em Rio Grande girar, a partir de 1906, sob o nome de Bromberg & Cia, identifiquei ao novo nome, a partir de 1895, da casa de Porto Alegre. Esta foi a primeira filial da casa de Porto Alegre. Em 1910 a casa J. Rech em Hamburgo também passou a girar sob o nome de Bromberg & Cia. estabelecendo-se então relação de matriz - filiais. Não está claro aqui qual delas foi a matriz. O livro na página 14 menciona "a casa matriz em Hamburgo está continuamente em correspondência com os amigos e fregueses de além mar." Já Martin G. Bromberg afirma que a matriz foi a casa de Porto Alegre, tendo como filiais as casas de Rio Grande, Hamburgo, São Paulo e Rio de Janeiro. Seja como for, sócio majoritário e controlador foi o fundador do conglomerado Martin Bromberg. Creio ser importante incluir esta observação em teu trabalho, pois sem ela fica estranha a decisão tomada pelos irmãos Bromberg, em 1922, de declarar autônomas as diversas casas”* (BROMBERG, 2018). A tese seguirá se referindo às lojas Bromberg & Cia. instaladas na América, como “filiais”, exceto a casa de

gestores da empresa ocupar posição de destaque entre os exportadores de Hamburgo voltados à América do Sul. Além do maquinário alemão (máquinas, motores, caldeiras e ferramentas para indústrias) que era vendido no Brasil, ficaram conhecidos os “locomóveis” (mais detalhes no capítulo 2.6). Os locomóveis eram veículos motores utilizados para movimentar cargas pesadas sobre estradas, para aragem de solo ou para fornecer energia em locais determinados. A Bromberg também importou telefones, telégrafos e automóveis (ficou conhecido o fusca alemão), todos com ampla aceitação no mercado brasileiro.

A construção de ferrovias, estradas, pontes férreas, bem como todo o material correspondente foram igualmente fornecidos pelas firmas Bromberg. E, na área de navegação, muitos navios a vapor, à gasolina, rebocadores, chatas, lanchas e iates entraram no Brasil por meio desta companhia. Entre os navios, destacaram-se os vapores à roda, conhecidos por “Rio Taquari, Brasil, Rio Grande, Montenegro” e o rápido “Ivohy”. Já o vapor de passageiros de nome “América”, também fornecido pela Bromberg, fazia a ligação entre Hamburgo e o Brasil. As firmas atuaram igualmente em projetos de aproveitamento de rios, cachoeiras e lagos (tema analisado no capítulo 3.1).

Nos primeiros anos do século XX, a expansão das casas comerciais e dos escritórios representantes da Bromberg resultou no aumento das exportações de máquinas de escrever diretamente das filiais localizadas em Hamburgo. Especialmente as casas do Rio de Janeiro e São Paulo importaram um grande número desses equipamentos:

O progresso econômico do Brasil e da Argentina teve, como consequência imediata, um aumento contínuo das casas comerciais e por conseguinte dos escritórios antigos, sendo construídos muitos escritórios novos que, naturalmente, tinham que ser munidos de todos os petrechos modernos. Assim é que a firma Bromberg & Cia. encetou a exportação das máquinas de escrever, o artigo de primeira necessidade num escritório moderno, vendendo muitíssimas delas sobretudo no Brasil. Só as firmas de São Paulo e Rio de Janeiro importaram 1700 máquinas de escrever. No Sul do Brasil a vida comercial não tomou o mesmo impulso como no Brasil do Norte e Central, assim é que as casas do Estado do Rio Grande do Sul venderam apenas 320 máquinas, enquanto que a sucursal de Buenos Aires, onde a respectiva marca de máquina de escrever ainda era desconhecida e tinha que ser primeiramente

Hamburgo na Alemanha e a de Porto Alegre, conforme registrado no livro comemorativo aos 50 anos da empresa (BROMBERG & Co.,1913).

introduzida, deu sahida aproximadamente 100 machinas. Em resumo, a venda total chegou a mais de 2000 machinas de escrever (BROMBERG & Co., 1913, p. 160).

Atentos às novidades do mercado europeu, os gestores da Bromberg na Alemanha comercializavam não só equipamentos para o lar, mas também para escritórios, fábricas, instituições públicas e privadas. Exemplo disso foram as vendas de elevadores no Brasil. O crescimento acelerado das cidades, bem como a edificação de altos prédios com muitos andares dependeu de invenções, entre elas, do elevador. As novidades no ramo da construção civil e da arquitetura eram o reflexo da modernidade vivida nas grandes cidades naquele período. Os elevadores tornaram-se rapidamente necessários. Eles foram comercializados e instalados pela Bromberg, a partir de 1912. Capitais como Buenos Aires, São Paulo, Rio de Janeiro e Porto Alegre, foram as primeiras a experimentar a novidade, produzida, especialmente pelas fábricas alemãs.

Mas não foram somente os elevadores que chamaram a atenção dos moradores das grandes cidades. Outras modernidades seguiram sendo introduzidas no Brasil pelas firmas alemãs. A Bromberg comercializou também máquinas de lavar e de passar roupas para uso de grandes lavanderias. Tais máquinas eram uma novidade para a época, e isso fazia com que as filiais da Bromberg espalhadas pela América do Sul fossem muito procuradas por essas empresas. A Companhia Nacional de Calefação localizada na cidade de Buenos Aires costumava adquirir as máquinas:

Entre as lavanderias fornecidas é sobretudo digna de menção uma grande instalação de lavagem a vapor fornecida pela casa de Buenos Aires a Companhia Nacional de Calefaccion. Ella consiste de 4 machinas a vapor universaes com tambores duplos para lavar e enxaguar, 9 centrífugas, 3 aparelhos de secar com bastidores, 4 calandras à machina para estirar roupa e 2 à mão, 1 calandra de cyllindros a vapor e machina de passar a ferro, 1 aparelho de desinfecção e 26 vagonetas para roupa (BROMBERG & Co., 1913, p. 159).

A Bromberg, por meio de sua matriz localizada em Hamburgo, comercializava ainda máquinas refrigeradoras e de fabricação de gelo para uso em armazéns, muito úteis para a conservação de produtos perecíveis, como carnes, frios e laticínios em geral. A filial de Porto Alegre recebia esses frigoríficos e os distribuía pelo estado:

Além das grandes instalações frigoríficas e de fabricação de gelo, mencionadas mais adiante, a casa de Hamburgo forneceu ainda para a indústria de carniceiros uma machina de gelo, à base de acido sulfuroso, com uma capacidade de 15000 calorias por hora para refrigerar armazéns, destinados a conservação de carnes e salames. A sucursal em Porto Alegre também forneceu uma machina frigorifica de 30000

calorias por hora, igualmente destinada a resfriar camaras de salames e carnes em salmoura (BROMBERG & Co., 1913, p. 160).

As filiais no Brasil importaram, igualmente, uma grande quantidade de guindastes, entre eles muitos guindastes corrediços e com acionamento elétrico. Também chegaram ao país, especialmente para a filial de São Paulo, guindastes manuais e rotativos com uma capacidade de carga de 5.000 até 20.000 kg. As características desses guindastes com acionamento elétrico estão descritas no livro da Bromberg: “capacidade de carga é de 5.000 kg, sendo o vão de 18 m e a altura de levantamento de 6,9 m; este guindaste foi fornecido pela casa de São Paulo para uma serraria, tendo sido construído pela firma Fried, Krupp Aktiengesellschaft Grusonwerk, Magdeburg-Buckau” (BROMBERG & Co., 1913, p. 164).

Uma marca registrada da Bromberg era a capacidade para diversificar os negócios, o que lhe rendeu bons lucros. Na virada do século XX, novas tecnologias ampliaram as possibilidades de impressão, especialmente para documentos de grande circulação, como as revistas e os jornais. A empresa forneceu e instalou tipografias para a impressão de livros e jornais. Em torno de 1913, “a casa de São Paulo forneceu 14 typographias completas, prontas para funcionarem e 2 officinas de encadernação; a de Buenos Aires 20 typographias e oficinas na Capital e na Província” (BROMBERG & Co., 1913, p. 159). A loja localizada na capital gaúcha forneceu as mesmas tipografias, as quais foram fundamentais para a impressão dos jornais porto alegrensenses na época:

“Até princípios de 1913 foram fornecidas 40 machinas para compor e fundir linhas, 147 prelos de impressão de livros, entre eles varias machinas grandes de rotação, prensas rápidas, prelos typographicos rápidos, prelos lithographicos e machinas de dourar, assim como prelos e cylindros a mão, prelos rápidos “Phönix” de impressão plana e muitos outros” (BROMBERG & Co., 1913, p. 159).

Foram muitas e diferentes as atividades comerciais, daí a sua radiação por todo o Rio Grande do Sul e sua consistente influência na economia gaúcha. A Casa de Hamburgo intensificou suas relações com diversos fabricantes da Alemanha, entre eles, Siemens, Lanz, Steinmiller, Hannoversch e Volkswagen, objetivando manter nas suas sucursais brasileiras consideráveis depósitos de veículos, máquinas para cervejarias, prensas tipográficas, dínamos, motores a vapor, elétricos e óleo, caldeiras, telefone, telégrafos, entre outros. A empresa envolveu-se também com fábricas de madeira, de tecidos, de fiação, de papel, usinas de açúcar, cervejarias, fábricas químicas, de tijolos e ladrilhos, moinhos e bombas.

Importante salientar que os portos foram fundamentais para a expansão dos negócios. Os navios que chegavam aos portos do Rio Grande do Sul abasteciam de mercadorias cidades importantes como Rio Grande e Porto Alegre. Porém, esse abastecimento era diferenciado devido ao tamanho do porto e da capacidade (calado) do rio. Por isso, os grandes navios que transportavam cargas maiores não entravam no porto da capital, apenas em Rio Grande. As mercadorias, em sua maioria, vinham de países europeus como Inglaterra, França, e, especialmente da Alemanha.

Sobre os negócios da Bromberg e a relevância desse comércio importador, Sérgio da Costa Franco (1983, p. 116) conclui:

Cabe destacar, outrossim, que o comércio importador de Porto Alegre, mormente o especializado em engenhos mecânicos e em material elétrico de procedência alemã, teve um relevante papel no desenvolvimento industrial do Estado. O historiador e sociólogo Jean Roche incumbiu-se de mostrar o notável papel desenvolvido pela firma Bromberg & Cia. e suas antecessoras de diferentes razões sociais, tanto no introduzir implementos agrícolas modernos, como no implantar instalações industriais de beneficiamento e secagem de arroz, cervejarias, teares e plantas metalúrgicas, afora numerosas usinas elétricas.

Roche (1969) examina a trajetória das empresas partir da chegada de Martin Bromberg (1839 – 1918) ao estado, na década de 1860, e sua estreita ligação com a cidade alemã de Hamburgo. O autor também faz referência a uma companhia de navegação²⁵ que tinha estreita ligação com as firmas Bromberg. Esta companhia hamburguesa teria organizado o mais completo serviço para o sul do Brasil, pois muitos de seus navios chegavam até o porto de Rio Grande. Sobre esse assunto, esclarece Walther Bromberg (2018):

Em 1866, em Hamburgo, Martin negociou novos mercados para seu empreendimento, pois os negócios estavam crescendo vertiginosamente, Através de um amigo de infância, Sr. Carl Laeisz, proprietário de frota de navios - os famosos P-Liners, assim conhecidos porque os nomes de todos iniciavam com a letra P. Eram veleiros de quatro e cinco mastros, os maiores, mais modernos e mais velozes da época. Anos mais tarde Sr. Carl Laeisz fez parte da diretoria da nova Empresa de Navegação a Vapor Hamburgo Sul America (Hamburgsüdamerikanischedampfschiffertsgesellschaft) para quem gosta da palavras sem fim em alemão - abreviada Hamburg Süd. A partir daí, toda

²⁵ A Hamburg Süd é uma empresa transportadora marítima de mercadorias alemãs fundada em 1871 com o nome de Hamburg-Südamerikanische Dampfschiffahrts-Gesellschaft, Sociedade Hamburgo-Sul-americana de Navegação e Navios a Vapor; mais tarde abreviadamente Hamburg Süd ou HSDG (ROCHE, p. 456).

mercadoria importada pela Bromberg & Cia passou a ser transportada, exclusivamente por esta Companhia de Navegação.

Desta forma, Martin Bromberg já negociava, no final do século XIX, a expansão dos negócios. É importante ressaltar que Bromberg, o fundador do negócio, era filho de um banqueiro de Hamburgo, que lhe forneceu os primeiros capitais, favorecendo, assim, o desenvolvimento inicial do empreendimento. Detalhe importante a se registrar, portanto, é o fato desse imigrante já possuir capital para os primeiros investimentos no Brasil, o que facilitou os investimentos, especialmente no Rio Grande do Sul.

Martin era um empreendedor nato. Na infância, costumava ser destaque na escola, local onde apenas aprimorava aquilo que já sabia. Era ótimo com os números, ênfase especialmente nos estudos de matemática, conforme lembranças de seu filho Arthur (1959):

Você sabe como o papai foi talentoso. Quando ele estava na escola, o professor da classe lhe disse: "Bromberg, você tem uma boa cabeça". Teve um desempenho extraordinário que poucas pessoas conseguem reproduzir. Uma vez o papai leu uma carta particular de algumas páginas e depois a reescreveu, puxando pela memória. Papai sempre multiplicava contas de dois dígitos, de cabeça. Quando não conseguimos fazer nossa tarefa de equações com três incógnitas à noite, papai lendo o jornal pediu os fundamentos daquilo e escreveu na margem do jornal, E logo disse: Isso é fácil. Calculava números em uma velocidade extraordinária e sem nenhum erro, E não precisava conferir como temos que fazer para ter certeza.

Segundo Roche (1969), a casa comercial da Bromberg ficou estabelecida em Porto Alegre, em estreita ligação com Hamburgo na Alemanha, de onde vinha o essencial de suas importações, as quais eram distribuídas pelas colônias no interior do Rio Grande do Sul. Eram os primórdios da formação de uma classe social ascendente no estado e que se transformaria, lentamente, no mais importante comércio teuto-rio-grandense do sul da América do Sul. Para Pesavento (1991), formou-se uma liderança empresarial com origens sociais marcadas pela influência imigrante e pela presença do capital mercantil.

Os primeiros anos das firmas Bromberg & Cia. são mencionados também em edição especial da "Revista do Mez" (1923, p. 18), a qual foi dedicada à Colônia Alemã no Rio Grande do Sul:

Em 1863, chegava ao Brasil, procedente de Hamburgo, o sr. Martim Bromberg. Nessa época, a Alemanha não era o grandioso paiz da actualidade. Desunida ainda em seu aspecto político e social, já luctavam os seus filhos, no entanto, para lhe assegurar, com a inteligência e a força de vontade que lhes são peculiares, o futuro esplendido que depois alcançou no concerto das nações. Chegado a Porto Alegre, tomou conta o sr. Martim Bromberg da antiga firma Holtzweissig, que desde 1850 importava manufacturas e ferragens. Prosperou de tal forma a nova firma, que pouco

depois se abria uma sucursal na cidade de Rio Grande. E em 1870, pouco antes da guerra franco-alemã, um dos sócios do sr. Martim Bromberg, o sr. Jacob Rech, transferia residência para Hamburgo, onde estabeleceu casa de compras. Dessa maneira começaram as transacções a se effectuar directamente, o que veio dar novo e importante rumo aos negócios. Consecutivamente, se foram instalando novas filiaes em diversos pontos do Estado, gyrando todas sob os nomes de sócios e empregados de confiança do sr. Bromberg.

A revista tinha por objetivo prestar uma homenagem às empresas alemãs, bem como aos gestores, reconhecidos, na época, como grandes empreendedores:

É um dever comerçarmos por aquella firma, cujos membros estão hoje estreitamente radicados a família brasileira. E esse dever nos é imposto pela somma de benefícios incalculáveis que ella tem prestado ao commercio, a agricultura e a indústria do Estado, além da longa e benemérita contribuição social que correlativamente vem dispensando as nossas instituições de caridade, em repetidas obras de philanthropia, que, por serem envolvidas em tradicional modéstia, não deixam de ocasionalmente chegar ao conhecimento publico. O histórico da casa Bromberg & Cia. acompanha de perto a historia do Rio Grande, desde a ultima metade do século passado. E uma grande parte do reconhecimento que devemos aos nossos maiores, pela obra que realizaram, de construção do nosso futuro, pertence ao fundador dessa poderosa firma, o finado sr. Martim Bromberg, e aos seus dignos e inteligentes continuadores de hoje (Revista, 1923, p. 18).

Para Walther Bromberg, a ideia de trabalhar com importação partiu do pai de Martin (já citado), que era banqueiro e ligado ao comércio exportador na Alemanha. O *know how* do tataravô de Walther provavelmente influenciou as decisões desse imigrante no Brasil. Por isso, a ideia de uma empresa importadora com sólidas ligações com a Alemanha foi gestada pela família naqueles anos finais do século XIX:

A possibilidade deve ter surgido através do pai dele que era um banqueiro. Ele financiava muito o comércio em Hamburgo, que era o comércio essencialmente de exportação. Ele viu um grande espaço para o mercado na América. Não existia na América do Sul nenhuma empresa potente de importação de material, e ele veio basicamente com essa missão: de introduzir e de organizar o mercado de fato. A partir de Porto Alegre, organizou o negócio de exportação pela Alemanha, tanto é que depois de determinado tempo, principalmente quando os filhos adquiriram maioria e foram assumindo os negócios aqui no Brasil, ele voltou para a Alemanha e fundou a firma em Hamburgo como exportador. E aí fez contratos comerciais com a firma na Alemanha. Quer dizer, a firma aqui em Porto Alegre tinha contrato de fidelidade com a firma na Alemanha, e assim foram surgindo outras filiais também. Como era a filial em Buenos Aires e a outra filial em São Paulo. Rio de Janeiro foi filial à firma de São Paulo. Não foi independente como foi Porto Alegre e São Paulo. Aqui no Rio Grande do Sul, as firmas Bromberg tinham diversas filiais, mas eram filiais que respondiam a Porto Alegre (BROMBERG, 2018).

No depoimento, percebe-se o protagonismo da casa localizada em Porto Alegre: uma espécie de loja matriz dos negócios. Lilian Bromberg (2013), outra descendente da família, faz sua análise acerca desses primórdios da empresa no Brasil:

O meu bisavó Martin Bromberg tinha uma firma de importação e exportação em Hamburgo. Ele começou a perceber, na segunda metade do século dezenove, que estavam exportando implementos agrícolas e outras coisas aqui para o centro sul da América do Sul. Em 1863, veio investigar e percorreu toda essa zona. Entrou por Rio Grande, Pelotas, Porto Alegre, São Paulo, Rio de Janeiro, Montevidéu e Buenos Aires. Andou por todos esses lugares, voltou para a Alemanha e depois retornou ao Brasil. Ele começou os negócios aqui.

Segundo a depoente (BROMBERG, 2013), fica fácil identificar não só a origem, mas também o êxito das firmas estabelecidas no Brasil e no exterior. A investigação de Martin Bromberg sobre a possibilidade de investimento, em especial na região sul do país, associada ao espírito empreendedor desse alemão, herdado do pai, foram preponderantes para o estabelecimento e sucesso das firmas no país. Na figura 4 uma lembrança de Martin já idoso, quando retornou a Hamburgo, local onde passou os últimos anos de sua vida.

Figura 4: Martin Bromberg, fundador da Bromberg & Cia.



Fonte: acervo da Família Bromberg

Rita Bromberg Brugger (2013), outra bisneta de Martin, retoma essa trajetória de sucesso do imigrante:

Martin ajudou na imigração alemã, emprestando maquinário e ferramentas; no início da colonização, os imigrantes as usavam, e pagavam conforme os contratos, depois de tempo determinado. Assim, indiretamente, mas consciente, o governo brasileiro (D. Pedro II) obteve ajuda na colonização, podendo usufruir das colheitas em pouco tempo. Martin Bromberg recebeu a medalha da "Ordem da Rosa" de D. Pedro II. Na minha lembrança achava que era pelo mérito do know-how e das máquinas do plantio de arroz (isto um dos meus dois avós me falou), mas Bartolomeu Bromberg, filho de Martin, escreveu que foi por causa do trabalho e execução na exposição teuto brasileira em 1883.

A medalha da Ordem da Rosa, citada no depoimento, foi criada no ano de 1829 pelo imperador D. Pedro I. O objetivo foi o de perpetuar a memória de seu matrimônio, em segundas núpcias, com Dona Amélia. A ordem premiava militares e civis, nacionais e estrangeiros, que se distinguissem por sua fidelidade à pessoa do Imperador e por serviços prestados ao Estado. D. Pedro I concedeu apenas cento e oitenta e nove medalhas, já seu filho e sucessor, D. Pedro II, ao longo do II Reinado, chegou a agraciar mais de 14 mil cidadãos. Entre esses homenageados estava Martin:

Foi em parte pelo sucesso da empresa, mas ele deve ter feito lá por 1870 um contrato para transferência de imigrantes alemães aqui para o Rio Grande do Sul. E isso deu origem as localidades de Teotônia e Sinimbu. E foi o grande sucesso, tanto é que depois de mais alguns anos, cinco ou seis, ele fez outro contrato com o imperador para trazer mais imigrantes. Mas aquilo nunca se realizou porque nesse meio tempo o imperador alemão tinha proibido a imigração em massa de homens alemães porque estava preparando os exércitos para o perigo da guerra entre a França e Rússia. Consta que na primeira leva ele trouxe 4500 indivíduos lá por 1870, e esses receberam terras do império aqui no Rio Grande do Sul (BROMBERG, 2018).

Sabe-se, portanto, do impulso que Martin deu à imigração alemã no Brasil. Em uma das cartas endereçadas a sua irmã Alice, Arthur Bromberg (filho de Martin), escreve sobre a medalha da Ordem da Rosa:

Do imperador Dom Pedro II, papai recebeu o grande prêmio da Ordem da Rosa, que está associada ao título de Comendador. Papai, porém nunca usou a medalha, nem se deixou abordar pelo título de Comendador, assim como ele contou ao Kaiser em Wiesbaden, onde se encontraram, sobre isto e ambos riram (BROMBERG, 1959).

É importante registrar que parte desta trajetória de sucesso das filiais da Bromberg, bem como de seus diretores, encontra-se no livro "Impressões do Brasil no século vinte: sua

história, seu povo, comércio, indústrias e recursos” (WRIGHT, 1913). A obra em questão destaca a importância da economia, bem como dos hábitos burgueses daquela época e explicita a situação econômica de vários municípios gaúchos. Os dados pesquisados referem-se ao ano de 1911, na cidade de Rio Grande. Segundo o autor:

O senhor Martin Bromberg nasceu em Hamburgo, foi educado na Alemanha e na Inglaterra e adquiriu prática comercial em Hamburgo. Na idade de 21 anos veio para Porto Alegre, a rogo dos credores europeus, liquidar os negócios de uma firma falida. Uma vez realizado, iniciou os seus negócios, em princípios de 1863, como importador. Foi promovido por seu pai, o Sr. Ludwig Bromberg, banqueiro conhecido em Hamburgo (WRIGHT, 1913, p. 824).

Da mesma forma, os jornais da época divulgavam em 1913 o cinquentenário das empresas que já eram referência no Rio Grande do Sul. O jornal *O Brazil*, periódico do Partido Republicano do Rio Grande do Sul, cuja sede ficava na cidade de Caxias do Sul, publicou em reportagem de capa uma manchete cujo título era “Bromberg & Cia. meio século”:

É passado meio século que se fundou em Porto Alegre uma casa commercial que, luctando com innumeradas dificuldades em seu início; vencendo, a poder de energia e animo de seus dirigentes, galgou, senão o primeiro, um dos primeiros logares na vida commercial do Brazil. Essa casa que teve as suas diversas e múltiplas phases, acompanhou, seguindo forte sempre e sem esmorecimentos, a linha de vanguarda do progresso de nossa terra. Hoje é ella que todos nós vemos, o que a Europa e a America conhecem – a Casa Bromberg & Cia. Foi em janeiro de 1863 que o Sr. Martin Bromberg, aportando a Porto Alegre, estabeleceu os alicerces desse colosso que se ramificou por quasi todo o Brazil e Rio da Prata, tendo o seu centro de gravidade em Hamburgo, um dos principais portos europeus (O BRAZIL, 1913, p.1).

A revista fazia referência ainda ao trabalho árduo de seus dirigentes, especialmente de seu fundador:

Martin Bromberg empregou na grande empresa a que se propunha, toda a sua energia, todos os seus esforços, todo o seu talento de homem resoluto e empreendedor, e a sua iniciativa redundou, com o correr do tempo, em uma nova era de progresso e desenvolvimento commercial, industrial e econômico para o Brazil, e especialmente para o Rio Grande do Sul. (O BRAZIL, 1913, P.1)

Assim, diante do sucesso do empreendimento, os alemães já estavam comemorando em 1913 cinquenta anos da fundação da Bromberg & Cia. Inaugurada no século XIX na Europa, a firma se expandiu para além do Oceano Atlântico, chegando até o sul da América do Sul. A empresa procedente da antiga cidade hanseática de Hamburgo na Alemanha, onde

Martin Bromberg iniciou seu empreendedorismo, ficou conhecida, inicialmente, pelas inúmeras máquinas que negociava entre os dois continentes.

Percebe-se que o espírito empreendedor de Martin viabilizou o lançamento no Brasil de uma casa comercial, a qual atingiu, com o passar dos anos, um grau de desenvolvimento impar, transformando-se em um conglomerado com influência na economia do Rio Grande do Sul. Ainda conforme matéria vinculada em jornal da época é possível, por meio de informações acerca dos valores do capital de giro, perceber o tamanho e a importância da empresa no mercado:

A firma Bromberg & Cia. é talvez a firma mais forte do Brazil. O seu capital girando é superior a cinquenta milhões de marcos (cerca de 40 mil contos da nossa moeda). Tem a matriz um Hamburgo e filiaes em Buenos Aires, Rosario de Santa Fé, Rio de Janeiro, Bahia, Minhas Geraes, São Paulo, Santos, Rio Grande e Porto Alegre. Estas filiaes têm também suas filiaes e agencias no interior do Estado respectivo (O BRAZIL, 1913, p.1).

Desta forma, o ano de 1913 marcou o cinquentenário da Bromberg, bem como de suas ramificações pela América, abrangendo alguns estados brasileiros. Com tais referências acerca da empresa, observa-se que os fundadores e colaboradores conseguiram transplantar uma cultura de sucesso de dois milênios do Velho Mundo para as Américas. O trabalho dos gestores da família, dos sócios e funcionários, possibilitou o sucesso da empresa e o enriquecimento do grupo. Na nota a seguir, verifica-se o reconhecimento por parte dos meios de comunicação:

Antes de encerrarmos esta noticia, cumprimos o grato dever de felicitar com ardor ao benemérito chefe supremo da firma Sr. Martin Bromberg e aos seus illustres filhos e sócios pelo cinquenta anniversario da mesma, fazendo votos sinceros para que o seu progredir actual não sofra solução de continuidade, pois estamos certos de que estes saberão seguir o mesmo caminho trilhando triunfalmente por aquelle. Aos Srs. Abramo Eberle & Cia. agentes nesta zona do deposito de machinas da firma Bromberg & Cia. também enviamos as nossas felicitações pelo auspicioso jubileu da poderosa firma (O BRAZIL, 1913, p.1).

É importante salientar que a abrangência dos negócios chegava também a outras empresas. A Bromberg financiou, por meio de maquinário alemão, firmas que se tornaram referência, não só no mercado nacional, mas também fora do Brasil. A empresa Abramo Eberle, com sede na cidade de Caxias do Sul, recebeu, nos primórdios de seus negócios, máquinas por meio da Bromberg. Na figura 5 é possível visualizar um depósito de máquinas da empresa, por ocasião do aniversário de cinquenta anos da Bromberg.

Figura 5: Depósito de máquinas Abramo Eberle/Caxias do Sul



Fonte: Acervo Família Bromberg.

A faixa no alto do casarão homenageava a empresa com a seguinte frase: “Salve o 50 aniversario Bromberg & Cia.”. A Abramo Eberle²⁶ era representante do setor de máquinas da Bromberg na serra gaúcha. O empreendimento surgiu no ano de 1896, inicialmente, como uma simples funilaria de apenas três empregados, transformando-se, anos mais tarde, em uma das maiores indústrias metalúrgicas do Brasil. “A Bromberg tinha uma filial em Caxias junto com o Eberle. Tinha uma casa de madeira onde se via escrito o nome Bromberg” (BRUGGER, 2013).

Assim como a Bromberg & Cia., o grande desenvolvimento vivenciado por essa empresa de Caxias do Sul teve seu pioneirismo na figura de um imigrante: Abramo Eberle. Abramo compõe, juntamente com outros industriais gaúchos (A. J. Renner e Alberto Bins), o grupo seleta de empreendedores de sucesso, os quais mantinham parcerias com os dirigentes da Bromberg. Foram identificados, segundo Pesavento (1986), como verdadeiros *self-made*

²⁶ Interessante a leitura da dissertação de mestrado de Anthony B. Tessary. Na pesquisa em questão, o autor faz uma análise da empresa metalúrgica Abramo Eberle a partir de 107 fotos de um álbum fotográfico produzido pela empresa, fábrica fundada na cidade de Caxias do Sul no final do século XIX (TESSARI, 2013).

men, ou seja, os responsáveis por grandes empreendimentos. Eles também foram reconhecidos pela ideia do enriquecimento através do trabalho sério e ordeiro.

Segundo Pesavento (1991), havia um forte investimento da Eberle em tecnologia, especialmente pela aquisição de máquinas vindas de Porto Alegre, diretamente das firmas Bromberg. “Quanto à empresa Eberle, em Caxias do Sul, o período que antecedeu a guerra foi marcado pelo investimento em tecnologia e pela diversificação da produção da empresa. Máquinas foram adquiridas primeiramente em Porto Alegre” (1991, p. 84). As filiais da Bromberg ainda comemorariam, no futuro, outros aniversários importantes, os quais seriam novamente lembrados pelos jornais e revistas da época:

É, pois com verdadeira satisfação que o Sr. Martin Bromberg pode hoje volver o seu olhar ao primeiro meio século de existência da sua firma: através de períodos *difficillimos* ele soube guiar-a a florescência sem igual da actualidade, seguindo, desde os seus inícios acanhados, sempre a mesma linha traçada do progresso. Firme e solidamente estão cimentados os fundamentos da sua firma, cujo nome é citado com orgulho e respeito. Pleno de confiança elle pode encarar o porvir, pois tem a testa da sua direção seus filhos e colaboradores experimentados, que trilham no mesmo caminho por elle encetado (O BRAZIL, 1913, p.1).

Um ano após os festejos do centenário da Independência do Brasil (1922), a Bromberg foi novamente homenageada com uma matéria ilustrada. A obra “As forças econômicas do Estado do Rio Grande do Sul no 1º Centenário da Independência do Brasil 1822-1922”, editada pela Livraria do Globo, exaltava a trajetória da casa importadora alemã e também o seu fundador:

O presente volume, comemorativo das forças econômicas do Estado do Rio Grande do Sul, por ocasião do primeiro Centenário da Independência do Brasil, sente-se bem à vontade ao referir-se à firma Bromberg & Cia, benemérita por muitos títulos, pelos inestimáveis serviços prestados ao nosso desenvolvimento econômico. Há uns sessenta annos o saudoso fundador da casa, sr. Martin Bromberg importava da Alemanha as primeiras machinas agrícolas, transformando assim os sistemas rotineiros, até então usados, por outros mais modernos que, aumentando o rendimento, animavam os colonos a intensificar a agricultura (BLANCATO, 1923. s/p).

Na ocasião, a firma Bromberg já estava festejando seus sessenta anos. A reportagem fazia referência ainda ao trabalho dos irmãos, filhos de Martin, bem como a organização bem sucedida dos negócios dentro e fora do Brasil:

A casa Bromberg & Cia. há sessenta annos exerce e desenvolve, sem espalhafato, mas com seriedade, com a consciência de cumprir um dever, uma apreciável acção para o desdobramento econômico do paiz. A obra dessa antiga e benemérita firma brasileira resalta mais si se tiver em conta que quatro irmãos da casa dirigem os

negócios e em vários pontos do paiz, outro sócio está em Hamburgo, a serviço da firma, para as compras, na Allemanha e noutros paizes da Europa e da America. Os avultados capitaes da firma estão no Brasil, os grandes depósitos estão espalhados por todas as principaes praças do paiz (BLANCATO, 1923, s/p).

O lado filantrópico dos gestores da Bromberg, especialmente dos irmãos Waldemar e Arthur (responsáveis pelas casas de Porto Alegre), bem como o estímulo dado aos seus funcionários de carreira, chegando até a aposentadoria, também mereceu destaque na imprensa da época. Havia um forte investimento nos trabalhadores, reforçando a ideia de valorização e de respeito ao quadro de funcionários:

O altruísmo e a philantropia, largamente praticados pelos senhores Bromberg com satisfação intima, leniram sempre muitas dores, atenuaram misérias que não estendem a mão na rua. Innumeros empregados da casa Bromberg foram ajudados e encorajados a constituir firmas comerciais, e não poucos deles pertencem hoje ao alto comercio local. Outros desfructam a pensão alcançada depois de vinte e cinco anos de serviços prestados à casa. Conhecemos bem o sócio Sr. Arthur Bromberg desde annos e estamos convictos que elle é um affectivo, pois as dores humanas, as misérias alheias o comovem, o entristecem. Avesso à caridade ostensiva do tostão que humilha, tem profunda ternura para a miséria lancinante dos lares, dos inválidos, das instituições pias, que largamente auxilia. Não menos caridoso é o sr. Waldemar Bromberg, pae extremoso de seus cinco filhos, alma aberta para o bem, cidadão modesto, generoso (BLANCATO, 1923, s/p).

A reportagem também citava a Bromberg como sendo uma poderosa instituição comercial, fundamental para o desenvolvimento da agricultura, da indústria e do comércio no estado do Rio Grande do Sul. Herança deixada por Martin Bromberg, personalidade analisada a seguir.

2.2 PRIMEIROS TEMPOS DO IMIGRANTE NA AMÉRICA

O início da trajetória do idealizador da Bromberg & Cia. ocorreu na década de 1860, quando Martin viajou para a América, deixando a Alemanha. Partiu de Hamburgo em direção ao sul do Brasil. Segundo carta escrita por Arthur Bromberg, seu filho, Martin era bastante jovem quando decidiu pela mudança: “Papai me disse que ele foi enviado aqui com 21 anos de idade, então $1839 + 21 = 1860$, o que comprova sua eficácia. Ele, portanto, não veio em 1863, quando havia liquidado aqui a firma Kopp & Rech, mas começou em 1863 a trabalhar de forma independente” (BROMBERG, 1959). Martin teria, desta forma, visitado o sul do Brasil anteriormente ao ano de 1863, data oficial do início dos negócios de importação.

O objetivo era, na ocasião, assumir a Empresa de Importação Holtzweissig & Cia., de sociedade com Jacob Rech. Rech era genro do alemão Holtzweissig, daí a origem do nome da empresa: “A Casa Holtzweissig desde cedo tomou parte preponderante na importação dos produtos ferrosos e das ferramentas” (ROCHE, 1969, p. 439). Segundo Walther Bromberg, Martin foi enviado a Porto Alegre para verificar a situação da firma devedora. A possibilidade da liquidação da dívida pelas firmas alemãs, bem como de um novo crédito, abriram as portas para o empreendimento, o qual daria origem a Bromberg & Cia:

Martin Bromberg foi procurador dos exportadores Wegner, Enet & Co de Hamburgo, que agenciava as compras da firma Holzweissig. Rech & Cia, estabelecida em Porto Alegre. Esta última atrasou remessas de pagamentos vencidos a Hamburgo. Martin Bromberg foi enviado em 1863 a Porto Alegre para examinar a situação da firma devedora. Com poderes e mediante liquidação de 50% da dívida, pode conceder novo crédito. Aqui chegando, observou que a má situação da firma deveu-se, unicamente, a má gestão por seus sócios, não muito dados ao trabalho. Esta situação o levou a consultar seus patrões em Hamburgo, se estariam dispostos a conceder crédito a ele, caso assumisse a Holzweissig & Rech, responsabilizando-se, com um dos sócios pela liquidação da dívida, mediante pagamento imediato de 50% do valor. Proposta aceita, os dois sócios foram exonerados, a firma liquidada, e formada nova sociedade com Sr. Jacob Rech, genro do Sr. Holzweissig, operando sob o nome de Rech & Cia. Esta nova empresa foi o início das atividades de importação de Martin Bromberg (BROMBERG, 2018).

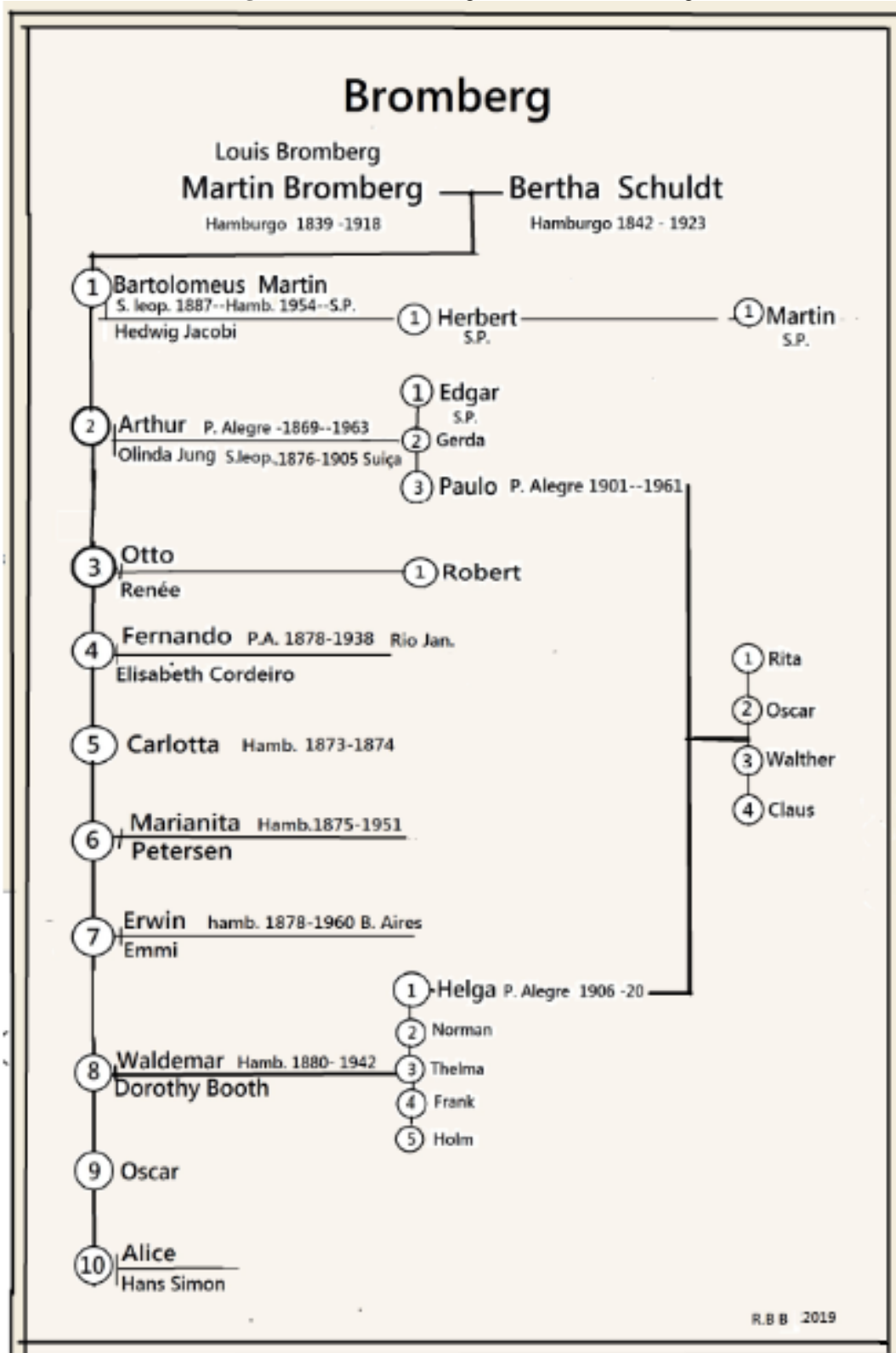
Por meio de cartas escritas pelos antepassados do imigrante, Rita Bromberg Brugger (2013) elucida esses primeiros tempos no Brasil:

Martin Bromberg nasceu em 1839 em Hamburgo. Muito jovem trabalhou na firma de exportação Wagner, Enet e Cia. Em 1845 foi fundada a firma Holzweissig, Rech e Cia. em Porto Alegre, totalmente endividada. A Wagner, Enet enviou Martin em 1863 a Porto Alegre para estudar o problema. Ele ofereceu arcar com as dívidas, juntamente com um sócio antigo da Holzweissig. A Wagner, Enet daria o crédito necessário. Eles toparam. Martin com seu novo sócio Jacob Rech, genro de Holzweissig fundaram a nova firma, que começou a florescer. Em 1866 Martin voltou a Alemanha para começar o seu próprio comércio de exportação e importação. Nesta ocasião casou com Bertha Sophie Louise Schuldt, com quem teve 10 filhos. Antes da viagem de núpcias ao Brasil, onde nasceram os primeiros filhos, conseguiu um crédito para aumentar a firma em Porto Alegre do estaleiro de navios de Carl Laeitz, mais tarde seria a "Hamburg-Süd" (HSDG) companhia de navegação alemã famosa, da Europa para o Rio de Janeiro e Buenos Aires.

Do enlace matrimonial entre Martin e Sophie nasceram, portanto, os dez filhos²⁷ de que fala a depoente acima. Alguns nasceram alemães, e outros com nacionalidade brasileira, devido à constante mudança de endereço que se fazia necessária em função dos negócios. A seguir a árvore genealógica de Martin, confeccionada pela artista plástica e também bisneta do alemão, Rita Bromberg Brugger. Na figura 6 vê-se a extensa família formada a partir do casal Martin e Sophie, cujas origens remontam ao século XIX e à Alemanha:

²⁷ A família de Martin Bromberg era constituída pela esposa Bertha Sophie Luise e pelos dez filhos. A seguir a lista na ordem de nascimentos: Bartolomeu Martin, Arthur, Otto, Fernando, Carlotta, Marianita, Erwin, Waldemar, Oscar e Alice. Todos foram educados na Alemanha. Os rapazes voltaram adultos para o Brasil. As moças casaram e moraram em Hamburgo, Berlim e Londres (Arquivo da família Bromberg).

Figura 6: Árvore Genealógica de Martin Bromberg



Fonte: Acervo da Família Bromberg
Ilustração de Rita Bromberg Brugger/2019

A depoente descreve ainda os momentos em família vividos por Martin e filhos:

Eles trocavam de país seguidamente. Os filhos são alemães e brasileiros, dependendo onde estavam na hora do parto. Mais tarde, Martin Bromberg instalou-se em Hamburgo e adquiriu uma moradia perto do centro (6 km), com floresta ao redor. Foi um paraíso para as crianças, com muita vizinhança (também de teuto-brasileiro) e bom colégio. Martin ia para o trabalho no centro de Hamburgo a pé (BRUGGER, 2013).

Na figura 7 é possível identificar alguns desses momentos familiares. Na imagem à esquerda, vê-se parte do clã dos Bromberg em algum lugar da Alemanha, ainda no final do século XIX: Martin, Bertha (sua esposa) e seus três filhos, entre eles, o menino Waldemar, futuro diretor do estabelecimento da Bromberg em Porto Alegre. Na imagem à direita, a família alguns anos mais tarde: Martin, Waldemar e a esposa Dorothy, em momento de lazer e de descanso na residência de verão localizada na Zona Sul de Porto Alegre.

Figura 7: Momentos em família, Martin na Alemanha e no Brasil.



Fonte: Acervo Família Bromberg

Ainda analisando a figura 7 – imagem à direita, é possível perceber que ela traduz uma nova cena cultural burguesa em plena virada do século XX. As conversas de final de tarde realizadas na varanda da vivenda, localizada à beira do Lago Guaíba, no Arrabalde da Tristeza, representa essa caracterização do modo de vida burguês. A moda observada na imagem se traduz em sofisticados vestidos e elegantes ternos, o que possibilita um entendimento social sobre o grupo. Confirma-se o fato de que a família possuía ótimos recursos financeiros, pois, os negócios promissores, dentro e fora do Brasil, introduziam o grupo na alta sociedade Porto-Alegrense.

Na figura 8, um instantâneo das bodas de ouro de Martin e Sophie festejadas em 1918, conforme registro na própria foto, feita por algum membro da família.

Figura 8: Bodas de Ouro de Martin e Sophie/1918



Fonte: Acervo Família Bromberg.

Inicialmente, os Bromberg foram importadores de manufaturas e ferragens. Logo em seguida, tornaram-se proprietários de uma casa de importação de ferragens sob a razão social de Kopp & Rech. Na concepção do descendente de Martin, o alemão (de posse de capital) costumava adquirir outros empreendimentos, ampliando assim o patrimônio das empresas: “Ele veio com capital. Tanto é que em um curto espaço de tempo ele começou a comprar participações de pequenas empresas comerciais que eram de alemães. E assim de outras firmas também ele foi comprando uma parte e formou conglomerados” (BROMBERG, 2019).

O sócio Kopp havia se retirado dos negócios, e, em seu lugar, entrara Martin Bromberg. A partir de então, a firma alterou a sua razão social, passando a denominar-se Jacob Rech & Cia. Nas palavras de Arthur: “Meu pai se juntou ao Jacob Rech para fundar a nova empresa Jacob Rech e Cia, porque papai achava que havia encontrado a Terra das Maravilhas aqui. Era um paraíso com riquezas naturais e, provavelmente, ofereceria um excelente futuro” (BROMBERG, 1959). Portanto, a gênese dos negócios Bromberg foi a “Kopp & Rech”. Segundo Roche (1969, p. 439), o sucesso da Bromberg estava relacionado à participação de outros alemães no empreendimento:

Em 1863, a firma Holtzweissig passou às mãos de Martin Bromberg, sócio do genro de Hotzweissig, Jacob Rech, que estabelecera uma casa de importação de objetos manufaturados e ferramentas, sob o nome social de Kopp e Rech. Bromberg substituiu Kopp nesta segunda sociedade que se chamou Jacob Rech e Cia. Em 1870, pouco antes da guerra franco-prussiana, Rech foi instalar-se em Hamburgo, onde fundou a firma pessoal J. Rech, comprada por Martin Bromberg em 1887, juntamente com todos os interesses constituídos no Brasil.

Alguns anos após a constituição da sociedade Bromberg e Rech, mais alemães ingressaram como sócios nas firmas. Entre eles, estava Bartolomeu Sesiani, cuja experiência como caixeiro viajante foi fundamental para o sucesso dos negócios:

Este novo sócio tinha sido anos atrás proprietário de uma loja de ferragens em Porto Alegre, trabalhava com a freguesia urbana e, como primeiro caixeiro viajante do Estado do Rio Grande do Sul, percorria a cavalo a campanha em busca de seus fregueses. Todos os artigos e ferragens de que necessitava, comprava-se a casa Jacob Rech & Cia. (BROMBERG & Co., 1913, p. 6).

A marca registrada “Sesiani” surgiu a partir dessa parceria entre Martin e Bartolomeu. Eram objetos produzidos pela Bromberg como espadas, navalhas, facas e ferramentas para seleiros, muitos desses itens confeccionados em prata, os quais apresentavam a qualidade das firmas Bromberg. Os produtos tornaram-se conhecidos, não só

no Brasil, mas também em outros países. Com o crescimento do comércio entre Brasil e Alemanha, houve a necessidade de ampliação de pontos de comercialização do maquinário oferecido pelas empresas. Os sócios Sesiani, Bromberg e Rech fundaram ainda a firma “Fazendas Sesiani & Irmãos”, conforme lembranças de Arthur:

Papai, Rech e Bartholomeo Sesiani se associaram e fundaram a firma Fazendas Sesiani & Irmãos, na Rua da Praia, na esquina Rua Uruguai. Tio Barthel foi o primeiro a levar amostras daqui para as colônias, montou em seu burro com as amostras, nas sacolas de couro, para Mundo Novo, hoje Taquara. Então Breyer e Viegelmann foram incluídos como parceiros e Jacob Weingärtner, irmão do conhecido pintor Pedro Weingärtner (BROMBERG, 1959).

Assim, esses empreendedores inauguraram, ainda nos primeiros anos dos negócios, uma vasta rede de lojas em território brasileiro. Com o passar do tempo, mais um alemão incorporou-se às empresas. Breyer instalou-se na cidade de Rio Grande, constituindo ali a primeira filial da firma Holtzweissig, Breyer e Cia. “Em Rio Grande, foi fundada a empresa Holtzweissig, Breyer & Cia. Em 1870, Jacob Rech se mudou para Hamburgo e fundou a empresa Jacob Rech, e lá morreu, em 1887” (BROMBERG, 1959). Conforme consta no álbum comemorativo aos cinquenta anos da Bromberg & Cia.: “Sob a activa gerencia destes três sócios, as transações das firmas tomaram tal incremento que seus chefes resolveram fundar uma casa no Rio Grande. Mandaram o Sr. Breyer para aquella cidade a fim de abrir uma filial sob a firma Holtzweissig, Breyer e Cia” (BROMBERG & Co., 1913, p. 6).

O sucesso foi tanto que se fez necessária a presença permanente de um administrador na cidade de Hamburgo. Esse gestor foi fundamental no gerenciamento das encomendas solicitadas à Alemanha. A saída dos produtos das casas de Hamburgo, cujo destino era o Brasil, implicava um controle de qualidade criterioso, devido ao aumento significativo no fluxo da produção. Por isso, além de um sócio apto para esta demanda, era preciso que este residisse na Alemanha. Desta forma, o crescimento do negócio ocasionou mudanças:

Em 1870, pouco antes de romper a guerra franco-alemã o Sr. Rech transferiu a sua residência para Hamburgo onde fundou uma casa de comprar sob a sua firma individual J. Rech. Até então os sr. Bromberg, Rech e Sesiani haviam ainda sempre effectuado as suas compras por intermédio de uma casa de comissões hamburguesa, mas, devido a extensão que assumiam as transacções no Brazil,urgia que eles próprios tomassem a seu cargo as compras em Hamburgo. Continuaram na gerencia das casas no Brazil os srs. Bromberg, Sesiani e Breyer (BROMBERG & Co., 1913, p. 7).

Em 1872, foi a vez de Martin Bromberg mudar-se para a Alemanha. A empresa no Brasil, gerência e administração, ficou sob a responsabilidade de gestores, sócios e funcionários de confiança. A seguir os detalhes dessa mudança de endereço.

2.3 O RETORNO PARA HAMBURGO E A CRISE DE 1889

No ano de 1872, Martin Bromberg e família regressaram a cidade de Hamburgo. “Nossa família se mudou para Hamburgo, em 1872, onde papai se juntou a Jacob Rech como sócio. Naquela época, nasceu Fernando, em Hamburgo” (BROMBERG, 1959). Arthur relembra ainda momentos marcantes da viagem, entre eles, o aceno para o imperador D. Pedro II e a doença adquirida no Brasil antes de embarcar:

Na viagem de 1872, fiquei com frio ao perder meu boné, quando acenei com entusiasmo para Dom Pedro na ocasião do feriado, tanto que embarquei com pneumonia no vapor francês que nos levou a Bordeaux, de onde fomos de trem para Paris via Hamburgo, eu delirei com uma febre muito alta e disse aos meus pais que deveriam ir embora, eles não eram meus pais. Eles me disseram que talvez eu deva minha vida a um bom médico francês, que era passageiro do navio. Ainda me lembro quando cheguei em Hamburgo em um berço com grade e quando o médico chegou eu disse: Doutor, vou *‘picar a mula’*. Eu também me lembro como Marianita nasceu no Central-Hotel, no Jardim Zoológico. Foi um grito terrível dela que nos anunciou seu nascimento. De lá nos mudamos para a casa da Löwenstrasse, que Papai havia comprado (BROMBERG, 1959).

A mudança de endereço foi necessária, pois a matriz que ficava na Alemanha exportava para o Brasil grande quantidade de material ferroso, o qual era endereçado, inicialmente, para a principal filial situada em Porto Alegre. O material também chegava até outras casas importantes, como as localizadas em Pelotas, Rio Grande, Buenos Aires, São Paulo e Rio de Janeiro. Foi nesse momento que as transações das firmas experimentaram um forte crescimento, sendo necessária a presença de gestores mais capacitados em Hamburgo.

A substituição dos diretores da empresa, entre eles, Martin, ocasionou a entrega da direção das casas no Brasil a empregados de confiança, os quais conheciam os mecanismos administrativos, comerciais e de produção da Bromberg. Eram funcionários que estavam em constante atualização sobre a economia vigente no país. Na realidade, o novo grupo que assumiu os negócios estava sendo admitido também como sócio no empreendimento, constando o nome de cada um deles nas respectivas firmas por estarem domiciliados no Brasil.

Assim, Pietzcker assumiu a gerência da firma Holtzweissig, Breyer & Cia. no Rio Grande, e Breyer ficou responsável pela matriz em Porto Alegre. Em 1873, Ernesto Beneke assumiu a firma em Porto Alegre, onde passou a administrar a ferragem intitulada Ernesto Beneke & Cia. Posteriormente, outros sócios entraram no negócio. “Esta casa trabalhava com as colônias e para ella entrou em 1877 como novo sócio o Sr. Hugo Lau. Mais tarde, depois de se haver retirado o Sr. Breyer, aquelles dois senhores também entraram de sócios na casa matriz” (BROMBERG & Co., 1913, p. 8). Mudanças nas diretorias das casas se faziam necessárias em função do novo reordenamento (organograma) da empresa no Brasil e no exterior. Era preciso se adequar também às exigências do mercado (nacional e internacional).

As empresas Bromberg seguiram um ritmo intenso, impulsionadas por suas atividades de exportação e importação, tendo as cidades de Hamburgo e Porto Alegre como os polos centrais do empreendimento e de onde partiam as diretrizes para todas as outras casas. “De Porto Alegre os negócios estenderam-se pouco a pouco ao interior do Estado do Rio Grande do Sul, onde se cultiva muito a agricultura e onde residem muitos freqüentes da casa” (BROMBERG & Co., 1913, p. 8).

Na capital gaúcha, o negócio apresentou um crescimento vertiginoso, no final do século XIX. Em Porto Alegre, outros sócios se juntaram às firmas, entre eles Beneke e Lau, os quais constituíram, em 1883, juntamente com o Huber, uma nova sociedade, a Lau, Huber & Cia. “Então Beneke e Lau, como bons metalúrgicos, se juntaram à firma em 1883. Na Rua Bragança foi fundada a empresa Lau, Huber & Cia., que servia às colônias” (BROMBERG, 1959). As mercadorias eram carregadas nas docas²⁸, seguindo diretamente até as colônias no interior do estado, em lanchões e pequenos vapores. Em 1890, Carlos Huber foi transferido para a casa principal, e Arthur Bromberg, um dos filhos de Martin, passou a ser também sócio da casa matriz.

²⁸ As Docas do Cais do Porto eram locais de recebimento e distribuição de mercadorias, especialmente de hortifrutigranjeiros, no centro de Porto Alegre, às margens do Lago Guaíba. Um grande mercado a céu aberto. Segundo Riopardense de Macedo, a instalação do mercado implicou em algumas obras necessárias ao seu funcionamento. Além da Doca situada no local onde hoje se encontra a Praça Parobé, uma outra, idêntica, fora prevista simetricamente com relação ao eixo da obra. Entre as duas, funcionaria a Praça do Mercado, espaço para estacionamento e manobras de carros e carroçassem demanda às compras ou ao abastecimento. Tudo faz crer que o logradouro polarizava o maior movimento de pessoas e veículos (MACEDO, 1973, p. 151).

A trajetória profissional de Arthur Bromberg²⁹ tem início em 1886, quando se mudou para a Alemanha, estabelecendo-se naquele país por quatro anos. A viagem de Arthur tinha dois objetivos: intensificar os estudos e se aperfeiçoar no ramo das ferramentas. “Arthur Bromberg contava 17 anos quando seu pai resolveu enviá-lo para a Westfália na Alemanha que era considerada a Terra das Ferramentas, a fim de especializar-se nesse ramo de negócio: ferragens” (FORTINI, 1960, s/p). De volta ao Brasil em 1889, passou a exercer atividades na firma Ernesto Benecke, Rech & Cia., com o amigo Jorge Pfeiffer³⁰.

A capacidade de trabalho extraordinária de Arthur Bromberg viabilizou o sucesso e novas iniciativas no ramo empresarial na cidade de Porto Alegre. Na análise de Edith Penrose (2006), os serviços empreendedores geram novas oportunidades para as firmas. Esses serviços possibilitam a diversificação, inovação e internacionalização criando alternativas de desenvolvimento para a empresa. Sem estes serviços, as firmas correm o risco de estagnar. Essa visão empreendedora acompanhou Arthur ao longo de sua trajetória na Bromberg: Era um incentivador de boas ideias, um homem com a perspectiva do futuro. Quando um grupo de visionários cogitou de lançar a primeira empresa de aviação comercial do Brasil, Arthur colocou seu escritório particular à disposição. E assim nasceu a Varig (FORTINI, 1960).

A Bromberg & Cia figura como incorporadora de negócios, em parceria com outras empresas importantes, como a Eberle (já citada), a Gerdau³¹ e a Varig. Ela também foi preponderante no surgimento de alguns bancos, entre eles o Pelotense, o da Província e a Casa Bancária Jorge Pfeiffer:

²⁹ Arthur Bromberg foi casado com Olinda Jung Bromberg (São Leopoldo), e com ela teve três filhos: Edgar Arthur, Gerda e Paulo. Paulo era pai de Rita Bromberg Brugger e Walther Bromberg, uma das depoentes desta pesquisa. Arthur fez seus estudos em Hamburgo na Alemanha e se especializou em ferragista. A partir de 1895 foi diretor da firma Bromberg & Cia. Foi também sócio honorário dos asilos Pella e Betânia em Taquarí e colaborador da construção da Catedral Metropolitana de Porto Alegre. Agraciado com a medalha da Cruz Vermelha, Arthur foi um dos fundadores do Clube de Regatas G.P.A. e membro da 1ª turma de remadores do Brasil (BRUGGER, 2013).

³⁰ Jorge Pfeiffer fundaria anos mais tarde o Banco Pfeiffer, importante instituição bancária alemã com sede em Porto Alegre.

³¹ A história da Gerdau proporciona um exemplo de empresa empreendedora na capacidade de mobilizar capitais, criar mercados, alterar suas linhas de produção, entre outros. Empresa centenária, as raízes do Grupo Gerdau foram estabelecidas no ano de 1901 com a aquisição da Fábrica de Pregos Ponta de Paris, na cidade de Porto Alegre. Somente em 1948, a Gerdau ingressou na siderurgia com o propósito de garantir o pleno abastecimento de matéria-prima para a fábrica de pregos. Desde então, o grupo gaúcho fortaleceu a sua posição na siderurgia e assumiu a liderança no segmento de aços longos comuns no Brasil. Hoje, a Gerdau é o maior produtor de aços longos comuns do continente americano e um dos maiores fabricantes de aços especiais do mundo (VIEIRA, 2007).

A primeira companhia de transportes aéreos que existiu no Brasil é a EMPRESA DE VIAÇÃO AÉREA RIO GRANDENSE VARIG, fundada em Porto Alegre no dia 7 de maio de 1927 numa das dependências da Associação Comercial, com o capital de 1.000 contos de réis, dividido em 5.000 ações de 200\$000 cada uma e subscrito por 550 acionistas, tendo sido seus incorporadores: Banco Nacional do Comércio, Banco da Província do Rio Grande do Sul, Banco Pelotense, Banco Brasileiro Alemão, Casa Bancária Jorge Pfeiffer, Bromberg & Cia., C. Albrecht & Cia. e A. Doormann (DAUDT, 1952, p. 73).

Fundada em 1927 pelo alemão Otto Ernst Meyer e com apoio financeiro de empresários de Porto Alegre, a Varig foi, durante muito tempo, sinônimo de qualidade e confiança em aviação. Ela representou também um momento de euforia vivenciado pelos comerciantes após a crise de 1926:

Talvez o testemunho mais eloquente da euforia que atingira o comércio de Porto Alegre em 1927 seja o empenho com que foi prestigiada uma iniciativa arrojada e pioneira, qual a da fundação da Viação Aérea Rio-Grandense, VARIG. Um pequeno grupo de entusiastas da aviação, sob a liderança de Otto E. Meyer, concebeu a ideia de uma empresa regional de transporte aéreo, num momento em que a aviação apenas engatinhava. Mas o Major Alberto Bins, figura ímpar de empresário, então na presidência da Associação Comercial, deu alento e prestígio à iniciativa, fazendo com que, nas próprias dependências da entidade de classe, a 7 de maio de 1927, fosse realizada a assembleia de fundação daquela companhia (FRANCO, 1983, p. 144).

Novamente surge o nome da Bromberg e de seus gestores nas negociações para a fundação da empresa aérea:

Datam de 1926 os primeiros esforços para a introdução do tráfego aéreo regular no Rio Grande do Sul. Naquela época o ex-diretor da VARIG, Sr. Otto Ernst Meyer, grande conhecedor da aviação, compreendendo os benefícios que ela poderia oferecer à um País como o nosso, tratou de encaminhar em Porto Alegre, com forte apoio do Major Alberto Bins, dos chefes da Casa Bromberg & Cia. e outros, a fundação de uma companhia nacional, sul-rio-grandense que atacasse de frente a solução do problema (DAUDT, 1952, p. 73).

Otto se mudou para Porto Alegre em 1915. Muito obstinado teceu relações com empresários e políticos de destaque na sociedade gaúcha da época. Foi com esse grupo que conseguiu o apoio necessário para empreender os primeiros passos para a criação da VARIG:

Partindo para a Alemanha em novembro de 1926, Meyer visitou os escritórios da Condor Syndikat em Hamburgo, e as negociações culminaram em um acordo pelo qual 21% das ações da nova empresa de transporte aéreo passavam a pertencer à Condor Syndikat. Em troca, essa companhia alemã cedia um dos seus Dornier Do J Wal à empresa de Otto, fornecendo ainda o pessoal imprescindível à operação da aeronave. Embarcado no Porto de Hamburgo, o Dornier Do J Wal Atlântico chegou em Buenos Aires no dia 17 de novembro de 1926 para, dois dias depois, ser

transladado até o Rio Grande. Para regularizar a situação da aeronave e emitir os certificados necessários, o Atlântico viajou até o Rio de Janeiro na semana seguinte, aproveitando a ocasião para demonstrar para as autoridades e público em geral as qualidades do robusto hidroavião. Na imagem abaixo vê-se a primeira aeronave da VARIG, um hidroavião, apelidado de Atlântico, com capacidade de nove passageiros, considerado um dos mais modernos da época. O Atlântico fez seu voo de estreia viajando de Porto Alegre a Rio Grande (JACKSON, 1997, p. 25).

O primeiro avião da Varig se chamou Atlântico, porém em 01/12/1928, ele foi para a Condor, mudando o nome para Santos Dumont, conforme imagem a seguir:

Figura 9: Primeira aeronave (hidroavião) da VARIG/1928



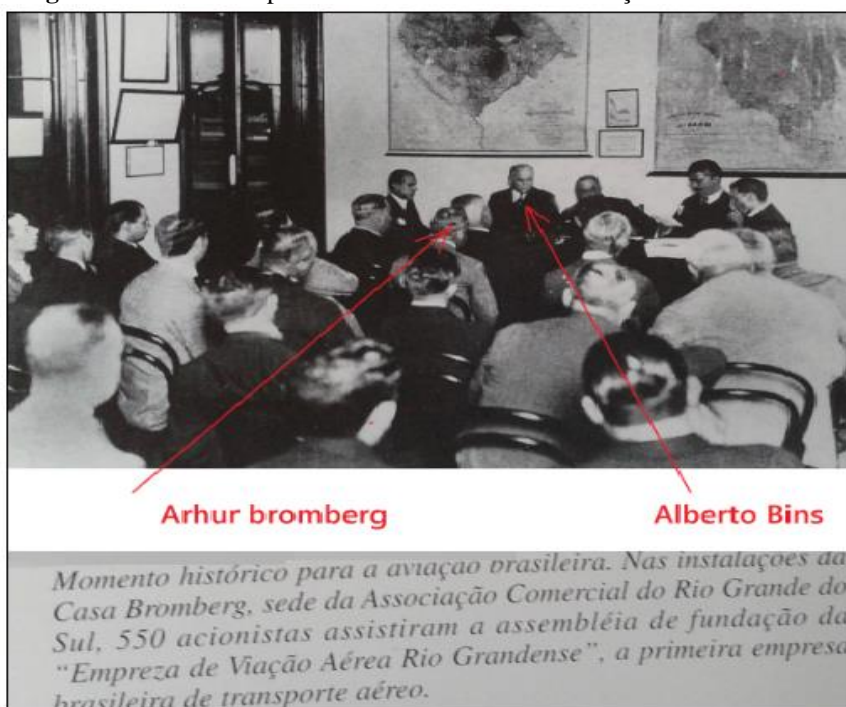
Fonte: Acervo Família Bromberg

Entre os empresários que ajudaram a criar a Varig, encontram-se os nomes dos irmãos Arthur e Waldemar Bromberg. Conforme já mencionado, muitos encontros de negócios, reuniões entre comerciantes, industriais e até políticos, aconteciam nos lugares de sociabilidades das famílias. A chácara de verão dos Bromberg, situada na Zona Sul de Porto

Alegre³², era um desses lugares de sociabilidades. Consta que nesse local, Waldemar costumava receber os amigos, entre eles, o alemão Otto Ernst Meyer, o fundador da Varig.

Segundo Walther, a casa Bromberg & Cia vendia as passagens aéreas do Kondor Syndicat, antecessora da Varig. “A firma Bromberg foi, desde o início da aviação, que ainda era o sindicato Condor, e que depois foi absorvido pela Varig, agenciadora das passagens e dos fretes” (BROMBERG, 2019). A assembleia de fundação da VARIG aconteceu nas instalações da Bromberg no centro de Porto Alegre, local destinado, na época, como sede da Associação Comercial do Estado do Rio Grande do Sul, conforme imagem que segue:

Figura 10: Acionistas presentes na assembleia de fundação da VARIG/1927



Fonte: JACKSON, Junior. VARIG – Uma estrela brasileira.
BRUGGER, Rita – Ilustração modificada. Caxias do Sul. 2019.

³² Sobre a chácara de veraneio da Família Bromberg ver capítulo 4.4: “A mudança definitiva de endereço e as sociabilidades dos Bromberg à beira do Guaíba”.

Nas pesquisas de Geneci de Oliveira (2011) é possível identificar a importância desses investidores naquele cenário desenvolvimentista vivido na cidade de Porto Alegre na primeira metade do século XX:

Otto foi para a Alemanha, tendo consigo a adesão de diversos investidores para o novo negócio: Major Alberto Bins, José Bertaso, Charles Fraeb, Arthur Bromberg, Engenheiro Rodolpho Ahrons, Douro Adroaldo Mesquita da Costa, Emílio Gertum, Waldemar Bromberg, Jorge M. Pfeiffer e Dr. Ernesto Rotermund. Na viagem contratou técnicos, pilotos, mecânicos de bordo e terra, estabeleceu contatos com os fornecedores de combustíveis e tentou a inclusão em uma das grandes apólices de seguro de uma congênera ou da indústria aviatória. (OLIVEIRA, 2011, p. 32)

Em outra pesquisa, a professora e pesquisadora Dra. Claudia Musa Fay (2013, p. 230) analisa as origens da crise na Varig a partir das políticas governamentais (ou a falta delas) e suas intervenções na empresa desde o ano de sua fundação até a década de 1970:

O Brasil adotou um modelo próprio ao incentivar a concorrência entre empresas privadas nacionais, empresas com capital público, como o caso da Vasp e empresas com participação de capital estrangeiro, como a Panair. Não adotou nem o modelo europeu de empresas estatais nem o norte-americano de empresas privadas nacionais. O Estado, embora não administrasse as empresas, era o responsável pela infraestrutura, concebia subsídios nas rotas deficitárias e internacionais, insentava as empresas de impostos e ainda financiava o reequipamento.

Em 2006, decorrente da crise, a Varig foi oferecida em leilão, após um tumultuado processo de tentativa de salvar a empresa. Ficou o legado da marca VARIG, sinônimo de qualidade e segurança no ar. Desta forma, verifica-se que a abrangência dos negócios da Bromberg incluía outros ramos da atividade econômica no estado. Havia uma diversificação nas atividades, uma visão bastante moderna para a época, a qual, a família Bromberg adquiriu a partir da casa de Hamburgo e das experiências empreendedoras na Europa.

Retomando a cronologia da Bromberg & Cia., a empresa, com o intuito de ampliar mais os negócios de importação e venda de ferragens e ferramentas, inaugurou novas casas de comércio no Rio Grande do Sul. “Estas empresas foram estendendo-se e transpondo as portas do Sul do Brasil, avolumando-se mais a medida que progredia a vida econômica do Império do Brasil. Surgia no Império Alemão uma indústria que vinha corresponder as necessidades dos fregueses de além-mar” (BROMBERG & Co., 1913, p. 9).

Porém, com a Proclamação da República, as empresas Bromberg conheceram momentos bem difíceis, desde a sua fundação. Em quinze de novembro de 1889, D. Pedro II, Imperador do Brasil, foi deposto e enviado ao exílio. Era o fim do Império e o nascimento da

atual República. Os reflexos das crises econômicas, as quais atingiram, nesse período, a Alemanha, dificultaram algumas transações comerciais feitas com o Brasil. Diversos fabricantes alemães, devido à estagnação econômica que passava o continente europeu, retiraram-se do mercado internacional, ocasionando retrações nos negócios da Bromberg. Assim, por não conseguirem cumprir os contratos firmados com fornecedores e clientes, as filiais sentiram a necessidade de buscar novos empreendimentos.

O Brasil se preparava para implantar sua indústria nacional. Apesar das transformações ocorridas, a economia nacional manteve-se refém do mercado externo, pela necessidade de exportação, principalmente de bens primários como o café. Desta forma, a exportação para o Brasil ficou restrita ao mínimo, e o mercado monetário apresentou consideráveis depreciações. Para Luiz Aranha Correa do Lago (1979) havia no início da República um clima propício para a produção interna de bens de consumo, devido às altas tarifas de importação e crescente desvalorização da moeda brasileira, o mil-réis.

Entretanto, a situação da indústria de máquinas não foi favorável, pois a incipiente indústria enfrentava isenções de direitos alfandegários sobre vários equipamentos importados, inclusive no principal ramo, máquinas agrícolas, que no início da década de 1890 tinham que pagar uma taxa de expediente de apenas 5% para a importação. Essas desvantagens aumentaram a concorrência do produtor local em relação às máquinas agrícolas importadas, mas por outro lado, fatores como a desvalorização cambial, elevados custos de transporte dentro do país, facilidades de importação de máquinas, equipamentos e matérias-primas para o setor e condições específicas de demanda possibilitaram o desenvolvimento de novos estabelecimentos na indústria na década de 1890 (LAGO, 1979, p. 21).

A “Revista do Mez” (1923, p. 20) faz referência a essa crise que se abateu sobre as firmas Bromberg, e, de como se reergueram:

Com a implantação do regime republicano e a imediata crise financeira que se fez sentir, muitas dificuldades arrostou a firma para não naufragar na esteira das inúmeras falências que então se abriram. O valor do mil réis brasileiro havia descido a 50 pf, quando antes da abdicação era de 2 marcos e 30 pf. Já nesse tempo a venda de mercadorias tinha atingido um desenvolvimento colossal. E os pagamentos, feitos em moeda nacional, deixaram-lhe déficit espantoso, quando foi preciso convertê-los ao câmbio alemão. A crise, porém, não foi duradoura. Os chefes da casa dispunham dessa serena energia e desse espírito de empreendimento que caracteriza notoriamente os seus continuadores actuaes. E tudo retomou a marcha normal, firmando-se o renome dos srs. Bromberg & Cia., que desde ahi constituiram uma formidável potencia econômica dentro do Rio Grande.

Diante de intempéries econômicas, o empreendimento sofreu os fatores decorrentes da crise política que se espalhou pelo Brasil naquele período. Os gestores da Bromberg, os quais comercializavam suas mercadorias em moeda brasileira³³, angariaram prejuízos significativos, uma vez que a conversão para a moeda alemã resultava em uma quinta parte do valor efetivo do produto comercializado. Isso ocasionou alterações na contabilidade das firmas, sendo necessária a diversificação para outros investimentos. Emergir da crise com sucesso era questão de honra para Martin.

A figura empreendedora de Arthur Bromberg foi preponderante nessa recuperação, pois as casas de Porto Alegre foram reerguidas por ele. “A queda do mil-réis, logo após a proclamação da República, fê-la correr grande perigo, mas as casas de Pôrto Alegre foram reerguidas por Arthur Bromberg (chegado em 1890) e J. Day (que entrou como sócio em 1891)” (ROCHE, 1969, p. 439). Nesse momento histórico, as firmas de Martin passaram a ser conhecidas por “Empresas Bromberg & Cia”., nome que conservou até 1932, ano em que foi alterado para Bromberg Sociedade Anônima, Importadora, Comercial e Técnica.

Superado o pior momento, a empresa, estimulada por seus gestores, no Brasil e na Alemanha, iniciou uma nova era de crescimento. Os negócios Bromberg ressurgiram com o lema da República, sustentado agora por uma ideia de ordem e progresso econômico. Em 1894, inaugurou-se, em Porto Alegre, uma moderna casa comercial, a varejo de ferragens, ferramentas, utensílios domésticos e sanitários, sob a razão social denominada Luiz Voelcker & Cia. Gustavo Casper também integrou o grupo de colaboradores. Com o passar dos anos foram inauguradas outras lojas, todas no centro da cidade.

Em 1895, o patriarca dos Bromberg convidou o filho mais velho, Bartolomeu Martin Bromberg para compor, junto aos demais integrantes, os negócios da família. O primogênito desempenhava a função de gerência na matriz da firma em Hamburgo na Alemanha. Engenheiro e comerciante, a princípio, ele representava a firma de seu pai por procuração, mas em janeiro de 1902 tornou-se sócio na casa de Hamburgo. Até então, a casa matriz tinha se limitado a exportar ferragens, ferramentas e outros produtos de indústria, porém após a

³³ A moeda da época era o Réis, plural do nome das unidades monetárias utilizadas no Brasil desde os tempos coloniais, sendo substituída pelo cruzeiro em 1942, na proporção de um cruzeiro por mil-réis então circulantes. Fonte: Moedas do Brasil. Disponível em: <http://www.moedasdobrasil.com.br/reformas.asp>. Acesso em: 01 de jul. de 2019.

entrada de Bartolomeu, a Bromberg passou a exportar também máquinas que seriam utilizadas nas primeiras indústrias instaladas no Rio Grande do Sul. “O Sr. B.M.B. reconheceu quão importante viria a ser para a sua firma a exportação de máquinas. O Brasil de hoje pugna por alcançar uma indústria nacional e procura afastar de suas terras a importação de produtos europeus, cobrando por eles direitos muito altos” (BROMBERG & Co., 1913, p. 11).

O livro em que está registrada a trajetória e os negócios da Bromberg & Cia na sua totalidade, não informa o significado das iniciais BMB do nome citado. Na busca por esse importante registro, a pesquisa, por meio do depoimento de Rita, bisneta de Martin, identificou como sendo o filho mais velho do Patriarca. Segundo a depoente: “O nome é Bartolomeu Martin Bromberg, e parece que todo mundo simplesmente o chamava de "Bê Eme Bê" (BRUGGER, 2018). Sobre a trajetória profissional de Bartolomeu, é interessante o extenso registro que segue abaixo. As informações foram disponibilizadas por meio de cartas, as quais estavam de posse do neto de Bartolomeu, também chamado de Martin Bromberg, provavelmente uma homenagem ao imigrante:

A importação de máquinas teve início com a entrada de Bartolomeu Martin Bromberg como sócio para ajudar seu pai nos negócios na Bromberg & Co em Hamburgo. Dos sete irmãos, Bartolomeu foi o único a formar-se em engenharia mecânica. BMB escolheu ainda a carpintaria, que lhe foi muito útil para o projeto de modelos para fundição, após seus estudos de engenharia. A formação profissional foi demorada, pois periodicamente era obrigado a apresentar-se ao exército, onde fez curso para oficial de artilharia (na primeira grande guerra combateu, como oficial da artilharia na frente leste, contra as tropas imperiais da Rússia). Para dar base sólida aos estudos de engenharia, trabalhou nos estaleiros da firma Howaldt, em Kiel. Lá obteve autorização para realizar um sonho seu, construir um pequeno barco movido a vapor. Elaborou de próprio punho todos os desenhos necessários à construção do casco, em chapas de ferro, do motor, caldeira, mecanismos de leme e propulsão. Modelos para fundição das peças para o motor, sua fundição em ferro, usinagem de todas as peças, sua ajustagem e montagem do barco, foram executadas por ele, exclusivamente em horários de folga. Completada a obra, obteve direito de se apresentar para o exame de mestre. Este certificado guardou com zelo por toda vida, pois dizia que se tudo desse errado na vida, ainda teria oportunidade de se empregar em alguma indústria como mestre. Após os estudos e estágio de um ano na Inglaterra, para aprender a falar e escrever Inglês passou a trabalhar em Hamburgo na fábrica da A.G. Pauksh, fabricantes e exportadores de caldeiras geradoras de vapor e motores a vapor de alta potência. Em 1895 foi mandado a Montevideú e Buenos Aires para verificar problemas e solucioná-los, em duas instalações de grande porte nestas praças, que motivaram ameaças de devolução e ressarcimento dos valores pagos dos equipamentos fornecidos, que não teria condições de atender as capacidades prometidas. Solucionados os problemas, estendeu a viagem de retorno, passando por Rio Grande, Porto Alegre, Santos, São Paulo e Rio de Janeiro, primeiramente para verificar com que tipo de mercadoria poderia aumentar as exportações para estas praças, e para visitar eventuais fábricas de máquinas, onde as encontrasse. Seu sonho era a fabricação de máquinas operatrizes. De volta a Hamburgo desligou-se da A.G. Pauksch, e empreendeu negociações para compra de

uma fábrica de máquinas operatrizes que lhe foi ofertada por seu proprietário, que não tinha herdeiros. Desistiu do negócio, pois verificou que onde a fábrica estava instalada, não havia espaço para expansão. Seu sonho teve de esperar mais 30 anos, quando montou uma fábrica de máquinas operatrizes em São Paulo, sob o nome de Máquinas Bromberg, tendo como diretor seu filho Herbert (BROMBERG, 2018).

Observa-se, desta forma, a importância, não só da experiência adquirida no exterior, mas também da formação acadêmica e profissional de Bartolomeu, fatores preponderantes para assumir a diretoria da empresa. Os conhecimentos adquiridos em viagens pela Europa permitiram uma gestão mais qualificada, maior independência, segurança e precisão nos negócios da família. Bartolomeu transformou-se, ao longo dos anos, em um gestor eficiente, viabilizando um crescimento ainda maior para as empresas Bromberg.

Em 1899, Huber, um dos sócios da Bromberg, regressou à Alemanha, e, para substituí-lo, foi designado Waldemar Bromberg, outro filho de Martin. O objetivo era que Waldemar trabalhasse junto com Arthur nas lojas de Porto Alegre, gerenciando os negócios da família. A partir de janeiro de 1909, Waldemar passou a ser sócio da firma Bromberg & Cia. É importante ressaltar que alguns dos filhos de Martin ocuparam cargos importantes também fora da Bromberg. Bartolomeu foi membro da Diretoria da Câmara de Comércio de Hamburgo na Alemanha e Waldemar foi Vice-Presidente da Sociedade Germânia em Porto Alegre. O que os define como personalidades bem conceituadas do meio empresarial brasileiro e alemão, conforme mostra as imagens a seguir:

Figura 11: Os irmãos Bartolomeu e Waldemar Bromberg



Fonte: Acervo da Família Bromberg

Waldemar nasceu em 1880 em Hamburgo, na Alemanha, e faleceu em 1942, em Porto Alegre, na Zona Sul da cidade, local onde residia. Nas memórias por tabela³⁴ de sua neta Lilian Bromberg: “Waldemar sofreu um ataque fulminante do coração. No dia 10 de outubro de 1942, ele saiu de casa para visitar o filho que morava do outro lado da Avenida Pedra Redonda. Então, ele saiu de casa passou pelo meu berço, me fez um carinho e saiu. Eu era nenê, nasci em fevereiro” (BROMBERG, 2013).

Em 1905, Waldemar casou-se com a inglesa Dorothy Booth, filha de Charles Edward Booth, Comandante da Marinha Mercante. Era muito comum naquela época, as famílias estrangeiras residentes em Porto Alegre, frequentarem os mesmos locais de sociabilidades

³⁴ Ao relatar os detalhes do falecimento do avô, Lilian apresentou o que Michael Pollack chama de memória por tabela, ou seja, acontecimentos vividos pelo grupo ou pela coletividade à qual a pessoa se sente pertencer. São acontecimentos dos quais a pessoa nem sempre participou, mas que, no imaginário, tomaram tamanho relevo que, no fim das contas, é quase impossível que ela consiga saber se participou ou não. Se formos mais longe, a esses acontecimentos vividos por tabela vêm se juntar todos os eventos que não se situam dentro do espaço-tempo de uma pessoa ou de um grupo. É perfeitamente possível que por meio da socialização política, ou da socialização histórica, ocorra um fenômeno de projeção ou de identificação com determinado passado, tão forte que podemos falar numa memória quase que herdada (POLLACK, 1992).

como os clubes, as festas e, no verão, a beira do Guaíba. Waldemar e Dorothy tiveram cinco filhos: Helga, Norman, Thelma, Frank e Holm.

Importante salientar que os casamentos, muitas vezes, davam-se entre membros da própria família. Por exemplo, primos contrataram núpcias entre si. Helga (filha de Waldemar) era mãe de Rita e de Walther Bromberg. Ela casou-se com Paulo que era filho de Arthur. Arthur, por sua vez era irmão de Waldemar. Frank, outro filho de Waldemar, era o pai de Lilian Dorothy Bromberg. Das três gerações dos Bromberg citadas, restaram as memórias e as histórias de Lilian, Rita e Walther, registradas na presente pesquisa. Na figura 12 imagem de Waldemar, sua esposa Dorothy e os cinco filhos:

Figura 12: Waldemar, Dorothy e filhos/1925



Fonte: Acervo da Família Bromberg

Na análise de outra neta (BRUGGER, 2013), Waldemar Bromberg era um executivo com perfil de relações públicas. Waldemar era um tipo *Public relations* da Firma Bromberg, já que falava além de português e alemão, muito bem o inglês. O administrador da filial de Porto Alegre apreciava os esportes, entre eles o remo, a vela, a natação e o futebol. No ano de 1903, Waldemar, juntamente com outros empresários da época, financiou o Grêmio Foot Ball

Porto Alegre.³⁵ Waldemar tinha ainda por *hobby* viajar com a família para a Alemanha. Porém, numa dessas viagens se deparou com a primeira guerra (1914 – 1918) em curso na Europa:

Em 1914, Waldemar estava em Hamburgo com a família quando estourou a primeira guerra mundial, e ele como cidadão alemão foi recrutado e mandado para Rússia. Era de um batalhão de cavalaria. A esposa Dorothy ficou com os filhos na Alemanha, enquanto o marido combatia os russos. Não sei onde ficou lá, parece-me que em várias cidades. Nas cartas endereçadas a minha mãe, o remetente era Rússia, ou abreviações, provavelmente não podiam dizer onde estavam. Ele se queixava do frio, da eterna neve e gelo. Mencionava muito isso e nada de lutas, trincheiras, fome. A Helga tinha dez anos nessa época. Ele ficou muito doente lá, acho que do pulmão. Voltou do front e permaneceu em alguma secretaria de guerra, em Berlim. Deve ter sido em 1916. Aí não houve mais cartas, e sei que a família se mudou para Berlim, antes do fim da guerra, quando conseguiram voltar para o Brasil. Voltaram em 1918 para Porto Alegre, onde encontraram a Casa Bromberg na Rua 7 de Setembro completamente destruída pelo incêndio de 1917. O velho Martin faleceu em 1918 e os filhos continuaram a tocar a firma (BRUGGER, 2018).

A participação de Waldemar na Primeira Guerra Mundial (1914 – 1918) é um fato pouco explorado pela família. Faltam dados, documentação e uma apurada investigação. Como ele era um cidadão alemão, foi imediatamente recrutado para servir na guerra, lutando contra os soldados russos, inimigos da Alemanha. O período do final da guerra e do retorno da família ao Brasil coincide com os incêndios criminosos aos estabelecimentos alemães localizados em Porto Alegre (detalhes no quarto capítulo). Além de Waldemar, Bartolomeu e Arthur, outros filhos de Martin Bromberg viriam a integrar os negócios da família. Isso se aplicaria, nos anos seguintes, aos irmãos Fernando, Otto e Erwin.

Após uma vida totalmente dedicada ao trabalho, Gottwald, também sócio da Bromberg & Cia, deixou as casas de Pelotas e Rio Grande, alterando assim a razão social da

³⁵ O Grêmio Foot-Ball Porto Alegre nasceu em 1903. Ele surgiu a partir de uma reunião de comerciantes alemães, cujos estabelecimentos se localizavam no centro da cidade. Entre esses empreendedores estavam os irmãos Bromberg (Arthur e Waldemar), da Bromberg & Cia, empresas que integraram o alto comércio teuto-rio-grandense no Brasil. O fato é que os alemães gostavam muito de esportes, um exemplo disso é o pioneirismo na modalidade aquática, como a vela e o remo praticados no Guaíba. Entretanto, o futebol logo angariou a preferência nacional. Na realidade, ele universalizou, democratizando-se com as “peladas” de rua e o “bate-bola” nos campinhos. O primeiro estádio do Grêmio foi idealizado na virada do século vinte. O local ficou conhecido por Estádio da Baixada, antes, uma região cercada por mato e morro no Bairro Moinhos de Vento, pertencente a Família Mostardeiro. O terreno foi adquirido pelo Grêmio com ajuda dos sócios alemães. Carlos José Bohrer, primeiro presidente, ergueu o estádio com a ajuda financeira de Waldemar e Arthur Bromberg, os quais também integraram a parte administrativa do novo clube. O valor da ajuda ao Grêmio ficou em 10 contos de réis na época (MACHADO, 2018). Sobre o Grêmio Foot-Ball Porto Alegre interessante a leitura da Dissertação de Ricardo Santos Soares (2014) que versa sobre a história social do futebol em Porto Alegre (1903 – 1918).

“Gottwald & Cia”. Neste momento, foi necessária a entrada de Fernando Bromberg nos negócios. Fernando já tinha experiência no ramo, pois havia trabalhado durante nove anos no Brasil. Ele passou a gerenciar a filial localizada na cidade gaúcha de Rio Grande. O grupo seguiu inaugurando novas lojas por diversas regiões do Brasil. Transcorridos algum tempo e seguindo o exemplo de Arthur, Waldemar e Fernando, outros irmãos vieram integrar o empreendimento. Erwin ficou responsável pela filial de São Paulo, cidade com grande concentração de estabelecimentos comerciais e indústrias, destaque no país. Otto entrou no negócio administrando a filial do Rio de Janeiro, então capital federal.

No período de maior sucesso das empresas (as duas primeiras décadas do século XX), as gerências dos estabelecimentos no Brasil e fora já estavam bem distribuídas. Lembrando que Bartolomeu gerenciava a loja de Hamburgo. Portanto, os seis filhos de Martin fizeram parte da direção das filiais da Bromberg & Cia. Apenas um dos filhos não se envolveu nos negócios. Segundo Walther, “apenas um filho não se envolveu com as firmas que foi Oscar Bromberg. Ele era artista, era escultor, morreu na Suíça, ficou completamente separado dos negócios” (BROMBERG, 2018). A seguir imagem dos seis filhos de Martin Bromberg. Sentados da esquerda para a direita estão Arthur, Waldemar, Bartolomeu e Otto. Em pé estão Erwin e Fernando.

Na figura 14, imagem de Oscar Bromberg, o artista da família:

Figura 13: Os seis filhos empreendedores de Martin Bromberg/1900



Fonte: Acervo da Família Bromberg

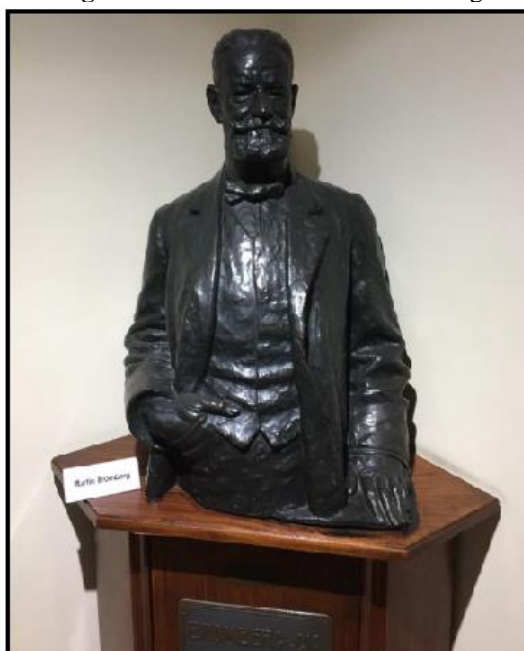
Figura 14: Oscar Bromberg diante de escultura de sua autoria



Fonte: acervo da Família Bromberg

Oscar foi o escultor responsável pela criação da estátua de bronze de Martin Bromberg. A obra está, atualmente, em uma firma Bromberg localizada na cidade de São Paulo, mas que não tem relação com a Bromberg & Cia do passado. Oscar morreu na Suíça.

Figura 15: estátua de Martin Bromberg



Fonte: acervo da Família Bromberg

O governo brasileiro estimulou a importação de máquinas, e isso foi decisivo para a instalação e o sucesso de algumas fábricas brasileiras. A indústria de máquinas e equipamentos³⁶ é o setor chave no processo de industrialização e desenvolvimento econômico de um país. Além disso, essa indústria é importante para o desenvolvimento econômico porque incorpora conhecimentos tecnológicos ao processo produtivo, por meio da introdução de novos bens de capital que elevam a produtividade e eficiência do sistema econômico.

O incentivo do governo brasileiro veio por conta de benefícios aos empresários. Também o setor primário, especificamente a agricultura, se beneficiou das invenções e dos progressos técnicos surgidos na Europa. Máquinas e ferramentas oriundas da Alemanha, e outros negócios que envolviam as áreas de exportação e importação, estimularam a concorrência internacional. Com a intenção de atender às exigências de um Brasil que se modernizava, a Firma Bromberg & Cia. resolveu criar uma seção técnica, a qual era responsável pelo diversificado maquinário alemão. Os negócios ganharam forte impulso, como segue:

E como o Governo Brasileiro auxiliasse as empresas industriaes, os Srs. Bromberg & Cia. começaram a executar instalações technicas de maior monta e, coligados a autoridades brasileiras de renome, obtiveram uma concessão para explorar as forças hydraulicas do Paiz, convertendo-as em energia electrica, para o que mantem o seu próprio pessoal tecnico competente (BROMBERG & Co., 1913, p. 12).

³⁶ A indústria de máquinas e equipamentos é constituída pela produção de máquinas motrizes não elétricas, máquinas e turbinas a vapor, rodas e turbinas hidráulicas e moinhos de vento, motores fixos de combustão interna, equipamentos para transmissões, máquinas, aparelhos e equipamentos para instalações hidráulicas, térmicas e de ventilação, bombas hidráulicas, compressores, aspiradores, exaustores e ventiladores industriais, máquinas e aparelhos de refrigeração, equipamentos para destilarias, lavanderias e cozinhas a vapor, máquinas-ferramenta e máquinas operatrizes, peças e acessórios para máquinas-ferramenta e máquinas operatrizes, máquinas e aparelhos para a lavoura e indústrias rurais, máquinas e aparelhos para lavouras (tratores, arados, cultivadores, carpideiras e congêneres), máquinas e equipamentos para as indústrias rurais (debulhadores, máquinas para beneficiamento de café, cereais e algodão, moendas de cana e congêneres), outros aparelhos agrícolas (incubadoras, pulverizadores, extintores de formigas e congêneres), montagem e reparação de máquinas e aparelhos, construção de máquinas, aparelhos e equipamentos diversos, balanças e básculas, elevadores, pontes rolantes, guinchos, talhas, guindastes e outros aparelhos para transporte e elevação de carga, construção de máquinas, aparelhos e equipamentos em geral (FIBGE, 1955, p. 71-72).

O protagonismo da Bromberg na área de exploração hidráulica para geração de energia é o tema do terceiro capítulo desse trabalho. Fato é que o grande desenvolvimento que apresentou a área técnica e de engenharia das empresas, estimulou, em várias cidades do Brasil, a fundação de filiais, cujo propósito era o de promover o crescimento dos negócios. O surto de urbanização que ocorreu em várias regiões do Rio Grande do Sul gerou a necessidade de recortar a paisagem e, fundamentalmente, modernizá-la. As novas cidades precisavam intensificar seu comércio e sua indústria, o que foi fundamental para o crescimento da Bromberg. A seguir, a história da Casa de Hamburgo e as filiais na América do Sul³⁷.

2.4 A CASA DE HAMBURGO E OS ESTABELECIMENTOS SUL-AMERICANOS

O centro de administração das empresas Bromberg nos primeiros sete anos de existência ficava em Porto Alegre. Porém, devido à mudança de residência dos sócios J. Rech, Martin Bromberg e B. Sesiani, em 1872, para a cidade de Hamburgo, a gerência foi se transferindo, gradativamente, para esta cidade na Alemanha, importante porto e centro de comércio do continente europeu. De lá, os gestores deliberavam, conforme as necessidades de suas filiais no exterior, entre elas, as localizadas no Brasil.

Hamburgo, também conhecida por *Cidade Livre e Hanseática de Hamburgo* é, atualmente, a segunda maior cidade da Alemanha. O nome oficial remonta a seu passado, quando a cidade era membro da *Liga Hanseática Medieval e Cidade Imperial Livre do Sacro Império Romano*, portanto, uma *Cidade-Estado*. Antes da unificação alemã em 1871, a cidade constituía uma entidade política plenamente soberana. Hamburgo experimentou um grande crescimento econômico durante a segunda metade do século XIX, período em que a

³⁷ Algumas filiais são mencionadas de forma superficial pelo livro comemorativo aos 50 anos da Bromberg & Cia. Entre essas casas estão as localizadas nas cidades de Uruguaiana e Santa Maria no interior do Rio Grande do Sul. Também as filiais de Santos e Belo Horizonte possuem pouco ou nenhuma informação relevante. Outra filial que chama a atenção pela falta de informações é a do estado da Bahia. Diante desse quadro, a investigação não conseguiu aprofundar dados e desenvolver a escrita. Demais casas foram contempladas nesse trabalho. A seguir referência encontrada sobre esse assunto: *Em 1910, 1911 e 1912 constituíram-se filiaes em Uruguayana, Santa Maria, Passo Fundo e Cachoeira, todas ellas dependentes da casa de Porto Alegre, que ficou assim sendo a maior das filiaes da firma Bromberg & Co., Hamburgo. A filial em Uruguayana gira sob a razão de Demarchi & Cia., tendo tomado conta de uma antiga casa commercial da qual fora colaborador o actual gerente e sócio Sr. Demarchi. Esta firma ocupa dois prédios, um para a loja, outro para o armazém; as outras três filiaes ocupam cada uma um prédio. Em conjunto a área total das quatro succuesaes é de 5024 m2 (BROMBERG & Co., 1913, p. 8).*

população mais do que quadruplicou, registrando um contingente em torno de oitocentos mil habitantes.

Este aumento populacional e urbanístico de Hamburgo foi decorrente da intensa atividade comercial e marítima. Já naquela época, o Porto de Hamburgo era o terceiro maior da Europa. Além disso, era também importante ponto de partida da maioria dos alemães que emigravam para o Novo Mundo. A cidade possuía ainda a maior empresa de navios transatlânticos do mundo: os conhecidos paquetes³⁸. Hamburgo tornou-se sede de empresas que faziam transações comerciais com vários continentes, como América, África e Ásia. A cidade alemã cresceu sustentada por esse extraordinário comércio mundial.

O primeiro escritório da Bromberg em Hamburgo situava-se à Rua Dornbusch, onde, de acordo com os negócios, ainda não muito extensos, a firma ocupava salas comerciais modestas. Porém, com o impulso das relações transatlânticas ocorridas ainda no final do século XIX, a mudança de endereço se fez necessária. A Bromberg precisou procurar escritórios e salas maiores e mais bem equipadas, cujo propósito era proporcionar conforto aos funcionários e diretores da empresa. Em 1886, a empresa passou a ocupar amplos e sofisticados escritórios situados em grandes edifícios, recém-construídos em Hamburgo, os quais possuíam infraestrutura completa, como segue:

Na grande e sempre florescente cidade hanseática, o “Dovenhof” foi a primeira casa de escritórios, que foi construída com todos os requisitos do conforto moderno, a saber: elevador, calefação central (estufas com aquecimento central por tubos de vapor ou água quente), correio e telegrapho. Devido ao incremento, porém, que tomava a firma, o Sr. Bromberg viu-se ainda por diversas vezes obrigado a mudar de casa, procurando sempre escritórios maiores que pudessem melhor e mais comodamente acomodar o seu pessoal (BROMBERG & Co., 1913, p. 21).

³⁸ Os primeiros paquetes a chegarem aos portos brasileiros vieram da Inglaterra. Tempos mais tarde, os paquetes alemães ganharam espaço no comércio entre a América e a Europa. Com a inauguração, a partir de 1850, de uma linha regular de navio a vapor entre Liverpool, na Inglaterra, e o Rio de Janeiro, o tempo imperial entra em sincronia com o tempo da modernidade europeia. Compras e vendas de mercadorias, cartas e encomendas, taxas de câmbio, juros comerciais, viagens de parentes e amigos possuíam, doravante, um parâmetro temporal fixo. Chovesse ou fizesse sol, com vento ou sem vento, a Linha de Paquetes a Vapor de Liverpool mantinha o ritmo de seus vapores Brasileira, Luzitana, Olinda e Bahiana com uma pontualidade naturalmente britânica: um ou outro desses navios novos e de primeira marcha, saía sempre de Liverpool cada dia 24 do mês para chegar ao Rio exatamente no dia 21 do mês seguinte, continuando depois a viagem para o Prata (ALENCASTRO, 2001, p. 39).

Após a construção da casa *Dovenhof*, foram erguidos outros prédios de escritórios semelhantes no bairro antigo de Hamburgo – o coração da cidade. Nesse bairro, estava localizado também o maior número de casas comerciais de Hamburgo, bem como a conhecida Bolsa de Valores Hamburguesa. Entre todos aqueles edifícios, a Bromberg escolheu o que ficava em uma das ruas mais conhecidas da cidade. Importante registrar que nessa rua estava localizada a Companhia de Valores “Hamburg-Amerika – Paketfahrt – Aktien – Gesellschaft” (vulgo HAPAG). A HAPAG construiu o seu palacete comercial próximo de onde ficavam os escritórios modernos da Bromberg. A mudança para este importante endereço, o qual centralizava os estabelecimentos que compunham as atividades empresariais em Hamburgo, se deu em 1902, quando a Empresa passou a atender nos amplos e sofisticados escritórios situados à Rua Alsterdamm 17, como segue:

Esta casa de escritórios, cujos fundos dão para a Ferdinandstrasse, possui, além de um elevador de funcionamento contínuo (Pater Noster), ainda outro elevador para pessoas e carga. Dos escritórios que dão para a rua Alsterdamm, a vista é soberba, pois abrange as águas do Alster interno e externo, esta bacia enorme e esplendida que tanta admiração e inveja tem suscitado, na qual espelham-se os enormes palacetes dos hotéis modernos e os jardins e parques que tão pitorescamente circundam suas margens sempre garridas de transeuntes e viajantes (BROMBERG & Co., 1913, p. 22).

A princípio, as salas ocupadas no novo edifício eram relativamente pequenas. Desta forma, com o incremento dos negócios comerciais da Bromberg pelo mundo, foi necessária também a expansão das salas. Com a alteração do ambiente, algumas dessas salas passaram a ocupar todo um andar do prédio situado nos endereços: Alsterdamm 17 e Ferdinandstrasse 38. A área destinada às empresas Bromberg & Cia. nesses prédios compreendia mais de 1100 m². Eram espaços onde estavam basicamente os escritórios, a recepção, as salas para reuniões e conferências, os banheiros, entre outros. O número de funcionários empregados nos escritórios em Hamburgo passou dos 150. Eram eles:

7 procuradores, 100 empregados de commercio, 39 empregados technicos e mais 7 empregados diversos. Uma parte d’este pessoal já está empregado na casa Bromberg & Cia. há muitos annos. Quatro senhores até perfazem por ocasião do jubileu da firma mais de 25 annos de actividade ininterrupta. São os Srs. Hartung e Rhein, procuradores da firma, que estão o primeiro há 40 annos, o segundo há 28 nos serviços da firma; o Sr. Rudolphi, guarda-livros, que trabalha há 29 annos na casa e o Sr. Ernesto Woltmann que é há 35 annos encaixotador na firma (BROMBERG & Co., 1913, p. 23).

A estabilidade do quadro de funcionários da empresa em Hamburgo, incluindo alguns procuradores com quarenta anos de atividade, mostra o equilíbrio econômico da Bromberg, ao longo dos anos, especialmente, nos primeiros cinquenta anos de funcionamento. Os recursos humanos disponíveis em uma firma, ou seja, a força de trabalho qualificada é entendida como um investimento na visão de PENROSE (2006, p. 62):

Alguns empregados são arregimentados através de contratos de longo prazo e podem representar um investimento substancial por parte da firma. Para alguns propósitos, eles podem ser encarados como recursos duráveis mais ou menos fixos, da mesma forma que as instalações e os equipamentos. Embora não seja uma propriedade da firma, ela sofre uma perda comparável a uma perda de capital quando tais empregados a abandonam no auge de suas aptidões.

A expansão vertiginosa dos negócios exigia, conseqüentemente, a divisão das atividades nos escritórios. Assim, constituíram-se diferentes seções independentes. Entre esses pequenos departamentos, estavam os de contabilidade, caixa, seção telegráfica, tipografia, seção de compras, seção de catálogos e de expedição de amostras, seção literária, despacho de cartas, secretaria, expedição, seção técnica e de engenheiros.

Para que a comunicação entre estas diversas repartições dos escritórios Bromberg & Cia. fosse mais rápida e eficiente, instalou-se um centro telefônico próprio, com seis linhas principais e vinte ramais ligados ao Centro Telefônico do Correio de Hamburgo. Ainda dentro do perímetro dos escritórios, foram instalados sessenta telefones, os quais eram atendidos pelo centro de telefonia da empresa. Cada mesa de trabalho possuía o seu próprio aparelho, o que era um avanço para a época, facilitando, assim, a comunicação dentro e fora dos escritórios.

A correspondência também funcionava de forma bastante eficiente. Ao todo, as repartições demandavam em torno de 1.200 cartas diárias, sendo 600 cartas que chegavam do exterior e 600 que saíam. A mala transatlântica semanal para as filiais consistia em cerca de 700 folhas. E para isso eram necessários, “57 machinas de escrever, machinas de fechar cartas, de sellal-as, machina de copiar com acionamento electrico, emfim todas as machinas auxiliares para o serviço de escriptorio, que existem na praça” (BROMBERG & Co., 1913, p. 24).

Cada seção dos escritórios da Bromberg em Hamburgo estava assim definida: na seção telegráfica havia uma estação própria que se comunicava diretamente com o telégrafo principal de Hamburgo. Desta forma, a comunicação era rápida e eficiente. Já o setor de litografia da firma possuía dois prelos manuais que imprimiam com os melhores sortimentos

de tipos. A impressão de etiquetas, por exemplo, variava de cinco a seis mil exemplares, diariamente. Na seção de catálogos e amostras, os arquivos contavam mais de dezoito mil catálogos de fábricas europeias e mais de vinte mil amostras diversas, cujos produtos atendiam as necessidades do público consumidor. Na chamada “seção literária”, o foco centrava-se na aquisição de novos fregueses, ampliando assim os negócios de importação e exportação de produtos alemães. “N’esta repartição são ideados e executados cartazes de reclame, catálogos, listas de preço, clichés etc., que depois enviam-se as casas de além-mar” (BROMBERG & Co., 1913, p. 25).

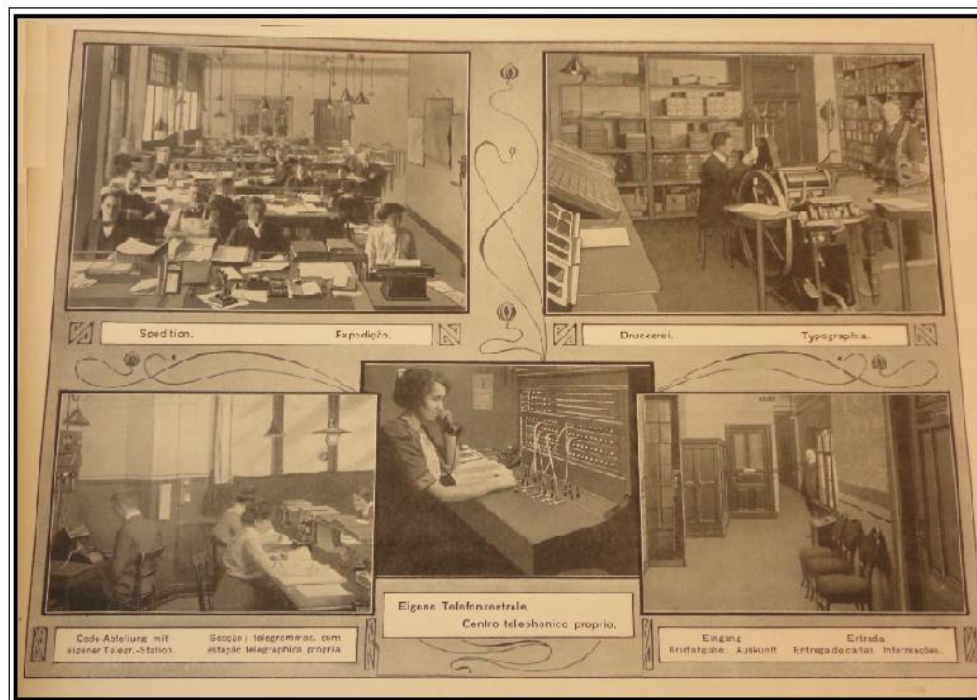
As questões jurídicas dos escritórios em Hamburgo ficavam a cargo do advogado Dr. Schmiersow. Era ele o responsável pelas ações que envolviam os negócios Bromberg dentro e fora da Alemanha. Já a seção técnica era chefiada pelo engenheiro J. Otto Roosen-Runge. A preocupação dos gestores da Bromberg era de que os cargos de gerência fossem ocupados por profissionais técnicos e qualificados. A quantidade e diversidade das instalações e obras transatlânticas executadas pelas firmas exigiram que a seção técnica fosse dividida em várias áreas, todas elas administradas por engenheiros e especialistas nos diversos ramos.

Decorrente da grande diversidade dos produtos e serviços oferecidos pela Bromberg, as áreas eram divididas da seguinte forma: seção de instalações de estradas de ferro; de usinas de força e luz elétrica; de instalações de fábricas de gelo e frigoríficos; de instalações de filtração; de edifícios e construções; de instalação de fábricas de manipulação de madeira; de fábricas industriais de toda espécie; de instalações de locomóveis; de máquinas para agricultura e lavoura; de instalações de motores; de moinhos e engenhos; de instalações de bombas; de construção de navios e embarcações de toda espécie; de instalações de matadouros; de obras de arte; de turbinas; de instalação de fábricas de tecidos e fiações.

Configurava-se, desta forma, uma complexa e necessária divisão de tarefas, as quais qualificavam ainda mais o trabalho, não só em Hamburgo, mas também nas filiais espalhadas pelo mundo. “As ofertas são elaboradas em Hamburgo, em parte nas filiaes sul-americanas. Dedicar-se o mesmo cuidado a todas as instalações, desde as maiores às menores. Ellas são executadas com a máxima pericia por engenheiros eminentes e montadores expertos da firma” (BROMBERG & Co., 1913, p. 125).

Na figura 16 é possível identificar alguns desses ambientes de trabalho da Bromberg em Hamburgo, entre eles, o setor de expedição, de tipografia, de telefonia e o hall de entrada da empresa.

Figura 16: Escritórios da Bromberg em Hamburgo/Alemanha



Fonte: BROMBERG & Co., Hamburgo, 1913, p. 31

Diante do crescimento nas atividades desenvolvidas pela Bromberg em Hamburgo, a empresa sentiu a necessidade de expandir também o relacionamento com seus fornecedores. Por isso, foi preciso contatar com um grande número de renomadas fábricas alemãs para o fornecimento de máquinas, materiais de construção e produtos industriais necessários. Era o que hoje, identificamos como terceirização³⁹ ou seja, a transferência de algumas atividades a outras empresas especializadas, proporcionando maior disponibilidade de recursos e lucratividade. A demanda dos produtos oferecidos pela Bromberg & Cia. exigiu um novo posicionamento da empresa, bem como de seus parceiros no negócio:

³⁹ O criador do termo “terceirização” foi Aldo Sani, engenheiro e diretor superintendente da Riocell – empresa de celulose de Guaíba (RS), no início da década de 1970. A palavra terceirização é um neologismo, sua origem é o latim *terciariu*, derivada do ordinal *tertiariu*. Ao que tudo indica, esse neologismo é uma exclusividade brasileira; em todos os outros países, o termo usado refere-se à relação entre as duas empresas, ou seja, é sempre a tradição da palavra subcontratação; em francês *soustraitance*, em italiano *sobcontrattazione*, em espanhol *subcontratación*, no inglês, *outsourcing*. Defendia-se a ideia de que as empresas deveriam focar suas atividades-fim e delegar tarefas e processos acessórios (atividades-meio) a outras empresas especializadas (MARCELINO; CAVALCANTE, 2012).

Entre a casa Bromberg & Cia. e os grandes industriaes mais importantes e de melhor renome da Allemanha travaram-se, por conseguinte, relações commerciaes permanentes, que resultaram em serem instituídas a casa de Hamburgo e suas filiaes de além-mar como únicos e exclusivos representantes d'aquelles, tanto no Brazil como na Argentina. Ligada assim a casas de primeira ordem, a firma Bromberg & Cia dá a maior garantia a seus committentes para a boa e fiel execução das suas encomendas e ordens (BROMBERG & Co., 1913, p. 26).

O resultado dessa eficiente organização foi a existência de um farto depósito de produtos em todas as filiais localizadas na América do Sul. O registro desses estoques está presente no livro da Bromberg, como segue:

Em todas as filiaes brasileiras e argentinas, Bromberg & Cia. e Bromberg, Hacker & Cia, há um deposito permanente e rico de todas as espécies de automóveis, machinas para funilarias, machinas para fabricas de cervejas, prelos de impressão, dynamos, motores de explosão ou a vapor, motores electricos, artigos para instalações electricas, machinas de manipulação de madeira, caldeiras, locomoveis, machinas de agricultura, machinas para fabricas de papel, bombas, aparelhos para quadros de distribuição, telephones e telégrafos, ferramentas e machinas-ferramentas, assim como machinas para olarias e ferragens de toda espécie (BROMBERG & Co., 1913, p. 26).

Os depósitos desses materiais diversos viabilizavam para as filiais uma grande produtividade, uma vez que esses estoques possibilitavam a comercialização imediata e, conseqüentemente, a obtenção de lucros vultosos. O sucesso do empreendimento com sede em Porto Alegre é tema do próximo capítulo.

2.4.1 Porto Alegre: o berço das empresas no Brasil

A partir da segunda metade do século XIX, com o fim da Revolução Farroupilha (1835 – 1845), ocorreu um aumento considerável da população porto-alegrense, decorrente, em grande parte, do forte incremento da imigração. Ainda que a grande maioria desses imigrantes se dirigisse às colônias agrícolas no interior do estado, muitos permaneciam nas cidades ou retornavam a elas após o contato com a dura realidade rural. Isso aconteceu com alguns imigrantes que fixaram residência em Porto Alegre.

A economia local cresceu junto com o porto da cidade, fundamental para a circulação de mercadorias e de pessoas. A ampliação dos limites do centro da cidade foi feita a partir dos sucessivos aterros a beira do Lago Guaíba. No centro foram efetuadas melhorias nos diversos equipamentos públicos, a partir da construção de fontes para abastecimento de água, cemitérios, cadeia, asilos, abertura de novas ruas e ampliação do Mercado Público.

Melhorias foram igualmente viabilizadas na área da saúde, com a consolidação da Santa Casa de Misericórdia. Nesse período, surgiram os bairros mais distantes do centro, conhecidos como “arrabaldes”, entre eles, a Tristeza e o Menino Deus, locais de veraneio de muitos alemães. Na visão de Sérgio da Costa Franco (2008, p. 11), Porto Alegre começou a ganhar “ares” de capital a partir de 1872, com alguns melhoramentos, tais como: transporte coletivo, água encanada e iluminação a gás. Foi também o momento de se tornar reconhecida internacionalmente devido à presença de muitos alemães, que lhe deram um toque forte de germanismo. Nos estudos de Magda Gans (2004, p. 41), os teutos foram co-agentes destas transformações na paisagem urbana. Algumas regiões da capital ficaram conhecidas pela forte presença de estabelecimentos de alemães, entre elas, a região do Caminho Novo, como segue:

A estação férrea contribuiu, juntamente com a instalação de trapiches, para atrair àquela área grande número de comerciantes, especialmente importadores. Os estabelecimentos de depósitos, estaleiros, oficinas e trapiches foram, pois, transformando o Caminho Novo de um passeio bucólico, uma bela alameda plantada da banda do rio de árvores frondosas (GANS, 2004, p. 39).

A autora (GANS, 2004, p. 2) analisa ainda o fato desses alemães de poder aquisitivo alto, em geral importadores, aparecem mais isoladamente, a partir do final da década de 1860, porém, em número significativo, na década de 1880. Portanto, em vinte anos, ocorre um aumento no número desses grupos, cujos estabelecimentos se concentravam nas ruas Sete de Setembro e Voluntários da Pátria.

No referido Caminho Novo foi possível localizar 120 teutos instalados profissionalmente. Lá se estabeleceram, em maior número, os teutos de nível socioeconômico alto: aparecem 40 casas de grande porte, principalmente importadoras de ferros e ferragens. (...) a Rua Sete de Setembro foi, ao lado do Caminho Novo, o outro local de concentração dos comerciantes importadores teutos. Em ambos predominavam os importadores de ferros e ferragens (GANS, 2004, p. 41).

Para Charles Monteiro (2012, p. 26), os serviços públicos foram fundamentais para o crescimento urbano e econômico de Porto Alegre. Para Monteiro (2012, p. 26), eles reorganizaram e modernizaram o espaço urbano central da cidade. Entre esses serviços estava a construção de um gasômetro para fornecer iluminação pública; a regularização da coleta de lixo, por lei municipal (1876); o início do saneamento (em 1878, com a coleta dos cubos sanitários); e a implantação do serviço telefônico (1886).

E foi nesse cenário de progresso urbanístico que se instalou em Porto Alegre a filial da Bromberg & Cia. no final do século XIX.

O álbum comemorativo aos cinquenta anos da Bromberg & Cia. (já citado) faz referência aos primórdios dos negócios na capital gaúcha: “Porto Alegre, a capital do Estado do Rio Grande do Sul, situada às margens do Guahyba, foi o berço da firma Bromberg & Cia” (BROMBERG & Co., 1913, p. 32). No ano de 1912, a capital do estado contava com mais de 130 mil habitantes, o que estimulou a empresa a dedicar-se também às vendas a varejo, conforme nota a seguir:

O desenvolvimento continuo da cidade de Porto Alegre, cujo numero de habitantes atingiu em 1912 a 135000, induziu a firma a dedicar-se também a vendas a varejo. Em 1892, conforme já dissemos na primeira parte deste livro, ella fundou a firma Luiz Voelcker & Cia. para atender a freguesia domiciliada dentro dos limites urbanos. Um incêndio voraz destruiu no verão de 1909 o edificio antigo ocupado por esta firma, sendo elle reedificado e substituído por um sumptuoso palacete em construção de ferro moderna, situado na rua principal de Porto Alegre e cujo interior está guarnecido com todos os requisitos do bom gosto e conforto. É a casa comercial mais moderna de toda a cidade de Porto Alegre (BROMBERG & Co., 1913, p. 33).

O livro da Bromberg discorre ainda sobre a construção de um moderno edifício de doze andares, localizado no centro da cidade, onde seriam instalados os armazéns da Bromberg:

Hoje em dia, a firma Bromberg & Cia. tem em Porto Alegre 10 casas de negocio e armazéns, em que há salas destinadas à exposição e venda dos diversos artigos que importa. Quatro armazéns estão situados no porto, onde a firma tem um trapiche próprio e diversas instalações de guindastes e outros aparelhos para alliviar navios, sendo de sua propriedade a maior grua de toda a cidade. O prédio onde está alojado o deposito de ferragens vai ser demolido para dar logar a uma moderna casa de armazéns de 12 andares. Depois de concluído, este edificio vai ser o armazém mais alto de todo o Estado do Rio Grande do Sul (BROMBERG & Co., 1913, p. 33).

A obra se reporta à questão da dificuldade de usos do porto da cidade, localizado às margens do Guaíba, para o escoamento dos produtos das firmas. O fato é que o Lago Guaíba, por não ser navegável para embarcações de grande calado, não podia receber os paquetes transatlânticos vindos da Europa, e, especialmente, de Hamburgo, muito comuns naquele tempo. Eram esses grandes paquetes que transportavam todo o maquinário alemão comercializado pela Bromberg: “Até a virada do século 20, o cais de Porto Alegre era acanhado e ineficiente. Indústria e comércio, mais do que uma via de acesso de mão dupla, viam nele um gargalo” (BUENO; TAITELBAUM, 2009, p. 148).

Na análise de Sérgio da Costa Franco (1983), o porto da capital não passava de um ancoradouro natural, sem benfeitorias ou instalações modernas, destacando-se nesse cenário apenas os trapiches. “Entrementes, continuava o porto de Porto Alegre quase no mesmo

estado em que o tinham encontrado os pioneiros do século 18. Tudo o que havia eram trapiches, construídos e explorados por particulares” (1983, p. 132).

Assim, diante da necessidade, foi viabilizado o uso de outro porto, o de Rio Grande⁴⁰. Localizado na margem direita do canal do Norte, que liga a Lagoa dos Patos ao Oceano Atlântico, o Porto de Rio Grande permitia, desta forma, a saída (de mercadorias e passageiros) para a Europa e outros continentes. A cidade de Rio Grande cresceu muito em função desse movimento portuário comercial e de pessoas. E os negócios da Bromberg em Rio Grande, acompanharam este crescimento. De Rio Grande, o maquinário alemão importado de Hamburgo era encaminhado a Porto Alegre, para redistribuição às demais regiões do estado.

Apesar das dificuldades enfrentadas pela Bromberg para escoar as mercadorias, as lojas de Porto Alegre conseguiram se destacar, apresentando um vertiginoso crescimento ao longo dos anos. Como em todas as filiais mais antigas, a firma Bromberg & Cia. estabeleceu na capital uma rede de lojas, cujos produtos eram comercializados por atacado e também pelo varejo. Os produtos eram, na sua maioria, ferragens, metais, ferro bruto, ferro em barras, ferramentas e máquinas. Além das lojas, havia os escritórios da administração, os quais estavam localizados também no centro da cidade, nas ruas Marechal Floriano, número 54 e Vigário José Inácio, números 19 e 21, conforme figura 17:

⁴⁰ Com um calado de 40 pés, o Porto do Rio Grande possui excelente profundidade em seus terminais de granéis e de contêineres, superior ao correspondente nos portos argentinos, uruguaios e catarinenses. Com calado e condições operacionais privilegiadas o porto é o ponto perfeito para o transbordo de contêineres e de completamento de carga de granéis dos países da Bacia Hidrográfica do Prata. Além disso, em seu cais público, Porto Novo, com 31 pés de calado, o porto rio-grandino oferece invejável disponibilidade de atracação, possuindo um cais com cerca de 2 km de extensão. PORTO DE RIO GRANDE - Site institucional do Governo do Estado do Rio Grande do Sul sobre o Porto de Rio Grande. Disponível em http://www.portoriogrande.com.br/site/sobre_porto_historico.php. Acesso: 25 fev. de 2018.

Figura 17: Filiais da Bromberg localizadas no centro de Porto Alegre/1912

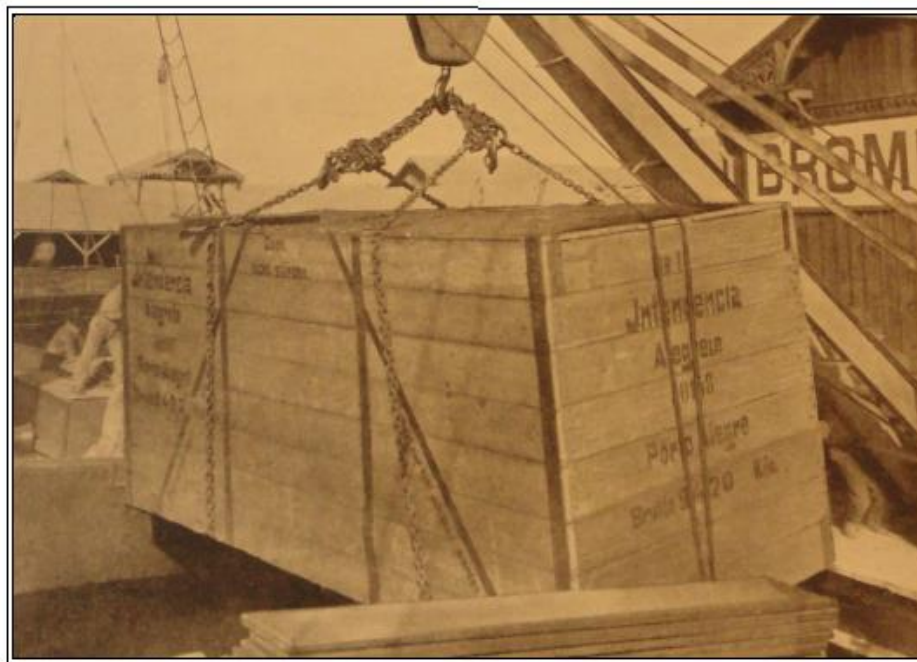


Fonte: BROMBERG & Co., Hamburgo. *Op. cit.*, 1913, p. 37

Além das lojas e dos escritórios, havia ainda um trapiche de propriedade da Bromberg que funcionava como atracadouro para as embarcações e carregamento de mercadorias:

A importação iniciou antes da construção do cais e não havia como encostar navios. Essa Companhia de Hamburgo Sul Americana tinha chatas próprias aqui para o transbordo para o cais. E o trapiche da firma Bromberg tinha o primeiro guindaste de maior capacidade de carga. Porque tinha um guindaste de capacidade de carga de 10 toneladas. Naquela época era um negócio gigante. Tudo construído sobre pilares de madeira cravados no rio. Esse trapiche ficava onde hoje é a Avenida Mauá. Porque o negócio da Bromberg começava na Sete de Setembro e terminava dentro d'água, no trapiche. Onde hoje é o edifício da firma Bromberg, até tem o nome ainda, na Siqueira Campos na Figueira, ali era o início do trapiche, tinha um grande hangar que era o depósito de materiais (BROMBERG, 2018).

Figura 18: Guindaste da Bromberg descarregando equipamentos



Fonte: BROMBERG & Co., Hamburgo. *Op. cit.*, 1913, p. 167

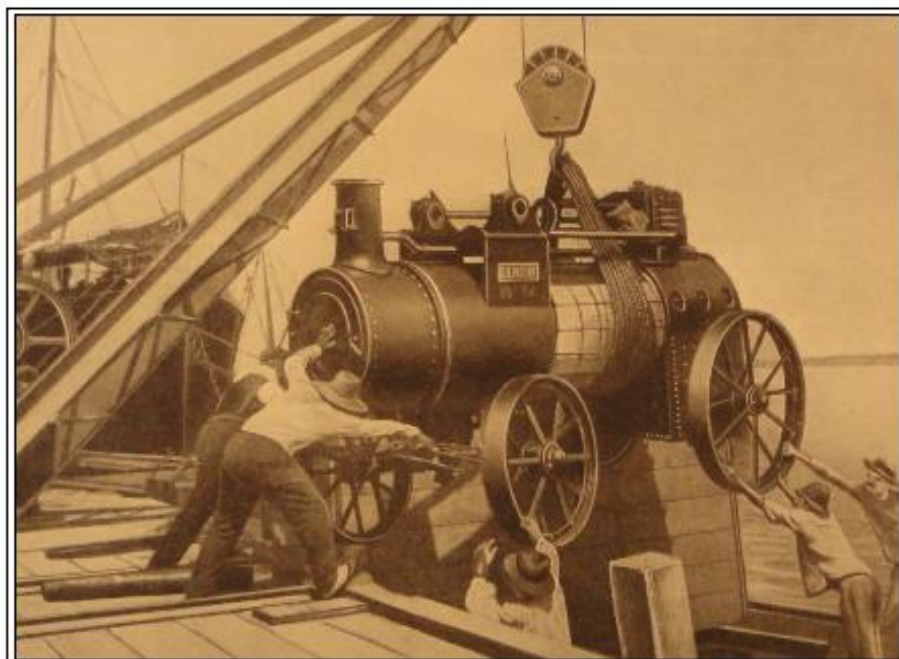
Os trapiches foram construídos também para proteger o patrimônio da empresa do avanço das águas do Guaíba, em época de enchentes. Antes do advento dos aterros, as enchentes eram uma constante na cidade de Porto Alegre, pois o lago é o grande receptor das águas de rios da região metropolitana. Na análise de Rafael Guimaraes (2011), o Guaíba recebe as águas de quatro rios extensos e caudalosos: Jacuí, Caí, Gravataí e Sinos. A cada chuva forte, as águas desses rios convergem ameaçadoramente em direção à cidade. O Guaíba transborda e alaga as áreas mais baixas da cidade. Devido a esse cenário, Arthur Bromberg nomeou a enchente de 1873 de dilúvio: “Em 1873, o segundo maior dilúvio foi aqui, um metro menos do que em 1941. A água chegou ao limiar da Rua Sete, por isso construímos os trapiches atrás da casa principal e da União de Ferros, para evitar inundações” (BROMBERG, 1959). A seguir, imagens (figuras 19 e 20) que contemplam o trapiche, os depósitos das empresas e a chegada de um locomóvel da marca Lanz. O equipamento estava sendo desembarcado por meio do guindaste da Bromberg.

Figura 19: trapiche e depósitos da Bromberg no centro de Porto Alegre



Fonte: BROMBERG & Co., Hamburgo. *Op. cit.*, 1913, p. 36

Figura 20: Locomóvel Lanz/trapiche Porto Alegre



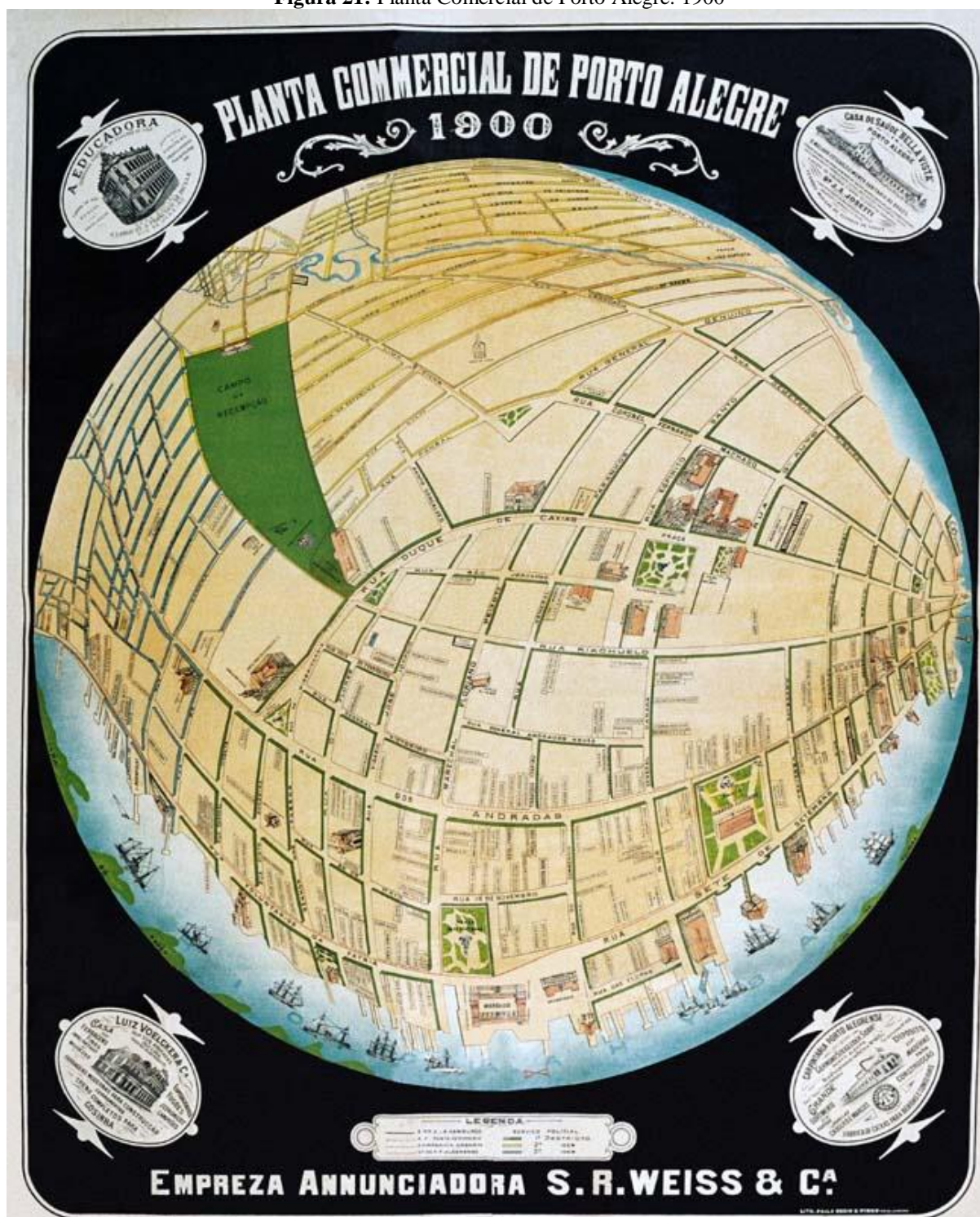
Fonte: BROMBERG & Co., Hamburgo. *Op. cit.*, 1913, p. 218

O centro da capital, onde estavam as lojas, os depósitos e o trapiche de propriedade da Bromberg & Cia, é identificado na Planta Comercial de Porto Alegre (IHGRGS, 1900). A planta, editada em 1900, foi uma iniciativa da *Empreza Anunciadora S. R. Weiss & C*, e impressa na *Lithographia Paulo Robin & Pinho*, no Rio de Janeiro. O desenho (figura 21) é uma projeção de um globo representando o centro de Porto Alegre e vizinhanças. Nessa planta, é possível identificar ainda o registro de quatro anúncios comerciais de firmas da capital, onde os prováveis patrocinadores tiveram suas marcas em destaque. São elas: a *Companhia de Seguros A Educadora*, a *Casa de Saúde Bela Vista*, a *casa Luiz Voelcker & C^a* e a *Carpintaria Porto Alegrense*. Ressaltando que a casa Luiz Voelcker & C^a pertencia a alemães, o que reforça a teoria de Jean Roche (1969) sobre a existência de grupos imigrantes empreendedores na cidade de Porto Alegre.

Consta que esta planta teria sido uma das primeiras plantas comerciais da cidade, facilitando a localização dos estabelecimentos comerciais, industriais, de serviços, bem como os logradouros públicos em destaque naquele ano de 1900. Vale ressaltar que Porto Alegre, na virada do século XX, era uma cidade em processo de modernização, e a existência de uma planta comercial refletia este momento histórico. Segundo Sérgio da Costa Franco (1984, p. 136), “a belle époque anterior a I Grande Guerra e o próprio conflito mundial haviam estimulado, sob todos os aspectos, as forças da produção, determinando um incremento geral das atividades agropecuárias e da indústria local, com alargamento dos mercados e altas dos preços”.

O registro das novas avenidas que surgiam, bem como das casas de comércio e das instituições bancárias vinha ao encontro desse novo cenário urbanístico. É importante salientar que a planta serviu como guia de localização dos pontos comerciais e de serviços da cidade. A imagem do Cais do Porto, antes mesmo de existir um porto, pois a construção iniciou somente em 1911, aparece na planta de 1900. Observando o mapa, nota-se que na proximidade do Guaíba, tanto na Rua Voluntários da Pátria, quanto na Rua Sete de Setembro, existia um grande número de trapiches. Esses trapiches serviam de cais particulares para as casas e indústrias da região, local onde descarregavam ou embarcavam suas mercadorias. Além do cais, são identificadas na imagem cartográfica grandes comerciantes de Porto Alegre, como: Bier & Cia., Otto Niemeyer e H. Theo Moller. Entre a Praça da Alfândega e o Mercado Público, em especial na Rua Sete de Setembro, vê-se ainda onde estavam localizadas as casas comerciais importadoras e exportadoras, como é o caso da Bromberg & Cia.

Figura 21: Planta Comercial de Porto Alegre. 1900

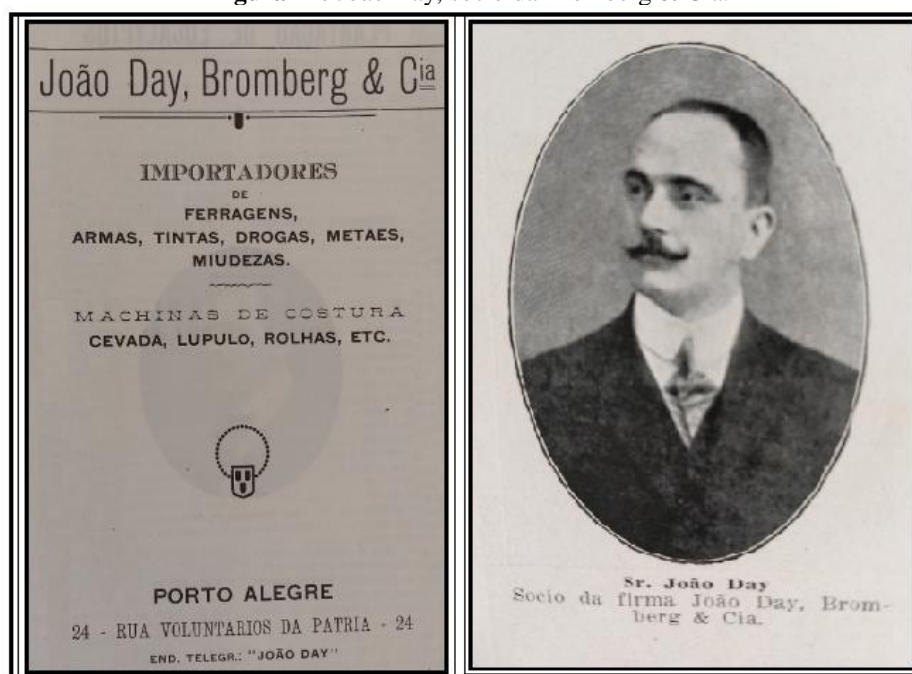


Fonte: acervo do IHGRGS.

A loja da Bromberg localizada em Porto Alegre era administrada, no final do século XIX, pelo sócio João Day. Por isso, o nome da firma neste período era João Day, Bromberg & Cia. A casa comercializava, além dos produtos já mencionados, todo o tipo de artigos de empório para as colônias e para as vilas, habitadas por imigrantes alemães e italianos. E, para divulgar e vender seus produtos, a loja ainda empregava seis viajantes. Conforme anúncio em um jornal da época pode-se verificar não só a grande variedade de artigos disponibilizados pelas lojas de Porto Alegre, mas também a garantia de qualidade oferecida pela empresa, a qual ainda alertava para o perigo de artigos falsos:

João Day Bromberg & Co. Importação de ferragens, tintas, miudezas e machinas. Unicos importadores dos artigos das seguintes marcas registradas: Machinas de costura Original Victoria e Original Saxania. Limas Caveira, machados Cachorro, enchadas Coroa, cutelaria Sesiani, cevada Coroa. Arame de aço Sem Rival e Neptuno. Cimento Gato, metaes Esspadas, carbureto Helics, Farinha Kufeke. Machinas agrícolas e industriaes dos mais afamados fabricantes do mundo. Observamos mais uma vez que os artigos das marcas acima mencionadas são importados exclusivamente pela nossa firma e garantimos sua superior qualidade. Cuidado com as falsificações. Porto Alegre (BLANCATO, 1923, s/p).

Figura 22: João Day, sócio da Bromberg & Cia.



Fonte: BLANCATO, V. *Op. Cit.*, 1923, s/p.

João Day (fig. 22) nasceu em Hamburgo, em 1865, naturalizado inglês, fez seus estudos, inicialmente, em Hamburgo, e os concluiu na Inglaterra. No Brasil, instalou-se em Porto Alegre em 1887, onde se empregou na Casa Lau Huber & Cia. Mais tarde, adquiriu a

razão social de Carlos Huber & Cia. Em 1895 ingressou como sócio nos negócios de importação da Bromberg. Os escritórios e armazéns estavam localizados às ruas Marechal Floriano nº 5 e Vigário José Inácio, nº 19 e 21. Além dos endereços citados, a firma João Day, Bromberg & Cia. possuía depósitos na Rua Voluntários da Pátria no centro de Porto Alegre. João Day fez parte também de muitos clubes sociais e esportivos, e, durante muito tempo, foi presidente do Clube de Regatas e da União Velocipédica. Na obra “Impressões do Brazil no século vinte”, consta a seguinte informação sobre João Day:

O Sr. João Day, súbdito inglez naturalizado, nasceu em Hamburgo em 1865. Fez os seus estudos, parte em Hamburgo e parte na Inglaterra. Terminados eles, praticou o commercio, durante cinco annos, na cidade natal. Vindo para Porto Alegre, em 1887, empregou-se na casa Lau Huber & Cia, mais tarde Carlos Huber & Cia. Em 1895, entrou, com sócio, para a casa de que trata esta noticia, e a qual girava então sob a firma João Van Bromberg & Cia. O Sr. J. Day faz parte de vários clubs sociaes e sportivos; e durante muito tempo foi presidente do Club de Regatas e da União Velocipedica (WRIGHT, 1913, p. 828).

A Bromberg & Cia. também foi sócia da União de Ferros Bromberg, Daudt & Cia. (1897), a qual tinha por atividade a importação e comercialização de ferro bruto, ferro em barras, chapas, suportes e vigas, entre outros. Diante da importância estratégica do ferro para o Brasil naquele momento, a sociedade recém-firmada representava aos acionistas da Bromberg uma oportunidade real de bons lucros no futuro:

Em um paiz novo como o nosso, onde tudo está em continua transformação e progresso, o ferro desempenha papel importante por ser o representante legítimo da actual civilização, a base industrial. Por isso mesmo a importante casa desta capital “União de Ferros” tem desde a sua fundação preenchido uma lacuna e prestado reaes serviços não só ao commercio como as industrias, principalmente às oficinas mecânicas e ferrarias (BLANCATO, 1923, s/p).

Em 1922, durante as comemorações ao centenário da Independência do Brasil, a Livraria do Globo publicou artigo fazendo referência a essa próspera união, a qual já durava mais de vinte anos:

A União de Ferros, constituída pela conceituada firma Bromberg, Daudt & Cia., foi fundada no anno de 1899 com o elevado capital de 1.000.000\$000. No seu ramo é a mais importante casa do Estado quer pelo vulto de seu movimento e pelo capital empregado, que ainda pelas relações commerciaes deque dispõem seus sócios. Importa em grande escala ferros, aço, ferramentas para ferreiros, etc., da Europa, America do Norte, Rio e São Paulo. Os seus escriptorios assim como os grandes depósitos acham-se instalados em vasto prédio próprio à rua Voluntarios da Patria 54-56, dispondo de trapiche onde podem atracar vapores de grande calado. A direção dos negócios está affecta ao sócio sr. Carlos Daudt, que, apesar dos annos, conserva uma invejável capacidade de trabalho, oriunda do seu forte physico e de um juvenil e constante bom humor (BLANCATO, 1923, s/p).

Portanto, as firmas tinham na figura de Carlos Daudt a direção firme do empreendimento: “Em um livro como este, comemorativo do glorioso Centenario do Brasil, folgamos prestar homenagem ao sr. Carlos Daudt, exemplo vivo de trabalho, de operosidade, modelo de cidadão e excelente chefe de família” (BLANCATO, 1923, s/p). O texto menciona ainda a importância da Bromberg para o sucesso dessa sociedade, bem como a facilidade de obtenção de crédito por parte dos clientes:

Vinte e três annos de prospera existência da União de Ferros, o seu crescente desenvolvimento, e o largo credito de que se tornou merecedora, provam a sociedade a acção que os srs. Bromberg, Daudt & Cia., desde muitos annos, desenvolvem em prol do nosso progresso. É desnecessário referirmo-nos à organização desta firma, pois ella obedece aos moldes da poderosa e benemérita casa Bromberg & Cia. O largo credito em condições vantajosas que a União de Ferros concedeu sempre aos seus fregueses, principalmente aos que mais precisaram constituem titulo de benemerência para os srs. Bromberg, Daudt & Cia., que têm visto aumentar continuamente o numero de seus clientes e o volume de seus negócios (BLANCATO, 1923, s/p).

Conforme a nota publicitária, o estoque da empresa era permanente e organizado, o que valorizava o negócio das vendas pelo interior do estado:

O escriptorio é organizado com todo o rigor e dirigido pelo sr. Sperling, passando ao armazém da frente, onde há sempre um forte movimento de mercadoria e de pessoas, e indo aos vários depósitos nos fundos, nota-se o methodo e a ordem que preside em tudo. Varios desses depósitos estão destinados a ferros e ferramentas consumidos quase que exclusivamente nas colônias italianas. A secção de maior movimento é a de expedição para o interior, pois diariamente são embarcadas toneladas e toneladas para todos os recantos do Estado. (BLANCATO, 1923, s/p)

A figura 23 recupera dois momentos da sociedade: na foto à esquerda, vê-se a figura de Carlos Daudt, sócio da Bromberg Daudt & Cia. Na imagem à direita, é possível identificar a variedade dos produtos comercializados pela empresa União de Ferros, tais como, ferro, aço, chapas, canos, ferramentas etc.

Figura 23: Carlos Daudt, sócio da Bromberg & Cia. e informe publicitário da firma.



Fonte: BLANCATO, V., 1923, s/p

Com o passar do tempo, outros sócios se incorporaram ao empreendimento. Este é o caso de Rodolpho E. Schaefer: “bem moço ainda, mas que pela vivacidade e precoce inteligencia, após ter passado por todos os degraus do officio na mesma casa, soube elevar-se ao cargo de responsabilidade e de confiança que, com muita competência e rara atividade desempenha” (BLANCATO, 1923, s/p).

A fundação da empresa, em 1897, contou também com a participação de Alberto Bins, cujos negócios antecederam as atividades de político. Porém, diante de novas possibilidades empreendedoras, Alberto Bins deixa a empresa em 1904, um ano antes da sua primeira plantação de arroz em Gravataí, e assume sozinho à direção da fábrica Berta da qual era proprietário. “Já casado com Clotilde Christoffel, filha do dono da cervejaria Christoffel, foi trabalhar com Martim Bromberg, em sociedade com o qual fundou a ferragem União de Ferros” (BUENO; TAITELBAUM, 2009, p. 48). Nas memórias de Rita Bromberg Brugger, percebe-se a relação estável que existia entre a família Bromberg e o empresário e político Alberto Bins. Novamente, as redes de sociabilidade aparecem nas relações entre esses alemães:

Eram amigos, também clientes. Os conheci quando visitaram os meus avós Waldemar e Dorothy aos domingos, tomando chá no jardim da casa na Pedra Redonda. Eu fui uma vez na casa deles, na Vila Christoffel, lá na Independência, nos fundos do Bom Conselho e Hospital Alemão. Tinha o clube de tênis Walhalla

perto. Alguém da família tinha um cofre Berta em casa, eu me lembro dele (BRUGGER, 2013).

A fábrica Berta de Alberto Bins notabilizou-se pela produção dos confiáveis cofres Berta (citado pela depoente), os quais eram adquiridos pelos mais renomados bancos estrangeiros da época, entre eles o National City Bank of New York, o Banque Française el Italianne e o British Bank of South America. Os cofres resistiam não só ao fogo, mas também a quedas, fato que os diferenciava dos demais cofres da época. Um acontecimento reforçou ainda mais a ideia de durabilidade dos cofres:

Em 16 de outubro de 1922 irrompeu um novo incêndio em Porto Alegre, durante o qual, quase 30 cofres foram submetidos por horas à alta temperatura de fusão. Os cofres da Berta resistiram – os demais, não. O fato foi amplamente referido pela imprensa, e as notícias vieram acompanhadas de atestados espontâneos que cerca de 20 firmas dirigiram ao fabricante, segundo relatórios publicados pela Fundação Berta (BUENO; TAITELBAUM, 2009, p. 48).

Com o passar dos anos e o surgimento de novas filiais, expandiu-se também a exportação de maquinário. A princípio, a casa de Hamburgo exportava poucas máquinas, mas com o aumento dos pedidos, esta atividade foi crescendo, até atingir dimensões as quais indicavam a abertura de mais lojas. Assim, foram inauguradas no Brasil as lojas *Ao Cilindro*, responsáveis pela distribuição em larga escala de artefatos elétricos e de máquinas de costura e de escrever.

A especialidade da casa *Ao Cilindro* abrange vários ramos. Vamos aqui citar alguns: Instalações de luz, telephones e campainhas; depósitos de material para installações electricas e artigos para iluminações; machinas de escrever Continental; machinas de costura; aparelhos electricos para cosinha; aparelhos de massagem; ventiladores; exaustores; artigos para presentes. Em matéria de iluminação, *Ao Cilindro* tem batido o record, encarregando-se das principaes installações de Porto Alegre. Por ocasião das festas da Independencia, encarregou-se de iluminar a cidade e muitos edifícios públicos, que apresentaram deslumbrante aspecto (Revista do Mez, 1923, p. 39).

No anúncio publicitário da casa *Ao Cilindro* publicado no Almanaque do Comércio no ano de 1920 percebe-se que as lojas também ofereciam serviços de manutenção e instalação de seus equipamentos, os quais primavam pela qualidade e garantia:

Executa-se com perfeição toda e qualquer installação electrica e concertos de aparelhos electricos, assumindo toda garantia pelo serviço. Preços sem competência! Grande e variado sortimento de lustres, Pendentes, Braços, Lyras, Castiças, Fogões e ferros de engommar, bules para chá e café. Seccadores, vibradores, etc, movidos pela electricidade. Lindo sortimento de tulipas e reflectores,

frangas de vidrilho e seda para ornar abajours. Secção de machinas de costura: agente geral das afamadas machinas: Original Victoria. Secção de machinas de escrever. Únicos representantes das afamadas machinas de escrever: Continental. Machinas de casear e bordar. Machina de costura a mão Original Saxonia. Motores electricos para machinas de costura. Concertam-se machinas e temos à venda todos os pertences. Rua dos Andradas, 182-184 – Porto Alegre (1920, s/p).

Os preços eram atrativos, provavelmente pelas promoções oferecidas, fato que aumentava as vendas do material importado pela Bromberg. Havia uma grande variedade de material para o lar e para decoração. Porém, os produtos mais requisitados das lojas *Ao Cilindro* eram as máquinas (de escrever e de costura) da marca *Underwood*. Sob a direção de Hermann Murrle (fig. 24), as filiais *Ao Cilindro* tornaram-se as mais populares da Bromberg, pois recebiam material em grande quantidade para vender a preços modestos, com características de um empório.

Figura 24: Diretor da loja e divulgação da *Ao Cilindro*



Fonte: FRANCO, Alvaro, 1940, p. 167.

A grande atração das lojas ficava por conta da exposição permanente de suas vitrines, conforme registro abaixo:

A casa “Ao Cilindro” desde muitos anos adquiriu popularidade que se consolida cada vez mais e cujo equivalente é a sua invejável popularidade. Dirigida pelo distinto cavalheiro sr. Hermann Murrle este competente tecnico soube tonar a casa “Ao Cilindro”, o mais completo empório de artigos de electricidade e ao mesmo tempo, o mais interessante, pelo caracter de exposição permanente que deu as vitrines. As últimas invenções, os mais novos artefactos de electricidade é sempre a casa “Ao Cilindro” a primeira a recebe-los e a expô-los ao olhar dos interessados e a

curiosidade do público. A Alemanha é inexaurível fornecedora de uma infinita variedade de artigos de electricidade, que a casa “Ao Cylindro”, como filial da poderosa firma Bromberg & Cia, recebe em grandes quantidades e vende a preços módicos (BLANCATO, 1923, s/p).

As filiais também se especializaram em distribuir peças de reposição para todos os tipos de máquinas – o que era uma novidade para a época. As primeiras lojas abertas foram: *Ao Cylindro* em Porto Alegre, *Ao Cylindro*, em Rio Grande, *Demarchi & Cia.*, em Uruguaiana, Bromberg & Cia, em Santa Maria, Bromberg & Cia., em Passo Fundo, e Bromberg & Cia. em Cachoeira do Sul. A loja *Ao Cylindro* de Rio Grande foi inaugurada em 1911, como segue:

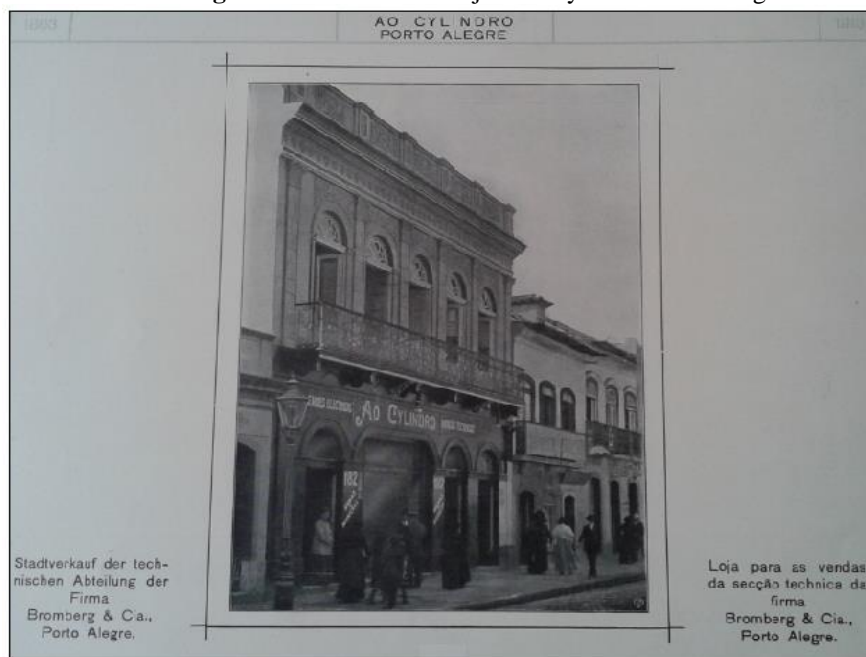
Fundou-se no Rio Grande em 1911 uma loja para as vendas da secção technica, tomando igualmente esta casa o nome “Ao Cylindro”. Esta casa vende também principalmente artigos para installações electricas domesticas, artigos para iluminação, bombas, transmissões e machinas de costura. No Rio Grande a firma tem um pessoal de 85 empregados, sendo 7 gerentes, 2 procuradores, 46 empregados de commercio, 11 empregados technicos e mais 19 empregados diversos (BROMBERG & Co., 1913, p. 54).

Sobre as filiais *Ao Cylindro*, tem-se ainda a seguinte explicação de Walther Bromberg (2018):

A Cylindro foi uma filial da Bromberg aqui de Porto Alegre, mas organizada em Rio Grande. Foi uma firma organizada especialmente para importação de maquinário a vapor e peças de reposição para essas máquinas a vapor. Porque o Rio Grande do Sul começou a se encher de locomóveis, pois praticamente toda a indústria que estava se formando era movida a locomóveis. A navegação era movida a vapor também, então se ressentia no mercado de peças de reposição. A Cylindro fazia parte da Bromberg e ficou em Rio Grande justamente por causa da navegação. Navegação entre Porto Alegre e Pelotas e Rio Grande. E pela pequena navegação de cabotagem na costa.

Em Porto Alegre, a loja *Ao Cylindro* foi inaugurada em 1905. “Esta casa trata das vendas da secção technica dentro do perímetro da cidade, tendo à disposição da freguesia artigos de iluminação de toda espécie, artigos para installações electricas domesticas, bombas, transmissões e machinas de costura” (BROMBERG & Co., 1913, p. 33).

Figura 25: Fachada das lojas Ao Cilindro/Porto Alegre.



Fonte: BROMBERG & Co., Hamburgo. 1913, p. 46.

Especialista, portanto, em material elétrico, a casa *Ao Cilindro* se destacou pelas belas vitrines de suas lojas, onde mostrava as novidades recém-chegadas da Alemanha. Destaques ficavam por conta das exposições em miniatura, as quais eram premiadas pela riqueza de detalhes dos cenários:

Está ainda na memória de todos a reprodução fiel, em miniatura, da Praça da Matriz, feita no ano passado, na vitrine da casa “Ao Cilindro”, com milhares de artigos, todos de electricidade e que mereceu o primeiro premio. Ainda no dia 7 de setembro ultimo, como comemoração ao centenário do Brasil, na mesma vitrine do Cilindro, estava reproduzida a estatua da Independencia, no porto do Rio, o Pão de Assucar, a Avenida Beira Mar, vapores, diversos submarinos, tunnel, estrada de ferro, passeios, praça, etc., e tudo numa proporção impecável, com gosto artístico e architectonico admirável. Durante mais de uma semana a vitrine do Cilindro esteve tão cercada de curiosos que até chegavam a impedir o transito. É excusado dizer-se que o primeiro premio do concurso de vitrines foi ainda uma vez conferido ao Cilindro (BLANCATO, 1923, s/p).

A máquina de costura era a especialidade da *Ao Cilindro*. Com forte aceitação no mercado brasileiro, a Bromberg, em parceria com essas filiais, distribuía as máquinas (com direito de venda exclusiva) diretamente das fábricas estrangeiras: “da Original Saxonia de Clemens Muller, Dresda; da Original Victoria de H. Mundlos & Co., Magdeburgo, e da New Home da fabrica, New Home Sewing Co. em Nova York” (BROMBERG & Co., 1913, p. 153).

Na figura 26 vê-se uma imagem do prédio da Bromberg, localizado na Rua dos Andradas, centro de Porto Alegre, local onde eram guardadas as máquinas de costura para posterior venda nas filiais do estado. Na foto, ainda é possível identificar a divulgação de duas fornecedoras estrangeiras: a Saxonia e a Victoria.

Figura 26: Depósito de máquinas de costura da Bromberg & Cia.



Fonte: BROMBERG & Co., Hamburgo, 1913, p. 64.

Em poucos meses, a firma importou, no ano de 1913, quase trinta mil máquinas de costura para todo o Brasil. A procura era tão grande, que foram disponibilizados para os clientes da Bromberg cursos de bordados e corte e costura nas filiais de Porto Alegre, Rio Grande e Pelotas. Os cursos eram ministrados por professoras funcionárias da Bromberg, conforme publicava revista da época: “Havendo uma aula de bordado, onde se ensina gratuitamente as pessoas que adquiram as machinas. Varias oficinas de roupas brancas foram instaladas pela casa, com bancadas de machina de costura movidas a electricidade” (Revista do Mez, 1923, p. 39). Uma estratégia de marketing a qual objetivava maximizar as vendas das máquinas importadas da Alemanha.

A loja também foi a responsável pelas instalações elétricas em repartições públicas, institutos, hotéis, restaurantes, estabelecimentos comerciais e casas particulares. Destaque para os lustres de luxo, importantes não só para iluminar os ambientes, mas também para a decoração de salões e outros locais requintados: “O stock de lustres de luxo é o mais completo

e rico possível. Não é fácil enumerar todos os artigos deste negocio que é único no seu gênero em todo o Estado” (BLANCATO, 1923, s/p). Desta forma, os negócios Bromberg, por meio de suas filiais, prosseguiram exitosos nas diversas localidades brasileiras e também no exterior. Ficaram conhecidas as casas Bromberg localizadas na Argentina, conforme analisado a seguir.

2.4.2 As filiais Portenhas: Buenos Aires e Rosário de Santa Fé

Em 1910, a Bromberg & Cia estendeu os seus negócios à Argentina, com a sede da empresa ficando estabelecida na capital portenha. A cidade apresentou, neste período, um notável crescimento, ocasionado pela economia em ascensão. Pensada nos moldes das grandes metrópoles europeias, Buenos Aires tornou-se, desde cedo, referência em modernidade. O período de crescimento econômico foi marcado, especialmente, pelas atividades comerciais da Argentina com os países da Europa, através das exportações e dos investimentos, os quais inseriram o país à economia mundial.

Os empreendedores logo perceberam que a cidade estava se tornando um importante polo econômico na América do Sul, devido não só a seu porto, mas também a sua crescente população. E isso foi visto, obviamente, pela equipe diretiva da Bromberg, a qual já havia visitado o país, naquele período: “Buenos Aires aumentara rapidamente, chegando a contar em 1912 muito mais de um milhão de habitantes, de modo que alli a firma veio a encontrar um rico campo de trabalho” (BROMBERG & Co., 1913, p. 81). Uma ampla sede da Bromberg foi erguida na capital argentina, conforme imagem a seguir (fig. 27), imagem a seguir, viabilizando a expansão comercial não só do maquinário alemão para aquela região, mas também de obras de engenharia e outras instalações, como depósitos, armazéns e trapiches, bem ao estilo da empresa, o que se confirma em matéria publicada no jornal (O Brazil, 1913, p. 1):

A casa de Buenos Aires está alojada num majestoso palacete, e consta de secção de ferragens, de machinas e de engenharia. Esta secção abrange as construcções de obras de arte, como sejam estradas de ferro, usinas, canaes, pontes, fabricas, etc.; a secção de instalações de eletricidade para iluminação publicas, tracção, acionamento de fabricas, moinhos, engenhos, serrarias, etc. Conta também grandes depósitos, armazéns, trapiches, etc.

Figura 27: Sede da firma Bromberg em Buenos Aires



Fonte: BROMBERG & Co., Hamburgo, 1913, p. 83.

Dois anos mais tarde, a casa de Buenos Aires abriu outra filial na Argentina. O local escolhido para a nova sede foi a cidade de Rosário de Santa Fé. Leon Kotin foi o gerente da requintada loja que se localizou em um dos melhores bairros de Rosário, chegando a possuir quinze empregados. A infraestrutura era completa, pois possuía depósitos, armazéns, trapiches, sala de exposições e de vendas, além de contar com um setor de engenharia: “Em Rosario de Santa Fé também a casa toma a si o encargo de construcções e installações de engenharia e eletro-technica, além da grande secção das machinas e a de ferragens” (O BRAZIL, 1913, p. 1).

Figura 28: Salão de exposição e venda de máquinas na filial de Rosário de Santa Fé



Fonte: BROMBERG & Co., Hamburgo, 1913, p. 87.

A direção da casa de Buenos Aires ficou a cargo dos alemães Hohl e Wetzler. Mais tarde, a filial recebeu como sócio o engenheiro Fritz Cremer. Todos com larga experiência na atividade. Fez-se necessária a presença de uma equipe com *know-how* devido ao tamanho do empreendimento. A equipe de colaboradores era composta de sessenta e três empregados, entre eles, dois procuradores, quarenta e três empregados no comércio e dezoito técnicos.

Os Srs. Bromberg dirigiram-se então também a Argentina e alli estabeleceram uma filial em Buenos Aires, que levou a firma Bromberg & Cia., entrando nella mais tarde como sócio o engenheiro Sr. Fritz Cremer. Sob a direção previdente e circumspecta do Sr. Carlos Hohl, engenheiro, e do Sr. Otto Wetzler, comerciante, este estabelecimento muito depressa ampliou de tal maneira as suas transações que tornou-se necessário abrir uma segunda filial argentina em Rosario de Santa Fé (BROMBERG & Co., 1913, p. 14).

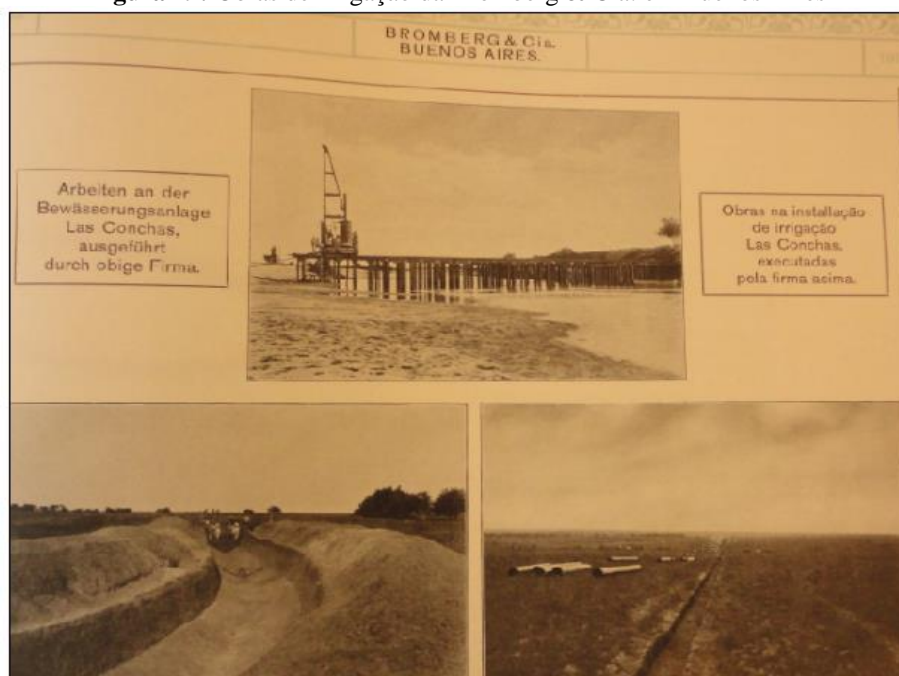
Desta forma, a Bromberg & Cia. agilizou a instalação de filiais, locais onde também eram vendidos os locomóveis, fundamentais à lavoura daquele país e marca registrada da empresa. Os negócios rapidamente prosperaram, viabilizando, desta forma, um aumento significativo do capital da empresa. Novos investimentos foram feitos, como, por exemplo, aquisição de imóveis, os quais estavam localizados em locais valorizados da cidade: “Em Buenos Aires a firma está instalada em quatro prédios. As suas lojas estão situadas n’uma das melhores ruas commerciaes d’essa moderna cidade industrial e mercantil, na Calle Defensa

esquina Calle Moreno” (BROMBERG & Co., 1913, p. 81). A escolha dos locais para instalação das lojas sempre privilegiava pontos centrais das grandes cidades, o que facilitava o sucesso do empreendimento e a maior obtenção de lucro. A Bromberg empreendeu vultosas obras na Argentina, transformando-se assim em uma referência também em engenharia e construção:

São inúmeras as obras de grande custo que a Firma tem levado a cabo naquele paiz. Citaremos, de passagem, a instalação de irrigação de Las Conchas, um trabalho notável na engenharia moderna; instalação de uma grande padaria a vapor, na capital; instalação de duas enormes baterias de caldeirões gigantescos a vapor nas cozinhas de dois hospitais também na capital, e diversas outras que seria longo enumerar (O BRAZIL, 1913, p. 1).

O governo argentino encarregou a filial da Bromberg de construir instalações de irrigação aproveitando as águas dos rios Las Conchas e Espinillo, situados na Província de Entre Rios, ao norte da capital portenha. A firma investiu nas obras de canalização daqueles leitos de rios, cujo objetivo era o de suprir as necessidades hídricas de uma grande área destinada à lavoura. A seguir, algumas especificações técnicas das obras: “As estações de bombas destas duas instalações têm duas bombas de 15000 litros por minuto cada uma, sendo a altura de elevação de 30 metros” (BROMBERG & Co., 1913, p. 133).

Figura 29: Obras de irrigação da Bromberg & Cia. em Buenos Aires



Fonte: BROMBERG & Co., Hamburgo, 1913, p. 135.

Havia, nas espaçosas lojas argentinas, áreas distintas para os escritórios, exposições de máquinas e depósitos de equipamentos. “Os estabelecimentos argentinos dispõem de uma área total de 697 m² para os seus escritorios, de 1066 m² para as exposições de machinas e de 3135 m² para depósitos” (BROMBERG & Co., 1913, p. 82).

É importante ressaltar que a prosperidade observada nos empreendimentos comerciais dessa família filia-se não só à capacidade gestora, mas também ao fato de esses alemães possuírem recursos financeiros. E esse capital, via de regra, era investido para a ampliação e diversificação dos negócios no Brasil e no exterior.

A extensão dos negócios chegou até o continente Asiático. Porém, por lá, o sucesso não foi o esperado pelos administradores, pois, segundo Walther Bromberg (2018), a instalação de uma filial no Oriente teria sido um dos motivos da falência da firma:

Houve uma filial na Ásia. Pelo que eu consegui através de conversas de um e outro. Foi na realidade o motivo da falência da firma Bromberg aqui em Porto Alegre, porque como eles tinham esse contrato de fidelidade entre a filial de Porto Alegre e a de Hamburgo dava o direito a firma de Hamburgo a pegar o lucro gerado aqui em Porto Alegre para aplicar em outros negócios de interesse deles. Em função disso foi aberta uma filial no Oriente – não sei onde – mas que sempre foi deficitária.

O que se apurou, segundo o depoente, é que a filial foi aberta no período em que o diretor da empresa era Bartolomeu M. Bromberg, o filho mais velho de Martin, responsável pelos negócios em Hamburgo. “Deve ter sido alguma visão do BMB que era o dono da empresa lá que viu chance de entrar no mercado na Ásia e que era dominado praticamente por ingleses. Mas nunca conseguiu firmar pé” (BROMBERG, 2018).

Ainda assim, a competência e o espírito empreendedor dos Bromberg e de seus gestores à frente da empresa manteve o sucesso do negócio por mais tempo, ampliando também as demais relações comerciais e fortalecendo as que já mantinham com outras localidades.

Após 50 anos de existência estão hoje representados em todo o Brasil e contrahiram inumeras relações commerciaes com a Argentina, o Peru e Manilha. A casa matriz em Hamburgo está continuamente em correspondência com os amigos e fregueses de além-mar, quer da America do Sul, que da Asia Oriental, enviando-lhes produtos industriaes de toda espécie (BROMBERG & Co., 1913, p. 14).

O lema era diversificar para manter-se no mercado. Assim é que surgem, neste período, investimentos na área da indústria naval no Brasil. As lojas de artigos navais ficaram

sediadas em duas cidades do interior do Estado: Rio Grande e Pelotas. Outra cidade também se tornaria referência em comercializar produtos alemães: Cachoeira do Sul.

No próximo capítulo, se abordará o sucesso das filiais localizadas nas cidades de Rio Grande, Cachoeira do Sul e Pelotas.

2.4.3 Rio Grande, Cachoeira do Sul e Pelotas: As grandes lojas no interior do Estado

Fundada no ano de 1737, pelo Brigadeiro José da Silva Paes, a cidade de Rio Grande se transformou no século XVIII em um importante centro de comércio da Capitania. Com o passar dos anos, a cidade experimentou um extraordinário desenvolvimento econômico em função de seu porto, o único marítimo do estado. O início da construção do Porto de Rio Grande data de 1869, sendo inaugurado em 1872. Essa movimentação oriunda das atividades portuárias viabilizou o crescimento socioeconômico da região.

No transcorrer do século XIX, a cidade de Rio Grande e seu porto serviram como ponto central para o comércio de importação e exportação, que crescia de forma acelerada. Em função desse crescimento, surgiram, ao longo da zona portuária, as incipientes casas comerciais, entre elas a primeira filial da Bromberg:

A primeira filial, que foi fundada pelos Srs. Martin Bromberg, J Rech e B.Sesiani, depois de haverem constituído a sua sociedade, foi a casa no Rio Grande. Este porto, a porta por assim dizer do Sul do Brazil, é regularmente visitado pelos vapores das companhias Hamburg-Amerika-Linie e Hamburg-Südamerikanische Dampfschiffahrts-Gesellschaft, que devido à pouca profundidade da Lagoa dos Patos não podem chegar até Porto Alegre (BROMBERG & Co., 1913, p. 55).

A loja naval da Bromberg & Cia. se insere nesse universo de desenvolvimento econômico experimentado pela cidade. Era um estabelecimento amplo, surtido e bem localizado. A razão social dessas firmas ficou sendo “Naval, Bromberg & Cia”, sendo diretor um dos filhos de Martin Bromberg: “O chefe da firma no Rio Grande é o Sr. Fernando Bromberg que, de sociedade com a casa de Hamburgo, é proprietário das firmas Bromberg & Cia. no Rio Grande” (BROMBERG & Co., 1913, p. 54).

A seguir, uma imagem da Loja Naval Bromberg & Cia.:

Figura 30: Loja Naval da Bromberg na cidade de Rio Grande



Fonte: BROMBERG & Co., Hamburgo. 1913, p. 60

Além da indústria naval, as seções de máquinas da Bromberg também contribuíram para aumentar as transações da casa. As lojas necessitavam renovar o estoque de equipamentos, os quais deveriam chegar de Hamburgo, favorecendo, assim, o aumento no giro do capital da empresa. Ficaram conhecidos os arames da marca *sem rival*: “O afamado arame para cerca, marca “sem rival”, ocupa um armazém especial, inteiro, no Rio Grande, outro armazém, situado no porto, contem um grande deposito de kerozene” (BROMBERG & Co., 1913, p. 54).

A sucursal da Bromberg na cidade de Rio Grande possuía, além da seção de vendas, um grande depósito para guardar combustível, entre eles a querosene, necessária para o funcionamento do maquinário importado da Alemanha, conforme se observa na imagem a seguir:

Figura 31: Depósito de querosene da Bromberg & Cia. em Rio Grande



Fonte: BROMBERG & Co., Hamburgo, 1913, p.66.

Em 1912, os negócios concluídos nos mercados sul-americanos registraram um movimento total no valor de mais de cinquenta milhões de marcos. “Este colosso de cifra coloca os Srs. Bromberg & Cia. no primeiro lugar entre os exportadores hamburguezes que negociam com a America do Sul” (BROMBERG & Co., 1913, p. 16). Em 1912, a Bromberg & Cia. inaugurou sua filial no município de Cachoeira do Sul, região conhecida pela cultura do arroz.

A casa Bromberg & Cia., uma das mais fortes na América do Sul, tem, de preferencia, desenvolvido sua benéfica acção no Brasil, onde tem espalhado suas filiaes e agencias de norte a sul do Paiz. Em todo o nosso Estado, onde a casa tem sua matriz, a influencia sobre a agricultura e indústria, principalmente, marca uma etapa do nosso desenvolvimento econômico. Ao progresso do prospero e laborioso município de Cachoeira a benemérita casa Bromberg & C. ligou intimamente a sua valiosa cooperação. Dispondo esse município de vasto território atravessado por rios, servido pela linha da estrada de ferro, contando com numerosa e forte colonização alemã e italiana em vários de seus districtos, oferecendo as suas férteis terras possibilidades para o aproveitamento de uma cultura extensiva, tornou-se um grande celeiro do Estado, e um centro de promissora atividade industrial. (BLANCATO, 1923, s/p).

Em meados do século XIX, a conhecida Freguesia de Nossa Senhora da Conceição da Cachoeira, atualmente cidade de Cachoeira do Sul, vivenciou um período de crescimento demográfico, comercial e urbano⁴¹. Casas comerciais efetuavam transações com o movimentado mercado da capital, intensificando assim as relações com o estado. Após a criação do município, em 1820, iniciou-se um período de organização política, social e administrativa, melhorando a economia da região. Criou-se um ambiente propício para a instalação de empresas. Entre essas firmas, destaca-se a Bromberg & Cia: “A conhecida casa de Porto Alegre, Bromberg & Cia., que tão importante papel tem desempenhado e ainda desempenha na economia deste Estado, não podia deixar de se interessar pelo desenvolvimento deste rico Município” (MONTE DOMEQ & Cia., 1916, p. 503).

A forte cultura do arroz estimulou a instalação da loja alemã na cidade. Os gestores da firma viabilizaram condições para assegurar um ótimo funcionamento da filial, como facilidades iguais às disponibilizadas pela casa matriz em Porto Alegre. Os investimentos foram significativos. “A casa Bromberg & Cia. construiu, para esse fim, um prédio na Rua Saldanha Marinho, dispensando nessa obra a quantia de Rs 50:000\$000 e utilizando-o para a instalação dos seus depósitos e escritórios” (MONTE DOMEQ & Cia., 1916, p. 503). A instalação e manutenção dos engenhos de arroz foi obra das firmas Bromberg e de seus colaboradores:

De todos os municípios do Estado talvez seja o de Cachoeira que em tão grande escala cultive o arroz, este precioso produto que tem feito a fortuna de muitos, e que na balança da produção e exportação agrícola do Estado representa valores avultados. É de toda a justiça lembrar a este proposito que grande mérito do desenvolvimento da cultura de arroz naquele município deve-se à casa Bromberg & Cia. pela ação contínua e decisiva que a mesma desenvolveu. E tanto é assim que não há quem na Cachoeira não tribute o seu reconhecimento e a sua gratidão aos srs. Bromberg & Cia. São inúmeros os engenhos de arroz no município de Cachoeira como é bastante promissora a alvorada industrial que faz dessa unidade do Rio Grande do Sul uma das mais prosperas e das mais laboriosas. Para esse surto econômico a casa Bromberg & Cia. continua a prestar sua benéfica obra, por meio da importante agencia estabelecida na cidade de Cachoeira (BLANCATO, 1923, s/p).

⁴¹ Ao trazer a história do município de Cachoeira do Sul e a relação do jornal O Commercio com o produtor arroseiro, a pesquisadora Alini Hammerschmitt recupera também a cultura do arroz na região e os usos do maquinário alemão, entre eles o locomóvel, nas duas primeiras décadas do século XX (HAMMERSCHIMITT, 2019).

É importante que se diga que a filial da Bromberg em Cachoeira foi importante também para o desenvolvimento de destacadas cidades vizinhas, como Caçapava e Rio Pardo: “A acção da Agencia em Cachoeira da casa Bromberg & Cia irradia sobre os municípios vizinhos de Caçapava, São Sepé, Rio Pardo e Encruzilhada, realizando transações muito importantes, para o que dispõe de uma organização própria e autônoma” (MONTE DOMECCQ & Cia., 1916, p. 503).

A filial em Cachoeira possuía mecânicos competentes em seu quadro de funcionários, os quais eram responsáveis pela montagem e instalação das máquinas que eram vendidas pelas lojas. Assim, a Bromberg & Cia. era conhecida no mercado por oferecer produtos e serviços de alta qualidade.

O verdadeiro surto agrícola-industrial do município de Cachoeira começou há uns 15 annos. Desde a phase incipiente, quando não havia machinas agrícolas, nem oficinas mecânicas, nem fundições, a casa Bromberg & Cia, iniciou o seu concurso àquelle município, encorajando por todos os meios os agricultores, fornecendo as machinas necessárias, mesmo aos que nada tinham, fornecendo capitais a outros, facilitando a todos. Assim é que a agencia da casa Bromberg & Cia. fundada na cidade de Cachoeira em 1912 tomou um impulso gradual ao ponto que, de simples deposito, depois de dez annos, tornou-se uma agencia importante, pois dispõe de todas as machinas e artigos indispensáveis à agricultura, e está aparelhada para o concerto de machinas em qualquer caso de emergência (MONTE DOMECCQ & Cia., 1916, p. 503).

Abastecida pela casa matriz de Porto Alegre, que era a loja da Bromberg mais equipada do Brasil, a filial de Cachoeira tornou-se rapidamente a mais habilitada para suprir as necessidades do município em máquinas para indústrias locais. Grande parte dos mecanismos empregados na cultura e no beneficiamento do arroz, tais como motores, trilhadeiras, locomóveis, secadoras e máquinas para beneficiamento, foi fornecido pela filial da Bromberg em Cachoeira. Outras máquinas agrícolas e industriais também foram comercializadas pela loja, entre elas as utilizadas em laticínios, cervejarias, açougues e fábricas.

Um dos grandes gestores da empresa em Cachoeira foi Pedro Werlang. “sendo parte principal no desenvolvimento das suas operações a influencia pessoal do seu gerente, Sr. Pedro J. Werlang, que goza de sinceras e merecidas sympathias nos meios agrícola, industrial e commercial” (MONTE DOMECCQ & Cia., 1916, p. 503). Werlang foi o responsável pelo crescimento das vendas da filial, pois os lucros da empresa não deixavam dúvidas a respeito da competência do gerente e dos funcionários: “O movimento da Agencia que tem progredido de anno para anno, é hoje muito importante, apesar de ter sido organizada há três annos

apenas. O giro anual excede Reis 500: 000 & 000 e tudo indica que seguirá numa constante progressão” (MONTE DOMECCQ & Cia., 1916, p. 503). As máquinas eram comercializadas conforme as normas da casa matriz em Porto Alegre, sendo efetuadas a dinheiro (à vista) ou a prazo. A filial oferecia facilidades para o estabelecimento de novas empresas, o que permitia o desenvolvimento da agricultura e da indústria, não só na cidade de Cachoeira, mas também nas vizinhanças.

Entre essa multiplicidade de negócios, uma questão fazia os administradores da empresa repensar quando o assunto era a cultura do arroz, por exemplo. Milhares de contos de reis saíam do Brasil para a Índia, cujo objetivo era a importação desse produto, o qual possuía um alto valor no mercado internacional. A Índia era uma grande produtora de arroz. Desta forma, os esforços efetuados pela Bromberg neste período objetivaram organizar os negócios do arroz no Brasil⁴². E assim foi feito. Com o financiamento e o apoio do grupo Bromberg, o cereal, tão indispensável à alimentação, passou a ser produzido e comercializado também no Brasil, sendo colhido fartamente na região Sul do País. Todo um trabalho de preparação da terra para a plantação do cereal, incluindo o de irrigação, foi gestado e viabilizado com o uso dos locomóveis, os quais facilitavam o acionamento das bombas e dos motores.

Conforme já ficou dito na primeira parte deste livro, foi a firma Bromberg & Co. que chamou a atenção dos agricultores brasileiros para a importância das culturas de arroz. Para tal cultivo, assim como também para outros fins a firma Bromberg & Co. levou a cabo grandes obras de irrigação; a casa de Porto Alegre forneceu, por exemplo, 70 destas instalações, a do Rio Grande 4, a de Pelotas 12 e assim por diante. Nessas obras empregaram-se muitas vezes locomoveis e motores de tamanho regular para acionarem as bombas, assim, por ex., a casa de Buenos Aires forneceu 2 motores “Diesel” bicylindricos, verticaes, cada um de 65 Cav. f.e 2 motores “Diesel” tricylindricos verticaes, cada um de 160 cavallos; todos estes motores são destinados a tocarem bombas para a irrigação de campos e terrenos (BROMBERG & Co., 1913, p. 215).

A consequência natural desse desenvolvimento da cultura do arroz foi a construção de moinhos de arroz, os quais foram erguidos pelas filiais da Bromberg & Cia.:

⁴² O pioneiro na cultura do arroz no Estado foi Pedro Osório. Também conhecido como o Rei do Arroz, tempos depois seria homenageado com nome de cidade e estação de trem. A ideia das locomóveis surgiu a partir de uma viagem de Pedro a Europa em 1912 quando comprou as primeiras máquinas alemãs para montar seu engenho, o São Gonçalo, o maior da América Latina. Outros reinados se sucederem após a morte de Pedro Osório. O segundo Rei do Arroz foi Joaquim de Oliveira e o terceiro foi João Dalbem que também construiu uma base sólida nos negócios a partir da cultura do arroz (BUENO; TAITELBAUM, 2009. p.130).

Porto Alegre forneceu 20 instalações completas de moinhos de arroz combinados, ligados a locomoveis para o seu acionamento; estes moinhos tem capacidade para beneficiar de 400 a 3000 kg de arroz Paddy por hora. Entre eles há um moinho de arroz com 16 machinas para o beneficiamento de arroz e uma caldeira a vapor “Steinmuller” de 100 cavalos, que foi construída sobretudo para queimar cascas de arroz e carvão de qualidade inferior. A capacidade diária deste moinho é de 800 a 1000 saccos de arroz. A sucursal no Rio Grande erigiu 2 moinhos de arroz completos, com acionamento por locomoveis para beneficiar 600 a 1000 kg de arroz Paddy por hora e a casa de Pelotas chegou a fornecer uma instalação para um moinho de arroz da capacidade de 3300 kg de arroz Paddy. Este moinho está munido de locomoveis, transmissões, etc. O edifício é construído com esqueleto de ferro e coberto com folha de zinco ondulada. A firma Bromberg, Hacker & Cia., São Paulo, forneceu 10 instalações completa para moinhos de arroz de uma capacidade de 600 a 1200 kg de arroz em casca por hora. Diversos moinhos foram construídos com esqueletos de ferro (BROMBERG & Co., 1913, p. 216).

Além dos moinhos de arroz, foram construídos moinhos para outros tipos de cereais, entre eles o trigo e o milho:

A firma Bromberg, Porto Alegre, forneceu 4 moinhos de trigo completos, entre eles um para uma capacidade de 400 kg por hora e um para 600 kg, assim como um moinho pequeno colonial de uma capacidade de moer 300 kg de farinha fina por hora. Fora disso foram importadas pelas filiaes diversas instalações pequenas de moinhos para moagem dupla, apartadores, etc., assim como algumas machinas avulsas para o uso de moleiros. A casa de Pelotas forneceu entre outros 3 moinhos de trigo pequenos com moagem dupla, apartadores, etc., um deles movido por um motor a vento de 20 cav. f. O estabelecimento em São Paulo forneceu, além de 4 moinhos de trigo pequenos, de vários apartadores e machinas de limpar cereais, um moinho completo para farinha de milho. Também todas as outras succursaes, não só as já referidas, forneceram muitas machinas avulsas para moer trigo e milho. (BROMBERG & Co., 1913, p. 217)

Ressalte-se que a visão empresarial dos gestores da Bromberg & Cia. resultou no sucesso que sempre permeou o empreendimento durante o primeiro século de existência da Companhia. Na imagem a seguir (fig. 32), é possível identificar a reprodução de um anúncio da casa Bromberg, com destaque para o Locomóvel da marca Lanz, utilizado nas plantações de arroz no Rio Grande do Sul. O jornal (CORREIO DO POVO, 10 de out. de 1909, capa) trazia as seguintes especificações: “força de 45 cavallos, com pertences. Uma bomba centrífuga de 450 milímetros de diametro, com 14 metros de cano do mesmo diametro, com registro, curvas de 45° e 90°, valvula de sucção, etc. e pertences”. Na mesma propaganda, é possível identificar a presença da marca inglesa junto aos componentes do locomóvel alemão: “Uma trilhadeira Altmann & Taylor, com capacidade de 600 saccos por 10 horas de trabalho com diversos pertencer”.

Figura 32: Anúncio de um locomóvel Lanz



Fonte: Correio do Povo, 10 de out. de 1909, capa.

Os administradores da Bromberg tinham a convicção de que a produtividade era maior quando o produtor utilizava a força e praticidade de um locomóvel. Por isso, empenharam seus esforços no comércio dessas máquinas de força estacionárias: “O locomóvel Lanz (de 115 cavalos) podia descascar até 800 sacos de arroz por dia” (BROMBERG & Co., 1913, p. 5). A força da máquina também movia as bombas nas granjas de arroz e impulsionava a água pela rede de canais. Publicações da época afirmam que os locomóveis eram o coração das fazendas e das indústrias gaúchas daquela época.

Segundo o periódico “As forças econômicas do Estado do Rio Grande do Sul (1923)”, o qual traz uma homenagem ao primeiro centenário da Independência do Brasil, a produção do arroz é citada como uma fonte de grande riqueza para o estado, pois permite a exportação em grande escala para os países latino-americanos e também para a Europa. A revista cita ainda a importância das firmas Bromberg nesse processo, como segue:

Ninguém ignora a acção, o apoio decisivo que a casa Bromberg deu, principalmente na phase inicial, à cultura dessa preciosa gramínea, facilitando machinas e capitães. No município de Cachoeira, onde mais se cultivava o arroz, todos os plantadores, agradecidos, reconhecem o quanto fez esta firma para incentivar aquelle futuroso ramo de agricultora (BLANCATO, 1923, s/p).

Na cidade de Cachoeira, a Bromberg também foi referência na distribuição dos locomóveis. A firma alemã destacou-se por financiar importantes empresas no cenário

gaúcho, entre elas a Mernak S.A. Indústria Brasileira de Máquinas. A Mernak produzia e comercializava, em parceria com a Bromberg, os locomóveis utilizados na agricultura. Seus clientes eram, em sua maioria, produtores de arroz em Cachoeira do Sul, cidade onde nasceu a Mernak. “A empresa fabricava basicamente locomóveis. Em seu estoque havia à disposição dos clientes, a maioria deles arroteiros, cerca de dez modelos diferentes, com a potência entre cinco a 60 cavalos” (BROMBERG & Co., 1913, p. 132).

Os negócios da Mernak em parceria com a Bromberg são citados também na tese de doutorado de Dietrich von Delhaes-Guenther apresentada na Universidade de Marburg na Alemanha em 1973. Com o título (em português) “Industrialização no Rio Grande do Sul: a imigração alemã e os primórdios da industrialização no Rio Grande do Sul”, a obra relata, portanto, os primórdios do processo de industrialização iniciado na metade do século XIX. O autor (1973, p. 227) cita o exemplo da Casa Bromberg:

O mecânico saxão Otto Mernak chegou ao Rio Grande do Sul em 1906, através da intervenção de B. Thimmig, com quem trabalhou por vários anos, abriu uma oficina mecânica por sugestão e com o apoio de Bromberg e do Banco da Província em Cachoeira, na atual Rua Otto Mernak. Tornos, plainas, perfuradoras e máquinas de corte de chapa metálica, geralmente de origem alemã, foram adquiridos através das casas de comércio Bromberg e União de Ferros.

Guenther (1973, p. 228) faz referência aos produtos da Mernak, especialmente os locomóveis, os quais chegaram até lugares mais distantes do Brasil, como cidades do Estado do Amazonas:

Em 1915, o primeiro locomóvel de 5 hp foi construído. Caldeiras a vapor, rolos de cana e descascadores de arroz faziam parte do programa de produção, mas acima de tudo, a distribuição de bombas centrífugas de irrigação ajudou a empresa a se tornar bem sucedida. Em 1919, L. Dill, que também trabalhou na B. Thimmig, tornou-se sócio. Uma época em que a fábrica empregava cerca de 20 trabalhadores. Atualmente, a força de trabalho é dez vezes maior e as locomotivas da Mernak, até 200 cv, estão em Benjamin Constant, Manacapuru e Tefé, na Amazônia.

Tanto a Mernak, quanto a Bromberg, desempenharam papéis importantes no desenvolvimento econômico da cidade, pois promoveram a instalação de indústrias e engenhos na região. Na pesquisa de Ícaro Bittencourt (2011, p. 64), o autor apresenta o contexto histórico das associações operárias em Cachoeira do Sul nas primeiras décadas da República. Ele recupera características das duas empresas:

Desempenharam papel relevante no comércio e no fomento da industrialização no município as casas importadoras de máquinas, como a filial cachoeirense da Casa

Importadora de Máquinas Bromberg que, ao lado de fabricantes de máquinas como Germano Treptow, e com a ajuda de recursos do Banco da Província, promoveu a instalação de indústrias e engenhos na cidade, como a destacada fábrica de Otto Mernak, em 1912, responsável pela fundição de ferro e bronzes, fabricação de bombas centrífugas para irrigação e caldeiras a vapor. Em 1919, a fábrica empregava 22 operários.

O financiamento para a instalação desse complexo agrícola foi viabilizado pela Bromberg em parceria com instituições bancárias. Segundo estudos de Pesavento (1991), o Banco da Província teria financiado em parceria com a Bromberg de Porto Alegre, a instalação da fábrica de máquinas Mernak, de Cachoeira do Sul:

Em Cachoeira do Sul, a poderosa casa importadora Bromberg financiou a instalação da fábrica de máquinas de Otto Mernak. A Bromberg importava de Londres, da Antuérpia, de Hamburgo e de Nova Iorque ferragens, ferro bruto, máquinas para diferentes ramos de indústrias, arame, máquinas para serviços da lavoura, cimento, tintas, cevada e lúpulo para as cervejarias e outros materiais diversos necessários às fábricas (PESAVENTO, 1991, p. 39).

As firmas Bromberg & Cia. e Bromberg Hacker & Cia., por meio da importação de máquinas agrícolas, foram as responsáveis, portanto, por um grande desenvolvimento econômico em regiões e cidades do interior do estado, entre elas, Cachoeira do Sul (já citada), e, Santa Cruz do Sul, respectivamente, locais de expressivo cultivo de arroz e fumo. As filiais comercializaram não só máquinas de grande porte, mas também, todo o tipo de ferramentas e utensílios, fundamentais para o cultivo de produtos agrícolas.

As firmas Bromberg & Cia. e Bromberg, Hacker & Cia. prestaram valiosíssimos serviços à agricultura do Brasil e da Argentina. Além dos utensílios pequenos para o tamanho das terras, como arados, grades, aplanadoras, cultivadoras e enxadas puxadas por cavalo, que em grande número foram vendidos, sobretudo, pelas filiais de Porto Alegre e Buenos Aires, também foi vendida por todas as sucursais uma quantidade avultadíssima de máquinas de semear, plantar, carpir, espalhar estrume artificial, fazer regos, assim como de utensílios para a cultura dos prados, ceifadeiras e atadeiras para cereais, arroz e capim, desgranadoras de milho, máquinas de limpar e sortir cereais, prensas de feno e palha, debulhadoras pequenas à mão, moinhos de cereais, para moagem grossa, esmigalhar e triturar, dos mais diversos tipos, máquinas para preparar pasto, para tosquiarem animais, com acionamento manual e à máquina, segadoras de relva, malacates ou atafonas, rolos para alisar estradas, máquinas para despencar e machucar uvas, prensas de frutas, singelas e combinadas, seringas e aparelhos de desinfecção, raladores de mandioca, máquinas para desenraizar troncos de árvores, centrífugas de leite, incubadoras para aves domésticas, assim como bombas de toda espécie. Entre as máquinas grandes importadas no Brasil do Sul, destaca-se, sobretudo, o grande número de ceifadeiras e debulhadoras de arroz (BROMBERG & Co., 1913, p. 213).

Desta forma, é possível afirmar que os importadores da Bromberg trouxeram para a América do Sul e para o Brasil produtos industrializados, entre eles, muitas novidades para a época, como se vê na citação acima. Construíram cada vez mais, fábricas, engenho/s, estradas e vias férreas, ligando a indústria, a agricultura e o comércio aos negócios da família e dos sócios empreendedores. Uma gama de possibilidades abriu-se para esses gestores alemães no Brasil, aumentando assim o capital das empresas.

Na cidade de Pelotas, a Bromberg & Cia. também inaugurou uma filial. “Em 1887 fundou-se uma filial na cidade de Pelotas, que fica sobre o rio São Gonçalo nas proximidades do Rio Grande, mas que é outro tanto maior do que esta cidade marítima, cujo ultimo recenseamento deu um resultado total de 35000 habitantes” (BROMBERG & Co., 1913, p. 54).

Importante polo econômico do Rio Grande do Sul devido à produção e comercialização do charque, Pelotas se desenvolveu amparada nessa atividade. Durante quase duzentos anos, a produção oriunda das charqueadas fortaleceu a economia gaúcha, fazendo de Pelotas referência na industrialização da carne seca ao sol e salgada. O charque fez surgir também uma aristocracia pecuarista, residente em amplos casarões coloniais situados às margens do arroio Pelotas e do canal São Gonçalo. Com o progresso advindo da exportação do charque, é criada, em 1835, a cidade de Pelotas (após ser freguesia e vila). O crescimento da cidade impulsionou o comércio e a indústria na região, atraindo investidores. A filial da Bromberg estabelecida em Pelotas foi fundada em 1874 pela firma Rech & Cia. Mais tarde, tornou-se filial da casa Bromberg & Cia. de Porto Alegre, e, finalmente, da loja de Rio Grande.

Figura 33: Casa comercial da Bromberg em Pelotas.

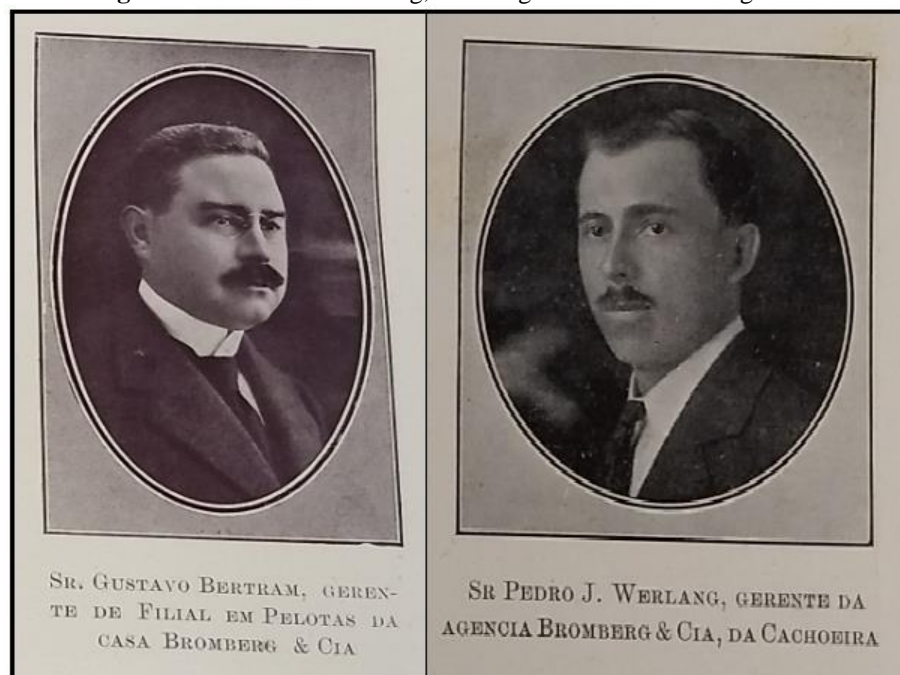


Fonte: BROMBERG & Co., Hamburgo, 1913, p. 70.

Os negócios em Pelotas foram gerenciados por Gustavo Bertram, homem de confiança da família Bromberg:

Desde 1912 está sob a direção do Sr. Gustavo Bertram que, no desempenho do cargo que lhe tem sido confiado, tem dado inúmeras mostras de pericia e habilidade commercial. A Ação desta filial, como das outras da casa Bromberg & Cia. se tem espalhado pelos diversos ramos da indústria e da agricultura, dotando-os, em condições que têm poderosamente ajudado ao seu desenvolvimento, de todos os elementos mecânicos escolhidos das mais afamadas casas, na sua especialidade, da Europa e da America do Norte. A filial de Pelotas, localizada à rua Marechal Floriano e cujo competente gerente é, como já dissemos, o Sr. Gustavo Bertram, tem ao seu serviço cinco viajantes que continuamente visitam os Municípios de Pelotas, São Lourenço, Piratiny, Cacimbinhas, Cangussú, Bagé, D. Pedrito, Lavras, S. Gabriel, Livramente, Rosario, Camaquam e outros, onde a casa possui uma extensa e fiel clientela (MONTE DOMECCQ & Cia., 1916, p. 16).

Figura 34: Bertram e Werlang, os dois gerentes da Bromberg & Cia.



Fonte: MONTE DOMEQ & Cia., 1916, p. 236.

A filial estabelecida em Pelotas possuía uma seção de instalação e concertos de máquinas. A proximidade com a casa de Rio Grande estimulava ainda mais os negócios:

A sua bem montada secção de instalação de machinas e de concertos, de talheres navaes e me geral, de todas as obras que se relacionam com a mecânica em geral, está superiormente organizada para responder as necessidades dos mais exigentes. A proximidade de Rio Grande, de cuja casa Bromberg & Cia. depende esta filial, facilita consideravelmente as transações. O giro anual desta filial excede, anualmente a Rs. 2.000:000\$000, o que representa um importantíssimo movimento, visto que a área onde pode desenvolver a sua atividade é limitada e compreende vários municípios que contam entre os menos abastados do Estado (MONTE DOMEQ & Cia., 1916, p. 16).

Fazer o histórico da casa Bromberg & Cia seria como reeditar a história do desenvolvimento econômico do Rio Grande do Sul. A Bromberg, com certeza, contribuiu por meio de suas filiais, para o desenvolvimento de diferentes regiões do estado e do país. A filial de Pelotas é considerada por muitos especialistas como uma das mais importantes, depois de Porto Alegre. “É facto que de todas essas filiaes, cujo conjunto forma uma formidável organização commercial, única no Estado, a que estudamos nestas linhas é, sem duvida, a mais activa e a que dispõe do aparelhamento tecnico e commercial o mais completo para atender a todos os pedidos” (BROMBERG & Co., 1913, p. 237).

Inserido como destaque no contexto do agronegócio do Rio Grande do Sul, está o fumo, cujas origens remontam às ações da Bromberg na cidade de Santa Cruz do Sul. A plantação do fumo na região, uma das mais importantes e ricas do estado, deve sua origem a Martin, o fundador da Bromberg & Cia. Martin introduziu no estado, no final do século XIX, as primeiras sementes de fumo vindas da Europa. Havia uma parceria entre o governo e Martin Bromberg. “No município de Santa Cruz existem ainda velhos colonos que nos falaram, da época em que o sr. Martin Bromberg lhes distribuía grátis as sementes de fumos, exigindo apenas que eles as cultivassem” (BLANCATO, 1923, s/p).

A história da cultura do fumo reporta às antigas estruturas fundiárias de propriedades familiares e ao emprego intensivo de mão-de-obra. Ela fez parte da chamada agricultura colonial e desenvolveu-se basicamente em locais de imigração alemã. Os primeiros contatos com esse cultivo se deram no Vale do Taquari e na Feitoria Real do Linho-Cânhamo em São Leopoldo no início do século XIX. Com a chegada dos imigrantes alemães intensificou-se o cultivo desse produto, incentivado pelo governo provincial com a distribuição aos colonos de livros (nas duas línguas) que continham conselhos sobre o cultivo do produto. Houve também uma preocupação com a seleção das sementes e das folhas.

Para Sandra Pesavento (1983, p. 193), é desse período a presença de pequenas fábricas de fumo em São Leopoldo e Porto Alegre, ou seja, unidades artesanais, as quais visavam à satisfação de necessidades dos próprios núcleos nos vales dos rios dos Sinos, Caí, Taquari e da capital Porto Alegre. Pesavento nomeia essas pequenas fábricas de estabelecimentos artesanais domésticos.

Com o passar dos anos, as inovações empreendidas no campo, como o emprego de adubos, e, posteriormente, de maquinário alemão fornecido pela Bromberg, vão expandir a cultura do fumo. Isso ocorreu no final do século XIX e início do século XX, centralizando-se as atividades na colônia de Santa Cruz. O trabalho no campo com o fumo absorvia os habitantes da região que trabalhavam com agricultura, despertando o interesse do governo no cultivo e beneficiamento do produto, com projeção de exportação.

A cidade de Santa Cruz do Sul⁴³, localizada na região central do Estado, a 155 quilômetros de distância de Porto Alegre, destacou-se, portanto, deste cedo, no cultivo desse produto, tornando o Rio Grande do Sul, um dos principais exportadores, não só para o Brasil, mas também para o exterior. Além do fornecimento das primeiras sementes de fumo, a Bromberg esteve presente também no processo de urbanização dessa cidade. Segundo Ronaldo Wink (2000), as primeiras manifestações a respeito do problema da falta de água em Santa Cruz ocorreram em 1895, quando foi constituída uma comissão comunitária para analisar a questão do abastecimento. Naquela ocasião, a água era disponibilizada por meio de poços artesianos e carros pipa. A água seria captada em fontes. Em 1907, a prefeitura iniciou a construção do primeiro reservatório da cidade. “Em janeiro de 1908, chegava a Santa Cruz, via ferroviária, a canalização metálica em um carregamento de mais de 200.000 kg, adquirida através da casa Bromberg e Cia. de Porto Alegre e importada de Hamburgo na Alemanha” (WINK, 2000, p. 45).

O estado seguiu se destacando na produção do fumo e do arroz, apesar dos conflitos que viriam decorrentes da Primeira Guerra Mundial (1914 – 1918), entre eles, a perseguição aos imigrantes alemães residentes no Brasil. Muitas empresas trocaram seus nomes alemães por um nome português. Neste período, surgiu, no Rio Grande do Sul, a temida “lista negra”, uma relação de nomes de pessoas e empresas perseguidas pelo governo brasileiro, os quais mantinham relações comerciais com a Alemanha. As empresas e os gestores da Bromberg & Cia. faziam parte dessa lista. Tema que será abordado no quarto capítulo.

2.4.4 Rio de Janeiro, São Paulo e Cia.: filiais da Bromberg pelo Brasil

Depois de ter trabalhado algum tempo na casa de Hamburgo na Alemanha, o engenheiro Hans Hacker fundou, em 1912, na cidade de São Paulo, uma filial da Bromberg & Cia. Intitulado Bromberg, Hacker & Cia., o estabelecimento, administrado por Hans, comercializou com sucesso uma gama de produtos oriundos da Alemanha.

⁴³ Sobre a história dessa cidade, interessante a leitura da Dissertação de Mestrado de Ronaldo Wink. Na obra, o autor investiga a evolução urbana de Santa Cruz do Sul, com um recorte temporal que vai de 1855 até o ano 2000 (WINK, 2000).

Cidade com uma grande concentração de estabelecimentos comerciais e industriais, principalmente tecelagens e de fiação, São Paulo, neste período, era também um considerável centro urbano, cuja população ultrapassava os trezentos mil habitantes. E isso, evidentemente, tornava a metrópole um local atraente para as operações das firmas Bromberg, pois havia um número expressivo de consumidores e uma grande aceitação dos produtos importados da Europa.

Ao empreendimento, integrou-se mais tarde, Erwin Bromberg, mais um dos filhos de Martin. Esse cenário de intensa atividade comercial, resultado de números expressivos de mercadorias comercializadas pela Bromberg na cidade paulista, exigia grandes e organizados depósitos para guardar maquinário recém-chegado da Alemanha, como vê-se na imagem abaixo:

Figura 35: Depósitos da Bromberg em São Paulo



Fonte: BROMBERG & Co., Hamburgo. 1913, p. 77.

No anúncio publicitário a seguir (fig. 36), com circulação na *Revista Gazeta Artística* (1913), observa-se a divulgação dos automóveis fabricados na Alemanha e importados pela filial da Bromberg em São Paulo. A compra desses carros modernos e caros só era possível por uma classe social privilegiada de São Paulo, a qual priorizava bons produtos e serviços.

Entre esses serviços, destacam-se os de engenharia. Eles faziam parte do pacote oferecido pela empresa Bromberg, Hacker & Cia.

Figura 36: Anúncio publicitário da firma Bromberg. São Paulo/1913



Fonte: Revista Gazeta Artística

A Bromberg também fornecia caminhões para o transporte de cargas:

Nos últimos anos foram expedidos mais de 35 caminhões, todos eles da firma Sociedade Anonyma de Caminhões a Motor, Mannesmann Mulag, da qual a casa Bromberg & Cia. é representante e cuja fama é universal. Alguns fornecimentos podem ser ligeiramente apontados aqui: a firma Bromberg & Cia., Buenos Aires, forneceu vários caminhões para uma capacidade de carga de 3000 kg, a do Rio de Janeiro caminhões para 2000, 3500 e 4000 kg de carga útil, enquanto que a firma Bromberg, Hacker & Cia., São Paulo, chegou a fornecer caminhões para uma carga útil de 6000 kg (BROMBERG & Co., 1913, p. 164).

Hans empreendeu com sucesso as novas instalações na capital de São Paulo, resultando assim um aumento nos lucros da Bromberg, Hacker & Cia. “O Sr. Hacker encontrou n’esta capital um terreno muito propício para as suas operações. Elle executou numerosas instalações de fabricas que em tamanho excedem em muito todas as demais que a firma Bromberg & Cia. tem levado a cabo” (BROMBERG & Co., 1913, p. 32). Na figura 37 observa-se que a ferrovia passava ao lado da sede da Bromberg, o que facilitou, sobremaneira, a comercialização das mercadorias da empresa.

Figura 37: Bromberg, Hacker & Cia. em São Paulo.



Fonte: BROMBERG & Co., Hamburgo, 1913, p. 78.

Também foi em São Paulo que a Bromberg empreendeu grandes obras, algumas delas relacionadas à geração de energia elétrica, tema relevante (será abordado com mais detalhes no terceiro capítulo) quando se trata de diversificação dos negócios das firmas alemãs. A Bromberg, com suas montagens de usinas, viabilizava para o Estado de São Paulo uma grande quantidade de energia elétrica a partir de suas geradoras:

Em São Paulo, notadamente, é espantoso o incremento que tem tomado as indústrias diversas, nestes últimos annos, devido, em grande parte, à Secção Technica da casa Bromberg & Cia. Atestam um canal construído ao interior daquele Estado, para acionar uma usina elétrica com força de 4000 cavallos. Esse canal e as instalações da usina são obra da Firma; a construção de um outro canal, em terreno rochoso para a instalação de uma outra usina hydro-electrica, também no interior; um colossal castello daqua para uma nova usina; construção do edificio e mais dependências da mesma usina; montagens de turbinas gêmeas de 1030 e 1250 cavallos de força; montagem de outra usina hydro-electrica com turbina especial de 1050 cavallos de força e geradores de corrente trifásica de 850 Kiv; diques, canaes, edificios etc. para outras usinas electricas, casas de machinas para as mesmas. As maiores turbinas que há no Brazil, para acionamento de usinas hydro-electrica, foram montadas pela Firma no rio Sorocaba, em S. Paulo. Essas turbinas são de 17.150 cavallos de força. Em 1912 a firma fechou contracto para a instalação de turbinas de 15.000 cavallos de força, no rio São Francisco, para acionamento de uma usina hydro-electrica gigantesca (O BRAZIL, 1913, s/p).

O protagonismo dos negócios da Bromberg na cidade paulista se deveu também à seção técnica da empresa, a qual era responsável não só pela construção, mas também pela

manutenção das obras empreendidas. Entre essas obras, destaque para a construção de hidrelétricas com seus canais, edifícios, diques etc.

Em 1910, a Bromberg inaugurou, com êxito, outra casa na região sudeste. Administrado por Otto Bromberg e pelo engenheiro Hans Hacker, a firma localizada no Rio de Janeiro, então capital federal, também negociava artigos diversos e importados da Alemanha.

A casa de Hamburgo fundou em 1910, uma filial no Rio de Janeiro, a capital do Brasil. N'esta cidade, por cujos melhoramentos e embellezamentos tanto se tem esmerado o Governo da União, em cuja magnificente bahia ancoram paquetes transatlânticos de todas as nacionalidades e que conta mais de um milhão de habitantes, tinha-se desenvolvido uma indústria florescente que proporcionava aos Srs. Bromberg & Cia. bastante ensejo para expandirem a sua atividade (BROMBERG & Co., 1913, p. 71).

A loja foi instalada no andar térreo de um suntuoso prédio bem localizado no centro da cidade, conforme mostra a figura 38:

Figura 38: prédio da filial da Bromberg/Rio de Janeiro



Fonte: BROMBERG & Co., Hamburgo, 1913, p. 79.

Local de grande movimentação, não só de mercadorias, mas também de pessoas, devido ao porto e aos grandes paquetes transatlânticos, a cidade carioca mostrava-se, naquele ano de 1910, um grande centro comercial, político e cultural do país. Era para lá, portanto,

que tudo convergia, nas primeiras décadas do século vinte. O Rio de Janeiro já possuía, naquele período, largas avenidas – as conhecidas “Boulevard”, um novo porto e construções de grande beleza arquitetônica.

As mudanças empreendidas pelo Governo Federal e pela Prefeitura integravam o espaço urbano, facilitando o escoamento e a circulação de mercadorias. As reformas urbanísticas do prefeito Pereira Passos, realizadas durante sua gestão (1902 – 1906), conferiram à capital uma nova fisionomia, mais moderna, arejada e diferente daquela do século passado. Inspirada na reforma da cidade de Paris do Barão de Haussmann⁴⁴, o Rio de Janeiro se mostrou muito mais atraente aos novos negócios recém-chegados de Hamburgo, entre eles, o maquinário Bromberg.

Otto Bromberg, seu sócio Hacker e demais colaboradores ajudaram a erguer a filial, que cresceu rapidamente, amparada pelas facilidades de infraestrutura viabilizadas pela grande cidade. Desta forma, observa-se que, paulatinamente, todos os membros masculinos do clã dos Bromberg participaram dos negócios nas diversas localidades situadas na América do Sul, ficando apenas as filhas de Martin e o filho Oscar fora dos negócios da família. Hacker já era conhecido dos gestores da Bromberg, o que facilitou os negócios na região sudeste:

O Sr. Hacker já tinha trabalhado durante longos annos no Brazil com os Srs. Bromberg & Cia., executando trabalhos de engenharia por conta d’elles. Graças a sua infatigável atividade, as obras executadas por esta filial adquiriram dentro em pouco tal importância, que foi necessário fundar novos estabelecimentos (BROMBERG & Co., 1913, p. 13).

Com impulso dos novos sócios, as firmas prosperaram. Filiais foram inauguradas em outros estados e cidades do país, como Belo Horizonte, Santos e Bahia. Todos com a mesma “razão social”: Bromberg, Hacker & Cia., que sucessivamente, com a colaboração de engenheiros competentes, foram estendendo a sua atividade também no Brasil Central. “O domínio de trabalho d’estas duas casas foi extendendo mais e mais e dentro em breve a casa

⁴⁴ Na análise de Sandra Pesavento a transformação do Rio de Janeiro em uma Paris-sur-mer se deve à conhecida ação de Pereira Passos, prefeito da cidade de 1902 a 1906, em articulação com o governo federal, na época, encabeçado por Rodrigues Alves (PESAVENTO, 2002, p. 173).

do Rio de Janeiro constituiu uma filial em Bello Horizonte, capital de Minas Geraes, o estado mais povoado do Brazil” (BROMBERG & Co., 1913, p. 71).

Na esteira do sucesso vivenciado naquela região, a Bromberg & Cia, implantou uma filial no estado nordestino da Bahia. “Também a casa em São Paulo criou uma sucursal na cidade de Santos, o porto de São Paulo, seguindo-se a esta, dentro em pouco, uma nova filial, a da Bahia, que foi fundada pela casa do Rio de Janeiro” (BROMBERG & Co., 1913, p. 71). Com essa expansão das filiais pelo Brasil, os estabelecimentos ficaram assim gerenciados:

Os dois estabelecimentos no Estado de São Paulo giram sob a firma Bromberg, Hacker & Cia. Seus proprietários são a firma Bromberg & Co., em Hamburgo, e os Srs. Engenheiro Hans Hacker e Dr. Erwin Bromberg. As casas no Rio de Janeiro, na Bahia e em Bello Horizonte giram sob a razão de Bromberg & Cia., sendo seus proprietários a firma Bromberg & Co., em Hamburgo, e o Sr. Dr. Otto Bromberg. A gerencia da casa de São Paulo está nas mãos dos Srs. Hans Hacker e Dr. Erwin Bromberg; a do Rio de Janeiro nas mãos dos Srs. Dr. Otto Bromberg e engenheiro H. Hacker (BROMBERG & Co., 1913, p. 72).

Para as modernas filiais sediadas nas regiões Sudeste e Nordeste do Brasil, a Bromberg & Cia. construiu salas, armazéns e escritórios funcionais, a maioria deles localizados em prédios modernos com amplas áreas. “Para suas casas de negocio e armazéns a firma Bromberg, Hacker & Cia. necessita de quatro prédios em São Paulo e de um em Santos, que juntos ocupam uma área total de 5782 m²”. Em algumas cidades, o empreendimento também utilizou casas para a instalação das lojas, como é o caso das filiais no Rio de Janeiro, em Belo Horizonte e na Bahia. “No Rio de Janeiro a firma Bromberg & Cia. tem duas casas, em Bello Horizonte uma e na Bahia uma, com uma área aproveitada, total de 1000 m²” (BROMBERG & Co., 1913, p. 72).

Os organogramas das firmas Bromberg & Cia. mostram como eram dispostas as unidades funcionais, a hierarquia e as relações de comunicação existentes entre as lojas. No organograma da nova filial, situada na cidade de São Paulo, observa-se a quantidade de funções e cargos necessários não só para o êxito das atividades comerciais daquela filial, como também a certeza da organização e melhor distribuição das tarefas. “O pessoal da casa de São Paulo compõe-se de 3 gerentes, 5 procuradores, 62 empregados de comercio, 36 empregados technicos e 53 empregados diversos” (BROMBERG & Co., 1913, p. 72). Igualmente se verificou essa mesma estratégia organizacional na filial do Rio de Janeiro: “No Rio de Janeiro o pessoal da firma consiste de 33 pessoas, que são: 3 gerentes, 18 empregados

de commercio, 5 empregados technicos e mais 7 empregados diversos” (BROMBERG & Co., 1913, p. 72).

A montagem das filiais exigiu um número significativo de operários. “Nas montagens e obras há além d’isso ainda cerca de 1200 a 1300 operarios aos serviços da firma” (BROMBERG & Co., 1913, p. 72). Segundo gráfico a seguir, é possível identificar porque a Bromberg tornou-se rapidamente uma empresa sólida e reconhecida no mercado. Com quase 900 funcionários, entre técnicos, vendedores e administradores, a empresa oferecia produtos e serviços, os quais tinham o selo de qualidade da Bromberg & Cia.

Figura 39: Tabela com o número de empregados da Bromberg & Cia./1913

Filiais e Empregados						
BROMBERG & CIA						
1913						
Filiais	Gerentes	Procuradores	Empregados Comércio	Empregados técnicos	Empregados Diversos	TOTAL
B. Aires	-	4	56	18	—	78
Hamburgo	-	7	100	39	7	153
Pelotas	1	1	35	9	31	77
Porto Alegre Uruguiana Cachoeira S. Maria Passo Fundo	7	7	171	53	76	314
Rio Grande	7	2	46	11	19	85
Rio de Janeiro Bahia B.Horizonte	3	-	18	5	7	33
São Paulo Santos	3	5	62	36	53	159
TOTAL	21	26	488	171	193	899

Ilustração de Rita Bromberg Brugger.
Fonte: BROMBERG & Co., Hamburgo, 1913, p. 72.

Em cinquenta anos, a soma das transações duplicou, e a Bromberg passou a diversificar os negócios, tornando-se referência no cenário internacional. Exemplo disso são as instalações de geração de energia e a construção de ferrovias em diversas localidades do Rio Grande do Sul e do Brasil, assunto analisado no próximo capítulo.

3 A BROMBERG NO CENÁRIO INTERNACIONAL

3.1 INSTALAÇÕES PÚBLICAS E PRIVADAS: AS USINAS DE GERAÇÃO DE ENERGIA

A Bromberg & Cia. tornou-se conhecida no cenário internacional a partir de seu comércio de exportação e importação. Porém, a diversificação dos negócios fez com que a empresa se transformasse em um exemplo de gestão e lucratividade. Dentre as atividades desenvolvidas pela Bromberg no Brasil, as quais marcaram o desenvolvimento do país, e também, mais profundamente, a sua paisagem, salienta-se o seu envolvimento com projetos de aproveitamento hidráulico. A iniciativa da construção das primeiras usinas elétricas na América Latina contou com a participação dessa empresa. As firmas alemãs foram pioneiras no negócio energético, permitindo que o Brasil se tornasse um dos maiores produtores de energia.

A aposta ficou por conta das primeiras hidrelétricas, ou seja, a força das águas dos rios brasileiros como forma de geração de energia. O uso do carvão, combustível essencial desde a primeira revolução industrial na Inglaterra (século XVIII), era muito caro para as empresas, pois ele necessitava de processamento antes de sua utilização na indústria. O transporte também tornava o uso do minério mais oneroso. Desse modo, a aplicação do minério nas indústrias dependia desses condicionantes.

Naquele tempo, já se pensava nos benefícios da energia limpa e renovável proveniente dos recursos em abundância na natureza. A força das águas era nomeada de “carvão branco”. Hoje, se sabe da importância dessa fonte de energia, pois as hidrelétricas não geram liberação de gases tóxicos, tão pouco geram riscos de contaminação iminente ao meio ambiente.

Nos países transatlânticos, onde raras vezes explora-se o carvão e o seu preço torna-se excessivamente caro devido às enormes despesas de transporte, se utiliza muitas vezes o “carvão branco”, a força elementar das cachoeiras com que nos presenteou a natureza. As serrarias que orlam o litoral do Brasil e se estendem até ao seu coração, dão uma queda possante aos rios que, despenhando em borbotões pelas suas encostas, vão despejar no Amazonas, o rio dos rios, no La Plata ou no Oceano Atlântico. Retumbando pelos penedos, em regiões prodigamente dotadas de encantos pela natureza, mas onde jamais pisara pé humano, outr’ora estas catadupas corriam as suas águas desaproveitadas e estêreis se perdiam as suas forças. Os Srs. Bromberg & Cia., porém, impuseram-se a árdua e benéfica tarefa de obrigar estas forças indômitas aos serviços da humanidade (BROMBERG & Co., 1913, p. 93).

A partir do final do século XIX, é que o processo de urbanização começa realmente a se consolidar, impulsionado pela emergência da era da industrialização. Esse período de desenvolvimento industrial, resultante das atividades ligadas à cafeicultura no Brasil e às necessidades básicas do mercado interno vai depender de novas fontes de energia. A expansão do meio urbano-industrial e o conseqüente crescimento populacional resultaram em um aumento exponencial da demanda energética. E é neste cenário de necessidades urgentes das modernas sociedades industriais que emergem, nas primeiras décadas do século XX, os empreendedores da Bromberg com a instalação das primeiras usinas de produção de energia.

Com o progresso econômico do Brasil tinha surgido um grande numero de empresas industriais que necessitavam de força motriz; haviam tomado grande incremento as cidades e villas e, como consequência imediata, tinham sido fundados inúmeros núcleos, que, rapidamente povoados, quer pelo aumento da população indígena, quer pela imigração, clamavam todos pela luz. A estas necessidades urgentes vieram satisfazer os Srs. Bromberg & Cia. No decorrer dos annos as filiaes da casa Bromberg & Cia. forneceram usinas de força e luz a mais de 120 cidades do Brazil. À sua actividade, que tudo abrange, deve-se o facto de estarem aproveitadas e utilizadas quase todas as forças hydraulicas que se encontram nas proximidades de villas maiores ou de fabricas industriais de maior monta (BROMBERG & Co., 1913, p. 93).

Diante desse quadro, a Bromberg & Cia, por meio de seu maquinário importado, intensificou a construção e o funcionamento de usinas pelo país. Essa nova fonte de energia foi direcionada às novas cidades que surgiram como consequência do desenvolvimento de algumas regiões do Brasil. As distâncias foram vencidas, e os povoados em torno das grandes cidades foram beneficiados com o avanço dessa tecnologia trazida pela Bromberg:

Na época actual as grandes distancias não entram mais em conta como factores de atalho, quando se trata de transmitir correntes electricas. Mediante correntes de 40000 volts e mais, vencem-se facilmente distancias de 50 km e mais. As usinas electricas construídas pela firma Bromberg & Cia., na sua maioria são usinas interurbanas, que fornecem luz e força electrica não só as cidades, mas também a todas as povoações circundantes (BROMBERG & Co., 1913, p. 94).

No interior do Rio Grande do Sul, especialmente na cidade de Santa Vitória do Palmar, a Bromberg também atuou na questão energética. Segundo o jornal *A Opinião Pública* (1908, s/p):

A conceituada firma Bromberg & C., desta praça, já adquiriu o terreno para a construção do edificio da usina electrica em Santa Victoria do Palmar. O aludido terreno mede 22 metros de frente por 55 de fundo, devendo a construção do edificio começar no corrente mez. É possível, pois, que a luz electrica, naquela futura cidade, seja inaugurada este anno.

No Brasil, diferente de outros países, a matriz energética nacional é diversificada, sendo quase metade dela proporcionada por fontes renováveis, como a hidrelétrica. Outras possibilidades de fontes de energias renováveis têm surgido no país ao longo dos anos, como a captação de energia solar e a energia eólica. E foi esse também o pensamento dos gestores da Bromberg quando idealizaram o novo negócio na primeira metade do século vinte, além, obviamente, na possibilidade de novas fontes de lucros. E nada mais coadunante à visão empresarial dos Bromberg que investir nas regiões sul e sudeste do país, polos promissores quanto à expansão dos diversos setores da economia.

Sabe-se que a eletricidade revelou-se como a principal fonte de luz, calor e força utilizada no mundo globalizante e moderno, fundamental para o funcionamento das indústrias e na iluminação das cidades. Mercado que se apresentava com uma lucratividade assegurada.

A carga media das usinas instaladas pela firma Bromberg & Cia., importa em muito mais de 100000 Cav. F. A maioria destas instalações são obras hydro-electricas; as demais são machinas a vapor ligadas ao gerador electrico. Além disso a firma montou ainda inúmeros aparelhos consumidores de corrente electrica. A electricidade gerada pela totalidade das instalações pode ser avaliada, pelo menos, em 150000 kilowatts (BROMBERG & Co., 1913, p. 94).

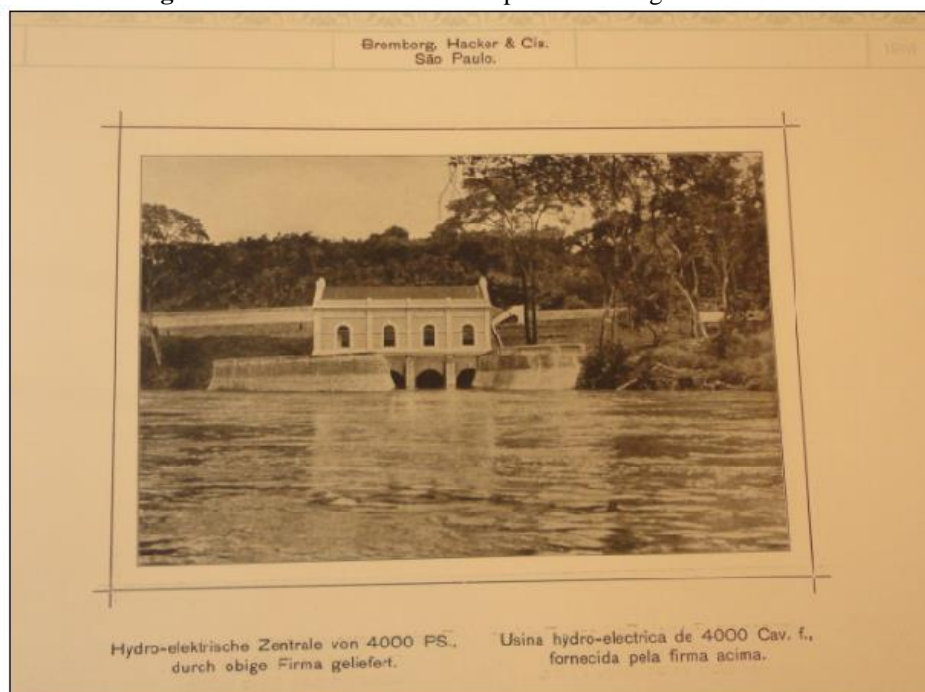
Ressalte-se, porém, que a energia utilizada no processo industrial apresentou maior impacto econômico em virtude de suas implicações tecnológicas, bem como para atender a demanda da produção. Os motores de geração de energia que foram instalados pelas firmas Bromberg eram utilizados, principalmente, em fiações, tecelagens, fábricas de papel e outros estabelecimentos industriais, assim como em fazendas de café.

Para dar uma ideia aproximativa do tamanho colossal das usinas construídas pela firma Bromberg & Cia., basta apontar que estas instalações alimentam cerca de sete milhões e meio de lâmpadas. Na Europa, cujas ricas jazidas de carvão constituem a base fundamental da produção de luz e força, a maioria das cidades possuem apenas usinas electricas de poucos milhares de cavalos – força. Exceptuam-se, naturalmente, as grandes metrópoles, como Londres, Paris, Vienna e Hamburgo, cujas usinas podem produzir varias dezenas de milhares de cavalos – força. Assim, por exemplo, a capacidade total de Vienna e Hamburgo importa em 50000 Cav. F., o que vem a ser, aproximadamente, somente a metade da capacidade gerada nas usinas que os Srs. Bromberg & Cia. erigiram no Brazil (BROMBERG & Co., 1913, p. 95).

Percebe-se, a partir dessas informações, que a produção de energia gerada a partir das usinas da Bromberg no Brasil era superior a de muitos países europeus na época. A medida usada era em cavalos, a qual remonta ao trabalho realizado por esses animais nas

minas de carvão inglesas do século XVIII, quando os proprietários dessas minas eram também os primeiros clientes dos fabricantes de motores movidos a vapor. Os motores acionavam máquinas, as quais transportavam o carvão do interior da mina até a superfície. A seguir, imagem de uma hidrelétrica com potência de quatro mil cavalos:

Figura 40: Hidrelétrica fornecida pela Bromberg de São Paulo



Fonte: BROMBERG & Co., Hamburgo, 1913, p. 95.

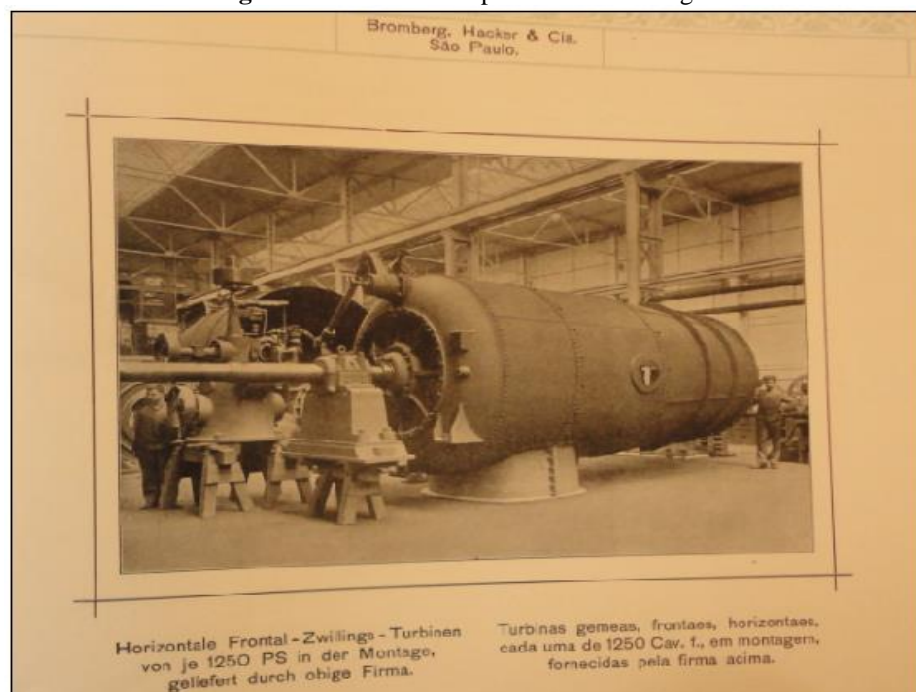
A Bromberg era a representante da Johann Mattheus Voith, conceituada fábrica de turbinas:

Nenhuma outra machina é tão apropriada para converter a força hydraulica em energia electrica como a turbina em conexão com o gerador electrico. Nas usinas hydro-electricas usou-se de turbinas dos systemas mais diversos. Todas ellas, porém, são procedentes da grande fabrica J. M. Voith, em Heidenheim, que tão merecidamente goza de fama universal e cuja única e exclusiva representação tanto no Brazil como na Argentina está confiada a firma Bromberg & Cia (BROMBERG & Co., 1913, p. 95).

As turbinas Voith eram originárias da Metalúrgica Voith (1867), situada no Distrito de Heidenheim, na Alemanha. A empresa surgiu na primeira metade do século XIX como uma sociedade familiar. Johann Mattheus Voith, o pioneiro dos negócios, havia postulado em 1855 que a necessidade de energia estava aumentando na Alemanha, e por isso incentivou, a partir de 1870, a construção de turbinas hidráulicas. Desta forma, a Voith tornou-se uma

importante precursora da eletrificação. Antes disso, a empresa criou a base para a produção industrial do papel, construindo a maior máquina para impressão de jornais. As relações da Bromberg com a Voith remetem à importação das turbinas, peças fundamentais para o funcionamento das usinas hidrelétricas no Brasil.

Figura 41: Turbinas em processo de montagem



Fonte: BROMBERG & Co., Hamburgo, 1913, p. 99.

É fato que a energia hidráulica, produzida por meio da força do movimento das águas, necessita, nesse processo, das turbinas, as quais são instaladas nas usinas hidrelétricas. Nessas usinas da Bromberg, “foram instaladas turbinas espiraes horizontaes e verticaes, simples e gêmeas, com poços abertos, de rodas horizontaes, verticaes e systema Pelton, turbinas-caldeiras e frontaes” (BROMBERG & Co., 1913, p. 95). Os principais fatores que influenciam na geração dessa energia são: a vazão do rio, a quantidade de água disponível em determinado período de tempo e os desníveis do relevo, como as quedas d’água (naturais ou criadas artificialmente).

As firmas Bromberg trabalharam também na preparação desses novos caminhos de rios e quedas d’água. Com o estreitamento das relações com o governo republicano, os dirigentes da companhia passaram a atuar, juntamente com brasileiros, no aproveitamento das quedas d’água para fins de obtenção de energia elétrica, alcançando importantes concessões.

Desta forma, a firma passou a atuar intensamente em novos projetos de aproveitamento de rios e cachoeiras localizados em diferentes regiões do país.

As barragens, os diques e novos canais ao interromperem o curso natural dos rios, desviando-o para um determinado local, formavam grandes reservatórios. Esses “armazenadores de água” permitiam, assim, a formação de consideráveis quedas de água, os quais produziam a força, fundamental para movimentar as turbinas que acionavam os geradores elétricos. Era esse o ciclo de funcionamento de uma usina hidrelétrica construída pela Bromberg, conforme texto a seguir:

Os rios, cujas forças hydraulicas foram exploradas pela firma Bromberg & Cia., apresentam quedas muito diferentes. Assim, uma das usinas por ella construídas tem uma instalação com uma queda de mil metros e um encanamento de 3400 m de comprimento. Esta queda é maior do que a das conhecidas usinas electricas perto de Lucerne na Suissa, que utilizam uma queda de 960 m. Às turbinas desta instalação brasileira foram ligados diretamente geradores de corrente trifásica, cada um de 1650 Kw. E 6000 Volts. A capacidade desta turbina interurbana é de 4040 Cav. F (BROMBERG & Co., 1913, p. 96).

As turbinas montadas pelas filiais brasileiras da Bromberg apresentavam diferentes capacidades geradoras de energia. As destinadas aos engenhos, máquinas de beneficiamento de café e empresas semelhantes, empregavam unidades muito pequenas, ou seja, uma força de até trinta cavalos.

Para outras usinas, a força era de 50 a 100 cavalos. Já as grandes usinas apresentavam unidades de milhares de cavalos de força. Segundo dados expressos no livro da Bromberg & Cia., o total gerado em energia se aproximava dos cem mil cavalos de força. “Os 100000 Cav. f. gerados pelas 120 usinas urbanas estão distribuídos entre cerca de 200 unidades, de modo que a capacidade media de uma turbina importa aproximadamente em 500 Cav. f.” (BROMBERG & Co., 1913, p. 96).

A firma Bromberg foi a responsável também pela maior instalação de turbinas do Brasil com a construção da usina que explorou a força das águas do Rio Sorocaba, fornecendo eletricidade à cidade de São Paulo e seus bairros. O Sorocaba é um dos principais rios do Estado de São Paulo e o mais importante afluente da margem esquerda do Rio Tietê. Ele possui 180 km de extensão em linha reta e 227 km, considerando o leito dele no trajeto natural. Sua vazão regulada é de 13 m³/s. Nesta usina:

Estão instaladas três turbinas, cada uma de 17150 Cav. f., que mais tarde, depois de ampliadas por meio de mais dois agregados, chegarão a ter uma capacidade total de 85750 Cav. f. Estas turbinas podem ser listadas entre as maiores de todo o mundo.

São mais poderosas do que as afamadas turbinas da Companhia “Ontario Power Company of Niagara Falls” em Ontario (Canadá) que só geram 11390 Cav.f (BROMBERG & Co., 1913, p. 97).

As turbinas da Companhia de geração de energia das cataratas do Niágara⁴⁵ de que trata a citação acima eram consideradas, na época, as maiores do mundo, até surgirem as máquinas Bromberg instaladas nas usinas do rio Sorocaba em São Paulo. Atualmente, a maior hidrelétrica é a Usina de Três Gargantas, localizada no Rio Yang Tsé na China (PENA, 2018), cujas obras finalizadas em 2012 foram estimadas em vinte e cinco bilhões de dólares na época.

As turbinas brasileiras foram construídas para uma queda de 180m e perfazem 600 rotações por minuto. Cada turbina é alimentada por um encanamento de 600 m de comprimento, com diâmetros internos graduados de 1725, 1650, 1600 e 1525 mm. Elas acionam geradores de corrente trifásica, tendo sido construídas como turbinas espirais de alta pressão com eixo horizontal. Esta instalação é uma inovação importantíssima. Como turbinas excitadoras foram construídas ainda duas turbinas Pelton, de 700 Cav. f. cada uma (BROMBERG & Co., 1913, p. 97).

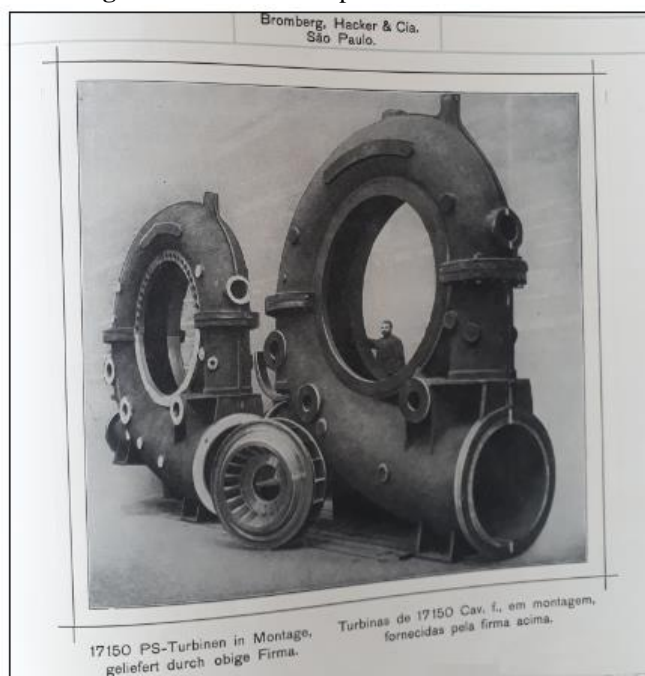
As turbinas “Pelton” utilizadas, portanto, nas usinas da Bromberg são engrenagens hidráulicas de ação, ou seja, funcionam com pressão atmosférica. Elas foram inventadas na década de 1870 por Lester Allan Pelton, daí a origem do seu nome. A turbina é constituída por uma roda e um ou mais injetores, cuja função é transformar a energia de pressão do escoamento em energia cinética, orientando esse mesmo escoamento para a roda. Funciona bem para grandes quedas de água (até 1100 metros).

A Bromberg, Hacker & Cia. de São Paulo foi a responsável pelo projeto que previa a construção de turbinas ainda maiores e mais eficientes do que as erguidas no Rio Sorocaba.

⁴⁵ A primeira tentativa humana em usar as águas do Niágara como fonte de energia data de 1759, quanto o americano Daniel Joncairs construiu um pequeno canal acima das cataratas, para alimentar seu moinho. Em 1854, o governo do estado de Nova Iorque criou a *Niagara Falls Hydraulic Power and Mining Company*, uma empresa pública. A *Niagara Falls Hydraulic Power and Mining Company* eventualmente construiu os canais que seriam usados para a geração de eletricidade. Em 1881, sob a direção de Jacob Schoellkopf, estes canais geravam eletricidade através de geradores de corrente contínua, que eram suficientes para alimentar a vila de Niagara Falls, Nova Iorque. Em 1883, a *Niagara Falls Power Company*, a sucessora da *Niagara Falls Hydraulic Power and Mining Company*, contratou George Westinghouse, para que desenvolvesse o sistema para a geração de corrente alternada. Em 1896, a *Niagara Falls Power Company* terminou a construção de canais subterrâneos, que desviavam água do rio Niágara para turbinas. Este sistema era capaz de produzir até 75 megawatts de eletricidade. Diário do engenheiro da Voith Albert Ungerer: nas Cataratas do Niágara. Disponível em: <http://voith.com/br/index.html>. Acesso: 02 de abr. de 2018.

Essas turbinas seriam utilizadas no Rio São Francisco, objetivando uma geração de energia (cada uma delas) de até 25000 cavalos de força. A seguir imagem de uma turbina comercializada pela firma Bromberg, Hacker & Cia.:

Figura 42: turbina com potência de 17150 cav.



Fonte: BROMBERG & Co., Hamburgo, 1913, p. 117.

A Bromberg & Cia. também atuou na geração de energia proveniente de outras fontes. Foi na cidade de Curitiba no Paraná onde a firma instalou as primeiras usinas de produção de eletricidade a partir da máquina a vapor:

Além dessas usinas hydro-electricas a firma Bromberg & Cia. também construiu usinas de electricidade nas quaes a machina a vapor, em conexão com o gerador electrico, é que produz a luz e força electrica. Assim, por exemplo, erigiu a usina da cidade de Curityba, na qual acham-se instaladas duas machinas a vapor, cada uma de 300 Cav. f. e uma machina a vapor de 600 Cav. f. Actualmente acha-se em construção outra turbina a vapor de 1000 Cav. em conexão com um gerador electrico (BROMBERG & Co., 1913, p. 98).

Em 1910, a Bromberg inaugurou a primeira hidrelétrica no estado do Paraná, a Usina de Serra da Prata, perto de Paranaguá, com potência de 400 kVA, a qual forneceu eletricidade até o início da década de 1970, quando foi desativada.

No Rio Grande do Sul, a Bromberg viabilizou energia a partir da força das águas do Rio Ijuí. A “Usina Velha”, mencionada no livro da Bromberg, foi, durante muito tempo,

conhecida por “Usina da Sede”, localizada às margens do Rio Potiribu na Bacia Hidrográfica do Rio Ijuí. Ela serviu à cidade e vizinhanças, durante muitos anos. Somente em outubro de 2017, após aprovação na Câmara de Vereadores, é que a usina deixou de funcionar. Valdir Heck, então prefeito de Ijuí, sancionou lei prevendo a desativação da usina, alegando precariedade no funcionamento. O objetivo da desativação era o de possibilitar a construção de uma nova usina com melhor aproveitamento dos recursos hídricos e melhor geração de energia para a região. Ainda segundo o site “Ijuí sua história e sua gente”, observa-se que algumas informações fazem referência às relações comerciais empreendidas entre os gestores da Bromberg & Cia. com os políticos da época. É importante citar aqui as negociações entre a Bromberg e o Intendente da cidade na época, o Coronel Antônio Soares de Barros, registrado em jornal da época (CORREIO DO POVO, 10 de outubro de 1909, s/p):

O então Intendente da Colônia e depois Município de Ijuí, Coronel Antônio Soares de Barros - o Cel. Dico - tinha amplas relações comerciais com a firma Bromberg. Muitos dos primeiros equipamentos e máquinas industriais, agrícolas e comerciais trazidos ou usados em Ijuí (em especial vindos do exterior - da Europa) vieram através da firma Bromberg. Pelas suas instalações de luz elétrica, adquiriu a firma grande fama. Fez dezenas de instalações elétricas para diversas cidades e Câmaras Municipais, incluindo Ijuí.

Assim, as firmas Bromberg ganharam notoriedade não só pelo fornecimento de equipamentos e máquinas industriais oriundas da Alemanha, mas também pelo abastecimento de energia elétrica em algumas cidades do interior do Rio Grande do Sul.

3.2 A INTEGRAÇÃO DO TERRITÓRIO: AS FERROVIAS FORNECIDAS PELA BROMBERG

A construção das primeiras ferrovias, no período imperial, objetivou não só integrar regiões distantes, mas também escoar a produção de alimentos do interior até o litoral, a fim de seguir para os mercados consumidores na Europa e também Estados Unidos. Mesmo sendo mais econômico e pouco poluente, o transporte ferroviário não foi priorizado pelos governos brasileiros, ao longo da história. E a prova disso é que entre os anos de 1930 e 1960, os presidentes Getúlio Vargas e Juscelino Kubitschek direcionaram os investimentos para as rodovias e, especialmente, ao setor automobilístico, estratégia que se mantém até hoje. Ainda

assim, nos dias atuais, as poucas ferrovias em atividade têm grande relevância no país, principalmente no transporte de cargas.

A firma Bromberg & Cia. destacou-se pela maneira ativa em que tomou parte na construção desse meio de transporte na primeira década do século XX. Até fins de 1912, o comprimento total das estradas de ferro construídas por ela tinha atingido mais de cem quilômetros, além de projetos de novas ferrovias, as quais previam mais de quinhentos quilômetros de extensão em diversas regiões do país:

A maneira perita e excelente pela qual a firma Bromberg & Cia. leva a cabo mesmo as maiores estradas de ferro, grangearam-lhe um renome saliente. Em fins de 1912 ella tinha em mãos o encargo para a construção de novas estradas de ferro numa extensão total de cerca de 500 km. A super construcção destas novas obras tem aproximadamente um peso de 25000 toneladas, pesando o seu material de pontes cerca de 10000 toneladas (BROMBERG & Co., 1913, p. 119).

Todas as instalações e materiais necessários para viabilizar uma ferrovia, tais como estações, pontes, trilhos, desvios, locomotivas e vagões, foram fornecidos pela empresa alemã. No Estado do Rio Grande do Sul, a Bromberg foi a responsável pela linha férrea que ligava Novo Hamburgo a Taquara, cidades importantes no contexto econômico, situadas na região metropolitana de Porto Alegre.

Estas estradas de ferro servem principalmente para o trafego entre o interior do paiz e o seu litoral. Ellas conduzem os produtos e as matérias primas do Brazil aos portos de embarque e levam dahi as mercadorias e os artigos importados aos seus logares de destino. No Estado do Rio Grande do Sul a firma construiu a linha de Novo Hamburgo a Taquara, linha esta que tem uma extensão de 45 km (BROMBERG & Co., 1913, p. 119).

O crescimento comercial da região do Vale dos Sinos foi o principal motivo para a chegada do trem até Novo Hamburgo e São Leopoldo. O transporte ferroviário foi um grande facilitador, servindo não só para o escoamento de mercadorias, como para o transporte de passageiros. Até a chegada do trem, o meio utilizado para o transporte eram as carretas puxadas por boi e o transporte fluvial pelo rio dos Sinos⁴⁶.

⁴⁶ Com a inauguração da linha férrea entre Porto Alegre e São Leopoldo em 1876, o comércio fluvial pelo rio dos Sinos entrou gradualmente em declínio, mas a nova via de transporte não anulou o controle dos alemães sobre a rede de comércio entre Porto Alegre e as colônias. Para acessar os serviços da linha férrea, os habitantes

Sobre essa navegação e as relações de comércio realizadas por alemães, Reinheimer (2000) analisa a importância do porto de São Leopoldo:

As embarcações cruzavam o rio dos Sinos, carregando e descarregando no porto das Telhas ou então no porto fluvial de São Leopoldo, os produtos da lavoura de todos os núcleos coloniais da colônia de São Leopoldo, que no relatório são citados como as linhas estabelecidas, isso desde a instalação dos primeiros imigrantes. O destino era Porto Alegre, de onde traziam os artigos necessários, principalmente, da manufatura para a colônia (REINHEIMER, 1999, p. 29).

Assim, durante muito tempo, o comércio na região das colônias se deu por meio fluvial. Com a chegada dos trilhos do trem, passageiros e produção local podiam ser transportados para o centro do estado e para a capital com uma rapidez surpreendente para a época. A estação, denominada “Hamburger Berg” localizava-se no centro da cidade, uma região então deserta, onde no passado, havia o povoado com o mesmo nome. Hoje, este local é conhecido por Hamburgo Velho.

Em 1919, a estação foi alterada para Borges de Medeiros, como reflexo do sentimento antigermânico causado pela Grande Guerra (no entanto, a estação voltou à nomenclatura original em 1920). Em 1964, a linha Novo Hamburgo-Taquara foi fechada, assim o final da linha limitou-se à cidade do Novo Hamburgo. Acompanhando uma tendência de todo o Brasil de substituir linhas férreas por rodovias, os trilhos de Novo Hamburgo foram desativados na segunda metade do século XX.

Segundo informações obtidas no site “Ijuí sua história e sua gente”⁴⁷, percebe-se a importância das obras de engenharia prestadas pelas firmas Bromberg & Cia., assim como pelo impulso dado na construção de ferrovias na região. A empresa alemã também influenciou no desenvolvimento da cidade de Ijuí, localizada na região noroeste do Rio Grande do Sul. O site cita o fato de alguns dos maiores trabalhos de engenharia terem sido executados no estado pela firma Bromberg, como a linha ferroviária de Novo Hamburgo a Taquara, numa extensão de 46 quilômetros e a construção de pontes. E, finaliza informando que a Usina Velha, localizada no rio Potiribú, foi projetada e construída pela Bromberg.

da Taquara do Mundo Novo continuaram usando a navegação fluvial até São Leopoldo e as colônias da encosta da Serra transportavam suas mercadorias por picadas e estradas até a Estação Férrea (RÜCKERT, 2013, p. 12).

⁴⁷ Site Ijuí sua história e sua gente. Disponível em: <http://ijuisuahistoriaesuagente.blogspot.com/> Acesso em: 18 de maio 2019.

A Bromberg viabilizou importantes caminhos que interligavam cidades e povoados distantes. As linhas de Novo Hamburgo, Taquara, Cruz Alta, Ijuí e Santo Ângelo, construídas pela firma, foram determinantes para o desenvolvimento econômico não só dessas cidades, mas também de seu entorno. O jornal *Correio do Povo* divulgou, em 1909, a participação da Bromberg na construção da linha férrea entre Cruz Alta e Ijuí: “O almoxarifado da Viação Ferra tem enviado trilhos militares por conta dos srs. Bromberg & C. para a estrada de Cruz Alta-Ijuhy, em construção” (CORREIO DO POVO, 6 de out. de 1909, s/p).

A estrada de ferro, responsável pela ligação entre as cidades de Ijuí e Santo Ângelo, foi outra obra importante realizada pelos engenheiros da Bromberg. A ferrovia foi inaugurada no ano de 1911, trazendo prosperidade para a região. Todo material necessário para a construção, inclusive os trilhos, vieram das filiais gaúchas espalhados pelo estado.

As filiais da Bromberg & Cia. também forneceram estradas de ferro portáteis, mais conhecidas por “caminhos de ferro portáteis”. Eram destinados para o governo brasileiro e para a iniciativa privada. Trilhos, curvas, cruzamentos, giradores, vagonetes, caixas de ferro para virar (próprios para ferrovias de café), entre outros, compunham acessórios fundamentais dessas ferrovias.

Figura 43: Ferrovia portátil fornecida pela Bromberg



Fonte: BROMBERG & Co., Hamburgo, 1913, p. 123.

A ideia das ferrovias portáteis surgiu no final do século XIX, com o agricultor francês Paul Decauville. Decauville construiu, em 1875, uma estrada de ferro em módulos portáteis e provisórios para o transporte da colheita de beterraba, até os depósitos de armazenamento. Durante a primeira guerra mundial (1914 – 1918), a ferrovia inovadora do colono francês chamou a atenção do exército alemão, dando origem a um sistema ferroviário estratégico e adaptado para seguir os soldados em movimento e também abastecer o front de suprimentos em qualquer situação. No período de 1907 a 1919, empresas alemãs construíram para estas ferrovias cerca de duas mil setecentos e cinquenta locomotivas a vapor do tipo *Brigadier*, conhecidas também como *Brigade Lokomotiv Deustcher Feldbahn*.

As vias-férreas portáteis eram negociadas pelas diversas casas Bromberg espalhadas pelo Brasil, entre elas: as lojas do Rio de Janeiro, Porto Alegre, Buenos Aires e Bromberg, Hacker & Cia. de São Paulo. “Estas filiaes deram cumprimento a numerosas encomendas, para as quaes mais tardes receberam ordens suplementares, uma prova de boa qualidade do material fornecido e da montagem proficiente, executada no lugar do destino por especialistas da firma” (BROMBERG & Co., 1913, p. 120). Os serviços de qualidade prestados pela Bromberg, especialmente na linha de montagem dessas estradas de ferro, deram à empresa credibilidade e aumento nas vendas.

3.3 OUTRAS INSTALAÇÕES DA BROMBERG PELO PAÍS

A Bromberg & Cia. também ficou conhecida pela tecnologia da construção de pontes sobre leitos de rios, as quais compunham parte das estradas de ferro. Obviamente que essa tecnologia – de ponta para a época - era importada da Alemanha. No Rio Grande do Sul, merecem destaque as pontes da estrada de ferro de Cruz Alta e de Alegrete. “Dentre as pontes de estradas de ferro, construídas pela firma Bromberg & Cia. destacam-se como dignas de menção as pontes da estrada de ferro de Cruz Alta e especialmente a p onte de Alegrete por causa do seu vão de 180m” (BROMBERG & Co., 1913, p. 120).

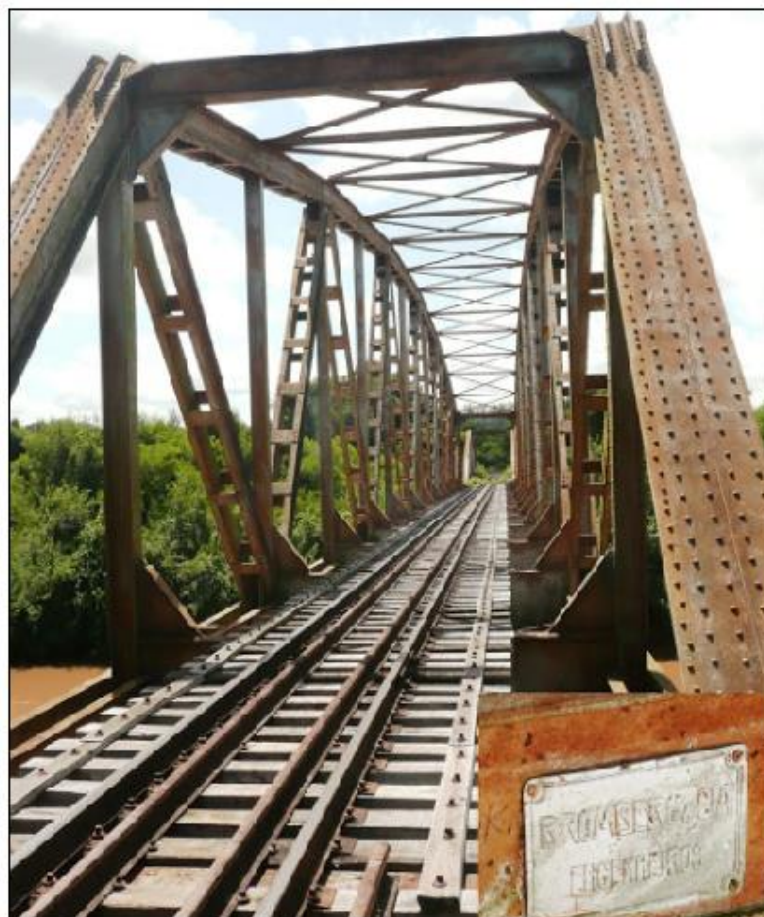
Outras pontes das empresas Bromberg foram erguidas em torno da primeira década do século passado. A construção do trecho entre Ijuí e Santo Ângelo foi marcada pelo desafio de uma ponte sobre o rio Ijuí. Segundo matéria publicada no site, observam-se as relações comerciais empreendidas entre as firmas Bromberg no Brasil e suas filiais na Europa. No caso específico das pontes, havia a necessidade de importar toda a estrutura metálica:

A Direção do ramal ferroviário Cruz Alta-Ijuí, encomendou da Europa, por intermédio da Firma Bromberg & Cia., a estrutura metálica para a ponte sobre o Rio Ijuí. São dois arcos de 40 metros de vão. A ponte assentará sobre apenas um pilar, no centro do Rio. O embarque será efetuado dentro de breve, de sorte que, em quatro meses poderá ser iniciada a montagem da ponte, contanto que, até lá, os trilhos tenha alcançado o rio (DIE SERRA-POST, 14 de out. de 1970, s/p).

Para vencer e contornar os intransponíveis relevos, barreiras geográficas e driblar a natureza, as empresas contaram com a tecnologia e a experiência dos técnicos da época: eram os engenheiros da Bromberg. Nas duas imagens a seguir, é possível identificar a placa de metal que identifica o trabalho desses engenheiros. A primeira imagem mostra a ponte sobre o rio Ijuí, e, no canto à direita, a placa identificando os profissionais de engenharia da Bromberg. Na segunda imagem, vê-se também a placa dos engenheiros, atualmente em exposição no Museu da Cidade de Rio Grande (MCRG) ⁴⁸.

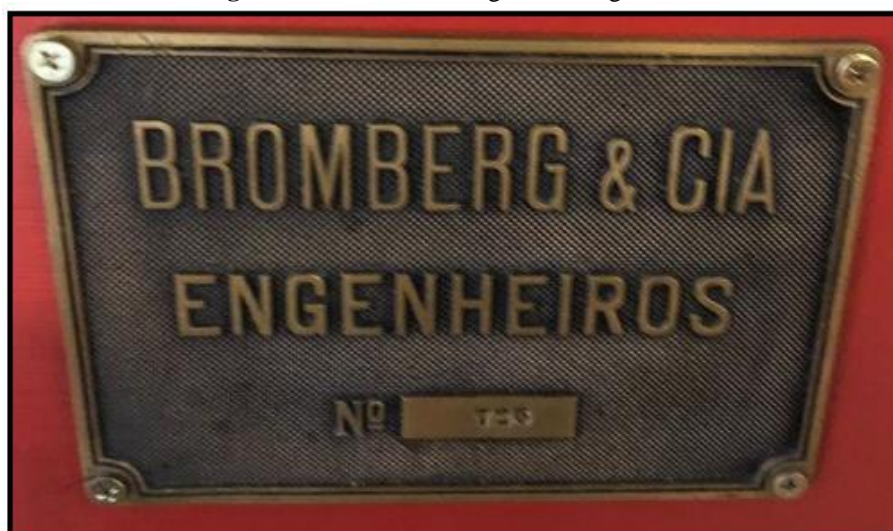
⁴⁸ A Coleção Histórica salvaguarda os vestígios materiais da história da cidade do Rio Grande. O acervo é constituído por peças que abrangem principalmente aspectos do cotidiano e do trabalho local: mobiliário, indumentária, numismática, fotografias, documentos textuais e objetos de uso doméstico e de uso pessoal, que carregam na sua materialidade histórias, memórias e trajetórias biográficas. MCRG – Museu da Cidade de Rio Grande. Disponível: <http://museucrg.com.br/> Acesso em: 29 de mai. de 2019.

Figura 44: Ponte sobre o rio Ijuí/construção da Bromberg e Engenheiros



Fonte: Ijuí RS – Memória Virtual

Figura 45: Placa Bromberg & Cia Engenheiros



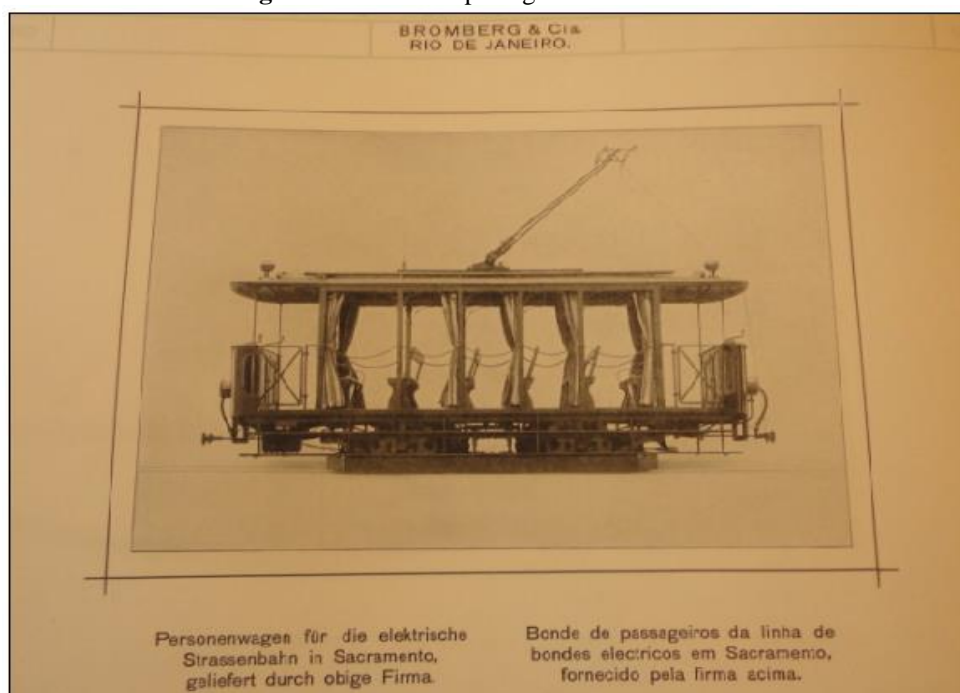
Fonte: Acervo do MCRG: Museu da Cidade de Rio Grande

Além das pontes gaúchas, a Bromberg também construiu outras pontes no Estado de São Paulo:

Devido ao carácter montanhoso dos terrenos do litoral do Brazil urge, ao construir estradas de rodagem, cortar numerosas gargantas e muitos despenhadeiros com pontes. A maior das pontes construídas pela casa Bromberg & Cia. é a ponte que atravessa o Rio Tieté na Barra Bonita no Estado de São Paulo; ella tem um vão total de 150m. Entre as demais pontes que vencem rios, merecem ainda serem citadas as pontes sobre o Rio Pardo no Estado do Rio Grande do Sul e a sobre o Rio Piracicaba no Estado de São Paulo (BROMBERG & Co., 1913, p. 120).

As filiais se envolveram com a mesma competência em obras de viação urbana. Exemplo disso são as linhas de bondes elétricos que circulavam nas capitais. A casa do Rio de Janeiro construiu a linha de bondes elétricos que ligava a cidade de Sacramento à sua estação de estrada de ferro, somando 14 quilômetros de extensão. Os bondes e todo o material necessário, bem como os acessórios eram disponibilizados pela Bromberg, a qual também construiu, simultaneamente, uma usina hidrelétrica de 600 cavalos de força nesse estado. A construção da usina deve-se ao fato de os bondes elétricos necessitarem de energia para a sua operacionalização. A usina servia apenas para fornecimento de força e luz para a linha de bondes para a cidade carioca e para sua estação de estrada de ferro. Abaixo imagem do bonde de passageiros da linha de Sacramento no Rio de Janeiro:

Figura 46: bonde de passageiros/Rio de Janeiro



Fonte: BROMBERG & Co., Hamburgo, 1913, p. 130.

A Bromberg, Hacker & Cia. construiu uma linha de bondes elétricos na cidade da Paraíba do Sul, estado do Rio de Janeiro, substituindo a linha de bondes muares, então vigente naquela cidade. Essa linha tinha uma extensão superior a dez quilômetros, e foi toda construída com material fornecido pela Bromberg. Além das usinas elétricas e das estradas de ferro já mencionadas, a empresa alemã ainda foi a responsável por outras instalações públicas. Entre essas obras, destacam-se os encanamentos hidráulicos urbanos, a canalização de cursos d'água e a irrigação em algumas regiões do país e do exterior.

No Brasil, a filial localizada em Porto Alegre foi a responsável pelos encanamentos hidráulicos das cidades de Alegrete e de Santa Cruz do Sul, no interior do estado. Já a filial de Rio Grande viabilizou as instalações de abastecimento de água para hospitais da região.

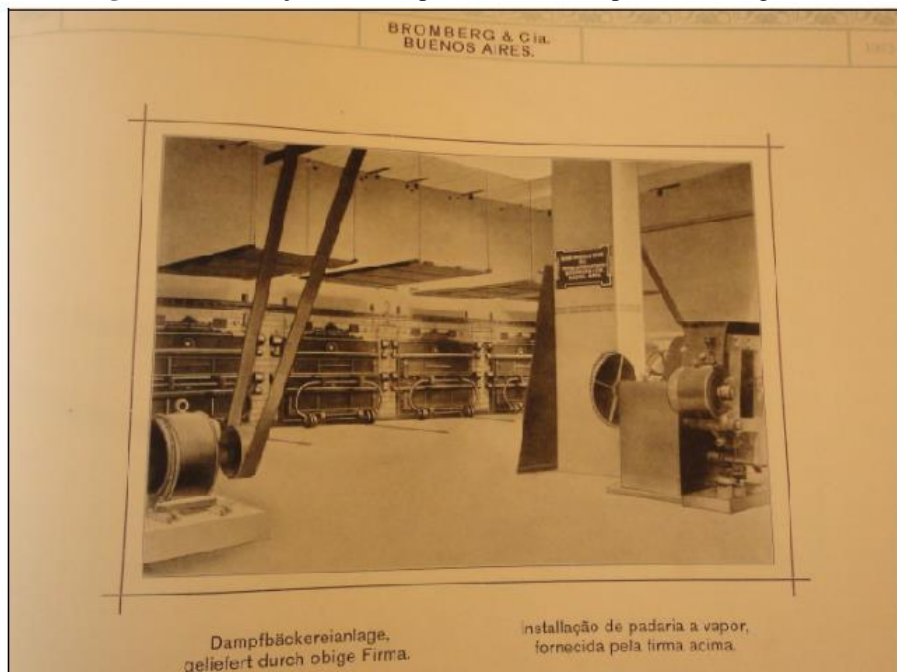
A Bromberg, Hacker & Cia. de São Paulo construiu, além de outras instalações urbanas, uma para a incineração de lixo e um matadouro com todos os edifícios suplementares. Todas as instalações construídas pela Bromberg eram munidas dos aparelhos mais modernos para a época.

Na cidade de Buenos Aires, a Bromberg instalou uma completa padaria a vapor. O estabelecimento comercial estava localizado dentro do Hospital Torcuato de Alvear⁴⁹. O maquinário da padaria tinha capacidade de manipular diariamente 5000 kg de farinha. E estava assim distribuído:

4 fornos combinados, a vapor e água, com andares, tendo cada forno duas chapas extrahíveis das seguintes dimensões: comprimento 3,25m. largura 1,63 m; uma machina de amassar; uma machina para fazer e preparar a massa, com arteza de rotação; uma machina para dividir a massa em pães; duas machinas para peneirar farinha; 6 estantes sobre rodas para o pão e 2 elevadores (BROMBERG & Co., 1913, p. 134).

⁴⁹ Localizado na cidade de Buenos Aires, o hospital ainda existe. Atualmente leva o nome de Hospital de Emergências Psiquiátricas Marcelo Torcuato de Alvear. Sua construção iniciou em 1908, sendo finalizado em 1909, quando foram internados os primeiros pacientes. Originalmente foi criado para ser um hospital de clínicas médicas, o qual de manteve até 1983. A partir desse ano ele passou a ser um hospital psiquiátrico, especialmente para pacientes com patologia aguda. Mais informações, ver o site institucional do hospital (HOSPITAL, 2019).

Figura 47: Instalações de uma padaria fornecida pela Bromberg/1911



Fonte: BROMBERG & Co., Hamburgo. 1913, p. 137.

A mesma filial também comercializou uma cozinha a vapor completa para o Asilo Colônia Nacional em Oliva, na Província de Córdoba. Compõe esta instalação, entre outros aparelhos:

2 caldeirões reversíveis, combinados para cozinhar a vapor ou em Banho Maria, cada um para 800 litros de capacidade, para cozinhar sopa e carne, 4 caldeiras a vapor, cada uma para 500 litros de capacidade, para ferver legumes e leite, uma caldeira para 500 litros de capacidade, para ferver café, 2 caldeiras a vapor para cozinhar batatas, cada uma para 800 litros de capacidade, um fogão duplo para cozinhar e assar, systema Koppersbusch, dois fornos de assar de andares e 2 mesas caloríficas para trincar e manter quentes as comidas (BROMBERG & Co., 1913, p. 134).

Uma cozinha semelhante foi fornecida pela Bromberg & Cia. para o Asilo Regional em Torres, na Província de Buenos Aires, conforme imagem a seguir:

Figura 48: montagem de cozinha/Buenos Aires

Fonte: BROMBERG & Co., Hamburgo, 1913, p. 138.

Em Porto Alegre e Pelotas, as filiais da Bromberg forneceram gasômetros a estas duas cidades. O depósito de gás de Porto Alegre possuía, na época, capacidade útil de 2500 m³, e o de Pelotas, comportava 3000 m³ de gás para a iluminação. Além disso, a Bromberg também forneceu instalação para o combate aos incêndios na cidade de Pelotas.

Com a visão de diversificar os negócios, a empresa se envolveu com a fabricação de papel. No Brasil, o papel começou a ser fabricado no início do século XIX, no Rio de Janeiro. O produto chegou a São Paulo com o desenvolvimento industrial proporcionado pela vinda de imigrantes europeus. Em sua bagagem, esses imigrantes trouxeram conhecimento sobre o processo de produção, o qual seria fundamental para a instalação das primeiras fábricas. Com o passar do tempo, as máquinas se modernizaram e atingiram alto grau de automação e produtividade. As filiais da Bromberg de São Paulo e Rio de Janeiro tornaram-se conhecidas pela instalação dessas indústrias, como segue:

Por terem sido aumentados em muito os direitos de importação sobre papel, iniciou-se no Brasil a fabricação deste artigo, de modo que a firma Bromberg & Co. pode incluir mais a indústria de papel nos domínios de sua atividade. Entre todas as filiaes merece ser mencionada a de São Paulo, que construiu e instalou completamente uma fabrica de papel importantíssima, inclusive o esqueleto de ferro para a construção do edifício. Esta fábrica consiste das seguintes secções: instalação de caldeira a vapor e abastecimento d'agua, sala de manipulação dos trapos, sala de fervura, secção de desfibramento de madeira, secção de Hollaender, fabrica de papelão e secção de

fabricação de envelopes e outros artigos de papel. A machina de papel tem uma largura útil em corte de 2100 mm. O acionamento dos machanismos é feito por meio de motores electricos que perfazem um total de 1000 cav. f. e a produção da fabrica é de 10000 e 15000 kg de papel e 2000 a 3000 kg de papelão em 24 horas de serviço. Além disso, a casa de São Paulo construiu ainda 10 fabricas de cartonagem completas. A casa do Rio forneceu uma machina de papel com peneira comprida, sendo a sua largura útil em corte de 2100 mm; esta machina fabrica papel uni e bilateralmente liso. Todas as outras succursaes venderam machinas avulsas para trabalhar papel, atingindo a venda só nestes últimos dois annos mais de 510 machinas, a saber machinas de aparar papel, machinas-tesouras para papel e cartonagens, prensas para dourar e estampar, machinas especiaes para fabricas de cartonagens, etc (BROMBERG & Co., 1913, p. 185),

A Bromberg também ergueu as estruturas de ferro para sediar as fábricas de papel, como segue:

Como consequência das inumeras instalações technicas de que se encarregaram as filiaes da firma Bromberg & Co., ellas tiveram que executar muitas e grandes construcções de ferro. Assim, por ex., a firma Bromberg, Hacker & Cia., São Paulo, forneceu o esqueleto de ferro para uma fabrica de papel, conforme já aludimos ligeiramente noutra parte deste livro; esta armação de ferro tem um peso total de 200 toneladas. Fora disso a mesma sucursal forneceu um esqueleto de ferro para um matadouro municipal e um para um escoadouro de agulha de 40 m de diâmetro interior e de 2 m de altura de agua, destinado a uma installação hydro-electrica. A casa de Pelotas forneceu a construção de ferro para um moinho de arroz (BROMBERG & Co., 1913, p. 93).

Outro mercado bastante promissor no Brasil foi o da indústria de gêneros alimentícios, cuja expansão se deu em função do mercado de consumidores propriamente dito, explicado pelo advento de três fatores principais: urbanização, distribuição da renda e crescimento populacional. A Bromberg & Cia., atenta a esse novo mercado, viabilizou os primeiros negócios a partir das duas casas localizadas em Porto Alegre e São Paulo: “A casa de Porto Alegre, p. ex., instalou completamente um engenho de assucar e a firma Bromberg, Hacker & Cia., São Paulo, uma fabrica de conservas com installação de purificação de aguas” (BROMBERG & Co., 1913, p. 190).

A Bromberg & Cia. empreendeu também no ramo da navegação lacustre. Suas embarcações faziam, regularmente, as linhas Porto Alegre-Palmares e Porto Alegre-Tapes. Ficaram conhecidos os vapores Montenegro, Camaquã, Gustavo e Palmares. A companhia oferecia os serviços de iates, chatas e vapores, com viagens para os portos de Tapes, Arambaré e Porto Alegre. E foram as filiais da Bromberg no Brasil e na Argentina que mais importaram, direto da Alemanha, embarcações como vapores, lanchas, rebocadores e chatas.

Até princípios de 1913 haviam sido fornecidas mais de 80 embarcações. A firma Bromberg & Cia., Porto Alegre, forneceu os vapores de rodas Rio Taquary, Brasil, Rio Grande, Montenegro, etc., a lancha rápida a vapor Ivothi, uma lancha para o serviço do porto com 20 cav. f. e chatas de aço de 21, 24.7 e 23.5 m de comprimento, com uma capacidade até 60 e 70 toneladas (BROMBERG & Co., 1913, p. 94).

A importadora alemã oferecia embarcações com capacidade para viagens internacionais, destaque para o luxuoso vapor de passageiros “América”, responsável pela travessia de Hamburgo à America do Sul. Este vapor tinha, na época, 49 metros de comprimento, 9.10 metros de largura, medidos sobre a armação, 2.10 metros de altura lateral, 380 cavalos de força e uma capacidade de 180 toneladas. Também era conhecido pelo conforto oferecido aos passageiros, possuindo acomodações em maior número para a primeira classe. Em 1908, o jornal *Correio do Povo* publicava matéria acerca do navio. Passado um século, o jornal, por meio de sua coluna “*Há um século no Correio do Povo*”, trazia a mesma matéria ilustrada sobre o vapor América:

A convite da directoria da Companhia Fluvial Jaguareense, visitamos hontem o vapor America, construído na Allemanha, pertencente a essa empresa, e que se acha fundeado em nosso porto. Esse navio foi encomendado pela casa Bromberg & C., de nossa praça, dispondo de acomodações para 80 passageiros de primeira classe e 50 de segunda classe (BOHUSCH, 2008).

Figura 49: Vapor América – Bromberg/Rio Grande



Fonte: BROMBERG & Co., Hamburgo, 1913, p. 174.

A figura 50 apresenta a sala de jantar do vapor América, revelando o luxo interno da embarcação e o conforto oferecido aos passageiros que faziam uma viagem mais longa:

Figura 50: Sala de jantar do Vapor América



Fonte: BROMBERG & Co., Hamburgo, 1913, p. 175.

A Bromberg comercializou, por meio de sua firma em Rio Grande, chatas de aço de sessenta e setenta toneladas de capacidade e lanchas a motor. Duas lanchas a vapor foram batizadas de “Maria Luiza” e “Lili”. A firma Bromberg de Pelotas forneceu embarcações e chatas de aço. A loja do Rio de Janeiro comercializou lanchas a vapor feitas de madeira com 110 cavalos de força. Já a sucursal em Buenos Aires forneceu, entre outros, o rebocador Damiano. Em São Paulo, a Bromberg importou direto de Hamburgo embarcações para pescaria em alto mar. A filial comercializava também todos os utensílios necessários para a prática da pescaria.

Atenta ao mercado consumidor, algumas filiais da Bromberg investiram se envolveram com indústrias madeireiras. A empresa, responsável pela construção das serrarias, ainda importava as máquinas e os locomóveis, como segue:

Algumas indústrias devem ser destacadas especialmente. Para a indústria da madeira a firma Bromberg & Cia., Porto Alegre, instalou uma fabrica com 22 machinas de trabalhar madeira, a casa de Pelotas uma fabrica com 14 machinas, a filial na Bahia duas fabricas com 20 respectivamente 12 machinas e a firma em São Paulo 5

marcenarias, cada uma com 6 machinas de trabalhar madeira, acionadas por locomoveis. (BROMBERG & Co., 1913, p. 179)

Em Porto Alegre, foram quase oitenta serrarias construídas, o que mostra a capacidade gerencial e de produção da filial localizada na capital gaúcha. “A filial em Porto Alegre construiu, além disso, 79 serrarias e uma instalação para secar madeiras com todos os pertences e dispositivos de transporte”. Outras filiais também se envolveram com o negócio lucrativo das serrarias:

A casa de Pelotas 4 grandes serrarias; Bromberg, Hacker & Cia., São Paulo, 23 serrarias grandes e uma infinidade de serrarias pequenas e marcenarias. Entre ellas há uma serraria que trabalha com 7 machinas de trabalhar madeira, transmissões, dispositivos para o transporte de fitas e todos os mais pertences, tendo uma usina electrica com 2 locomoveis estacionários de 148 Cav.f. eff. E 48 Cav. f. eff., assim como dois geradores. A casa do Rio de Janeiro estabeleceu uma serraria com 22 machinas e uma instalação de serraria com 13 machinas de trabalhar madeira. A força necessária para acionar esta instalação é de 140 Cav. f. eff. Na Argentina a firma Bromberg & Cia. tem a registrar 80 fornecimentos em parte para instalações novas, em parte para ampliamentos de serrarias e carpintarias (BROMBERG & Co., 1913, p. 179).

Além das fabricas de madeira instaladas nas diversas localidades do estado e do país, a Bromberg & Cia. e suas filiais também venderam máquinas avulsas para trabalhar a madeira. A Bromberg importou mais de mil e quinhentas máquinas, entre elas, serras e outros tipos:

As filiaes transatlânticas importaram mais de 1500 machinas de trabalhar madeira, entre ellas: serras alternativas, serras para dividir taboas, grandes serras de fita para serrar troncos, machinas de lixar, taladrar, acepillar, fazer juncturas e molduras, aplainar, tupias universaes, tornos completos com todos os pertences, serras de fita e serras circulares. A casa de Pelotas, p. ex., forneceu uma instalação completa para uma fabrica de carros com 11 machinas de trabalhar madeira e todas as demais peças necessárias, inclusive um locomóvel de 21 Cav.f. para o acionamento dos machinismos. De Hamburgo foi fornecida diretamente a instalação para uma fabrica de moveis consistindo de todas as machinas para a fabricação de moveis de Vienna (BROMBERG & Co., 1913, p. 179).

As filiais de Pelotas e Porto Alegre construíram também fabricas de fósforos, fornecendo e instalando todas as máquinas necessárias para os estabelecimentos:

A produção desta fabrica é de 20000 a 30000 caixinhas em 10 horas de serviço; a firma Bromberg, Hacker & Cia., São Paulo, duas fabricas de phosphoros com todas as machinas necessárias; a produção destas duas fabricas em 10 horas de serviço é de 60000 a 70000 caixinhas, respectivamente de 20000 a 30000. A firma Bromberg & Cia. de Porto Alegre construiu uma fabrica de phosphoros de acionamento e as transmissões, chegando a ser a produção da mesma em 10 horas de trabalho 100000 a 120000 caixinhas (BROMBERG & Co., 1913, p. 179).

Para as indústrias de ferragens, a Bromberg & Cia de Hamburgo, exportou uma grande quantidade de máquinas e ferramentas de todos os tipos para o Brasil. As filiais do Rio de Janeiro e de São Paulo foram as mais envolvidas nesse negócio:

Só nos últimos anos foram fornecidos 196 tornos mecânicos e 2642 máquinas-ferramentas diversas, como sejam tesouras para cortar chapas e tirantes, tesouras combinadas, serras a frio para metais, máquinas de punção forjar e soldar, perfuradoras de coluna, máquinas de lixar e polir, assim como perfuradoras rápidas com acionamento manual e à máquina. A casa do Rio forneceu uma fábrica de parafusos comuns para artigos de madeira, com uma produção de 280-300 grosas em 10 horas de trabalho, enquanto que a firma Bromberg, Hacker & Cia., São Paulo, instalou completamente uma fábrica para fazer correntes “patente Victor”, pitões, aldravas, etc., com uma capacidade de manipular mensalmente 80 a 90 toneladas de arame. Da conhecida fábrica de máquinas de Erdmann Kircheis, em Aue, cujos únicos e exclusivos representantes para todo o Brasil são a firma Bromberg & Co. e suas filiais, foram vendidas ainda 80 máquinas para funilaria, a saber máquinas de cortar cantos, dobrar, virar e curvar, tesouras circulares, ovaes, para chapas, de alavanca e de manivela, prensas de parafuso e de estirar, máquinas de fazer bordas, colocar arame nelas e rebater-las, estampas excêntrica e máquinas de fazer latas de conservas. Merece também ser apontada aqui a instalação de uma grande fábrica de latas de conservas, fornecida pela casa matriz (BROMBERG & Co., 1913, p. 195).

A fabricação e comercialização de tijolos para as novas cidades que surgiam no final do século XIX mostrou-se um negócio bastante lucrativo e dinâmico. As olarias costumavam funcionar em chácaras ao redor da cidade. No início do século XX, a Bromberg viabilizou numerosos fornecimentos para a indústria de tijolos e telhas, colocando à disposição e instalando máquinas avulsas para a fabricação desses materiais. Ela também construiu fábricas e olarias completas:

A filial em Porto Alegre forneceu uma instalação completa com forno anular para uma produção diária de 35000 – 40000 tijolos e 10000 telhas, assim como também construiu duas fábricas completas com acionamento por locomoveis, com uma capacidade diária de 10- 20000 tijolos e uma prensa horizontal com todos os pertences, que faz 18-20000 tijolos em 10 horas de trabalho. A casa do Rio Grande importou uma instalação para uma capacidade de 20000 tijolos por dia e construiu quatro olarias completas. A firma Bromberg, Hacker & Cia., São Paulo, chegou a fornecer uma instalação para uma fábrica de tijolos e telhas que faz 40000 tijolos em 10 horas de serviço, assim como mais duas instalações completas uma para fazer 18 – 20000 tijolos e a outra 20000 tijolos em 10 horas. Fora disso as sucursais venderam um total de ca. De 100 prensas para tijolos, rolos, aparelhos de trituração, de cortar tijolos, etc. A casa de Porto Alegre forneceu para uma das fábricas de tijolos construídos por ella uma linha aérea de transporte que facultava diariamente a condução de 300 toneladas de barro e argila (BROMBERG & Co., 1913, p. 197).

De olho nas indústrias locais, a Bromberg investiu em outro ramo da economia, o têxtil, ocasionando um aumento considerável nos fornecimentos de máquinas e insumos para as novas fábricas. As filiais de Porto Alegre, São Paulo e Rio de Janeiro viabilizaram as novas fábricas, fornecendo instalações completas:

A casa de Porto Alegre forneceu, por exemplo, 3 instalações para fiações com uma produção diária de 200 kg. De fio de lã, nos. 4-8, entre ellas uma de 2500 fusos; fora disso uma fabrica de meias completa, com 11 machinas para fazer ponto de meia, 30 machinas standard, 3 machinas de emendar em ponto de meia, 4 machinas de tricotagem e 1 machina a vapor de 60 Cav. f. para o acionamento dos machinismos. A sucursal no Rio de Janeiro instalou uma fiação completa de 1250 fusos para a fabricação de artigos de tricotagem, uma tecelagem completa com 20 teares e todas as machinas preparatórias para fabricar artigos de fantasia, uma fabrica de meias completa, com 10 machinas “standard” e 2 machinas de fazer bordas, etc. A mesma casa também forneceu uma instalação completa para uma fabrica de tecidos de 40 teares com 36 de largura de pente e 20 teares com 32, inclusive todas as machinas preparatórias, e uma fiação e tecelagem completa para a fabricação de tecidos finos de algodão, com 100 teares de 36 a 40 de largura de pente. Esta fabrica tem também uma (p. 182) tinturaria e secções de apretura, tendo cada machina acionamento electrico independente. Pela mesma filial foram fornecidas ainda 2 fiações completas, cada uma de 1800 fusos. A firma Bromberg Hacker & Cia., São Paulo, instalou uma fiação completa de 3820 fusos para fabricar fio de trama e urdidura, Nos. 20-28, a tecelagem correspondente de 180 teares, a tinturaria e a secção de apretura. Além disso a mesma casa forneceu uma fiação completa para fiar algodão-refugo em fio, Nos. 4-6, ingl., assim como uma fabrica de meias completa com todos os aparelhos e todas as machinas necessárias (BROMBERG & Co., 1913, p. 182).

Para viabilizar a produção dessas novas indústrias foi necessário colocar no mercado uma quantidade considerável de máquinas e caldeiras a vapor:

Até fins do anno de 1912 foram entregues cerca de 105 caldeiras a vapor com uma superficie de calefaccão de 7500 m² e aproximadamente 60 machinas a vapor com cerca de 3700 cav. f. eff. Entre ellas há uma turbina a vapor de 600 cav. f. e uma de 1000 cavallos, que ainda estão em montagem. Visto serem a firma Bromberg & Co. e suas filiaes os únicos e exclusivos representantes em todo o Brazil e toda a Argentina das celebres caldeiras Steinmüller e de afamada fabrica de machinas Hannoversche Maschinenbau A.- G. vormalis Georg Egestorff, eles estão nos casos de fornecerem as melhores e mais perfeitas instalações de machinas e caldeiras a vapor. Da mesma forma também as instalações a gaz pobre, das quaes a casa de Porto Alegre forneceu uma, da do Rio Grande duas (uma para o serviço de um estaleiro), a de Buenos Aires uma e a filial de São Paulo três (duas delas com 5-56 cav. f. cada uma e uma para gasificar anthrazite, tendo um gerador de gaz pobre de 25 cav. f.). A sucursal recém mencionada ainda tem em construccão uma instalação de gaz pobre de 500 cav. f. para o serviço de uma hydraulica municipal e de uma usina de electricidade. Até fins de 1912 foram montados 314 motores de explosão, entre os quaes não só houve muitos motores pequenos, mas também muitíssimos grandes. A firma Bromberg & Cia., Buenos Aires, por ex., importou 2 motores verticaes diesel bicylindricos, um de 40 cav. f. eff., o outro de 60 cavallos, cada um destinado a acionar dynamos de usinas electricas pequenas, assim como dois motores cada um de 160 cavallos, destinados a tocarem bombas. Pela casa do Rio de Janeiro foi importado entre outros um motor diesel horizontal, de 300 cav. f. eff., para ser ligado diretamente a um dynamo (BROMBERG & Co., 1913, p. 200).

Com o início da produção de cervejas no Brasil, as filiais importadoras da Bromberg tomaram a frente do negócio, o qual se mostraria, com o passar do tempo, muito rentável a outros alemães⁵⁰. A Bromberg construiu e instalou cervejarias em diversas regiões do Rio Grande do Sul e em outros estados, conforme nota abaixo:

Os direitos enormes que também foram decretados para a importação da cerveja deram lugar a que fossem construídas muitas cervejarias no Brazil, si bem que o lúpulo e o malte ainda sempre continuassem a ter que serem importados. É evidente que as filiaes da firma Bromberg & Co. tomaram activamente parte na construção de cervejarias. A sucursal de Porto Alegre instalou cervejarias em Porto Alegre, Cachoeira, Santa Cruz, Passo Fundo, São João de Montenegro, etc.; a filial em Pelotas construiu uma cervejaria alli mesmo e a de São Paulo instalou cervejarias em Campinas, Curityba, Santos, Bello Horizonte, etc. Além disso ainda foram edificadas e instaladas muitas botelharias com as pertencentes machinas de limpar, encher e arrolhar garrafas, assim como muitas instalações de pasteurização, tanques de aço, barris e pipas de decantação. Aos fornecimentos de machinismos para cervejarias estão intimamente coligados os fornecimentos de machinas de gelo e frigorificas. A casa de Porto Alegre forneceu para cada uma das cervejarias construídas duas instalações frigorificas de 30000 calorías por hora, fora disso uma machina frigorifica a base de amoníaco, com 12000 calorías por hora, para a refrigeração de adegas e a fabricação de gelo e outra installação de 20000 calorías por hora, destinada ao mesmo fim. A casa de Pelotas tem a registrar entre outros o fornecimento de uma installação frigorifica de 100000 calorías por hora e a de São Paulo uma installação de 120000 calorías por hora, igualmente para refrigerar adegas e fabricar gelo; uma installação frigorifica à base de amoníaco; uma machina para a fabricação de gelo pelo systema do acido sulfuroso, produzindo 30 kg de gelo por hora e uma machina de gelo à base de amoníaco, que faz 50 kg de gelo por hora. A sucursal do Rio forneceu uma installação de machinas frigorificas que fabrica 150 kg de gelo por hora (BROMBERG & Co., 1913, p. 189).

Deve-se mencionar ainda que a Bromberg de Porto Alegre construiu uma fabrica de chapéus⁵¹, fornecendo todas as máquinas para o empreendimento. A fábrica fazia chapéus de feltro de lã, entre outros. O estabelecimento possuía anexo uma tinturaria e uma fábrica de fitas.

A quantidade e a qualidade dos produtos e dos serviços oferecidos pela Bromberg & Cia. a colocou na categoria das melhores empresas do Brasil. “Os produtos industriaes

⁵⁰ Christofell, Becker, Ritter, Sassen e Bopp, também conhecidos como Mestres Cervejeiros fundaram no Rio Grande do Sul o maior conglomerado cervejeiro alemão do país. Mercado por fusões e laços familiares, o império da cerveja transformou-se, ao longo dos anos, em uma epopeia empresarial rio-grandense. Interessante a leitura da vida e obra de Frederico Augusto Ritter: *De Cervejeiro a Doceiro* (BEISER, 2009).

⁵¹ Consta que em 1911, Oscar Teichmann teria vendido uma fábrica de chapéus para a Bromberg, continuando à frente dos negócios. Os chapéus Teichmann foram premiados na exposição do Rio de Janeiro em 1906, na de St. Louis em 1904 e na de Porto Alegre em 1901 (BUENO; TAITELBAUM, 2009, P. 102).

exportados pela firma Bromberg & Co. são muito mais numerosos e mais variados do que foi possível descrever nestas folhas. Em todo caso os dados expostos poderão dar uma ideia aproximativa dos negócios da firma” (BROMBERG & Co., 1913, p. 201). A diversificação dos negócios Bromberg foi preponderante para o seu crescimento ao longo dos anos. Segundo Penrose (2006), na medida em que uma firma só for capaz de produzir um determinado rol de produtos, quaisquer limitações na demanda de tais produtos irão restringir suas possibilidades de expansão. Um tipo versátil de serviço executivo será necessário se a expansão exigir maiores esforços da parte da firma para desenvolver novos mercados ou para ramificar-se em direção a novas linhas de produção.

Uma maneira de mostrar ao mundo essa expansão foi por meio das exposições internacionais. A participação da Bromberg nesses eventos viabilizava ainda mais o sucesso dos negócios, pois, como expositora, a empresa podia apresentar ao público consumidor o seu maquinário importado da Alemanha. Assim, a empresa esteve presente em muitas exposições nas primeiras décadas do século XX, tema analisado a seguir.

3.4 AS GRANDES EXPOSIÇÕES UNIVERSAIS: DESTAQUE PARA A BROMBERG

As exposições internacionais representaram a modernidade no início do século XX. O progresso, resultante do desenvolvimento da ciência e da indústria, reflexo da segunda revolução industrial, sinalizava que o conhecimento seria transnacional e, portanto, sem limites. As cidades-sedes das grandes exposições, como Londres, Paris, Chicago, Buenos Aires e Rio de Janeiro, entre outras, foram os epicentros dessa modernidade. Nesses locais, os expositores tinham o objetivo de apresentar ao público os novos produtos, os quais eram classificados de forma metódica e científica, semelhante a um museu ou a uma enciclopédia.

As exposições universais pretendiam representar esse mundo moderno e avançado, composto de espetáculos artísticos, descobertas, inovações em todas as áreas, tais como ciência, engenharia, indústria, tecnologia, etc. Era um tipo de vitrina de exibição dos recentes inventos disponíveis ao mundo pelo sistema da fábrica. Na análise de Sandra Pesavento (1997, p. 15), as exposições universais fizeram circular não só as mercadorias, mas também as ideias em escala internacional, pois elas foram elementos de difusão das imagens, ideias e crenças pertinentes ao *ethos* burguês. Neste sentido, elas procuraram passar as noções de que empresários triunfavam porque eram competentes, o progresso era necessário e desejável.

Desta forma, as exposições representaram, na época, a internacionalização do capitalismo como sistema e a universalização do imaginário de uma classe em ascensão.

É importante salientar que, já a partir do final do século XIX, essa modernidade foi desejada por grupos sociais que tinham por meta participar dessa rota de progresso. E para cumprir esta meta de apanhar o trem da história, nada mais indicado do que participar daqueles verdadeiros espetáculos da modernidade que eram, portanto, as exposições universais. A Torre Eiffel em Paris e o Palácio de Cristal em Londres configuraram-se como símbolos visíveis do avanço tecnológico e foram construídos para serem exibidos nas feiras mundiais, apresentando ao mundo a apoteose da técnica da construção em ferro e cristal. Sobre o assunto, refere Pesavento (1997, p. 179):

A Torre Eiffel, a atração máxima, *clou* da exposição, símbolo da modernidade dos novos tempos. Velha aspiração dos homens – construir cada vez mais alto –, a chave para a construção da nova Babel fora dado pelos avanços da engenharia e os progressos das ciências ocorridos no século XIX. A construção em ferro, que havia dado a sua *avant première* mundial por ocasião da exposição universal de 1851, com o Crystal Palace, parecia ter chegado ao seu ápice.

Na América do Sul, as exposições de Buenos Aires (1910) e Rio de Janeiro (1922) marcaram época nesse cenário de modernidade. Buenos Aires, por ser a capital e a mais desenvolvida cidade da Argentina. No Brasil, o Rio de Janeiro representava o acesso a esse novo tempo originário da Europa. O Rio tornou-se uma cidade cosmopolita, onde as pessoas com maior poder aquisitivo incorporavam padrões que elas supunham serem europeus. Por isso, a necessidade de o Brasil ingressar nessas *ondas* de progresso, as quais implicariam em maiores avanços em todos os ramos produtivos.

Nesse sentido, as exposições universais convertiam-se também num eficaz meio de propaganda das potencialidades do Brasil, atraindo as atenções de compradores e investidores estrangeiros (PESAVENTO, 1997, p. 101). E foi assim que a exposição internacional se transformou em um catálogo do conhecimento humano acumulado, síntese de todas as regiões e épocas. A exposição funcionava para seus visitantes como uma janela para o mundo. Ela exibia o novo, o exótico, o desconhecido, o fantástico e o longínquo (PESAVENTO, 1997, p. 45).

O Rio Grande do Sul também foi escolhido para sediar algumas feiras. O estado gaúcho se destacava por representar uma diversificada base econômico-social, que visava ao mercado interno brasileiro, fato que lhe daria o título de “celeiro do Brasil”. Marcou época a

exposição que ocorreu em Porto Alegre no ano de 1901, no Campo da Redenção, sinalizando o final de uma era, e o início de outra, mais moderna e tecnológica. Com uma forte conotação política, a feira simbolizou, na época, uma matriz de orientação positivista e republicana. “Com esse evento, os gaúchos assinalavam a solidez e a excelência do regime republicano no país, mas particularmente festejavam o domínio regional do Partido Republicano Rio-Grandense, consolidado e vitorioso após a Revolução Federalista de 1893-1895” (PESAVENTO, 1997, p. 226).

Polo de atração para os imigrantes, o Estado do Rio Grande do Sul mostrava ao mundo uma economia estável, a qual não dependia das incertezas do mercado internacional, como as flutuações do café paulista. Parte desse desenvolvimento econômico gaúcho estava associado ao comércio praticado pelos imigrantes, entre eles, os alemães. “Ante o que chamava uma crise geral que atravessava o país, com o café enfrentando a superprodução, com a deflação e desemprego, o Rio Grande do Sul postulava para si uma posição diferenciada inaugurando com brilho a sua exposição do fim do século” (PESAVENTO, 1997, p. 227).

Nessa exposição, o estado gaúcho apresentou um pavilhão só de máquinas, apresentando, entre outros, o nome da Importadora Bromberg & Cia. “Para proporcionar aos industriais sul-americanos o ensejo de poderem convencer-se da capacidade extraordinária dos importados, a Bromberg fizera se representar, em todas as exposições argentinas e brasileiras, n’ellas exhibindo seus artigos” (BROMBERG & Co., 1913, p. 143). Para Pesavento (1997, p. 43), as grandes vedetes das exposições universais foram sempre as máquinas, os novos inventos e os produtos recém-saídos das fábricas, cujo consumo se buscava difundir e ampliar mundialmente.

O objetivo dos diretores da Bromberg ao participar dessas feiras era o de ampliar as vendas, reforçando os contatos entre produtores e consumidores, especialmente para viabilizar o comércio de novas máquinas. As feiras funcionavam como um eficiente esquema publicitário cujo propósito era o de divulgar os produtos e assim implementar os negócios do grupo. Por meio dos catálogos distribuídos nas exposições era possível conhecer as empresas, seus produtos e serviços.

Em 1910, a Bromberg esteve presente na feira realizada na Argentina. Cerca de vinte pavilhões foram construídos na Exposição Universal de Buenos Aires. Vários jovens arquitetos italianos, os quais estabeleceram carreiras de sucesso na cidade, trabalharam vários

estilos, incluindo a “Art Nouveau”. Este estilo desempenhou um papel importante nos projetos de muitos dos edifícios, pois estava presente na paisagem arquitetônica da cidade moderna de Buenos Aires. Cada pavilhão dessa exposição apresentou um tema diferente. No prédio da agricultura e pecuária, era possível visitar e conhecer algumas atividades agrícolas e produtos de várias partes do país.

No pavilhão da indústria, localizado onde é hoje a Avenida Del Libertador, ficavam as máquinas industriais, muitas das quais nunca haviam sido vistas antes na Argentina. Os pavilhões das ferrovias e dos transportes terrestres atraíram os visitantes. Nesse ambiente era possível conhecer, não só os automóveis mais modernos da Europa, mas ainda os iates, aviões, locomotivas, carruagens, vagões e os locomóveis, cuja marca Lanz conquistou fama universal devido à qualidade e perfeição. “Os locomoveis Lanz expostos pela firma Bromberg & Cia. na Exposição Universal de Buenos Aires (1910) receberam os mais altos diplomas de honra e dois Grands Prix” (BROMBERG & Co., 1913, p. 214).

A filial da Bromberg, localizada na cidade de Buenos Aires, participou desse evento. Para isso, os engenheiros construíram os pavilhões onde se organizaram as exposições das máquinas e ferramentas. As firmas no Brasil também enviaram seus produtos para expor nessa feira internacional. Outras mostras apresentaram, igualmente, os produtos comercializados pela Bromberg & Cia. É importante salientar que a Bromberg era referência em maquinário para indústrias que surgiam e cresciam naquele período histórico. Devido ao sucesso das exposições internacionais, a Bromberg foi convidada a participar de muitas feiras no interior do Rio Grande do Sul, entre elas a de Bagé, ocorrida em 1905.

Em Porto Alegre, além da grande exposição de 1901, já referendada, outras feiras ocorreram em três momentos distintos: 1909, 1910 e 1912, e caracterizaram-se por serem exposições agropecuárias. A feira de 1912 realizou-se no arrabalde do Menino Deus e se chamou II Exposição Agropecuária Estadual. As Empresas Bromberg, como de hábito, marcaram presença neste evento com pavilhão construído especialmente para a exposição. A firma expôs alguns de seus produtos e aproveitou para divulgar, por meio de seu catálogo, parte de seu maquinário, tais como: tratores, arados, capinadeiras, ceifadeiras, prensas, motores, moinhos, máquinas para beneficiar madeiras, materiais para instalações hidráulicas e elétricas e os locomóveis.

Pela qualidade e superioridade dos produtos expostos, a Bromberg foi merecedora de prêmio, fato que a diferenciava das demais empresas expositoras, pois era a campeã de vendas

de produtos importados. “Em todas ellas a firma mandou construir edifícios e pavilhões próprios para os seus artigos e inúmeros são os prêmios e distincções honrosas que dão testemunho da superioridade e capacidade das machinas e ferramentas expostas” (BROMBERG & Co., 1913, p. 143).

Na figura 51, uma imagem interna de um dos pavilhões da Bromberg na II Exposição Agropecuária Estadual, realizada no bairro Menino Deus, em 1912. A fotografia possibilita um entendimento de como estavam distribuídos os materiais dentro do amplo salão.

Figura 51: Imagem interna do pavilhão da Bromberg na Exposição Agropecuária



Fonte: BROMBERG & Co., Hamburgo, 1913, p. 152.

O terreno da feira foi adquirido pelo Estado, com o propósito de sediar periodicamente a exposição, a qual recebeu investimentos a fim de melhor organizar os pavilhões. Segundo dados do Boletim Técnico da Secretaria de Estado das Obras Públicas de 1912: “As instalações da exposição de maio de 1912 receberam mais amplitude do que as da precedente, e as dimensões do terreno permitirão dar aos futuros concursos estadoaes a importância maior e necessária ao ampliamiento da indústria rural do Estado” (BOLETIM, 1912, p. 127).

Ainda conforme o mesmo boletim, os pavilhões das máquinas agrícolas foram os que mais se destacaram, chamando a atenção do público visitante. “A divisão das machinas agrícolas foi a mais importante em valor e o imenso adiantamento que patenteia é certamente

o critério mais seguro da valorização da lavoura rio-grandense e do maior afluxo de capital que a vae vivificando” (BOLETIM, 1912, p. 127).

Consta ainda nos informes desse boletim, que o pavilhão da Bromberg foi um dos mais visitados da feira. Os visitantes queriam conhecer os novos produtos importados, as novidades da época oriundas da Europa: “A exposição das diversas casas importadoras, como Bromberg & Cia, Behrendorf & Cia, Aliança do Sul, Lima & Martins, Faria & Cia, foi a parte mais visitada da Exposição, e a sua importância instructiva era merecedora da área espaçosa que lhes foi concedida” (1912, p. 128).

Figura 52: Álbum da II Feira Agropecuária Estadual/1912

BROMBERG & Cia.
 SECÇÃO DE MACHINAS
 PORTO ALEGRE Rua das Flores, 11

Tractores "Cleveland"
 Arados de aço "Rud Sack"
 Capinadeiras "Plinet"
 Grades de discos e dentes
 Coifadeiras, trilhadeiras
 Prensas para alfafa

Machinas e aparelhos para a cultura do **ARROZ**

Locomoveis "Lanz" — Machinas a vapor
 Motores a kerozene — Moinhos de vento
 Machinas para beneficiar madeiras
 Materiaes para installações hydraulicas
 Grande e completo sortimento em
 materiaes para installações electricas

PROSPECTOS, CATALOGOS E INFORMAÇÕES GRATIS.

ALBUM DA IV EXPOSIÇÃO-FEIRA AGROPECUARIA

Fonte: Revista do Mez, 1923.

Às vésperas de seu terceiro mandato, e empreendendo campanha para assumir novamente a presidência do Estado, Borges de Medeiros se fez presente na feira de 1912. Importante salientar que no quinquênio 1913 a 1918, o governo de Borges destacou-se como um dos mais produtivos períodos do Rio Grande do Sul, pois foram intensificadas as obras do palácio do governo, do porto de Porto Alegre, de diversos colégios e também da Biblioteca Pública. Borges de Medeiros iniciou a expansão dos transportes públicos, organizando uma rede de estradas, promovendo ainda a estatização de serviços públicos, como o transporte

ferroviário e obras portuárias, até então a cargo de companhias internacionais. Ao mesmo tempo, atraiu para o Estado, grandes frigoríficos estrangeiros, entre eles a Armour e Swift.

Figura 53: Entrada de Borges de Medeiros e família no Parque de Exposições/1912.



Fonte: Revista do Mez, 1923.

Na figura 53, é possível identificar a entrada de Borges de Medeiros e de sua família no Parque de Exposições de 1912. Diante do acontecimento importante que eram as exposições, as visitas de políticos e personalidades faziam parte da agenda daqueles eventos. No detalhe (canto direito da foto), sinalizado com uma seta, vê-se o pavilhão construído para sediar o maquinário da firma Bromberg & Cia. Entre esses maquinários estavam os locomóveis.

3.5. OS LOCOMÓVEIS: SÍMBOLO DOS NEGÓCIOS BROMBERG

Desde os primórdios das atividades do homem, sempre houve a necessidade de substituir a energia humana e animal pela das máquinas, a fim de facilitar o trabalho. Durante séculos, o homem utilizou-se também da energia proveniente da força da água e do vento. O aproveitamento da água exigia a proximidade de algum rio, lago ou riacho com capacidade para a geração de energia. Para aproveitar a energia proveniente do vento, também conhecida

por eólica, era necessário que houvesse vento de intensidade constante, o que não era muito fácil em algumas regiões.

A partir do momento em que foi preciso maior potência para movimentar as máquinas, cada vez mais complexas, passou-se a utilizar a pressão do vapor formado a partir da água fervente. Após muitas experiências, chegou-se a desenvolver o motor a vapor, e, para viabilizar esse tipo de energia, era necessária uma caldeira geradora de vapor, uma fonte de calor, a fornalha e o combustível. Originalmente, o combustível era lenha, mas era escassa e de baixo teor de calorías, precisando ser descartada após pouco tempo.

Havia outra fonte de energia de baixo custo e abundante, que era o carvão mineral. A partir dele era possível desenvolver motores a vapor de alta potência, ligados a caldeiras de grande porte, alimentadas por fornalhas com excelente capacidade de queima de combustível. Porém, surgiu um problema: como fazer o transporte do carvão até a fornalha? Assim, construíram-se as primeiras instalações perto da boca da mina. Mas, em algumas situações, o problema do transporte continuou, e, para resolvê-lo, surgiram as ferrovias com seus trens tracionados por locomotivas a vapor, as quais possibilitaram o deslocamento do material.

A locomotiva se compõe de dois motores a vapor, montados, um de cada lado de uma caldeira com fornalha incorporada, tudo montado sobre rodas. A potência dos motores a vapor é transmitida às rodas, movimentando o conjunto e tracionando grande número de vagões, transportando pessoas e cargas em grandes distâncias e a baixo custo. A partir da ideia das locomotivas, surgiu o locomóvel, símbolo dos negócios Bromberg. Para Walther Bromberg (2108):

O locomóvel nada mais é que um motor a vapor montado sobre uma caldeira geradora de vapor com fornalha incorporada e chaminé escamoteável, tudo montado sobre rodas, preparado para poder ser tracionado por bois. Como seu peso não podia ser grande, as potências de seu motor sempre se situavam abaixo dos 80Hp. Eram utilizados em sua maioria para o acionamento de serrarias, trilhadeiras de grãos na época das colheitas, movimentação de grãos nos secadores, etc. Basicamente representam a força motriz no início das atividades industriais nas Américas, e outras regiões do mundo. Como não dependiam de outros meios de transporte, podiam ser levadas por tração animal, sem necessidade de estradas, para onde eram necessários. O combustível era a lenha, abundante na época da abertura de áreas para plantações. A lenha era fornecida pelo desmatamento. As serrarias produziam seu próprio combustível, queimando as aparas das toras serradas e tábuas calibradas. A área explorada, não oferecendo mais árvores em condições de serem transformadas em tábuas, a serraria era mudada para outro local. Nas áreas plantadas com arroz, trigo, milho, e outros, o locomóvel era levado até o local da colheita, para acionar a trilhadeira. Como este local mudava muito durante a colheita de áreas grandes, era necessário que a trilhadeira trabalhasse perto do local da colheita, que era feita manualmente e transportada ao local da trilha por carreta de tração animal, era preciso que tanto locomóvel, como trilhadeira, também pudessem ser movidos

por tração animal. O desenvolvimento dos locomóveis deu lugar ao desenvolvimento de tratores a vapor. Estes, no entanto, não foram bem sucedidos. Eram, basicamente, locomóveis, que por um sistema de correias e engrenagens transmitia a potência do motor a vapor às rodas. O motor a vapor de um locomóvel é formado pelo bloco do motor, com 2 cilindros e 2 pistões, que recebem a pressão do vapor, movimentando o eixo de manivelas, em que estão montados o volante e o mecanismo que comanda as válvulas de admissão e descarga do vapor, e a polia que deve receber a correia que vai acionar o equipamento a que se destina. Existe ainda uma bomba d'água, também comandada pelo eixo de manivelas, necessária para reposição, na caldeira, da água expelida pelos cilindros, em forma de vapor d'água. Esta água deve ser estocada junto a bomba em algum recipiente aberto (barril, tambor, etc) e deve ter seu nível controlado e alimentado por adição manual de alguma fonte de água limpa.

Em síntese, o locomóvel é uma máquina térmica que gera energia mecânica, transformando-a em elétrica, utilizando diversos tipos de combustíveis. Ele é constituído, basicamente, de fornalha, caldeira e máquina a vapor. Os locomóveis eram comercializados, especialmente, pelas filiais localizadas na Argentina e no Brasil, e distribuídos para toda a América do Sul. Uma das fornecedoras das máquinas era a empresa alemã Heinrich Lanz, situada na cidade de Mannheim, Estado de Baden-Württemberg na Alemanha. A empresa, que surgiu em 1859, dirigida por Heinrich Lanz, foi a maior fábrica de máquinas agrícolas no continente europeu, empregando milhares de trabalhadores.

Na figura 54 é possível identificar um locomóvel Lanz conduzindo debulhadoras (também da marca Lanz) direto da fábrica com destino à estação em Mannheim, local onde estavam as lojas Bromberg na Alemanha.

Figura 54: Locomóvel da marca alemã Lanz



Fonte: BROMBERG & Co., Hamburgo, 1913, p. 224.

Na Exposição Mundial de Paris em 1900, a empresa Lanz com uma história de mais de quarenta anos de sucesso, contabilizava, naquele período, a fabricação de mais de dez mil locomóveis para a agricultura e a indústria. Em 1905, Karl Lanz assumiu os negócios, após falecimento de seu pai:

Em 1 de fevereiro 1905 morre Heinrich Lanz, deixando uma empresa com cerca de 3.000 trabalhadores, cuja produção anual correspondeu 900 motores a vapor de tração e 1400 Dreschsätze. Seu último desejo foi a produção de locomotivas de estrada (tratores a vapor). Seu filho Karl Lanz em seguida, assumiu a gerência e conseguiu que até 1906 máquinas Lanz debulha tornou-se maior e mais poderoso e estavam entre os melhores do mundo. No ano seguinte, mais de 20.000 Locomobile foram fabricados (BROMBERG & Co., 1913, p. 214).

O Brasil e a Argentina, por meio das filiais da Bromberg, encomendavam os locomóveis diretamente da firma alemã. No ano de 1913, foram comercializados mais de 800 locomóveis. “A firma Heinrich Lanz, a maior fabrica de locomoveis de toda a Europa, que é representada no Brazil e na Argentina exclusivamente pela casa Bromberg & Cia., fabrica principalmente locomoveis e debulhadeiras” (BROMBERG & Co., 1913, p. 214).

O livro comemorativo aos cinquenta anos da Bromberg & Cia., descreve o trabalho da filial de Buenos Aires e seus competentes motores grandes sobre rodas - os locomóveis: “Algumas filiaes introduziram e propagaram utensílios de cultura modernos, sendo neste sentido sobretudo digna de menção a casa de Buenos Aires, consistindo de debulhadoras com

os competentes motores grandes sobre rodas” (BROMBERG & Co., 1913, p. 214). Na próxima imagem (fig. 55), vê-se mais um locomóvel Lanz da Bromberg conduzindo uma carroça de caldeiras que ficou atolada no meio do caminho, na região rural de Buenos Aires. Nota-se a importância da pequena locomotiva no serviço de socorro aos trabalhadores do campo.

Figura 55: locomóvel Lanz importado pela Bromberg & Cia.



Fonte: BROMBERG & Co., Hamburgo, 1913, p. 144.

Os locomóveis da Bromberg & Cia. marcaram época na história da mecanização da produção, especialmente do arroz, no Rio Grande do Sul. As máquinas em questão foram as responsáveis também pelo desenvolvimento da indústria madeireira no estado, pois foram comercializadas para o mercado das serrarias (já citado). O locomóvel é uma máquina adaptada das antigas locomotivas a vapor, a qual apresenta um baixo custo de operação.

Accresce o facto que no Brazil e na Argentina são escassas as vias férreas e estradas de rodagem aterradas que na Europa ligam até as menores aldeias umas as outras; sim, inúmeros são os logares onde mesmo chegam a faltar os caminhos mais primitivos. N'esses casos é preciso desarmar machinas e utensílios e transportar as diversas peças em cavalos ou mulas por atalhos e veredas tortuosas. Os fabricantes alemães tiveram que sujeitar-se a essas condições de transporte difficillimo e hoje evitam, o mais possível, peças grandes e pesadas quando fabricam os seus artigos de exportação. Para a conducção de cargas muito pesadas, as filiaes da firma Bromberg

& Cia. servem-se muitas vezes dos locomoveis de tracção, construídos pela firma Heinrich Lanz, Mannheim. Tambem quando acontece que carroças muito carregadas atolam em terrenos barrentos ou arenosos, são esses locomoveis de tracção que vem em auxilio, pois com as suas rodas largas, munidas de listões de areia, não podem nunca afundar e até conseguem vencer caminhos acidentados (BROMBERG & Co., 1913, p. 142).

Igualmente conhecidos por “locomotivas estacionárias”, eram de fácil instalação, o que viabilizava o uso e também maior lucratividade. Os locomóveis eram úteis ainda para a movimentação de cargas muito pesadas. Esse tipo de transporte servia para caminhos acidentados. Eles desapareceram do mercado brasileiro juntamente com as filiais da Bromberg & Cia. em torno da década de 1930. Uma crise de dimensões gigantes iria abalar não só os alicerces da importadora alemã, mas também de outras empresas importantes no cenário econômico mundial. Tema analisado no próximo capítulo.

4 O INÍCIO DO FIM: DO PERIGO ALEMÃO AO CRASH DA BOLSA EM 1929

4.1 A PRIMEIRA GUERRA MUNDIAL: SURGE A LISTA NEGRA NO BRASIL

As relações entre Brasil e Alemanha (antes cordiais) foram abaladas pela decisão alemã de autorizar seus submarinos a afundar qualquer navio que entrasse nas zonas de bloqueio decretada em 1917. Motivado por esses ataques, o Brasil foi o único país da América do Sul a participar da Primeira Guerra Mundial⁵², também conhecida por Grande Guerra, episódio bélico que envolveu as grandes potências do mundo entre 1914 e 1918.

Na análise de Eric Hobsbawm (1995), a Primeira Guerra mundial inaugurou um período de Guerra Total, pois, em 1914, não havia uma grande guerra fazia um século, no sentido de ser um conflito que envolvesse todas as maiores potências da época (Grã-Bretanha, França, Rússia, Áustria, Hungria, Prússia, Estados Unidos e Japão). Nesse sentido, o confronto iniciado em 1914 se diferenciou dos anteriores, especialmente, pela quantidade de nações envolvidas. Para Hobsbawm (1995), a Primeira Guerra Mundial se caracterizou pelos confrontos longos, onde a questão econômica influenciou na vitória. As economias dos países após 1914 se voltaram para a indústria bélica.

A Grande Guerra envolveu todos os estados europeus, com exceção da Espanha, dos Países Baixos, dos três países da Escandinávia e da Suíça, o que levou a uma destruição do continente. Outros povos, fora do eixo europeu, também se envolveram no conflito, como os canadenses, os australianos, os neozelandeses e, principalmente, os norte-americanos. Um ponto importante que descreve Hobsbawm (1995), é que essa guerra apresentou como objetivo a destruição total do inimigo. As perdas se caracterizaram como as maiores já vistas, com a utilização de armas com grande potencial de destruição e com a guerra de trincheiras⁵³, cujos soldados eram expostos às piores condições possíveis.

⁵² Sobre o tema, interessante a leitura da obra de Francisco Vinhosa (1990) intitulada O Brasil e a Primeira Guerra Mundial. No livro, o autor faz um apanhado das repercussões da guerra no Brasil e a atuação do país enquanto beligerante, ao declarar guerra à Alemanha em 1917.

⁵³ As trincheiras eram linhas de defesa, cavadas frente ao inimigo, para consolidar a posição conquistada. Elas eram guarnecidas por cercas de arame farpado. A partir delas, os comandantes davam as ordens para avançar sobre o inimigo e, então, eram realizadas ondas de ataque na tentativa de tomar a meta. Algo que se mostrava incompatível com o atual estágio tecnológico, pois, o esforço físico e a coragem que se despendia encontravam

O autor (HOBSBAWM, 1995, p. 31) analisa também a guerra que se desenvolveu nos oceanos: “Embora a ação militar fora da Europa não fosse muito significativa a não ser no Oriente Médio, a guerra naval foi mais uma vez global: as campanhas decisivas, entre submarinos alemães e comboios aliados, deram-se sobre os mares do Atlântico Norte e Médio”.

Com o torpedeamento dos alemães aos navios mercantes brasileiros, o conflito chegou até o Brasil, cujas relações com a Alemanha ficaram bastante estremecidas, ocasionando problemas, os quais incidiram, especialmente, sobre o capital e o trabalho dos alemães no Rio Grande do Sul. Foi no governo de Wenceslau Brás que o Brasil suspendeu as relações comerciais com a Alemanha. O episódio mais marcante ocorrido neste período de guerra foi o do navio Paraná, em abril de 1917.

Segundo Luiz Ernani Caminha Giorgis⁵⁴, em três de abril às 23h30min, ocorreu no Canal da Mancha, próximo ao Cabo Barfleur (França), o afundamento do cargueiro brasileiro Paraná por um submarino alemão. O navio estava carregado de café. A população ficou indignada com o ataque, exigindo uma resposta firme das autoridades brasileiras. No mesmo mês, o Brasil rompeu relações diplomáticas e comerciais com a Alemanha, e, seguiram-se os torpedeamentos aos navios mercantes brasileiros, como segue: “20 de maio: o navio brasileiro Tijuca é torpedeado a cinco milhas de Brest, na costa francesa. 22 de maio: afundamento do navio brasileiro Lapa por um submarino alemão no Atlântico, a 140 milhas de Trafalgar, Espanha” (GIORGIS, 2014, p. 95).

O inevitável acabou acontecendo em outubro de 1917, quando o Brasil entrou na guerra ao lado da Tríplice Entente (Estados Unidos, Império Russo, França e Inglaterra): “26 de outubro: o presidente do Brasil Wenceslau Braz Pereira Gomes, com aprovação do Congresso, declara guerra à Alemanha e decreta Estado de Sítio. Foi o único país sul-americano a fazê-lo” (GIORGIS, 2014, p.99). Enfurecida com os acontecimentos envolvendo as duas nações, a população saiu às ruas empreendendo ataques a vários estabelecimentos

o seu limite nas metralhadoras colocadas estrategicamente, que abatiam os soldados aos milhares (MESSENGER, 1978).

⁵⁴ O autor faz um apanhado geral, em ordem cronológica, do conflito, bem como dos antecedentes, das principais batalhas, dos números da guerra, e, especialmente, sobre a participação do Brasil na I Guerra Mundial. (GIORGIS, 2014).

germânicos no Brasil. No ano seguinte, outra embarcação brasileira foi destruída pela Alemanha: “3 de agosto: o navio brasileiro Maceió é torpedeado e afundado pelo submarino alemão U-43” (GIORGIS, 2014, p. 110).

Os jornais da época (O DIÁRIO, 1915; A FEDERAÇÃO, 1916; O INDEPENDENTE, 1916), em suas matérias mostravam total reprovação aos descendentes de alemães. Criticavam, utilizando-se de argumentos contundentes como referências a militância de órgãos congêneres da cidade que manifestavam apoio à causa alemã. Também faziam pequenos comentários em colunas específicas dos jornais, os quais eram contrários aos alemães. Em relação a isso deve ser lembrado que parte importante da imprensa e da intelectualidade brasileiras estava em campanha, fazia anos, em prol do lado anglo-francês (BONOW, 2011, p. 231). E isso, obviamente, reforçava a posição da sociedade brasileira contra os alemães, bem como contra seus estabelecimentos comerciais que ficavam no centro de Porto Alegre. É deste período, o surgimento das listas negras⁵⁵.

A Inglaterra divulgou a *Statutory List* ou *Black List* pela primeira vez em 1915, a qual provocou embaraços ao Ministério das Relações Exteriores do Brasil. As listas continham um apanhado de nomes onde eram identificados indivíduos de etnia germânica, os teuto-brasileiros, os quais passaram a ser perseguidos. Ficou definido que os britânicos não poderiam estabelecer relações comerciais com qualquer indivíduo ou empresa oriunda de países inimigos. Para tal instrução, havia órgãos fiscalizadores que eram os consulados espalhados pelo mundo. As intenções da Inglaterra eram claras no que se refere às relações comerciais da Alemanha com o Brasil:

A “Lista Negra” pode ser observada como um recurso a mais, a serviço da guerra moderna, na qual o esforço pela vitória se tornou mais contundente, grandioso, já que a mobilização de tropas passou a ser medida por milhões de soldados, a produção industrial se adequou às necessidades do Estado em conflito e a vida dos civis se moldou pela vida daqueles que lutavam nos campos de batalha. Todavia, a mesma também se mostrou sintomática do recuo nas relações comerciais britânicas. Basta lembrar do avassalador avanço industrial, e comercial, alemão e norte-americano, contra os quais a Grã-Bretanha mostrava visíveis dificuldades para competir (BONOW, 2011, p. 160).

⁵⁵ Sobre esse assunto ver a tese de Stefan Chamorro Bonow (2011). A obra em questão trata da desconfiância sobre os indivíduos de origem germânica em Porto Alegre durante a Primeira Guerra Mundial. Entre outros temas abordados, o autor analisa as listas negras, criadas pelo governo britânico em 1915, as quais geraram transtornos diplomáticos e econômicos às nações envolvidas.

No Brasil, os órgãos fiscalizadores exerceram forte pressão sobre as empresas alemãs e brasileiras, na forma de intimações e denúncias. Entre esses inimigos estavam os irmãos Bromberg: “A Bromberg foi inscrita na famosa lista negra, mas protegida por Daudt, Berta, Kraemer, Janke e a União de Ferros, constituída em 1898” (ROCHE, 1969, p. 440). A proteção, no caso específico da Bromberg, se deu a partir da organização de um grupo constituído de alemães, os quais também possuíam estabelecimentos comerciais no centro de Porto Alegre. Todos tinham interesse na sobrevivência de seus negócios. Havia uma ajuda mútua entre parceiros comerciais teutos. Em torno de quinhentas firmas foram citadas nas listas inglesas. A seguir parte da lista publicada pelo jornal *A Gazeta Colonial* (4 de maio de 1918, p. 2):

Adolgo Gins, Alfredo Rodrigues da Fonseca, Alfredo Silveira da Luz, Alexander Reguly, Alfredo Wiedemann, Antonio Borges (de Bercht Irmãos), **Cylindro**, Adolfo Aeckerle, Bercht Irmãos (Jorge Bercht & Irmão), Beuster, Lima & Cia, Beuster P. M., Banco Alemão, **Bromberg & Cia., Bromberg, Daudt & Cia. (União de Ferros)**, Beuster, Carlos Albrecht, Carlos Engelhardt, Carlos Lemcke & Cia., Carlos Naschold, Cesar Reinhardt, Charles Ebner, Com. Brasileira de Eletricidade, Comp. Graphica Riograndense, Dressler & Martel, Henkel, Drogaria, Edmundo Dreher & C.^a, Emil Petersen, Empreza Graphica Riograndense, Ebner & C.^a, Fraeb & C.^a, G. A. Luce, Germano Gundlach & C.^a, Gustav Wobcke, Herman Gönczy, H. Theo Moeller, Hugo Freyer, Hugo Metzler, Josef Schroetter, Joaquim Gaspar dos Santos, John Day, Krahe & C.^a, Ludwig Irmãos (L. & M. Ludwig), Luiz Voelcker & C.^a, Meyer Irmãos & C.^a, Richard Strauch, Reiniger, Schmidt & C.^a, Schroeder & C.^a (Martel Vicente Porto succ.), Tollens & Costa, T. C. Dienstbach & C.^a, Viúva F. Behrendorf & C.^a, Wachtel, Marxen & C.^a, Woermke & Linau, Engelbert Hobbing, Estanislau Lesinski, F. G. Bier, Fernando Hackradt & C.^a - Norte-americana – C. A. Altembernd, Bercht Brothers, F. G. Bier & C.^a, Antonio Borges, Epaminondas Carriconde, Comp. Graphica Riograndense (O Diário), Deutsches Volksblatt, O Diário, Theodor C. Dienstbach & C.^a, Fraeb & C.^a, Hugo Freyler, Hermann Gönczy, Germano Gundlach & C.^a, Fernando Hackradt & C.^a, Engelbert Hobbing, Krahe & C.^a, Krans (Wachtel, Marxen & C.^a), Estanislau Lesinsky, Guilherme Adolpho Luce, Ludwig Irmãos (L. & M. Ludwig), Hugo Metzler, Meyer Irmãos e C.^a, H. Theo Moeller, Carlos chröder187, Naschold, Neue Deutsche Zeitung, Alexandre Reguly, Cesar Heinhardt, & C.^a (Drogaria Martel, etc.), Josef Schroetter, Luiz Voelcker & C.^a, Wachtel, Marxen & C.^a, Wiedemann & Gins (A. Wiedemann & Adolfo Gins), Wormke & Linau, Gustav Wobcke.

Com a perseguição instituída contra a comunidade alemã no Brasil, esses grupos não podiam mais organizar, criar ou manter sociedades, fundações, companhias, clubes e estabelecimentos de caráter político e comercial. Em muitas ocasiões o governo agiu com brutalidade e força, e muitos alemães foram perseguidos e forçados a se “abrasileirar”. Havia uma pressão sobre os negócios em geral de origem germânica. Um exemplo bastante elucidativo deste momento foi a questão das instituições bancárias.

Bancos alemães foram fechados, entre eles o Deustsch-Sudamerikanische Bank e Deutsch-Uebersecische Bank, bem como suas filiais situadas em diversas cidades do país. Para Sérgio da Costa Franco (2006, p. 53), os bancos alemães encerraram suas atividades com o advento da Primeira Guerra Mundial, reaparecendo depois com outros nomes, como é o caso do Brasilianische Bank für Deutschland, que foi reaberto em 1930 com o nome de Banco Alemão Transatlântico. Este banco foi incorporado ao patrimônio nacional em 1942, durante a Segunda Guerra Mundial, quando o Brasil declarou guerra à Alemanha novamente. O decreto com a cassação das autorizações para o funcionamento desses bancos foi publicado no Diário Oficial da União em 11 de outubro de 1918, e assinado pelo Presidente da República na época, como segue:

O Presidente da Republica dos Estados Unidos do Brasil, usando da autorização contida no decreto legislativo n. 3.361, de 26 de outubro do anno proximo findo, e em complemento das medidas tomadas com o decreto n. 12.709, de 9 de novembro do mesmo anno findo, resolve:

Art. 1º Ficam desde já cassadas as autorizações para funcionar no Brasil de que gosavam os bancos allemãoes: Deutsch Sudamerikanische Bank e Deustch Uebersecische Bank, suas filiaes, succursaes ou agencias em qualquer ponto do territorio nacional.

Art. 2º Esses bancos, assim como o Brasilianische Bank für Deustschland, que já esgotou a sua autorização, terão o prazo de seis mezes, a contar desta data, para liquidação, findos os quaes proverá o Governo sobre o destino dos seus valores e bens.

Art. 3º Revogam-se as disposições em contrario.

Rio de Janeiro, 11 de outubro de 1918, 97º da Independencia e 30º da Republica.

Wenceslau braz p. gomes (BRASIL, 1918, s/p)

A questão é que muitos descendentes de alemães, devido a seus negócios, foram também acionistas e administradores dessas instituições, como o Banco Pelotense e o Banco Pfeiffer. Os irmãos Waldemar e Arthur Bromberg também integraram o grupo de acionistas e gestores de alguns bancos.

O Banco Pfeiffer foi criado no final da Primeira Guerra Mundial, com a razão social de “Jorge Pfeiffer & Cia. – Casa Bancária”. Além de Jorge, compunha a sociedade Frederico Guilherme Bier, H. Theo Möller, Carlos Daudt e Jorge Bercht, todos eles membros do alto comércio alemão na cidade de Porto Alegre. Em 1920, diante do crescimento da economia no Estado, entraram novos sócios, alterando assim a configuração do banco. Eram eles: Frederico Mentz, Edmundo Dreher e Otto Niemeyer, todos alemães.

Eugênio Lagemann (1985), em seus estudos sobre o Banco Pelotense, analisa também o desenvolvimento do Banco Pfeiffer. Segundo o autor, “a evolução do ativo total e

dos depósitos indica um crescimento continuado no nível das atividades e uma consolidação da sua presença no mercado financeiro do Estado” (1985, p. 57). A quantidade de depósitos aumentava a cada ano, tornando o banco cada vez mais atrativo e seguro. Nessa época os serviços do banco tornaram-se bastante solicitados pela comunidade de origem germânica, devido às vultosas transações comerciais, especialmente as de importação e exportação, as quais eram a marca da Bromberg & Cia. O Pfeiffer ficou conhecido como o banco dos alemães.

Assim como o Pfeiffer, o Banco Pelotense, fundado em 1906, caracterizou-se por uma forte composição de descendentes de alemães em seu quadro de dirigentes. Com o objetivo de estender seu raio de ação, extrapolando a organização original, e aumentando os dividendos, o banco incorporou a sua estrutura a empresa de Crédito Territorial Sul-Brasileiro. Seu funcionamento se deu em uma das filiais do Banco Pelotense situado na Rua Sete de Setembro no centro de Porto Alegre.

Waldemar Bromberg integrou o grupo de conselheiros dessa instituição. Outros alemães também o fizeram, entre eles, H. Theo Möller da firma H. Theo Moeller & Cia. O destaque fica por conta de serem todos comerciantes do centro de Porto Alegre. Langemann (1985, p. 122) questiona: “Seria o aval dos comerciantes uma forma de obter uma fatia do mercado”? Sem dúvida, pois era por meio do capital originário dos bancos que seriam possíveis os financiamentos, não só para diversificar e expandir as atividades comerciais, mas também para o acúmulo do próprio capital, e, conseqüentemente, para o lucro financeiro das empresas envolvidas.

O caso dos teuto-brasileiros residentes no Estado do Rio Grande do Sul é peculiar porque eram grupos que formavam comunidades, mantendo tradições e utilizando quase que exclusivamente o idioma alemão em suas residências. Eram famílias que estavam unidas entre si, especialmente, por relações étnicas, religiosas, políticas e econômicas. Diante deste quadro, a região sul do Brasil, onde a imigração alemã foi uma realidade, passou a ser fortemente reprimida. A Alemanha representava para a sociedade brasileira, naquele momento, uma nação ameaçadora. E para isso, medidas seriam tomadas contra esses grupos e seus negócios. Exemplo disso são os incêndios e o quebra-quebra ocorridos contra as lojas da Bromberg localizadas no centro de Porto Alegre.

4.2. O QUEBRA-QUEBRA DAS LOJAS BROMBERG EM PORTO ALEGRE

Na capital, a violência contra os alemães ocorreu sob a forma de destruição (apedrejamento, quebra-quebra e incêndios) aos prédios comerciais de propriedade desses grupos, os quais ficavam no centro da cidade naquele ano de 1917. Segundo Sérgio da Costa Franco (1983, p. 128), o episódio violento teve início no Hotel Schmidt, estabelecimento de alemão:

No domingo, 15 de abril, a noite começou agitada por um 'meeting' na Rua da Praia, esquina da General Câmara, no recinto do antigo Café Colombo. Dali, partiram grupos que iniciaram, cá e lá, em vários pontos da cidade, manifestações agressivas contra entidades alemãs. Quando um desses grupos passava de bonde no Hotel Schmidt, na rua Voluntários da Pátria, alguém, do interior do Hotel, haveria dado um tiro em direção ao bonde, ferindo o jovem Armando Barros Cassal e um pedreiro que lhe fazia companhia. Seguiu-se a isso uma grande confusão. O proprietário do Hotel e vários empregados foram presos. A massa popular, cada vez mais irritada, iniciou uma onda de depredação contra casas comerciais de alemães ou teuto-brasileiros, aí incluindo também alguns estrangeiros de outras origens.

Em matéria publicada no *Correio do Povo*, é possível ter uma ideia da abrangência dos estabelecimentos alemães que foram atingidos:

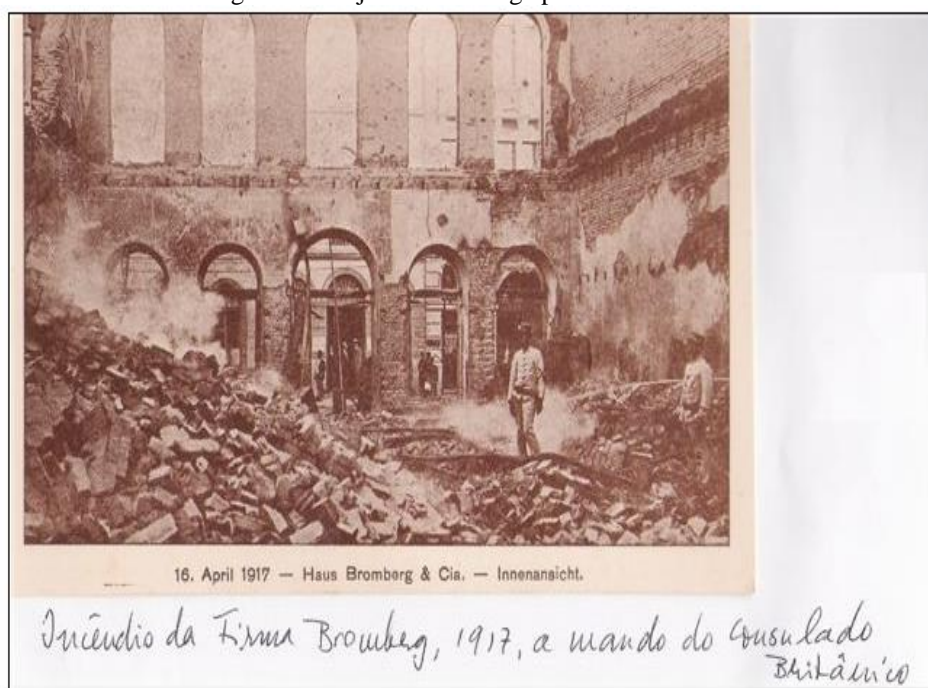
Na Rua Voluntários da Pátria, foram apedrejadas a fábrica de arreios de Teobaldo Kraemer, a livraria de Hugo Freiler, a Farmácia Alemã, a loja de fazendas de Frederico Hoffmann, a de Becker & Irmão, a loja de louças de Carlos Lemke, a ferragem de Kraemer & Irmão, a casa de louças de Augusto Muller, a Farmácia Calleya e o Hotel Becker; na Rua Dr. Flores, quebraram-se as vidraças da Tipografia do Centro, da Sociedade Germânia e do Restaurante Berault; na rua dos Andradas, depredaram os estabelecimentos de Luiz Voelker & Cia., a Farmácia Popular, de J. Kintscher, a loja A Abelheira de Kremer & Goelzer, mais a livraria de Krahe & Cia.; na Marechal Floriano, a casa de armas de João Bergman e a farmácia da esquina da rua Riachuela; na rua 24 de Maio, o velho Beco do Rosário, duas casas de chope (17 de abril de 1917, capa).

A maior parte das destruições aconteceu no centro de Porto Alegre, visto que, foi na capital dos gaúchos que a indústria e o comércio obtiveram um grau elevado de desenvolvimento, mediante a forte participação da comunidade germânica na economia. Algumas residências também foram alvejadas, assustando a população local. Os teuto-brasileiros foram, evidentemente, bastante visados naquela época em função do conflito bélico mundial que se arrastava desde 1914. A destruição ao patrimônio de algumas empresas alemãs ocorreu, especialmente, em abril de 1917, quando, os prédios, os quais simbolizavam as maiores expressões daquela comunidade, foram eliminados pelo fogo criminoso, como é o caso do Hotel Schmidt e das casas Bromberg:

O Hotel Schmidt foi atacado e incendiado pela multidão. Seguiram-se outras depredações na Voluntários da Pátria, na Avenida São Rafael (hoje Alberto Bins) e na Avenida Cristóvão Colombo. Ao cair a noite, a massa atacou a firma Bromberg & Cia. à rua 7 de setembro, (no quarteirão entre a General Câmara e a Uruguai), incendiando-a. E a violência do fogo foi tal que se propagou a outros estabelecimentos da rua General Câmara e da rua Siqueira Campos, atingindo o escritório de engenharia de João Corrêa & Filho, a Cia. Colonizadora do Rio Grande do Sul, as firmas F.G. Bier, Franco Ramos & Cia., Gustavo Livonius, Voelkens & Franco, Fraeb & Cia. e o escritório da Cia. Fábrica de Papel e Papelão. Quase a metade do quarteirão ardeu. Complementando os desvarios da noite, a multidão incendiou o excelente prédio da Sociedade Germânia, que se localizava à rua Dr. Flores (FRANCO, 1983, p. 129).

Na figura 56 é possível identificar o que restou das lojas após os incêndios criminosos. Observa-se que um membro (não identificado) da família fez anotações à caneta sobre o incidente: *“Incêndio da Firma Bromberg, 1917, a mando do Consulado Britânico”*. Desta forma, os estabelecimentos mais prejudicados foram aqueles cujos proprietários possuíam sobrenome alemão, sendo a maioria deles localizados no centro da cidade. Devido à divulgação das ‘listas negras’, alguns grupos e seus negócios enfrentaram severos problemas durante todo o período da guerra e também com o fim do conflito.

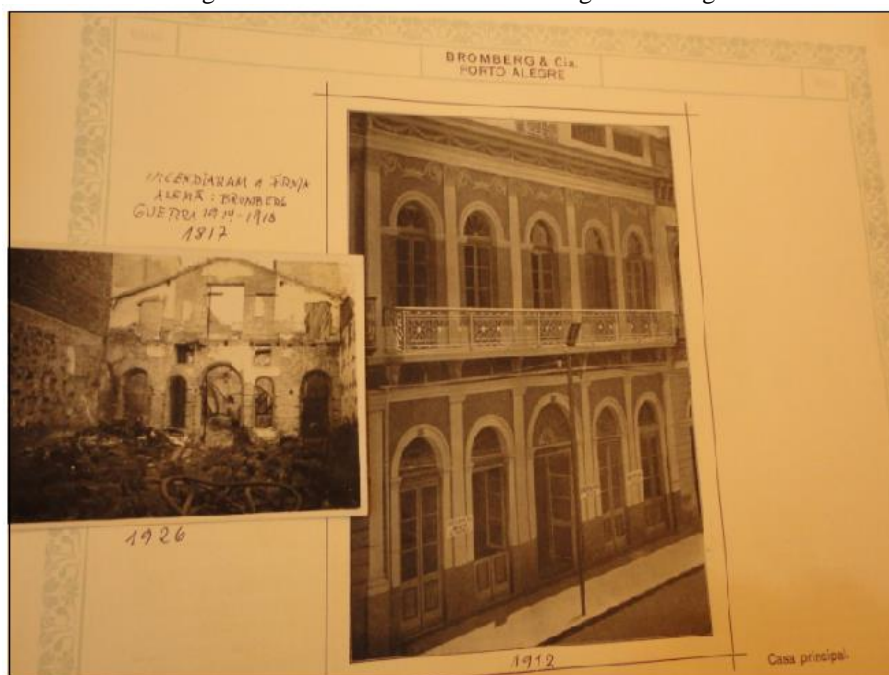
Figura 56: Loja da Bromberg após incêndio/1917



Fonte: Acervo da Família Bromberg

A figura 57 mostra o prédio da Bromberg, antes e após o incêndio.

Figura 57: Fachada da Casa Bromberg/Porto Alegre



Fonte: Acervo da Família Bromberg

Na visão dos jornais da época, aceitar a proteção do governo brasileiro contra tais ataques poderia ser visto como reconhecimento da culpa. De outra forma, o fato de dispensar ajuda governamental, talvez fosse considerado sinal de soberba e de superioridade. As firmas Bromberg & Cia. teriam negado essa ajuda. Na matéria de capa (A NOITE, 16 de abril de 1917), o jornalista informava que a casa comercial alemã teria dispensado auxílio federal, o que foi suficiente para que a sociedade a atacasse com a violência peculiar naquele momento. O que mais chamava a atenção da população Porto Alegrense, levando-a a fúria, eram as vitrines decoradas com motivos alemães, como por exemplo, os aniversários do Kaiser Guilherme II.

Estamos informados de que o governo do estado mandou oferecer garantias a casa Bromberg a fim de evitar algum ataque. A firma Bromberg, como todo alemão malcriado, respondeu descortemente declarando que ela estava preparada para reagir em emergência. Fica, portanto, o nosso público avisado de que com a casa Bromberg o negócio fia fino. Como se vê, os alemães da casa Bromberg estão claramente provocando as iras populares e criando sérios embaraços a ação das nossas autoridades. Mais de duzentas casas foram atacadas. Algumas delas eram conhecidas pela maneira com que se esmeravam para decorar as suas vitrines durante os aniversários do Kaiser. Em função da indignação popular elas não foram perdoadas. Ao defrontar as casas alemãs: Krahe & Cia.; Gustavo Woelcker; Kintcher, Walter, Deppermann e Voelcker & Cia., os populares manifestaram a sua ira, apedrejando-as (A NOITE, 16 de abril de 1917, capa).

A casa Bromberg, situada na Rua Sete de Setembro, centro de Porto Alegre, foi incendiada e apedrejada por volta das sete horas da noite, ficando completamente destruída, horas depois. Na figura 58 está um dos descendentes da família Bromberg diante dos escombros da antiga loja localizada no centro de Porto Alegre. Nas memórias da depoente:

O rapaz da foto é meu pai Paulo, filho de Arthur. Esta foto é de 1926. As lojas foram queimadas em 1917. Até 1926 isso estava assim. Pelo jeito levou muitos anos até a reconstrução. O meu pai foi criado na Alemanha, porque a mãe dele morreu quando ele tinha três anos. Tinha uma tia Bromberg, irmã do meu avô que não tinha filhos, aí ela criou meu pai e os outros em Berlim. Ele começou a estudar engenharia lá, e aí meu avô chamou ele e disse para trabalhar na firma. E ele voltou em 1926 (BRUGGER, 2013).

Figura 58: Paulo Bromberg nas lojas incendiadas no centro de Porto Alegre/1926



Fonte: Acervo da Família Bromberg

De acordo com outro jornal da época, houve relação com um boato de que o estabelecimento se negara a aceitar proteção policial. A seguir, detalhes sobre o incêndio e a destruição ao prédio da Bromberg & Cia.:

Precisamente às 19 horas e 15 minutos, grande massa popular, munida de alavancas e machados, acercou-se do prédio em que funcionava aquele estabelecimento e em pouco tempo conseguiu arrombar as portas e penetrar na casa. Depois de destruírem todas as máquinas que puderam, os populares, que levavam consigo inúmeras latas de kerosene, espalharam todo líquido que elas continham no assoalho do prédio e sobre as máquinas, balcões e mesas do escritório. O fogo, ateuado em seguida, assumiu enormes proporções, alastrando-se com incrível rapidez, por todo o vasto edifício da rua 7 de Setembro. Chamado, com urgência, o Corpo de Bombeiros

compareceu ao local e se preparou para dar combate ao terrível elemento, que tomava assustadoras proporções. As chamas erguiam-se a tal altura que até mesmo dos arrabaldes era avistado o clarão produzido pelo incêndio. A cidade encheu-se logo da notícia referente ao incêndio da casa Bromberg, ficando a população toda debaixo de enorme impressão. Ao local do sinistro accorreram, então, milhares de pessoas, avidas de apreciar aquelle horrível espetáculo, com a sua deslumbrante beleza. O incêndio, tomando, cada vez, mais aterrorisadoras proporções propagaou-se aos prédios contíguos aos ocupados pela casa Bromberg e que são o da fira Franco, Ramos & C., estabelecida com casa de seccos e molhados por atacado, e o do sr. G. Luce, agente de importantes fabricas norte-americanas. O predio ocupado pela casa Bromberg, e que se compunha de dois pavimentos, tinha um valor superior a 400:000\$000 e estava seguro em varias companhias, não se conseguindo ainda saber o quantum. No primeiro andar desse predio funcionava o consulado da Noruega, a cargo do sr. Arthur Bromberg, sócio daquela firma. As existências da casa Bromberg, foram completamente destruídas, o mesmo acontecendo com as do consulado da Noruega. Da casa Bromberg salvaram-se ainda o deposito de machinas, localizado à rua das Flores, e outros depósitos espalhados pela cidade (A FEDERAÇÃO, 24 de abr. de 1917, capa).

Diferentemente do registro dos meios de comunicação da época, e ratificada pelo acervo disponibilizado pela família Bromberg (uma carta de Arthur Bromberg⁵⁶ endereçada a sua irmã Alice, a qual residia na Europa naquela época), a informação sobre o ocorrido com os estabelecimentos da Bromberg apresentou outra versão. No período da guerra, Arthur administrava sozinho as lojas localizadas no centro de Porto Alegre, pois Waldemar Bromberg, seu irmão, servia ao exército alemão, lutando na Rússia, era um cidadão nascido em Hamburgo.

Segundo a carta (BROMBERG, 1959), Arthur teria pedido ajuda e também garantias ao chefe de polícia de Porto Alegre, citando, inclusive, o nome do governador Borges de Medeiros, na esperança de que cessassem os atos violentos contra seus estabelecimentos. Para Arthur, tal promessa foi feita pelo Palácio do Governo, porém, isso não foi cumprido, ao contrário, aumentou o ódio contra as famílias alemãs e seus prédios localizados no centro da cidade, incitados, justamente, pelo chefe de polícia. Na visão de Arthur (BROMBERG, 1959), o próprio chefe de polícia teria incentivado a população aos ataques incendiários:

O incêndio também ocorreu porque era fácil para o Cônsul Dillon executar seu plano contra todos os alemães. No período antes do incêndio, ele instigou o suficiente para semear o ódio entre seus ajudantes e fazer do ato algo patriótico, o que ele também conseguiu. Ele contratou pessoas para o incêndio criminoso, os pagando pelo trabalho, ganhou (comprou) os superiores da Brigada Policial do

⁵⁶ BROMBERG, Arthur. [Carta endereçada a Alice, sua irmã]. Porto Alegre, 10 de set. de 1959.

Estado, Tenente Coronel Massot, provavelmente com boa remuneração, de modo que ele executou todos os planos de Dillon, e até forneceu a gasolina da garagem do Palácio do Governo e ordenou aos oficiais da Brigada que guardavam a nossa casa na Rua Sete que fossem para a Praça da Alfândega. As carroças que trouxeram a gasolina foram vigiadas pela polícia. Todas as pessoas que saquearam, começaram conosco e no Germânia, puderam saquear tranquilamente ⁵⁷.

De acordo com Arthur (BROMBERG, 1959) é possível concluir que os diversos incêndios foram executados com a maior facilidade, sem obstáculo algum:

Quando o corpo de bombeiros chegou, as mangueiras foram cortadas imediatamente. De manhã havia cartazes nas árvores da Praça da Alfândega: ‘Arthur Bromberg, alemão mal criado como todos os alemães recusou as garantias do governo’, para facilitar o seu trabalho e incitar as pessoas contra mim e contra a empresa. Em contrapartida, nossos representantes interviram na Chefatura da Polícia e pediram garantias. Telefonei para o Palácio quando vi, do trapiche, o incêndio do Hotel Schmidt e pedi ao Secretário para solicitar ao Governador Borges de Medeiros que tomasse medidas adequadas, porque boatos e propaganda levaram ao ato.

Apesar da promessa do governo de tentar conter a violência, nada foi feito. Ao contrário, agravou-se a tentativa incendiária às empresas alemãs:

Quando os incendiários contratados chegaram à fábrica, Bopp disse ao Delegado de Polícia que estava preparado, como você pode ver, de lá ninguém sairia vivo. Na frente foram montados os tubos de amoníaco, que seriam abertos a um sinal; em seguida, tubos de vapor com bicos, na frente da fábrica de cerveja, foram anexados, e conectados às caldeiras. Além disso, no telhado, havia um grande reservatório com ácido sulfúrico, que seria derramado nas pessoas. Então eles abandonaram o plano ordenado por Dillon. No dia seguinte, 17 de março de 1917, o *Times* de Londres trouxe o telegrama mentiroso de Dillon: O povo enfurecido ateou fogo aos armazéns do *King of German Commerce*, do qual nos livramos. Ele não disse que era obra dele, mas certamente informou ao serviço secreto/polícia secreta, como um prêmio para si (BROMBERG, 1959).

Havia um receio por parte do governo inglês, diante do avanço das empresas alemãs na América do Sul, pois desde o final do século XVIII a Alemanha aumentou sua capacidade de produção e de exportação. Assim, qualquer coisa que identificasse a origem germânica nos negócios era alvo de investigação e ataques violentos:

Outro grande erro foi a vaidade, por isso tinha que aparecer nos cabeçalhos de todos os papéis timbrados: Matriz Hamburgo, Filiais. Em vez de fazer como Staudt, que ganhava seu dinheiro em Buenos Aires, e não em Berlim, com sua loja de

⁵⁷. O nome Dillon citado na carta refere-se ao Cônsul Britânico lotado em Porto Alegre em 1917.

departamentos e, portanto, sempre designava Buenos Aires como a Matriz. Devido a este sistema errado, desnecessariamente, sofremos grandes perseguições como alemães na Lista Negra, apesar de todos nascidos aqui. E estávamos muito preocupados com funcionários alemães, em parte, a pedido de Hamburgo. Um comerciante deve se ocupar com seus negócios, não política (BROMBERG, 1959).

A produção em larga escala de ferro e carvão pelos alemães assustava os ingleses. O poderio naval alemão disputava os mercados com os ingleses, o que facilitava o controle das rotas marítimas e comerciais pelos alemães. Bonow (2010, p. 280) analisa o fato por meio de quatro indicativos:

Em primeiro lugar, havia uma grande comunidade germânica, formada por alemães e teuto-brasileiros. Em segundo lugar, dessa comunidade saíram nomes representativos do movimento operário, bem como os nomes mais expressivos da indústria e do comércio da capital e do estado. Em terceiro, por interesses econômicos, essa comunidade aproximou-se continuamente da Alemanha desde o começo do período republicano. Por fim, entre todos os países existentes, a Alemanha era o principal parceiro comercial do Rio Grande do Sul e, no Brasil, superava a Grã-Bretanha em alguns quesitos. Na medida em que as outras potências se aliaram contra a Alemanha, em virtude da guerra, o objetivo era destruir as ligações desta com a América, inclusive com o Brasil.

A questão sobre o perigo alemão chegou ao limite naquele abril de 1917. Segundo carta de Robert, outro descendente, as firmas foram reerguidas logo após o incidente:

Em 1917, depois do incêndio, transferiram a sede da BROMBERG & CIA, na Rua Sete de Setembro, para a Rua Siqueira Campos, bem em frente aos depósitos da firma. Havia um trapiche de madeira no Guaíba onde atracavam as embarcações, e a carga era diretamente transportada para estes pavilhões. Durante esta época a firma fora bem gerenciada e conduzida, organizada e séria. Assim tinha, apesar do ataque aliado, condições para continuar com o seu trabalho. A enorme clientela do interior do estado e mesmo da cidade, lhe permanecia fiel e desejava a continuidade da Bromberg & Cia, como "Centro do Universo". Imediatamente apareceram apoiadores para organizar uma lista negra dos aliados. Em pouco tempo, os negócios floresceram, apesar das dificuldades de importações de além-mar por causa da escassez de transporte marítimo-resultado da guerra. Finda a guerra, rapidamente, os antigos clientes e credores voltaram com o desejo de sucesso para a Bromberg & Cia, interessados também, porque a firma estava com débitos desde 1917 (BROMBERG, 1989).

Neste período, as firmas foram bem gerenciadas, o que propiciou condições para sua rápida recuperação, mesmo com a destruição ocasionada pelos incêndios. A enorme clientela, não só de Porto Alegre, mas também do interior do Estado, permitiu a continuidade dos negócios, viabilizando, assim, o crescimento das filiais. Percebe-se aí a importância do trabalho dos irmãos Bromberg, fator preponderante para reerguer a Bromberg sediada em Porto Alegre:

Os criminosos incêndios com que se tentou ou acreditou-se poder destruir a casa Bromberg teria abalado outros que aqui estivessem só a procura da fortuna. Mas os irmãos Bromberg amam muito o Brasil, pátria adoptiva de seu extincto pae, pátria deles e dos seus filhos. A posição econômica dos sócios da firma permitiria uma trégua, uma vida despreocupada nos maiores centros da Europa, mas o amor, o apego à grande pátria brasileira é mais forte do que qualquer outro interesse ou conveniência pessoal. Não é a riqueza, não é o gozo que anima estes generaes modernos do commercio e da indústria. É o ideal, é a missão que os leva a aumentar o progresso econômico, a riqueza social, patrimônio de todos. Nós que escrevemos estas linhas com toda a independência de nosso caracter, e com a máxima sinceridade, como os obscuros diletantes de questões econômico-sociaes, cremos que estes tempos não admitem nem um Napoleão I, nem taumaturgos, admitem os generaes da paz, os conudtores da riqueza dos commercios, das industrias, dos grandes empreendimentos. E para nos convenceremos de que essa seja a missão dos senhores Bromberg, basta tomar em consideração a proverbial simplicidade de costumes, a vida ilibada, modesta, alheia a todo rumor, longe da materialidade dos gozos nabalescos, porfiada sempre, por índole e por educação, numa austeridade moral irrepreensível (BLANCATO, 1923, s/p).

Em pouco tempo, as lojas prosperaram novamente, apesar da dificuldade de importação resultante da escassez de transporte marítimo ocasionada pela guerra. Encerrado o conflito em 1918, os antigos clientes e credores retornaram à Bromberg & Cia., interessados em fazer novos negócios. Na década de 1920, a empresa já operava a todo vapor, quando se deparou com outra crise, desta vez a definitiva. O Crash da Bolsa de Valores de Nova Iorque em 1929 derrubou a Bromberg & Cia, levando à quebra definitiva das filiais no Brasil e exterior.

4.3 A CRISE DE 1929 E O FIM DA BROMBERG & CIA.

Com o término da Primeira Guerra Mundial, os seis filhos de Martin Bromberg (Arthur, Bartolomeu, Erwin, Fernando, Otto e Waldemar) seguiram exitosos nos negócios, mesmo após o falecimento do pai, ocorrido em 31 de março de 1918, em Hamburgo, cidade em que residia. O jornal *A Gazeta Colonial*, ao trazer a notícia da morte do patriarca, também elucida momentos de sucesso da trajetória empresarial do imigrante e das firmas Bromberg no Brasil e no exterior:

Fallecimento – O sr. Arthur Bromberg chefe da casa Bromberg & Cia. desta praça, recebeu de Hamburgo a infausta notícia de ter-se dado ali, a 31 de março do anno corrente, o passamento de seu pae, o sr. Martin Bromberg, na idade de 79 annos. O finado era o fundador da casa Bromberg & Cia., que tão intimamente se acha ligada ao progresso da indústria e lavoura rio-grandenses, as quais prestou relevantes serviços. Foi em 1863 que o ora extincto chegou a Porto Alegre, tomando conta das firmas Holtzweissig & Cia., e Kopp & Rech, de sociedade com o sr. Jacob Rech, sob

a razão social de Jacob Rech & Cia. Dirigiu elle a casa, conjuntamente com os sócios da firma, que passou por varias alterações, tendo um continuo desenvolvimento ascendente, até 1873. Neste anno o sr. Martin Bromberg regressou para a Europa e ficou sendo em 1887, após o traspasse do sr. Rech, o único proprietário da casa de compras que a firma havia estabelecido em Hamburgo, tomando simultaneamente conta de todas as casas no Brasil. Quando o sr. Bromberg iniciou a sua vida commercial no Brasil, o giro das casas das quaes tomou conta, era muito reduzido. Com um tino commercial fora do comum, o sr. Martin Bromberg soube dar a sua empresa uma extensão sempre crescente, fundando varias filiaes em Porto Alegre e em outras localidades do Estado, assim como em Rio de Janeiro, S. Paulo e Buenos Aires, de modo a tornar a firma Bromberg & Cia. uma das maiores casas commerciaes da America do Sul, que hoje é. Pela importação de machinas para a lavoura e a indústria, fornecimento de installações hydro-electricas etc., a casa fundada pelo sr. Martin Bromberg favoreceu grandemente o desenvolvimento do nosso Estado, assim como de outras partes do Brasil onde trabalha; e o nome do finado será sempre lembrado com respeito na historia do progresso econômico do Rio Grande do Sul. – À família do extincto apresentamos sentidos pezames. (13 de junho de 1918, s/p)

Porém, com o prenúncio dos anos 1920, os dias de sucesso da Bromberg estavam chegando ao fim. Martin não viveria para ver suas firmas quebrarem nos anos trinta. Nem mesmo o talento empreendedor do clã, herdado do falecido, seria capaz de salvar a empresa da falência provocada pela grande depressão americana de 1929. O crash da Bolsa de Valores de Nova Iorque desencadeou a mais devastadora crise econômica da história dos Estados Unidos, espalhando-se em seguida para a Europa, África, Ásia e América Latina, chegando até o Brasil. Os dias sombrios estavam apenas começando para a família Bromberg.

Diferentemente do que consta na historiografia⁵⁸, e baseado nos relatos dos descendentes de Martin, a Bromberg & Cia. sofreu uma forte retração com a crise de 1929, culminando, assim, com seu fim. No início dos anos 1930, e como consequência da quebra da Bolsa de Valores de Nova York ocorrida em outubro de 1929, as firmas Bromberg enfrentaram uma queda nos negócios, obrigando a família a abrir o capital aos novos sócios. Consta que essa crise foi lenta e gradual.⁵⁹ Segundo memórias de Walther

⁵⁸ Em cinco anos, a soma das transações havia mais que duplicado; ainda aumentou apesar da crise de 1929 e das duas Guerras Mundiais, durante as quais foi inscrita da famosa lista negra. A Firma Bromberg venceu essas dificuldades porque seus agentes do Brasil contavam com o apoio da casa-matriz e porque, possuindo esta uma rede de venda de notável organização, resistiu aos golpes que, no século XX, abalaram muita firma alemã de exportação (ROCHE, 1969, p. 440).

⁵⁹ Nos ANEXOS estão relatórios da firma de São Paulo e Porto Alegre (acervo de Walther Bromberg), onde constam detalhes do fim das filiais nos anos 1930. As informações foram extraídas do longo relatório de Bartolomeu Martin Bromberg, destinado a seus filhos e netos, dissertando sobre sua vida particular e comercial. Este relatório foi elaborado nos anos pós-guerra, quando já estava aposentado em São Paulo.

Bromberg, a filial localizada na cidade de Rio Grande conseguiu se manter por alguns anos. após o acontecimento de 1929:

A firma Bromberg & Cia de Rio Grande não foi afetada pela falência da firma Bromberg & Cia. Continuou existindo até 1939, ano do falecimento de Fernando Bromberg, seu dirigente. Tornou-se então, junto com sua filial de Pelotas, a ser filial da Firma Bromberg Sociedade Anônima de Porto Alegre. Recebi esta afirmação de um primo em segundo grau, filho de Herbert Bromberg, que foi titular da Bromberg & Cia em São Paulo. Acredito ser verdadeira esta afirmação. O motivo? Lembro que em 1938, eu então com sete anos, fiz uma visita à família de Fernando Bromberg, em Rio Grande. Fiquei embasbacado com o luxo em que viviam: um casarão que mais me pareceu um castelo, todo decorado com estatuetas, e, o que mais me impressionou, a quantidade de “vitreaux” coloridos, bem mais luxuoso que as casas em que morávamos, nós e meus avós. Refletindo hoje a respeito dessas impressões, só posso afirmar que a casa de Rio Grande não foi afetada pela falência da Bromberg & Cia de Porto Alegre (BROMBERG, 2018).

A partir da nova configuração, ocasionada pela crise, a firma passou a se chamar Bromberg Sociedade Anônima: “Quando a firma quebrou, decorrente da quebra da bolsa de Nova York em 1929, foi aberta a sociedade anônima para salvar a firma e aí entraram outros sócios” (BROMBERG, 2013). Segundo Roche (1969, p. 439), o nome Bromberg & Cia foi conservado até 1932, ano que foi alterado para Bromberg Sociedade Anônima, Importadora, Comercial e Técnica. Para esse autor, a nova sociedade conservou os antigos empregados, alguns deles com mais de quarenta anos de serviço. E isso se confirma no depoimento a seguir:

Os empregados foram mantidos. Não conheço os contratos da falência e reorganização como sociedade anônima. O que sei, por relatos esparsos, já que meu pai, tios e avós não falavam sobre o assunto, a família Bromberg foi obrigada a se afastar da firma, perdendo a totalidade da participação, apesar de, até o ano 1933 ter saldado toda dívida (BROMBERG, 2018).

Um dos descendentes de Martin revela em carta a negligência das instituições financeiras naquele momento mais difícil para a Bromberg. De acordo com ele, os bancos poderiam ter ajudado na forma de empréstimos ou postergando dívidas, mas preferiram liquidar as filiais:

Os bancos deveriam ter nos apoiado, por alguns anos, após a Revolução de 1930, então teríamos salvado grande parte da antiga fortuna, porque foi uma época rentável. Naquele tempo, o preço ia de 6 a 3 *pence*, de um dia para outro, por isso os banqueiros queriam liquidar. Nós tivemos que assinar que tudo (o que estava disponível) pertencia aos credores. Eles eram como guarda-chuvas no tempo ensolarado, e quiseram o guarda-chuva de volta, quando estava chovendo. Eles não nos deixaram nenhuma ação, e deram a Waldemar e a mim apenas 1.000,00 *mil reis* mensais. Eu recebi isso de 1933 a 1945! Poderia ter passado fome se não tivesse

excelentes filhos. Você pode ter um exemplo, de como a boa vontade dos banqueiros poderia nos ter salvado, se você souber que o primeiro balanço de 1932 foi bem significativo (BROMBERG, 1959).

Surge, neste momento, um nome que seria preponderante no processo de encerramento das firmas no Rio Grande do Sul. Na fala de Walther Bromberg, Luiz Siegmann – então acionista majoritário, tornou-se único procurador e administrador das Firms Bromberg, inviabilizando, assim, a participação dos membros da família nos negócios. Em outro depoimento de Walther fica fácil identificar o reordenamento da nova Bromberg que surgia:

A decadência foi de uma filosofia do Luiz Siegmann que era o chefe. Ele se formou em economia, ele foi professor da UFRGS, mas ele nunca acreditou muito no comércio. Na visão dele a maior lucratividade daria o aluguel de todos os imóveis que dispunham aqui no Rio Grande do Sul. E aos poucos foi reduzindo o comércio em benefício dos aluguéis. Logo depois da falência, nos anos 1930/1931. Ele foi reduzindo a área de comércio. Mesmo porque naquela época os negócios de importação foram perdendo importância. (BROMBERG, 2019).

Os irmãos Waldemar e Arthur, os quais durante muitos anos se envolveram com as firmas e trabalharam para o seu sucesso, especialmente em Porto Alegre, foram proibidos, pelos novos sócios, de quaisquer ações referentes à Bromberg.

Ainda por estes relatos, os contratos de falência e reorganização da firma foram conduzidos por Luiz Siegmann, então procurador da Bromberg, atendendo exigências dos banqueiros credores, na Holanda. Não sei como Luiz Siegmann tornou-se o acionista majoritário, talvez até totalitário, da firma. Siegmann iniciou sua vida profissional como auxiliar de depósito na firma Bromberg aos 14 ou 15 anos de idade, subindo gradativamente de função. Teve seus estudos de economia financiados por meu bisavô e fundador da firma Martin Bromberg. Ele iniciou na firma como aprendiz, sempre tinha sido protegido pelo meu bisavô – o Martin. Depois ele continuou na empresa. Os meus avôs Waldemar e Arthur financiaram estudos para ele e quando houve a questão da quebra – pelo que me consta, ele foi mandado como procurador da firma que era para resolver os negócios (BROMBERG, 2018).

Portanto, segundo Walther (2018), os maiores credores das empresas foram os bancos holandeses, e esses, no momento de crise, obrigaram a abertura de capital das firmas aos novos sócios. Entre esses sócios, estava Luiz Siegmann, que, mais tarde, se tornaria o administrador e contador da Bromberg em Porto Alegre. “Os grandes credores eram os bancos holandeses e basicamente obrigaram a abrir o capital da firma para sociedade anônima sendo eles os banqueiros, os sócios. Meus avôs foram proibidos de agir dentro da empresa” (BROMBERG, 2018).

Além dos bancos e de Siegmann, outro credor/sócio é citado em carta por Arthur Bromberg (1959):

As reservas foram incluídas, cerca de 100% do capital, que passou para os credores. Rodolfo Schäfer da União de Ferros é hoje uma das pessoas mais ricas aqui, o principal acionista de vários grandes bancos, e uma das pessoas mais tributadas. Siegmann, atualmente, também possui acima de 100 milhões, mais de 70% das ações de um capital de 130 milhões e uma série de casas. Ambos eram nossos aprendizes no início do século.

A questão é que a mudança no cenário econômico internacional, resultante do incidente com a Bolsa de Valores nos Estados Unidos em 1929, inviabilizou os negócios de importação, que era o “carro-chefe” da Bromberg & Cia. no Brasil desde o século XIX:

A verdade é que o tempo dessas grandes importadoras estava terminando, porque com a navegação mais organizada, com os correios organizados se tornou bem mais fácil para qualquer cidadão que tivesse interesse em viajar pela Europa; Alemanha, Holanda, Inglaterra ou outro país, e organizar os negócios financiados por banqueiros de lá diretamente, em vez de depender de importadores. E isso que foi basicamente o que aconteceu e que selou esse esquema de negócio. E aí que nenhuma dessas firmas antigas conseguiu se reorganizar ou se adaptar nos tempos modernos. Eu trabalhei na Alemanha e se importava muito pouca coisa. Maquinário de indústria praticamente se tornou impossível porque os industrialistas já tinham formado capital, e eles faziam isso por conta própria. E, para outras empresas, tornou-se muito caro, por causa da legislação que exigia o pagamento do ágio. E o pequeno comércio de ferragens que tinha muita força também desapareceu da importação e começou a negociar com material fabricado no país. Então desapareceu a importância do grande importador. Não foi só a mudança de pensamento do Luiz Siegmann que levou a firma a fechar. Com o tempo ela teria que mudar de negócio. Teria que se industrializar, se introduzir em grandes plantações para sobreviver. Mas essa filosofia não houve (BROMBERG, 2018).

O “crash” da bolsa de Nova York ocorrido em outubro de 1929 teve suas origens na expansão do crédito feita pelo Federal Reserve em concerto com o sistema bancário de reservas fracionárias ao longo de toda a década de 1920. Tal expansão gerou um “boom” sem precedentes no mercado de ações, levando a uma euforia especulativa generalizada. Quando a expansão do crédito foi interrompida em decorrência de pressões inflacionárias, a euforia foi abruptamente interrompida, e deu-se início ao processo de correção. A Grande Depressão iniciou com quebras (daí o nome “crash”, em inglês) bancárias que ocorreram porque o FED - Federal Reserve Bank, Banco Central dos Estados Unidos parou repentinamente de expandir a oferta monetária.

Os bancos, os quais praticavam reservas fracionárias, começaram a restringir empréstimos e a pedir a quitação de dívidas pendentes. As pessoas imediatamente correram

para sacar seu dinheiro que estavam nos bancos. A consequência foi uma série de falências bancárias. Essas falências, por sua vez, geraram uma forte contração na oferta monetária, conseqüentemente, uma recessão. Tal recessão não precisaria durar mais de um ano, caso o governo americano permitisse ampla liberdade de preços e salários, de modo que estes se adequassem à nova realidade da oferta monetária. Porém, o governo fez exatamente o contrário, ou seja, implementou políticas de controle de preços e de salários, aumento de tarifas de importação, impostos, gastos, déficit, estimulando uma arregimentação sindical de modo a impedir que as empresas baixassem seus preços.

A crise de 1929 acelerou um processo que já vinha em andamento desde a Grande Guerra. O Brasil, com seu modelo econômico vigente, que era valorizar um só produto, o café, já dava sinais de esgotamento e com perda progressiva da capacidade de retenção interna do excedente econômico. Na realidade, a crise de 1929 teve início no Brasil no final de 1920, resultado, portanto, de uma economia primária exportadora dependente do preço do seu produto básico.

Apesar da crise que se instalou, salienta-se que os anos 1920 são importantes do ponto de vista da história política e cultural brasileira. É um período de transição política e de grande efervescência cultural, pois nesse período acontecem, no Brasil, a Semana de Arte Moderna, o Tenentismo, a criação do Partido Comunista e as comemorações do centenário da Independência do País. Mas, ainda assim, vivia-se o terror na economia, pois os preços do café, que vinham subindo em larga escala, após o fim da I Guerra, pararam de aumentar no ano de 1920. Esse acontecimento ocasionou efeitos desastrosos às finanças, pois, aliado à variação dos preços internacionais, à desvalorização da moeda nacional e ao desemprego, a crise econômica tomou proporções gigantes. A crise de 1921/1922 não apresentou o efeito em cadeia, como o ocorrido com a de 1929, pois foi uma crise rápida, mas que gerou sérios transtornos aos negócios vigentes. Encolheu a economia e decretou o fim do modelo baseado na exportação do café. As atividades de importação foram as mais afetadas.

Para o Brasil, os efeitos do colapso do preço do café são duríssimos. Primeiro, há uma enorme desvalorização cambial, que chega a valores nunca vistos na história da República. As importações caem, e isso afeta as receitas públicas, para as quais eram importantes as tarifas alfandegárias. O nível de atividades se reduz, e isso é grave num país cuja estrutura tributária era baseada em impostos indiretos. A receita do governo diminui, de um lado, em consequência da queda no volume das transações, e, de outro, em virtude da depreciação rápida do câmbio, que encarece os produtos estrangeiros e tem um efeito perverso sobre a inflação (FRITSCH, 1993, p. 6).

Diante desse quadro, as demais economias regionais, a partir dos anos 1920, também se encontravam prejudicadas em seu desenvolvimento. E esse foi o caso do Rio Grande do Sul. A depressão econômica afetou diretamente o comércio exterior. A significativa queda das exportações do café levou à diminuição do capital estrangeiro no país. Sendo assim, “a depressão mundial de 1929-1933 veio, pois, a encontrar a economia brasileira já em crise e em fase de rearticulação política dos grupos dominantes da sociedade” (PESAVENTO, 1985, p. 73).

Essa reorganização dos grupos políticos de que trata Pesavento refere-se à Revolução de 1930⁶⁰, movimento armado cujo objetivo era o de derrubar o governo de Washington Luís, impedir a posse de Júlio Prestes, eleito presidente da República, fazendo com que Getúlio Vargas assumisse o comando da Nação. A revolução inaugurou para a história brasileira um período no qual, por cerca de quase duas décadas, o país vivenciou uma importante fase de transição.

Esgotadas as possibilidades de um padrão de desenvolvimento capitalista baseado na agroexportação, o Brasil transitou para um novo padrão de acumulação baseado na indústria. Para tentar enfrentar a crise, Vargas implantou um controle de câmbio desvalorizando a moeda nacional e elevando as tarifas aos produtos importados. Assim, o Brasil diminuiu consideravelmente o volume de bens trazidos de fora, ocasionando dificuldades para as firmas importadoras.

Essa determinação do governo de Getúlio afetou diretamente os negócios da Bromberg, uma vez que o “carro chefe” desses gestores era a atividade de importação. As desvalorizações da moeda nacional, portanto, elevaram o valor dos produtos manufaturados estrangeiros, entre eles os comercializados pelas firmas alemãs, o que permitiu, na época, certa proteção para as indústrias brasileiras. Segundo relata Walther, essa proteção, de fato, ocorreu ocasionada por:

⁶⁰ Segundo alguns autores, foi em uma chácara de propriedade de Oswaldo Aranha, situada no bairro Tristeza, Zona Sul de Porto Alegre, que o movimento de 1930, após muitas articulações, concretizou-se, tornando-se vitorioso em outubro do mesmo ano. A ideia de que a antiga chácara tenha servido de base ao grupo revolucionário foi analisada no artigo apresentado no XI Congresso Internacional de Estudos Ibero-Americanos/CEIA na PUCRS no período de 17 a 19 de outubro de 2017 (MACHADO, 2017).

Motivos políticos e motivos cambiais porque as firmas que importavam maquinário, de qualquer tipo, e outros produtos, tiveram que pagar um ágio, praticamente teriam que adiantar o valor da importação em dinheiro para o governo federal. Claro que com isso a importação ficou proibida porque elevava bastante o preço. E também o afastamento de todas as firmas tradicionais no mercado como era a Bromberg. Mais tarde surgiu as firmas H.Theo Möller, as ferragens e outras mais que tiveram que encerrar as importações e foram definhando. O fim das firmas Bromberg basicamente dependeu disso (BROMBERG, 2018).

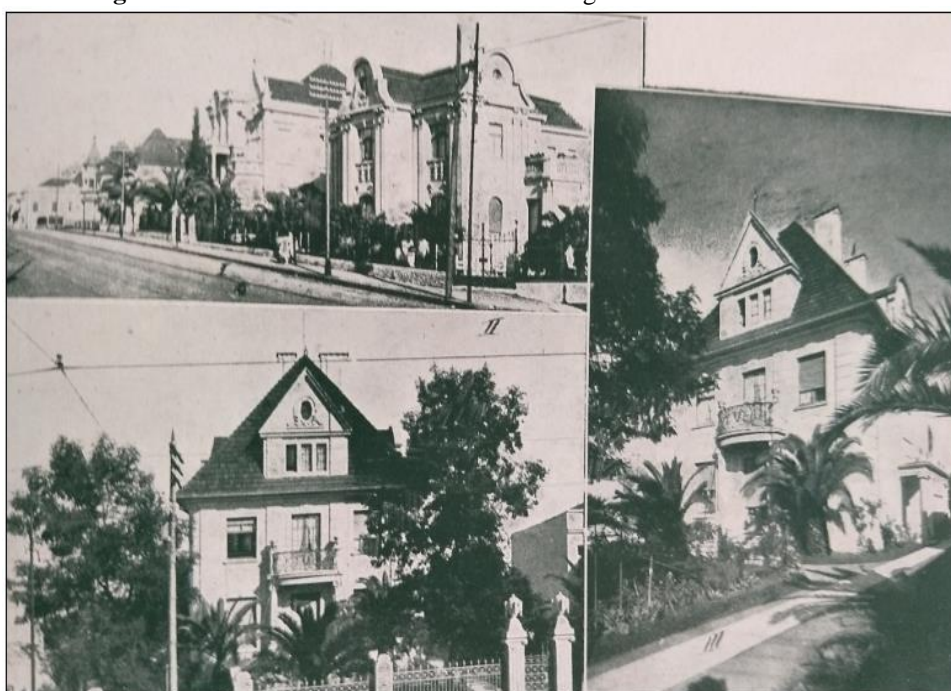
As medidas do governo neste período de crise foram de intensificar as atividades de exportações, diminuindo as de importação, cujo objetivo era o de aumentar as divisas em vias de recuperação da economia. Observa-se, desta forma, que as medidas adotadas pelo Brasil para manter o equilíbrio cambial afetado com a crise mundial, vai ocasionar uma reorientação da economia brasileira sustentada por um modelo capitalista industrial. O governo passou a incentivar quem investisse em indústrias no país. Assim, a decadência das firmas Bromberg & Cia. esteve associada a esse novo reordenamento capitalista do governo brasileiro, o qual priorizava o comércio de exportações. A explicação do que aconteceu com as empresas nesse momento de crise está no trecho da carta de Robert Bromberg:

Em 1920 a firma operava a todo vapor, quando houve a crise econômica mundial, que durou até 1932. A real decadência da Bromberg iniciou-se em 1930, durante a Revolução no Brasil, com a queda de 50% do valor da moeda nacional, o mil reis, de um dia para outro. Com isso, as "Casas Brasileiras" ficaram devendo á Matriz em Hamburgo o dobro do valor do dia anterior. Para o comércio, naquela época, "Compromisso é Compromisso" e as dívidas deveriam ser pagas. Para os credores estrangeiros pouco importava como o Brasil dispusesse de seu dinheiro e insistiam em receber em Libra Esterlina, Marco, Franco, Dollar, o que, por direito, lhes cabia. Depois deste choque, o mil reis desvalorizava cada vez mais. Com um débito de 100%, a firma se tornou inadimplente, e os bancos exigiram a divisão das firmas filiais em grupos. 1. Buenos Aires e Argentina. 2. Rio Grande do Sul. 3. São Paulo. Mais o fechamento das outras casas. Ainda assim, queriam mais do que isso: exigiram a entrega de todos os bens pessoais dos 6 irmãos, filhos do velho Martin Bromberg. Além disso, eles foram obrigados a pedir demissão dos cargos de chefia da firma. O grupo Porto Alegre, Pelotas e Rio Grande mudou seu regime para uma Sociedade Anônima. Isto somente foi possível, com a ajuda do Interventor Flores da Cunha, que assinou, em nome do Estado do Rio Grande do Sul, metade do capital das ações. Credores, depositários, altos funcionários, amigos da família, etc, também ajudaram. Foi assinado um convênio com os bancos, pelo qual a "Bromberg Sociedade Anônima" (B.S.A.) se obrigou a pagar as dívidas, no prazo de 3 anos, o que ocorreu, sem problemas. Havia uma cláusula nos estatutos, atestando o direito de compra das ações de 1932, da B.S.A. Houve desentendimentos entre os compradores, desistência e falecimentos na diretoria, nova direção, muitas mudanças (BROMBERG, 1989).

Nas palavras de outro descendente, a queda das empresas foi progressiva, obrigando a família a se desfazer de bens (especialmente imóveis) adquiridos nos tempos

áureos dos negócios. Waldemar e Arthur providenciaram a venda de suas propriedades para quitar dívidas: “O declínio veio aos poucos, principalmente depois da crise mundial em 1929. O Waldemar perdeu a casa grande da Rua Mostardeiro, para pagar dívidas da firma. Em 1933 ou 1934, mudou-se, definitivamente, para a antiga casa de veraneio situada na zona sul da cidade” (BROMBERG, 2018). Na figura 59 vários ângulos da fina residência da família Bromberg localizada na Rua Mostadeiros, em um instantâneo fotográfico da Revista Forças Econômicas:

Figura 59: Residência de Waldemar Bromberg na Rua Mostardeiro/1920.



Fonte: BLANCATO V. Forças Econômicas do Estado do Rio Grande do Sul. s/p.

Importante salientar que os moradores dessa rua e de suas vizinhanças eram famílias com alto poder aquisitivo, na sua maioria, comerciantes, industriais, banqueiros, etc. Salientando ainda que Waldemar Bromberg era vizinho da Villa Christofel, a fina moradia de Alberto Bins. Para Pesavento, as regiões “nobres” da cidade se valorizavam à medida que eram ocupadas por essa classe mais privilegiada:

A organização do espaço urbano oferecia à burguesia emergente novas oportunidades de investimento de capitais. Os terrenos se valorizavam, particularmente naquelas que eram consideradas as zonas nobres da cidade, onde as elites, de preferência, fixavam suas residências: Rua Duque de Caxias e Avenida Independência. Mas não só de palacetes de feição aristocrata habitados por burgueses que a cidade crescia: fábricas, armazéns, oficinas, prédios públicos se erguiam para o desempenho de diferentes funções e para corresponderem às

necessidades de uma cidade em expansão. Em 1893, haviam sido concedidas licenças para a construção de 300 casas térreas, 10 trapiches, 2 oficinas, 5 fábricas e 18 armazéns (PESAVENTO, 1990, p. 35).

Na fala do depoente, reforça-se a ideia da venda do patrimônio da família para saldar dívidas: “Restou apenas a casa na Pedra Redonda, onde meu avô Waldemar passou a morar com a família. Meu avô Arthur passou a morar em casa alugada. A verdade é que meus avós dentro de poucos anos, três anos, saldaram todas as dívidas vendendo patrimônio particular” (BROMBERG, 2018). Nota-se, desta forma, a preocupação dos irmãos, filhos de Martin, em saldar as dívidas contraídas a partir da crise.

A seguir, a mudança de endereço após a quebra da empresa e as sociabilidades da família Bromberg na Zona Sul de Porto Alegre.

4.4 A MUDANÇA DEFINITIVA DE ENDEREÇO E AS SOCIABILIDADES DA FAMÍLIA BROMBERG À BEIRA DO GUAÍBA⁶¹

Conforme já citado, entre as medidas de contenção de despesas, uma delas forçou Waldemar Bromberg a residir, definitivamente, na zona sul de Porto Alegre: a venda da fina moradia da Mostardeiro. A partir daí, os momentos de lazer e de descanso vividos na antiga chácara foram uma constante até o final de sua vida. O sustento da família foi conseguido a partir da venda das propriedades, conforme relembra Walther (BROMBERG, 2018):

Artur e Waldemar desfizeram-se de suas propriedades, pagando, integralmente as dívidas no prazo de três anos, a contar da falência. Desfizeram-se de suas residências, entre elas, a situada à Rua Mostardeiro. Waldemar e família mudaram-se para a casa na Pedra Redonda, que até então era usada como casa de veraneio e fins de semana. Empregados foram demitidos e as despesas diminuídas ao máximo. Esta casa foi construída em terreno que coube à minha avó, na partilha dos bens de seu pai Charles E. Booth. Criação de galinhas e patos, e uma floricultura ajudaram no sustento, em grande parte auxiliado por meu pai. Artur e esposa mudaram-se para uma casa alugada, mais tarde para um apartamento comprado por seu filho Edgar, que também passou a pagar os serviços necessários, e junto com meu pai, as demais

⁶¹ A pesquisa não conseguiu recuperar dados sobre os quatro cinco filhos de Martin (Arthur, Bartolomeu, Fernando, Erwin e Otto) após a quebra das firmas no Brasil e no exterior. Apenas a trajetória de Waldemar foi contemplada na presente investigação. Este capítulo é um panorama das vivências de Waldemar Bromberg, o diretor da Casa de Porto Alegre, e sua família na Zona Sul de Porto Alegre. Parte dessa pesquisa está descrita na dissertação de mestrado da autora defendida na PUCRS (MACHADO, 2014).

despesas necessárias ao sustento. Em 1934, Bartolomeu conseguiu do governo alemão uma indenização por conta de prejuízos de empresa alemã no exterior, em decorrência da primeira Grande Guerra. Não sei se Artur e Waldemar foram contemplados com alguma parte desta indenização, mas é possível que sim.

Editada e impressa na Inglaterra, a obra “Impressões do Brasil no Século Vinte” (WRIGHT, 1913) faz referência às terras adquiridas em Porto Alegre por Waldemar Bromberg, um dos filhos de Martin: “Waldemar nasceu em Hamburgo, onde foi educado e adquiriu prática comercial. Na idade de 21 anos, veio para Porto Alegre assumir as lojas Bromberg, da qual, quatro anos depois, se tornava sócio. É dono de valiosas propriedades em Porto Alegre” (WRIGHT, 1913, p. 824). As valiosas terras de que fala a obra refere-se, entre outras, à chácara de veraneio da família localizada no balneário da Pedra Redonda, antigo arrabalde da Tristeza.

Conforme já citado, em torno de 1900, Waldemar se casou com Dorothy Booth, imigrante de origem inglesa, cuja família já residia na zona sul de Porto Alegre. Era comum, naqueles tempos, as famílias estrangeiras frequentarem os mesmos locais de sociabilidade, como os clubes, as festas e, no verão, a beira do rio. E foi isso que aconteceu com os Booth e os Bromberg, conforme relato:

Ainda, no século 19, as colônias alemã e inglesa em Porto Alegre se davam muito bem, o que fez a 'alemoada' frequentar a residência dos Booth nos fins de semana. Assim, Waldemar Bromberg conheceu Dorothy Booth, uma das filhas de Charles Edward Booth, com quem se casou e teve cinco filhos. Waldemar deve ter recebido ou comprado do sogro o terreno onde instalou sua casa de veraneio por volta de 1904, terreno que começava a uns quatro metros do living da casa onde eu me criei e terminava na divisa com o que hoje é a AABB. Nosso avô morava inicialmente numa casa de madeira, grande, depois foi para a casa de alvenaria que mais tarde foi vendida para Luiz Siegmann (BRUGGER, 2018).

A figura 60 mostra integrantes das duas famílias em momento de passeio, na orla do Guaíba, no início do século XX:

Figura 60: Booth e Bromberg na praia particular da família/1920



Fonte: Acervo da Família Bromberg.

A chácara de veraneio de Waldemar Bromberg ficava à beira do lago, possuindo, inclusive, guarda-barcos e atracadouro próprio, o que facilitava a prática de esportes no Guaíba. Para Lilian, neta de Waldemar, os descendentes de alemães buscavam o sol e os prazeres do rio: “Meu avô velejava, remava e pescava. E o rio era um convite para um banho imediato. Não se pensava duas vezes” (BROMBERG, 2013).

A ampla moradia (fig. 61) priorizava espaço e conforto. A bonita cobertura do telhado protegia do forte calor nos meses mais tórridos, proporcionando, assim, bem-estar aos frequentadores da propriedade. O avarandado, típico de casas de veraneio, servia para melhor acomodar a família e os convidados. Sendo o atrativo maior, as águas limpas do Guaíba, a escada de poucos degraus levava até a praia – um convite ao banho refrescante. A chácara também possuía jardins bem ornamentados, árvores centenárias e um piso de grama bem ao estilo alemão (MACHADO, 2013, p. 4).

Figura 61: Casa de veraneio de Waldemar Bromberg/1906



Fonte: Acervo da Família Bromberg.

Lilian relembra ainda como a família de Waldemar usufruía de confortos da orla sul nos tempos áureos da Bromberg & Cia., pois somente os grupos com mais posses possuíam uma charrete ou um automóvel com chofer para buscar no final da linha do trem: “A família tinha uma charrete que buscava no final da linha do trem na Tristeza no início do século. Antes da charrete era a carroça que fazia a conexão com o trem e a chácara” (BROMBERG, 2013).

Fato é que a proximidade da Zona Sul com o centro da cidade e a dificuldade que era viajar até o litoral gaúcho levou esses grupos a preferirem as praias do Guaíba, mais próximas, com águas limpas e igualmente prazerosas. As longas distâncias e a precariedade das estradas e dos automóveis dificultavam o veraneio no litoral gaúcho. Para se chegar aos balneários de Torres ou Tramandaí, os mais conhecidos, era preciso, pelo menos, um dia de viagem, atravessando lagoas, matos e enfrentando dificuldades diversas. E isso acabou ocasionando a criação de espaços públicos e privados na orla do Guaíba, locais destinados ao recreio e ao bem-estar das famílias.

A figura 62 deixa ver a família à beira do lago Guaíba em momento de lazer. Na foto é possível identificar Waldemar (de costas e vestindo camisa clara) acompanhado dos filhos que estão em trajes de banho.

Figura 62: Waldemar e filhos na praia da Pedra Redonda/1929



Fonte: Acervo da Família Bromberg.

Entre as famílias que buscavam lazer a beira do Guaíba, estavam aquelas oriundas de imigrantes alemães, os quais também faziam parte de grupos de grandes comerciantes, industriais e políticos importantes de Porto Alegre. Desta forma, a ascensão social dessas famílias, aliada às novas práticas de lazer, permitiu, ao longo dos anos, não só o uso de férias em lugares aprazíveis como a Zona Sul, mas também o sonho de uma confortável casa de veraneio, um espaço de sociabilidade. Os grupos buscavam recreação proporcionada pelo lago e pela região, como andar a cavalo, caçar, pescar, velejar, fazer picnics e tomar banhos no lago. Em virtude disso, desenvolveu-se, paulatinamente, a socialização, como hábito inerente dessas famílias e do convívio entre elas.

Os encontros de famílias também serviam para compor as relações sociais e de negócios. Muitos casamentos foram “arranjados” nesses espaços de lazer. Alguns balneários funcionaram como espaços de elitização, pois seus ocupantes faziam parte de uma classe privilegiada da sociedade da época. Sobrenomes conhecidos de Porto Alegre como Bier, Bercht, Mentz, Dreher, Bromberg, Bins, Ely, Niemeyer, Ritter, entre outros, são lembrados, na região, por suas magníficas chácaras de verão à beira do Guaíba.

A imagem a seguir (fig. 63) registra mais um encontro entre as duas famílias: os Booth e os Bromberg (Waldemar está sentado com o filho no colo). O momento, congelado no tempo, deixa ver um possível evento de confraternização entre os integrantes das famílias. Pois não era raro acontecerem festas ao ar livre, os chamados “*garden parties*”. O cuidado com o guarda-roupa, tanto masculino quanto feminino, remete ao requinte da “*Belle Époque*”, típico daquele período de transição.

Figura 63: Famílias Booth e Bromberg na chácara da Zona Sul/1910



Fonte: Acervo da Família Bromberg.

No Brasil, o advento da modernidade vai proporcionar uma mudança nos costumes de uma classe ascendente. Para Nicolau Sevcenko (1998), os grupos buscam, a partir do início do século XX, uma estação de cura e recreio. Pensando na saúde, os novos hábitos acabam se tornando impulsionadores do turismo, fortalecido pelo governo. Nos anos 1930, Vargas institui o direito geral ao repouso anual. Desta forma, todos aqueles que tinham posses poderiam usufruir de um tempo maior de lazer:

A ideia era partir para algum lugar distante, onde se pudesse escapar do controle dos familiares, dos vizinhos, das hierarquias profissionais, dos papéis sociais e das reservas de conduta. Era o início da vocação balneária, fazendo das praias o foco principal do lazer e uma extensão natural dos quintais e das salas (SEVCENKO, 1998, p. 571).

Assim eram as residências que possuíam praia particular na zona sul de Porto Alegre, pois as águas do Guaíba chegavam aos quintais dos fundos das famílias mais prósperas da cidade. Com o passar do tempo, muitas famílias que faziam o seu veraneio na região passaram a residir por lá também. Algumas famílias por questões financeiras, como é o caso da Bromberg, outras apenas para fugir da poluição e do barulho do centro de Porto Alegre. Segundo memórias da neta de Waldemar Bromberg:

Waldemar, Dorothy e família passaram a residir o ano todo na zona sul. Eles tinham cavalos para os passeios com picknic de domingo até a Vila Nova e um galinheiro para consumo próprio. Não sei de nenhuma "produção" por lá. Na área incorporada pelo meu pai foi construída uma quadra de tênis e o resto foi ajardinado com grama, árvores e arbustos. A ex-cocheira/residência/garagem foi modificada. Convívio com vizinhos não era intenso, mas conheciam-se todos: os Becker, os Cooper, Stewart, Schmitz, Moeller, Wollheim, Bier, Siegmann, Siegert, Volkmann, Gutzeit, Dreher, Fayet (BRUGGER, 2013).

É fato que algumas famílias alteraram seus hábitos devido às falências e quebras de suas empresas. Alguns sobrenomes citados compõem esse grupo de famílias, as quais perderam suas fortunas ao longo dos anos. Isso não foi diferente com os descendentes de Martin Bromberg. A perda do poder aquisitivo levou os grupos a novos posicionamentos na sociedade. As falências foram, invariavelmente, resultado das crises políticas e econômicas, experimentadas pelo Brasil durante a primeira metade do século XX.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Com a enorme quantidade de produtos exportados a firma propagou a fama das indústrias e profissões alemãs pelo mundo afora e tornou notável o seu nome não só na pátria Alemanha como também nos países estrangeiros. Desde a sua fundação a firma Bromberg & Co. tem exportado centenas de milhões de marcos em mercadorias alemãs, dando assim ocasião ao grande número de seus empregados e trabalhadores de ganharem sua vida e mitigando-lhes, também nas épocas mais críticas, a cruel luta pelo pão quotidiano. Hoje em dia a firma Bromberg & Co. ocupa com suas filiais sul-americanas uma posição eminente no território da exportação de artigos técnicos para o Brasil e a Argentina. Não haverá talvez outra firma que neste ramo de negócio possa apresentar cifras tão colossais de exportação para tais países. E que ella continue sempre a manter-se no auge da sua capacidade (BROMBERG & Co., 1913, p. 236).

A partir do final do século XIX, observa-se, no cenário de Porto Alegre, o protagonismo dos teuto-brasileiros nas atividades comerciais e industriais. Verifica-se, especialmente, a existência de grupos que passaram a dirigir de modo mais ou menos exclusivo a totalidade do alto comércio da cidade. Salienta-se, ainda, que a extensão desses bem-sucedidos negócios chegou até algumas cidades do interior do estado, entre elas, Pelotas e Rio Grande, esta última beneficiada pela existência de um porto. A consequência disso foi o pioneirismo no processo de industrialização no Rio Grande do Sul, liderado por grupos descendentes de imigrantes, entre eles, os alemães.

A predominância dos importadores germânicos nas atividades comerciais confere com as conclusões de Jean Roche (1969), referência nos estudos sobre o tema imigração alemã. Segundo ele, foram empreendedores, aqueles descendentes de imigrantes que permaneceram mais estreitamente ligados à Alemanha (especialmente à cidade portuária de Hamburgo) e seu comércio com o Brasil. As casas importadoras movimentaram negócios de maior vulto, constituindo-se em uma espécie de oligarquia comercial, sendo a maioria residente na cidade de Porto Alegre.

As atividades iniciais foram, basicamente, de exportação de produtos coloniais (para Porto Alegre convergia toda a produção agrícola das colônias) e de importação de artigos de metalurgia, como ferro, máquinas e ferramentas diversas (que vinham diretamente da Alemanha), um mercado bastante promissor diante da perspectiva do início do processo de industrialização no estado gaúcho. As novas indústrias que surgiam necessitavam de máquinas e outros equipamentos, os quais eram oriundos da Europa onde países como Alemanha e Inglaterra já haviam passado por sua revolução industrial.

Na concepção da historiadora Sandra Pesavento (1985), as máquinas importadas pelas firmas alemãs e a acumulação de capital foram fatores decisivos para o surgimento e o desenvolvimento das primeiras indústrias no Rio Grande do Sul. Havia interesse, naquele momento, do governo brasileiro em iniciar o processo de industrialização. Desta forma, a empresa Bromberg & Cia e seu bem sucedido negócio de importação de máquinas, introduzido no Brasil, no final do século XIX, pelo imigrante Martin Bromberg, atendeu ao anseio dos interesses do governo brasileiro na época. Diante do quadro promissor, os dirigentes do Brasil passaram a favorecer a importação de máquinas, as quais eram direcionadas, inicialmente, para as cervejarias, moinhos, fábricas de madeiras, de tecidos, de papel, serrarias, olarias, entre outros.

Assim, o objetivo central desta pesquisa foi estudar a trajetória de sucesso das Empresas Bromberg & Cia (1860 – 1932), por meio de uma análise histórica, identificando os resultados empreendidos pelas filiais, diante dos desafios gerenciais a elas impostos. Salientando que as razões que levam as firmas a buscarem o crescimento podem ser variadas, a presente pesquisa objetivou, por meio da investigação, descobrir os motivos que impulsionaram o desenvolvimento da Bromberg. É fato que algumas empresas buscam o sucesso ao perceberem boas oportunidades de negócio em um determinado mercado, e, outras, são movidas pelo talento empresarial de seus gestores. A Bromberg, ao longo de seu crescimento, apresentou todas essas características. Importante nesse processo é a existência de uma hierarquia organizacional, a qual impulsiona a profissionalização das filiais, condição necessária para o crescimento da empresa no cenário econômico.

Nos estudos empreendidos na investigação, foi possível inferir que a diversificação dos negócios mostrou-se imprescindível para o sucesso das filiais no Brasil e no exterior. A obra comemorativa aos cinquenta anos da Bromberg & Cia., editada em 1913 na Alemanha, recupera informações detalhadas sobre o empreendimento iniciado a partir da década de 1860 por Martin Bromberg, também conhecido por “*o patricarca dos negócios Bromberg & Cia.*”. Nessa bibliografia foi possível perceber que a empresa investiu também na agricultura (por meio do fornecimento dos locomóveis, insumos e ferramentas), um mercado bastante promissor na segunda metade do século XIX. As filiais, além de importarem máquinas para o campo, ainda comercializaram ferramentas e sementes agrícolas. Salientando ainda que Martin ajudou no processo de imigração ocorrido no Rio Grande do Sul, emprestando maquinário, ferramentas e distribuindo sementes aos colonos recém-chegados. Como

recompensa, Martin Bromberg foi agraciado com a medalha da "Ordem da Rosa" recebida do imperador.

Com o passar dos anos, as inovações empreendidas na zona rural, como o uso de maquinário alemão, fornecido pela empresa, expandiu as culturas do fumo e do arroz em regiões de Santa Cruz do Sul e Cachoeira do Sul, respectivamente, com forte projeção para a exportação desses produtos à Europa e aos Estados Unidos. A pesquisa apurou ainda que as filiais da Bromberg venderam arados para os colonos imigrantes, cujo slogan era “*a arma mais importante da defesa agrícola*”.

A investigação identificou também que a Bromberg possuía um importante departamento de engenharia, constituído por técnicos de diferentes especialidades. Os engenheiros possuíam formação no exterior, fato que valorizava não só os serviços prestados, mas também o nome da empresa. Esse setor de engenharia notabilizou-se pelos serviços prestados, entre eles as instalações de máquinas a vapor e caldeiras; iluminação pública e de fábricas; construção de pontes, estradas, ferrovias e hidrelétricas; instalação de carros, máquinas agrícolas, motores, moinhos, bombas, turbinas e construções navais.

A partir dessa presença forte no mercado, as filiais da Bromberg ganharam notoriedade, não só pelo fornecimento de equipamentos e máquinas industriais, mas também pelo abastecimento de energia elétrica em algumas cidades do interior do estado. Pelas vias férreas, a Bromberg viabilizou importantes caminhos que interligavam cidades e povoados mais distantes, constituindo uma extensa área de atuação dos engenheiros e técnicos da empresa. Os serviços da Bromberg foram reconhecidos também nas obras de viação urbana. Exemplo disso são as linhas de bondes elétricos que circulavam nas capitais brasileiras, no início do século XX. Na área naval, as filiais se especializaram na importação de navios a vapor, a gasolina, rebocadores, chatas, lanchas e iates, impulsionando não só a navegação lacustre no Estado, mas também viagens internacionais.

As filiais da empresa se destacaram igualmente pela modernidade introduzida no Brasil. O advento das máquinas de lavar e de passar roupas, endereçadas, especialmente, às grandes lavanderias, e o uso de elevadores em prédios localizados na região sudeste no Brasil, especialmente São Paulo, chamou a atenção nas exposições das grandes feiras internacionais, local onde a Bromberg & Cia apresentava suas novidades. A participação nessas exposições possibilitou um maior reconhecimento, pois, como expositora, a Bromberg podia apresentar ao público consumidor a qualidade de seu maquinário e a eficiência dos serviços prestados.

Os resultados da pesquisa mostraram que a relação da Casa de Hamburgo com seus fornecedores foi fator preponderante para o aumento significativo dos lucros e o crescimento da empresa. A Bromberg mantinha relações comerciais com diversos fabricantes da Alemanha, entre eles, a Siemens, Lanz, Steinmüller, Hannoversch e Volkswagen. As filiais tinham interesse em manter bons estoques nos depósitos localizados no Brasil e em outras regiões da América, por isso a necessidade de estar sempre em constante comercialização com essas indústrias alemãs.

Importante destacar que a administração da Bromberg se notabilizou pela capacidade empreendedora de seus gestores. Alguns desses importantes diretores pertenciam à própria família, como é o caso dos seis irmãos (Arthur, Bartolomeu, Erwin, Fernando, Otto e Waldemar), filhos de Martin Bromberg. Esses descendentes passavam por formação técnica e acadêmica em universidades europeias. E isso foi decisivo para o crescimento da empresa, uma vez que o conhecimento (*know how*) era importado de grandes centros financeiros e industriais da Europa (Inglaterra e Alemanha). Assim, as filiais da Bromberg & Cia, e seu bem sucedido comércio de importação, proveniente da Alemanha, se expandiu, o que resultou um conglomerado de casas, as quais se notabilizaram nesse mercado.

Além da sede em Porto Alegre, a Bromberg possuía filiais espalhadas pelo interior do Rio Grande do Sul e também em outros estados da federação. No exterior, a empresa montou lojas em duas cidades da Argentina e, ainda, uma loja matriz localizada na cidade de Hamburgo na Alemanha. O que atesta o empreendedorismo dos Bromberg. A partir das memórias de descendentes da família foi possível descobrir outra filial localizada no continente Asiático, mas que não teve o sucesso esperado, fato ignorado pela bibliografia pesquisada.

Os estudos apontaram que a atividade de importação da Bromberg sempre se deu em larga escala, partindo, especialmente, do porto alemão situado na cidade de Hamburgo. Os produtos variavam desde ferragens, ferro bruto, máquinas para as indústrias e para a agricultura, locomóveis, até outros materiais para usos das fabricas e de venda no comércio das grandes cidades. Artigos para decoração dos lares também marcaram o nome “Bromberg”. Em Porto Alegre, a infraestrutura de recepção e distribuição desse maquinário era composta de trapiches, depósitos e armazéns, os quais estavam localizados à beira do Lago Guaíba.

Os estudos sobre a Bromberg & Cia. mostraram também que estes empreendedores tiveram suas origens no processo de imigração alemã, fato ocorrido no estado a partir da primeira metade do século XX. Eram filhos de alemães, identificados como “teuto-brasileiros”, grupos que já possuíam o conhecimento e as técnicas comerciais, bem como capital para investir no Brasil. Desta forma, o conhecimento e o espírito de empreender, somado ao capital que detinham, foram os principais pilares que os empurraram para frente. Esses “homens de negócio” transformaram-se em empresários, não só no Rio Grande do Sul, mas também fora do estado, exercendo atividades como direção de grandes empresas, e, ainda, mantendo relações comerciais fortes com algumas cidades alemãs (caso dos filhos de Martin).

Observou-se, contudo, que, embora apareçam nomes nacionais entre os fundadores de empresas importantes no contexto do estado nesta época, justamente as que tiveram maior destaque no parque industrial gaúcho foram constituídas a partir de elementos de origem imigrante, especialmente, de uma classe em ascensão na cidade de Porto Alegre, neste período. Permanecendo, desta forma, a vinculação com o processo de imigração e colonização como decisiva para a origem do capital industrial.

A investigação constatou que as relações com a Alemanha estreitaram-se a partir do final do século XIX, quando surgiram as atividades de importação da Bromberg & Cia. Em pouco tempo, a cidade de Hamburgo se transformou em um importante fornecedor para o Brasil, país que pensava o seu processo de industrialização. A trajetória de sucesso de alguns desses empreendedores também foi contemplada na presente investigação. Os seis filhos do imigrante (já citado), tornaram-se protagonistas nos negócios, visto que eles foram diretores das filiais implantadas pelo país, bem como da matriz localizada na cidade de Hamburgo.

A característica marcante do empreendimento apontado na pesquisa revelou-se na análise de Pesavento (1985), ao afirmar que poucas empresas cresceram neste período, apenas as que já nasceram grandes ou as que foram incorporando capital pela entrada de novos sócios. E isso se verificou, especialmente, com a Importadora da Bromberg, empresa que surgiu a partir de um processo de concentração empresarial e a entrada gradativa de novos sócios (ver cronologia da Bromberg & Cia nos ANEXOS). A firma alemã soube incorporar capital, adquirir tecnologia de ponta e diversificar o negócio, tornando-se, ao longo dos anos, líder no mercado gaúcho e brasileiro.

A Bromberg, com certeza, contribuiu por meio de suas filiais, para o desenvolvimento de diferentes regiões do estado e do país. De acordo com os estudos realizados, pôde-se perceber que a expansão das filiais no mercado brasileiro e no exterior esteve relacionada, portanto, ao empreendedorismo dos gestores e à capacidade de avaliar as mudanças que ocorreram no mercado ao longo dos anos. Os serviços empreendedores, imprescindíveis para o crescimento da empresa, foram constatados em todas as fases da história da Bromberg, exceto no período posterior à quebra da Bolsa de Valores de Nova Iorque (1929), quando a grande depressão econômica afetou diretamente o comércio exterior, culminando com a falência das filiais da Bromberg.

Encerrada de forma abrupta pela crise de 1929, a qual atingiu a economia de diversos países no mundo, a gestão da Bromberg & Cia, não conseguiu retornar ao mercado. No Brasil, a recessão provocada pela depressão gerou efeitos, entre eles, o fechamento de milhares de estabelecimentos comerciais e industriais e a demissão de trabalhadores. Segundo informações disponibilizadas pelos depoentes, a Bromberg quebrou em decorrência da queda de 50% do valor da moeda nacional, o chamado “mil reis”, o que fez as filiais brasileiras ficarem em débito com a casa matriz localizada em Hamburgo. A questão é que os credores estrangeiros insistiram em receber em outra moeda, como a libra, o marco ou o dólar. Situação bastante grave diante da desvalorização da moeda brasileira na época. Assim, a Bromberg adquiriu uma dívida de grandes proporções, tornando-se inadimplente com alguns clientes. A partir daí, os bancos estrangeiros forçaram a família Bromberg a entregar os bens pessoais para ajudar no pagamento da dívida. Além disso, os irmãos Bromberg foram obrigados a pedir demissão dos cargos de chefia das filiais.

Em 1932, após uma reengenharia e com novos sócios, a antiga firma passou a se chamar Bromberg Sociedade Anônima, Importadora, Comercial e Técnica. Um novo reordenamento empresarial da Bromberg era mostrado ao mercado, sem a presença da família, a qual durante anos foi a responsável pelo sucesso do negócio. Endividada, a empresa teve os contratos de falência e a reorganização do negócio conduzido por Luiz Siegmann, então procurador da firma, atendendo exigências dos banqueiros credores europeus, entre eles o Banco da Holanda.

Apesar do fim trágico, ficaram as memórias dos descendentes e o exemplo de determinação, ética e gestão de Martin Bromberg. Foi ele, com seu espírito empreendedor, seu conhecimento e sua visão de mundo, o responsável pelo lançamento no Brasil de uma

casa comercial, ainda no século XIX, a qual, surgindo de condições acanhadas, atingiu, com o passar dos anos, um grau de desenvolvimento notável, transformando-se em um conglomerado com influência na economia do Rio Grande do Sul e do Brasil. Permeada por uma história de empreendedorismo, a qual remonta aos primeiros negócios em Hamburgo na Alemanha, a empresa foi o resultado de uma gestão de descendentes de imigrantes alemães, sediada em Porto Alegre. Ao longo de seus mais de setenta anos de existência, as firmas empreenderam no Brasil e no exterior uma jornada de sucesso marcada pelo trabalho sério e ordeiro de seus gestores.

Assim, tentou-se desvelar a história de empreendedorismo de uma das maiores importadoras de maquinário alemão para a América do Sul. Objetivando, portanto, a escrita de um trabalho acadêmico, a pesquisa frutificou, resultando não só em uma extensa documentação privada, mas também em importantes depoimentos de descendentes da família Bromberg. Com os resultados obtidos ao longo dos anos em que durou a investigação, fica a certeza do legado dessa parte da história às gerações futuras. Espera-se que a partir da presente pesquisa possam surgir outras problemáticas envolvendo esta ou outras empresas que foram importantes no cenário gaúcho e brasileiro. Pesquisas estas que instiguem outros pesquisadores a debruçarem-se nos acervos possibilitando descobertas futuras, as quais tragam novos conhecimentos à história empresarial, econômica, social e cultural do Brasil.

REFERÊNCIAS

ACERVO BENNO MENTZ. Instituto Delfos - Espaço de Documentação e Memória Cultural. PUCRS. Disponível em: <http://www.pucrs.br/delfos/>. Acesso em: 12 abr. 2019.

ACERVO da Família Bromberg.

ALBERTI, Verena. Ouvir Contar: Textos em História Oral. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2004.

ALENCANTRO, Luiz Felipe; RENAUX, Maria Luiza. Caras e modos dos migrantes e imigrantes. *In: História da vida privada no Brasil. São Paulo: Companhia das Letras, 1997. v. 2. p. 291-335.*

ALMANACK DO COMMERCIO – Rio Grande do Sul, 1920. Edição de revista de Indústria e Comercio: O Progresso. Livraria do Globo. Porto Alegre.

AMADO, Janaína. Contribuição ao estudo da imigração alemã no Rio Grande do Sul: São Leopoldo, 1824-1874. *Ciência e Cultura, São Paulo, vol. 29, n. 7, p. 735-770, 1977.*

AXT, Gunter & BUENO. Eduardo. A. J. Renner (1884-1966): Capitão de Indústrias. Porto Alegre: Paiol, 2013, s/p.

BAKOS, Margaret M. Porto Alegre e seus eternos intendentos. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2013.

BEISER, Ana Cristina Pires. Frederico Augusto Ritter: De Cervejeiro a Doceiro. EDIPUCRS. Porto Alegre. 2009.

BITTENCOURT, Icaro. Padrões e mutualismo operário em Cachoeira na passagem entre os séculos XIX e XX: o caso das sociedades beneficentes liga operária internacional Cachoeirense e união operária 1º de Maio. Dissertação de Mestrado em História/UFRGS. Orientadora: Silvia R. Ferraz Petersen. Porto Alegre, 2011.

BLANCATO, V. As forças econômicas do Estado do Rio Grande do Sul no 1º Centenário da Independência do Brasil. Porto Alegre. Oficinas Graphics da Livraria do Globo. Barcellos Bertaso & C., 1923, s/p.

BOLETIM TECNICO da Secretaria de Estado das Obras Publicas. Acervo DELFOS/PUCRS. 1912.

BONOW, Stefan C. A desconfiança sobre os indivíduos de origem germânica em Porto Alegre durante a Primeira Guerra Mundial: cidadãos leais ou retovados? Tese (Doutorado em História) – Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2011.

BONOW, Stefan C. As Listas Negras e a Grande Guerra: Repercussões sobre Capital e Trabalho Germânicos em Porto Alegre. *Revista Mundos do Trabalho*, v. 2, n. 4, agosto-dezembro de 2010, p. 280-304.

BOSENBECKER, Patrícia. Três gerações de empreendedorismo: capital e laços sociais entre Brasil e Alemanha a partir do estudo de caso da família Rheingantz. Tese (Doutorado em Sociologia) – Universidade Federal do Rio Grandedo Sul, Porto Alegre, 2017.

BOSI, Ecléa. Memória e sociedade. Lembranças dos velhos. São Paulo: Companhia das Letras, 1994.

BRASIL. Decreto de Lei N. 13.235 de 16 de outubro de 1918. Assinado pelo Presidente do Brasil Wenceslau Braz P. Gomes. Disponível em: <http://legis.senado.gov.br/legislacao/ListaTextoSigen.action?norma=424801&id=14427357&idBinario=15808326&mime=application/rtf> . Acesso em: 15 de jun. 2018.

BROMBERG, Arthur. Carta escrita em 04 de novembro de 1959. Acervo da Família Bromberg, s/p.

BROMBERG & Co., Hamburgo. Retrospecto 1863 – 1913. Álbum Comemorativo aos 50 anos das casas Bromberg. E Bromberg & Cia. Porto Alegre, 1913.

BROMBERG, Robert. Carta. 01/09/1989. Acervo de Rita Bromberg.

BUENO, E.; TAITELBAUM, P. Indústria de Ponta. Uma história da industrialização do Rio Grande do Sul. Porto Alegre: Buenas Ideias, 2009.

BOHUSCH, Renato. Há um século no Correio do Povo. Vapor América. Correio do Povo, Porto Alegre, 16 jul. 2008. s/p.

BURKE, Peter (Org.). A escrita da história: novas perspectivas. Tradução de Magda Lopes. São Paulo: UNESP, 1992.

CASTRO, Armando Barros. Observações sobre a indústria brasileira de alimentos. *Revista de Administração de Empresas*, São Paulo, v. 17, n. 6, Nov./Dec. 1977. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0034-75901977000600005 . Acesso em: 16 jun. 2019.

CLUBE CAIXEIROS VIAJANTES. Disponível em: <http://caixeirosviajantes.com.br/> . Acesso em: 14 jun. 2019.

CONSTANTINO, Núncia Santoro de. Teoria da história e a reabilitação da oralidade: convergência de um processo. Pesquisa. In: ABRAHÃO, Maria Helena Menna Barreto (Org.). A aventura (auto)biográfica: fundamentos e metodologia. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2004.

CUNHA, Euclides da. Os Sertões. Campanha de Canudos. Circulo do livro. 1975.

DAUDT, José Carlos. Brasileiros de cabelos loiros e olhos azuis. Porto Alegre, 1952.

DELHAES-GUENTHER, Dietrich von. Industrialisierung in Südbrasilien: die deutsche Einwanderung und die Anfänge der Industrialisierung in Rio Grande do Sul. Köln/Wien: Böhlau Verlag, 1973.

DIÁRIO do engenheiro da Voith Albert Ungerer: nas Cataratas do Niágara. Disponível em: <http://voith.com/br/index.html>. Acesso em: 02 abr. 2018.

DIE SERRA-POST, 14 de out. de 1970, s/p.

DUMAZEDIER, Joffer. Sociologia empírica do lazer. São Paulo: Perspectiva, 1979.

FAY, Claudia Musa. SCHEMES, Claudia. PRODANOV, Cleber. Arriscar e inovar: uma geração de empreendedores gaúchos do século XX. Revista História Econômica & História de Empresas, 2010, 157-186.

FAY, Claudia Musa. Crise nas alturas: a história da aviação civil no Brasil (1927 – 1975). Porto Alegre: EDIPUCRS, 2013.

FIBGE. Censos Industrial, Comercial e de Serviços. (série regional), vol. XXV, tomo, estado de São Paulo, Rio de Janeiro, 1955, p. 71-72.

FLORES, Moacyr. História do Rio Grande do Sul. Porto Alegre: Ediplat, 2003.

FORTINI, Archymedes. 91 anos de fecundo trabalho, de amor e de ternura humana. O aniversário de um velho comerciante, esportista e filantropo: Arthur Bromberg. Correio do Povo, Porto Alegre, 8 de jul. 1960.

FOTOS ANTIGAS. Site de fotos antigas de Porto Alegre. Disponível em: <http://fotosantigas.prati.com.br>. Acesso em: 15 mar. 2018.

FRANCO, Sérgio da Costa. A velha Porto Alegre: crônicas e ensaios. Porto Alegre: Canadá, 2008.

FRANCO, Sérgio da Costa. Porto Alegre e seu comércio. Porto Alegre: Associação Comercial de Porto Alegre, 1983.

FRANCO, Sérgio da Costa. Porto Alegre: guia histórico. Porto Alegre: Editora da Universidade/UFRGS, 1998.

FRITSCH, Winston. 1922: A Crise econômica. Revista Estudos Históricas, Rio de Janeiro, vol. 6, n.º 11, 1993.

GANS, Magda Roswita. Presença Teuta em Porto Alegre no século XIX (1850 – 1889). Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2004.

GAZETA ARTÍSTICA - Revista de Música, Literatura e Bellas Artes. São Paulo, n. 26, novembro 1913. Disponível em: http://memoria.bn.br/pdf/103349/per103349_1913_00026.pdf , Acesso em: 15 mar. 2019.

GERTZ, René E. Imigração e empreendedorismo industrial no Rio Grande do Sul. *In: Imigrantes empreendedores na História do Brasil: estudos de casos.* Org. Claudia Musa Fay, Antonio de Ruggiero. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2014.

GERTZ, René. Instituto Humanitas Unisinos. Entrevista em 24 jul. 2011. Disponível em: <http://www.ihu.unisinos.br/entrevistas/45624-25-de-julho-relembrando-a-imigracao-alema-no-brasil-entrevista-especial-com-rene-e-gertz> . Acesso em: 21 abr. 2019.

GERTZ, René. Médicos alemães no Rio Grande do Sul, na primeira metade do século XX: integração e conflito. *História, Ciências, Saúde – Manguinhos*, Rio de Janeiro, v.20, n.1, jan.-mar. 2013.

GERTZ, René. Site versão 2019. Disponível em: <http://www.renegertz.com/>. Acesso em: 02 abr. 2019.

GIORGIS, Luiz Ernani Caminha. O Brasil na I Guerra Mundial: o centenário da Grande Guerra. Gramado: Klassika, 2014.

GIZBURGO, Carlo. Mitos, emblemas e sinais. São Paulo: Editora Companhia das Letras. 2005.

GUIDO, Angelo. Pedro Weingärtner. Divisão de Cultura da Secretaria de Educação e Cultura do Estado do Rio Grande do Sul, 1956.

GUIMARAES, Rafael. A enchente de 41. Porto Alegre: Libretos, 2011.

HEINZ, Flávio M. Por outra história das elites. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 2006.

HOBSBAWM, Eric. Era dos extremos: o breve século XX 1914 – 1991. São Paulo: Companhia da Letras, 1995.

HOLANDA, Aurélio Buarque. Dicionário Aurélio Online de Português. Disponível em <https://dicionariodoaurelio.com/>. Acesso em: 16 de jun. 2019.

HOSPITAL ALVEAR. Disponível em: <https://www.buenosaires.gob.ar/hospitalalvear> Acesso em: 11 mar. 2019.

IJUÍ – RS – MEMÓRIA VIRTUAL. Site. Disponível em: <http://ijuisuahistoriaesuagente.blogspot.com.br/2013/06/no-inicio-do-seculo-passado-grande.html>. Acesso em: 05 abr. 2018.

JACKSON, Flores J. Varig. Uma Estrela Brasileira. Rio de Janeiro: Action Editora Ltda., 1997.

JANETE & PORTO ALEGRE. Blog. Disponível em: <http://janeterm.wordpress.com/>. Acesso em: 05 abr. 2019.

KOSERITZ, Carl Von. Imagens do Brasil. São Paulo: Martins/EdUSP, 1972. In: MAUCH, Claudia. Os alemães no Sul do Brasil. Canoas: Ed. ULBRA, 1994.

LABORATÓRIO DE PESQUISAS EM HISTÓRIA ORAL DA PUC/RS (LAPHO). Disponível em: <http://www.lapho.com.br/>. Acesso em: 04 jan. 2014.

LAGEMANN, Eugenio. O Banco Pelotense. Porto Alegre, Mercado Aberto, 1985.

LAGO, L.A.C. A indústria brasileira de bens de capital: origens, situação recente e perspectivas. Rio de Janeiro: FGV/IBRE, 1979.

LE GOFF, Jacques. História e Memória. Campinas: UNICAMP, 1996.

MACEDO, Riopardense. Porto Alegre, história e vida da cidade. Editora da UFRGS. Porto Alegre, 1973.

MACHADO, Janete da Rocha. A chácara de Oswaldo Aranha na Zona Sul de Porto Alegre e a Revolução de 1930. Disponível em: <http://ebooks.pucrs.br/edipucrs/acessolivre/anais/cieia/assets/edicoes/2017/arquivos/37.pdf>. Acesso em: 05 de maio de 2018.

MACHADO, Janete da Rocha. A família Bromberg e o lazer na Zona Sul. ZH Zona Sul, Porto Alegre, 13 set. 2013. p. 4-5. Disponível em: <http://wp.clicrbs.com.br/zhzonasul/2013/09/13/a-familia-bromberg-e-o-lazer-na-zona-sul-2/?topo=13%2C1%2C1%2C%2C%2C13>. Acesso em: 31 dez. de 2018.

MACHADO, Janete da Rocha. Guerra Blessmann: amor à medicina e à Zona Sul de Porto Alegre. Anais do IX Encontro Regional Sul de História Oral. 20 a 23 de agosto de 2017. Centro Histórico Cultural Santa Casa. Disponível em: <http://www.sul2017.historiaoral.org.br/>. Acesso em: 18 abr. de 2019.

MACHADO, Janete da Rocha. História da via férrea na Zona Sul de Porto Alegre. Oficina do Historiador. Revista Eletrônica/PUCRS. 2010. Disponível: <http://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/oficinadohistoriador/article/view/7013>. Acesso em: 23 nov. de 2018.

MACHADO, Janete da Rocha. Os irmãos Bromberg e o Grêmio. Almanaque Gaúcho. Zero Hora. 07/04/2018. Disponível em: <https://gauchazh.clicrbs.com.br/cultura-e-lazer/almanaque/noticia/2018/04/os-irmaos-bromberg-e-o-gremio-cjfof50km008e01tgqhxusos4.html>. Acesso em: 10 maio de 2019.

MACHADO, Janete da Rocha. O veraneio de antigamente: Ipanema, Tristeza e os contornos de um tempo passado na zona sul de Porto Alegre (1900 – 1960). Dissertação de Mestrado/PUCRS, 2014.

MACHADO, Janete da Rocha e FAY, Claudia Musa (org.). *Vozes Urbanas: Experiências com História Oral*. Porto Alegre: Editora Fi. 2019.

MADURO, Paula A. Memórias do automobilismo de rua em Porto Alegre, Rio Grande do Sul (décadas de 1920 – 1950). Dissertação de Mestrado/UFRGS, 2010.

MARCELINO, Paula; CAVALCANTE Sávio. Por uma definição de terceirização. *Caderno CRH*, Salvador. v. 25, n. 65, p. 331- 346. Maio/Ago. 2012.

MERTZ, Marli. A burguesia industrial gaúcha e suas tentativas de organização: de sua origem a 1930. *Ensaio FEE*, Porto Alegre, v. 12, n.2, p. 422-444, 1991.

MOEDAS do Brasil. Disponível em: <http://www.moedasdobrasil.com.br/reformas.asp>. Acesso em 24 de set. de 2018.

MONTE DOMEQ & Cia. O Estado do Rio Grande do Sul. Estabelecimento Graphico: Thomas. Barcelona. 1916.

MONTEIRO, Charles. Breve história de Porto Alegre. Porto Alegre: Ed. da Cidade; Letra e Vida, 2012.

MONTEIRO, Charles. Porto Alegre e suas escritas: história e memória da cidade. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2006.

MUSEU NACIONAL de Belas Artes. Site. Disponível em: <http://mnba.gov.br/portal/colecoes/pintura-brasileira.html> . Acesso em: 13 abr. 2019.

NORA, Pierre. Entre memória e história: a problemática dos lugares. *In: Projeto História*. São Paulo: PUC, 1993.

OLIVEIRA, Geneci G. VARIG de 1986 a 2006: reflexões sobre a ascensão e a queda da empresa símbolo do transporte aéreo nacional. Dissertação pelo PPGH/PUCRS. Orientação: Dra. Claudia Musa Fay. 2011. Porto Alegre.

OLIVEIRA, Luciana da Costa. Da imagem nascente à imagem consagrada: a construção da imagem do gaúcho pelos pinceis de Cesáreo Bernaldo de Quirós, Pedro Figari e Pedro Wingärtner. Tese (Doutorado em História) – PPGH, PUCRS, Porto Alegre.

PENA, Rodolfo F. Alves. "As Maiores Hidrelétricas do Mundo"; *Brasil Escola*. Disponível em <https://brasilecola.uol.com.br/geografia/as-maiores-hidreletricas-mundo.htm>. Acesso em 04 de abr. de 2018.

PENNA, Lincoln de Abreu. Positivismo. Centro de Pesquisa e Documentação de História Contemporânea do Brasil (CPDOC). Fundação Getúlio Vargas. Disponível em: <https://cpdoc.fgv.br/>. Acesso: 10 maio de 2019.

PENROSE, Edith. Teoria do crescimento da firma. Campinas: Editora da Unicamp, 2006.

PESAVENTO, Sandra J. A burguesia gaúcha: dominação do capital e disciplina do trabalho (RS: 1889-1930). Porto Alegre: Mercado Aberto, 1998.

PESAVENTO, Sandra J. Exposições Universais, espetáculos da modernidade do século XIX. Editora HUCITEC. São Paulo, 1997.

PESAVENTO, Sandra J. História da indústria sul-rio-grandense. Guaíba: RIOCELL, 1985.

PESAVENTO, Sandra J. O cotidiano da república. Porto Alegre: Ed. da Universidade/UFRGS, 1990.

PESAVENTO, Sandra J. O imaginário da cidade: visões literárias do urbano – Paris, Rio de Janeiro, Porto Alegre. Ed. Universidade/UFRGS, 2002.

PESAVENTO, Sandra J. Os Industriais da República. Porto Alegre: IEL, 1991.

PESAVENTO, Sandra J. Rio Grande do Sul, 1890-1930: a ideia da indústria (com a palavra o empresário e o governo). Revista Análise Econômica, Porto Alegre, ano 4, n. 7, nov.1986, pp. 3-20.

PESAVENTO, Sandra J. RS: agropecuária colonial & industrialização. Porto Alegre, Mercado Aberto, 1983.

PESAVENTO, Sandra J. De como os alemães tornaram-se gaúchos pelos caminhos da modernização. In: MAUCH, Cláudia; VASCONCELLOS, Naira (Org.). Os alemães no sul do Brasil. Canoas: Editora da Ulbra, 1994.

PLANTA COMERCIAL DE PORTO ALEGRE (1900). Acervo do IHGRGS. In: Instituto Histórico e Geográfico do Rio Grande do Sul. Cartografia Virtual Histórico-Urbana de Porto Alegre. Porto Alegre, 2005. CD-ROM. Disponível em: https://www.ihgrgs.org.br/mapoteca/cd_mapas_rs/CD/imagens/mapas/cap_7/PoA_1900.htm.

POLLACK, Michael. Memória e Identidade Social. Estudos Históricos, Rio de Janeiro, v. 5, n. 10, 1992, p. 200-212. Disponível em: <http://www.pgdef.ufpr.br/memoria%20e%20identidadesocial%20A%20capraro%202.pdf>. Acesso em: 18 jun. 2019.

PORTELLI, Alessandro. Memória e diálogo: desafios da história oral para a ideologia de século XXI. In: FERREIRA, Marieta de Moraes. História oral: desafios para o século XXI. Rio de Janeiro: Fiocruz, 2000.

PORTO DE RIO GRANDE - Site institucional do Governo do Estado do Rio Grande do Sul sobre o Porto de Rio Grande. Disponível em: http://www.portoriogrande.com.br/site/sobre_porto_historico.php . Acesso em: 25 fev. 2018.

PRADO, Caio. História Econômica do Brasil. São Paulo: Brasiliense, 1970.

RADOMSKY, G. F.W. Redes sociais de reciprocidade e de trabalho: as bases histórico-sociais do desenvolvimento na Serra Gaúcha. Porto Alegre, RS. Dissertação de Mestrado. Programa de Pós-Graduação em Desenvolvimento Rural, Universidade Federal do Rio Grande do Sul – UFRGS, 2006.

REINHEIMER, Dalva. As colônias alemãs, rios e Porto Alegre: estudo sobre imigração alemã e navegação fluvial no Rio Grande do Sul (1850-1900). Dissertação (Mestrado em História) – Universidade do Vale do Rio dos Sinos, São Leopoldo, 1999.

REVISTA DO MEZ. Número especial, dedicado a Colonia Allemã do Estado do Rio Grande do Rio Grande do Sul. Acervo DELFOS/PUCRS, 1923.

ROCHE, Jean. A colonização alemã e o Rio Grande do Sul. Porto Alegre: Editora Globo, 1969.

RÜCKERT, Fabiano Quadros. A colonização alemã e italiana no Rio Grande do Sul: uma abordagem na perspectiva da História Comparada. Revista Brasileira de História & Ciências Sociais. Vol. 5, nº 10, dezembro de 2013.

SILVA. Gabriela Ucoski da. História e aspectos do cotidiano da hospedaria de imigrantes do Cristal Porto Alegre (1890 – 1898). Porto Alegre, 2014.

SEVCENKO, Nicolau. História da Vida Privada no Brasil. República: da Belle Époque à Era do Rádio. Porto Alegre: Companhia das Letras, 1998. v. 3.

HAMMERSCHIMITT, Alini. O jornal O Commercio como porta-voz do produtor arrozeiro (Cachoeira do Sul, 1905 – 1925). Tese (Doutorado em História) – PPGH, PUCRS, Porto Alegre, 2019.

SCHUMPETER, Joseph. Teoria do desenvolvimento econômico: uma investigação sobre lucros, capital, crédito, juro e o ciclo econômico. São Paulo: Abril Cultural, 1982

SOARES, Ricardo Santos. O FOOT-BALL DE TODOS: Uma história social do futebol em Porto Alegre, 1903 – 1918. Dissertação (Mestrado em História) – PPGH, PUCRS, Porto Alegre, 2014.

TESSARI, Anthony B., Imagens do labor: memória e esquecimento nas fotografias do trabalho da antiga metalúrgica Abramo Eberle (1896 – 1940). PUCRS, 2013.

THOMPSON, Paul. A voz do passado: história oral. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992.

TRAMONTINI, Marcos Justo. As transações com terras na Colônia Alemã de São Leopoldo. In: Anais do XII Simpósio de História da Imigração e Colonização: Cotidiano e Identidade. São Leopoldo: Oikos, 2009.

VIEIRA, Fabio Henrique Cavalcanti. Análise da trajetória de crescimento do Grupo Gerdau. Dissertação de Mestrado. Universidade Federal do Rio de Janeiro/UFRJ. Orientadora: Denise Lima Fleck, 2007.

VINHOSA, Francisco Luiz Teixeira. O Brasil e a Primeira Guerra Mundial. Rio de Janeiro: Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro, 1990.

VOITH. Sempre à frente com boas ideias – desde 1867. A história da Voith. Editor Voith GmbH. Site. Disponível em: https://www.voith.com/br/Voith_Historia_Port_2013-06-20.pdf. Acesso em: 31 mar. de 2018.

WINK, Ronaldo. Santa Cruz do Sul e sua evolução urbana 1855 – 2000. Dissertação de Mestrado. Universidade de Santa Cruz do Sul – UNISC. Orientador: Flávio Madureira Heinz, 2000.

WRIGHT, Arnold. Impressões do Brazil no século vinte. Sua história, seu povo, comércio, indústria e recursos. Londres: Lloyds Greater Britain Publishing Company Ltd, 1913.

JORNAIS:

A FEDERAÇÃO, ano XXX, 1914, ao ano XXXIV, 1918.

A NOITE. Jornal. 16 de abril de 1917, capa.

A OPINIÃO PÚBLICA. Jornal. Edição 00039. Pelotas – 15 de fev. 1908. Ano XII.

CORREIO DO POVO, 6 de out. de 1909, capa.

CORREIO DO POVO, 17 de abril de 1917, capa.

GAZETA COLONIAL, ano I, 1917, ao ano II, 1918.

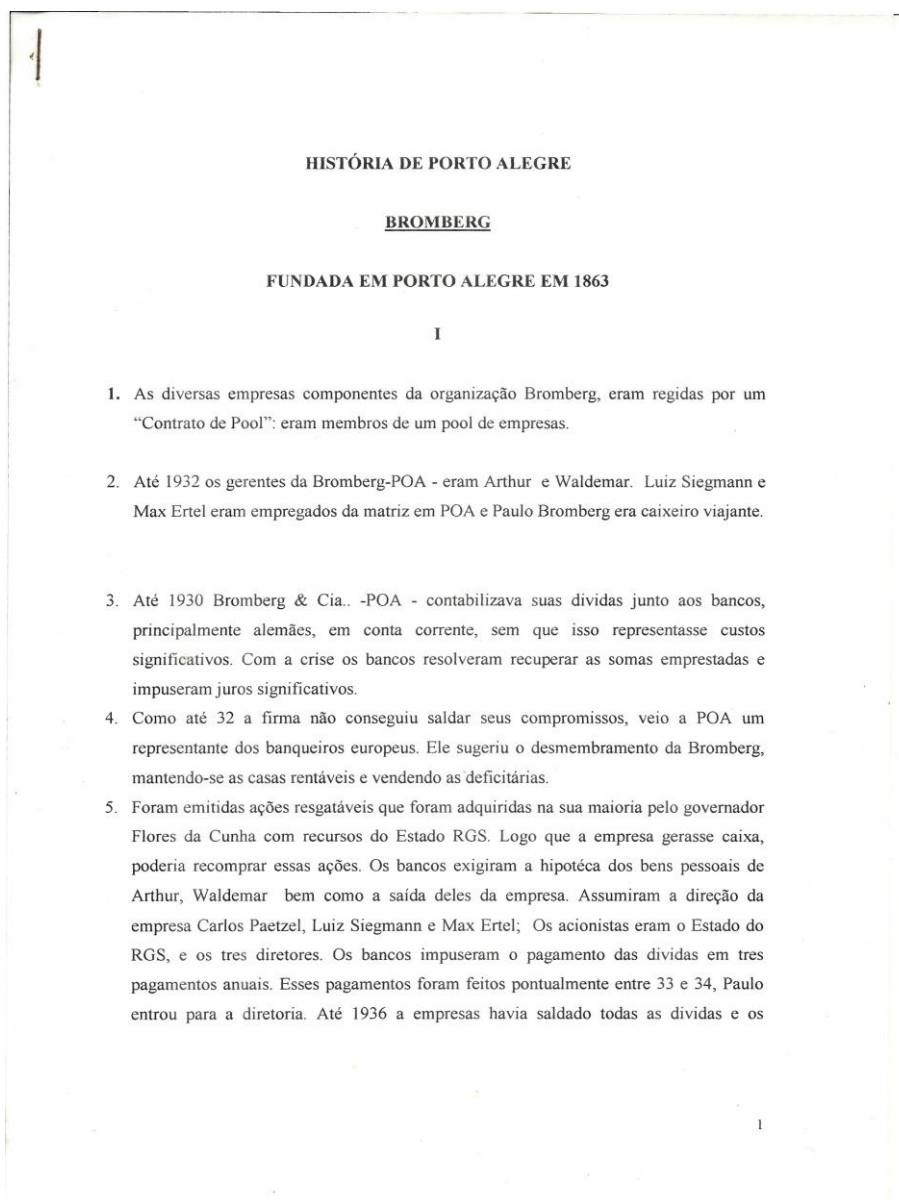
O BRAZIL. Jornal do Org. do Partido Republicano. Caxias, RS. 2 ago. 1913. N. 140.

ENTREVISTAS:

BROMBERG, Lilian Dorothy. Entrevista concedida à autora. Porto Alegre, 20 mar. 2013.

BRUGGER, Rita Bromberg. Entrevista concedida à autora. Porto Alegre, 06 abr. 2013.

BROMBERG, Walther. Entrevista concedida à autora. Porto Alegre, 15 mai. 2018.

ANEXO A: Carta de Martin Bromberg, neto de Bartolomeu M. Bromberg.

Fonte: Acervo da Família Bromberg

- diretores haviam recomprado todas as ações resgatáveis. Luiz Siegmann havia conseguido a maioria, Max Ertel soma semelhante e Paulo Bromberg por volta de 16%.
6. Robert Bromberg se tornou empregado em dezembro de 1930.
 7. Mais tarde foram admitidos o filho de Max, Walter Ertel e o genro Krueel.
 8. Nos anos 56/57 se retiraram Max Ertel, Walter Ertel e Krueel.
 9. Ficaram Luiz Siegmann, com 82%, seus filhos Fernando e mais tarde Frederico, seu genro Duvelins, e Paulo Bromberg, e Robert Bromberg como gerente procurador.
 10. Paulo Bromberg faleceu em 1961 tendo seus filhos, aos quais couberam as ações na partilha, vendido todas a Luiz Siegmann em 1971.
 11. As dificuldades internas levaram a família Siegmann a encerrar as atividades comerciais em 30.09.82, ficando com a Holding, Bromberg S/A. Importadora, Comercial e Técnica que continuava proprietária de todos os imóveis.
 12. Surgiu então entre todos filhos Siegmann, Lourdes casada com Cauduro, Leda casada com Duvelins, Fernando, Lilia casada com Paulo Cirne Lima, Frederico e Luízinha casada com Marco A Caleffi - a decisão de dissolver a empresa partilhando os imóveis.

Outros Dados:

Em 1917 a matriz em POA foi incendiada e a filial de Curitiba destruída em quebra-quebra.

Em 1929 a matriz em POA se mudou para a nova sede à rua 7 de Setembro onde hoje está a Galeria 7 de Setembro.

Em 1954 um incêndio de domingo a tarde destruiu completamente a seção de Eletricidade que ficava numa construção de madeira ao lado do prédio novo, então ainda em obra, na Siqueira Campos esquina com Trav. Leonardo Truda.

HISTÓRIA DE SÃO PAULO

BROMBERG & CIA.

BROMBERG & CIA. foi fundada em 1863 na cidade de PORTO ALEGRE - sede: as demais eram filiais; como São Paulo, Rio de Janeiro, Hamburgo, Montevideo, Buenos Aires, Rosario, Rio Grande e Pelotas.

A atual BROMBERG & CIA. LTDA. em São Paulo, de acordo com o que se consegue averiguar, teve o seguinte ciclo:

Em 1921 foi fundada em São Paulo a Bromberg & Cia.

Em 1922, o Sr. Waldemar Bromberg, veio para São Paulo, para substituir o então gerente geral, Sr. Otto Rosenrunge que foi chamado a Hamburgo para reportar ao mais velhos dos 10 filhos de Martin Bromberg (falecido em 1918), Bartolomeu Martin Bromberg (BMB), que era o gerente da casa de compras em Hbg.

BMB decidiu então entregar a gerência da Bromberg São Paulo, que se tinha tornado firma autônoma, a seu filho Herbert Bromberg (HB), em 1917, era um Pool-Vertrag; quando Otto Rosenrunge voltou em 1928 e foi demitido. Naquele tempo, depois da 1ª guerra mundial e da depressão de 1922, todas as antigas filiais de Bromberg & Cia.- Porto Alegre, tornaram-se autônomas. Tínhamos então em Porto Alegre, Bromberg & Cia., com os Srs. Arthur Bromberg e Waldemar Bromberg até 1932, Sr. Ertel, Sr. Siegmann e Paulo Bromberg. Quem ficou com tudo no fim foi o Sr. Siegmann, que também fechou a firma e vendeu todos os imóveis.

Em Hamburg ficou BMB até 1945 (II guerra mundial); voltou para se aposentar no Brasil, onde faleceu em São Paulo. A firma de Hamburg, devido grandes dificuldades financeiras após a II guerra mundial, foi parcialmente vendida à Staudt-Argentina, passando a se chamar Bromberg Staudt & Co GmbH, gerenciada pelo Sr. Suhrmann, depois pelo Sr. Greiter, que hoje é dono da firma.

Existia a firma Bromberg do Rio de Janeiro, cujo gerente era o Dr. Otto Bromberg até 1932. Quando voltou da Alemanha em 1937 veio para São Paulo se aposentar. O Rio de Janeiro passou então a ser filial da Bromberg de São Paulo, Otto era um dos 7 (sete) irmãos.

No Rio de Janeiro, o Sr. Edgar Arthur Bromberg trabalhou em 1932, junto com o Dr. Otto Bromberg, um dos 7 (sete) irmãos.

Na cidade do Rio Grande, no Rio Grande do Sul, o gerente da firma era o Sr. Fernando Bromberg, que faleceu em 1939, Rio Grande passou a ser filial da firma Bromberg de Porto Alegre, que depois liquidou e fechou o Rio Grande em 1982. Fernando era um dos 7 irmãos, a filial Pelotas de Bromberg Porto Alegre, funcionou até 1982.

Existia também a Bromberg & Cia. em Buenos Aires, com filial em Montevideo, gerenciada pelo Dr. Erwin Bromberg, um dos 7 irmãos, na qual o Sr. Edgar Arthur Bromberg, trabalhou de 1927 até 1931.

Por dificuldades financeiras a Bromberg de Buenos Aires, junto com sua filial de Montevideo-Uruguai, foi adquirida na Argentina, pela firma Staudt & Cia.

Sr. Edgar Arthur Bromberg trabalhou depois no Rio de Janeiro (1932). Alguns meses em Porto Alegre (1932), vindo para São Paulo em 1932 onde entrou de sócio com o Sr. HB na Bromberg de São Paulo. Esta cresceu muito de 1927 a 1939 e em 1938 começou a fabricar máquinas operatrizes e equipamentos agrícolas. Em 1940 fabricou o 1º motor Diesel sob nome de Bromberg e em 1952 recomeçou a fabricação de Motores Diesel em sociedade com dinamarqueses na Motores Diesel Nacionais Colono Ltda. Esta firma foi dissolvida em 1960.

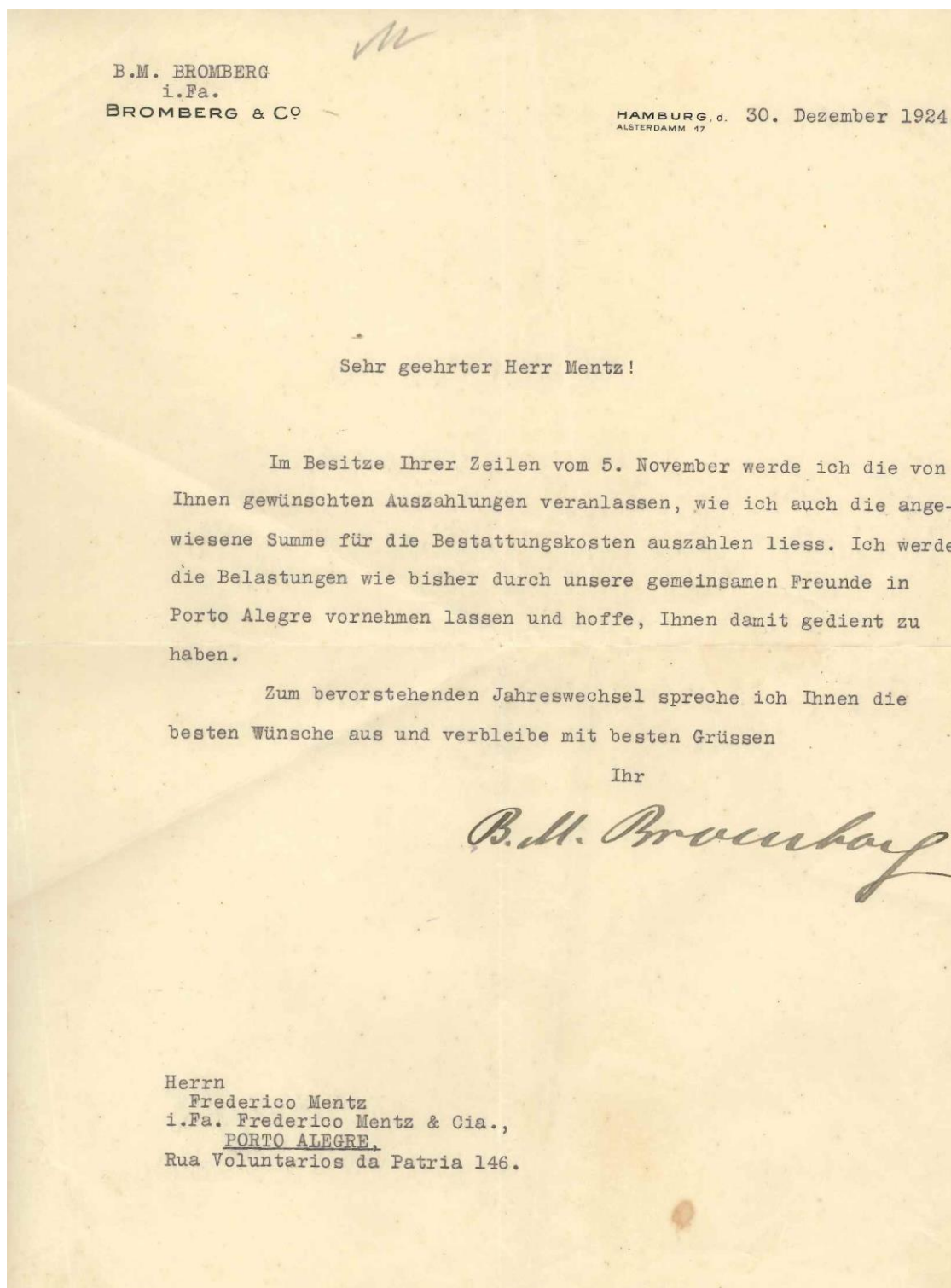
Bromberg & Cia. Ltda. em São Paulo, começou em 1922, primeiro na Rua Direita, depois na Florêncio de Abreu em 1927, em 1936 mudou para a Av. Tiradentes, 254.

Em 1995 – Dezembro a Indústria e Comércio Brosol fechou. Foi vendida ao Bradesco, sobraram para a Montemor Indústria e Comº, de então, parte do dinheiro e os imóveis de Ribeirão Pires (integral). Da marginal do Rio Pinheiros (integral). Este terreno e mais o Centro Técnico Brosol edificado nele, foram vendidos em 2000.

A firma Bromberg fechou a filial do Rio de Janeiro em 1961, passando as quotas para os sócios gerentes João Schluchtmann, Lothar Hees e R.Schneider, que a fecharem de comum acordo em 1963.

SP.15.05.87

ANEXO B: Carta de Bartolomeu Martin Bromberg para Frederico Mentz/1924



Fonte: Acervo da Família Bromberg

ANEXO C: Reportagem sobre Arthur Bromberg

= 8/7/60 = CORREIO DO POVO

91 anos de fecundo trabalho, de amor e de ternura humana

**O aniversário de um velho comerciante, esportista
e filantropo — Artur Bromberg**
Archymedes Fortini

Um velho e acatado comerciante receberá hoje, emocionado, as homenagens de seus parentes e amigos, pela passagem de mais um natalício — o 91º, por sinal. O dono dessa longa e fecunda existência, que, com a graça de Deus e a ajuda da ginástica sueca, ainda se conserva em condições satisfatórias de saúde, é o sr. Artur Bromberg, porto-alegrense autêntico, nascido no sobrado que então se erguia à rua 7 de Setembro, esquina de General Câmara.

O prédio onde nasceu a 8 de julho de 1869 o sr. Artur Bromberg, era de propriedade do coronel Manoel Py e foi, juntamente com outro sobrado ao lado, destruído por um incêndio em 1883. No local, o engenheiro Alexandre Ahrons levantou o prédio onde hoje funciona a Agência do Banco do Brasil, que ali sucedeu ao Banco da Província, para o qual fora executada a construção.

Voltando ao homem que hoje aniversária, regredindo ainda mais, podemos informar que Martim Bromberg, pai de Artur, veio para Porto Alegre em 1863 como procurador da firma hamburguesa Kopp & Rech. Mais tarde, seu sócio, Jacob Rech, associou-se à firma Holtzweissig, Breier & Cia., que, em 1883, fundou a firma Ernesto Benecke, Rech & Cia.

APRENDIZ DE FERRAGEIRO

Artur Bromberg contava 17 anos quando seu pai resolveu enviá-lo para a Alemanha, onde ele se tornou aprendiz de ferragem na "Terra das Ferramentas", a fim de especializar-se nesse ramo de negócio: — ferragens. O jovem porto-alegrense permaneceu na Europa cerca de quatro anos, de 1886 a 1889. Ao regressar, passou a exercer atividade, juntamente com seu inseparável amigo Jorfe Pfeiffer, na firma Ernesto Benecke, Rech & Cia., que depois se transformaria em Ernesto Benecke & Cia., da qual passou a sócio a 1.º de julho de 1891, na companhia de Ernesto Benecke e Carlos Huber.

A FIRMA "BROMBERG & CIA"

Quatro anos depois, isto é, em 1895, a firma passou a girar sob a razão social de Bromberg & Cia., que se tornaria uma das nossas principais entidades comerciais, ligadas a uma série de empreendimentos de vulto, fornecendo equipamentos para engenhos de arroz, moinhos de trigo, usinas elétricas, etc. Artur Bromberg a tudo animava, com invulgar capacidade de trabalho, com extraordinária argúcia e vigorosa pertinácia. Era um incentivador de boas idéias, um propagador de meritorias iniciativas, um homem com a perspectiva do futuro. Quando um grupo de "visionários" cogitou de lançar a primeira empresa de aviação comercial do Brasil, Artur Bromberg colocou seu escritório particular à disposição. E assim nasceu a Varig.

A razão social Bromberg & Cia. há mais de vinte anos foi alterada para Bromberg Comercial S. A. O sr. Artur Bromberg retirava-se



Artur Bromberg, que hoje completa 91 anos de idade

himentação adequada, exercícios saudáveis, comedimento, moderação. Artur Bromberg soube viver sempre afastado dos excessos. Não bebe álcool, não fuma e é vegetariano. Sua alimentação escuda-se essencialmente nos vegetais, leite, suco de laranja e mel.

Por muitos anos dedicou-se à prática do remo. Encerrava o expediente e lá se ia pelo Guaíba, buscando as guaiabas do Ruder-Club Porto Alegre com seus companheiros Artur Mundt, Francisco Billau, F. C. Lang, Gustavo Woebecke e Alexandre Bleckmann. Desses remadores saiu a primeira tripulação de "gigs" modernos, no Brasil. Pertenciam todos eles ao Ruder-Club Porto Alegre, que, mais tarde, ao fundir-se com o C. R. Guaíba, transformou-se no atual G. P. A.

COISAS DO DESPORTO

Aliás, Artur Bromberg relembra com indistarcável melancolia uma importante competição nessa fase pioneira do remo gaúcho. Tratava-se da disputa entre as tripulações do Ruder-Club e do Ruder-verein Germani (mais tarde C. R. Guaíba), de cuja equipe fazia parte o consagrado remador Ludwig Semmler. A torcida do Ruder preparou antecipadamente as comemorações do triunfo. Os rapazes eram quase todos noivos, e suas eleitas compuseram belas coroas de louro e foram acompanhar de bordo do vapor "Dom Pedro" a sensacional regata. Ocorre que a vitória pertenceu ao aguerrido adversário. As coroas foram parar no fundo do Guaíba... "São coisas do desporto" — comenta Artur Bromberg.

SOLIDARIEDADE HUMANA

Mas, além do comerciante e do desportista, sempre existiu o filantropo. Raras são as obras sociais que não receberam a sua continuada colaboração. Seu nome está ligado, pois, a hospitais es-

Fonte: Acervo da Família Bromberg

ANEXO D: Matéria sobre os 50 anos de Bromberg & Cia/1913.

ASSIGNATURAS
 Anno \$5000
 Semestre \$2500
 N. Anual \$200
 Aparece aos Sábados

ANNO V

Director-gerente — A. Mendes

O BRAZIL

Orgão do partido Republicano

Caxias, (Rio Grande do Sul) 2 de Agosto de 1913

Collaboradores diversos

ANNUNCIOS
 Preço avencionado

Escritorio, Rua Julio de Castilhos n. 118

N. 140

Bromberg & Cia.

MEIO SECULO

É' passado meio seculo que se fundou, em Porto Alegre, uma casa commercial que, lutando com innumeras difficuldades em seu inicio; vencendo a poder de energia e animo desassustado de seus dirigentes, galgou, sendo o primeiro, um dos primeiros logares na vida commercial do Brazil. Essa casa que levou as suas diversas e multiphas phases, accompanhou, seguindo forte sempre a sua esmorcimentos, a linha de vanguardia do progresso de nossa terra. Hoje é ella o que todos nós vemos, e que a Europa e a America conhecem — a Casa Bromberg & Cia. Foi em janeiro de 1863 que o Sr. Martin Bromberg, aportou a Porto Alegre, estabelecendo os alvares desse colosso que se ramificou por qua o todo o Brazil e Rio da Prata, tendo o seu centro de gravidade em Hamburgo, um dos principaes portos europeus.

O homem nasce, educado até a adolescencia; prepara-se na idade juvenil para a lucta pela vida, e entra no mundo, isto é, sem a pratica, a experiencia do viver, propria dos aninhos. Grande é o numero daquelles que chegam com o hatel que pilotam ao porto desejado, através de mares pericellosos; porém, muito maior é o dos que naufragam ao furor da berrasca.

O Sr. Martin Bromberg, num lance de vistas seguras, soube governar a sua nau e ver coronadas de louros os seus ingentes esforços. Bem pode elle hoje dizer como o romano da Historia: — *chequeque et ececi* — Deve ser hoje motivo do maior orgulho para o sobre ancão, o grão de progresso de sua casa commercial. Deve sentir-se verdadeiramente satisfeito ao contemplar, depois de cincoenta annos de labuta continua, a grandiosidade da sua iniciativa custosa.

E tem razão; tem tanto mais razão quanto elle sabe que tem a lista dessa obra gigantesca, seguindo-lhe os exemplares que semou sem conta, os seus intelligentes e laboriosos filhos.

Si ha flores e risos na mocidade, deve haver-lhes tambem na velhice; porém não é sempre, não é commum esse facto. O Sr. Martin Bromberg teve que lutar com o Destino; empregou, na grande empreza

Suave olhar

(A' gentil signorina Antonietta Agostinelli)

Em vossos olhos seismadores leio Tudo que cria a minha fantasia: Sonhos-os dois astros, qual si em pleno dia O Sol fugisse do celeste seio...

A alma me trazem num constante aneio: Quantas elyméricas minha mente cria... Olhos dorridos pela nostalgia Talvez dum sonho que a voltar não veio!

E tanta cousa nelles vejo, tanta! Suplicas, preces que ao soffrer espanta, O átro soffro do coração humano...

Elles parecem, para mim, Senhora, Na primavera que os jardins enflora, Dous pedacinhos do céu italiano!

P. Alegre, Junho de 1913.
Armando Barroes Cassal.

Bromberg & Cia. Atestam n'õ um canal construido no interior daquelle Estado, para accionar uma usina electrica com força de 4.000 cavallos. Esse canal e as installações da usina são obra da Firma; a construção de um outro canal, em terreno rochoso para a installação de uma outra usina hydro-electrica, tambem no interior, um colossal castello d'agua para uma nova usina; construção do edificio e mais dependencias da mesma usina; montagem de turbinas gemeadas 1.000 e 1.250 cavallos de força; montagem de outra usina hydro-electrica com turbina especial de 1.500 cavallos de força e geradores de corrente triphasica de 850 Kilo-diques, canaes, officios etc para outras usinas electricas, essas do machinas para as mesmas.

As maiores turbinas que ha no Brazil, para accionamento de usinas hydro-electricas, foram montadas pela Firma no rio Sorocaba, em S. Paulo. Essas turbinas são de 17.150 cavallos de força.

Em 1912 a Firma fechou contrato para a installação de turbinas de 15.000 cavallos de força, no rio São Francisco, para accionamento de uma usina hydro-electrica gigantesca.

E assim por deante.

Não cabo nas estreitas columnas de um jornal a descripção das inessantes obras de arte, alta engenharia e de hydro-electricidade que a casa Bromberg & Cia. tem executado, tanto no Brazil como no exterior.

Aqui, no nosso Estado, estao patentes aos nossos olhos os emprehendimentos levados a effeito pela mesma, e de seus beneficios resultados todo o Rio Grande tem comprehendido.

A Firma Bromberg & Cia é, talvez, a firma mais forte do Brazil. O seu capital girante é superior a cincoenta milhaes de marcos (cerca de 40 mil contos da nossa moeda). Tem a matriz em Hamburgo e filiaes em Buenos Ayres, Rosario de Santa Fé, Rio de Janeiro, Bahia, Minas Geraes, São Paulo, Santos, Rio Grande e Porto Alegre. Estas filiaes têm tambem suas filiaes e agencias no interior do Estado respectivo.

A casa matriz, em Hamburgo, occupa uma area de cerca de 1.500 m.2 e tem telegrapho e telephone proprios. Esta casa está sob a chefia immediata do Sr. Martin Bromberg, auxiliado pelo seu filho Sr. B. M. Bromberg.

A casa do Rio está sob a chefia do Sr. Dr. Otto Bromberg, engenheiro; a de São Paulo sob a dos Srs. Drs. Erwin Bromberg e Hans Hacker, ambos tambem engenheiros; a de Buenos Ayres sob a do Sr. Fritz Gruner; a do Rio Grande sob a do Sr. Fernando Bromberg; e a de Porto Alegre sob a dos Srs. Arthur e Waldemar Bromberg.

A casa de Buenos Ayres (com suas filiaes) occupa uma

1ª Exposição

Regional Agricola-Industrial em Caxias

FEVEREIRO DE 1914

em Caxias

Fonte: O BRAZIL. Jornal do Org. do Partido Republicano. Caxias, RS. 2 ago. 1913. N. 140. Anno V. p. 1.

ANEXO E: A Família Bromberg e o Lazer na Zona Sul

MEMÓRIA | ZONA SUL | 13 SETEMBRO DE 2013

Memória

A família Bromberg e o lazer na Zona Sul

Bequeira do ZH Zona Sul e história retroma parte da história de uma das famílias alemãs mais tradicionais da região

Blogueiros

Wenceslau Escobar e **Wenceslau Escobar** são os protagonistas desta matéria. O primeiro é jornalista e o segundo é músico. Ambos são conhecidos por suas atividades em redes sociais e blogs. A matéria discute o impacto das mídias digitais na sociedade e no jornalismo.

Wenceslau Escobar, jornalista e músico, escreve sobre a importância do jornalismo digital e a atuação dos blogueiros. Ele menciona a necessidade de atualização constante e a busca por novas formas de expressão artística e literária.

Wenceslau Escobar também discute a relação entre a música e a literatura, destacando a importância da escrita como forma de registro e expressão. Ele aborda a questão da identidade cultural e a influência das mídias digitais na construção da imagem pública dos artistas.

A matéria conclui afirmando que a internet democratizou o acesso à informação e criou novas oportunidades para a produção cultural. No entanto, também trouxe desafios, como a saturação do mercado e a necessidade de uma abordagem mais estratégica para alcançar o público.

VISION

Óptica Lentes e Lentes

Arquitetura e Obras: Engenheiros, arquitetos e designers para projetos residenciais e comerciais.

Atendimento especializado em: Lentes de contato, lentes para celular, lentes para computador, lentes para TV, lentes para câmera.

Endereço: Rua ... (informar endereço completo)

Contato: Telefone: ... e-mail: ...

Wenceslau Escobar, 2108

PIZZA

MAIOR MELHOR PIZZA DA CIDADANIA


Wenceslau Escobar, 2108 TELINTREGA

3395.2525

www.pizzazapoz.com.br


Fonte: MACHADO, Janete da R. A Família Bromberg e o lazer na Zona Sul. ZH. Porto Alegre, 13 set. 2013. p. 4.

ANEXO F: Documento de Paulo Bromberg/Caixaieiro Viajante

FUNDADA EM
 14 DE FEVEREIRO DE 1858

 ASSOCIAÇÃO COMERCIAL
 PORTO ALEGRE
 CONSIDERADA DE UTILIDADE
 PÚBLICA, PELA DEC. N. 242
 DE 3 DE JANEIRO DE 1918
 SÉRIE "A/E"
 2.077
 ASM.

Associação Comercial de Porto Alegre
 Rio Grande do Sul - Brasil

Divisão (TRAFEGO)
 16 OUT 1935
 SECRETARIA


Paulo Bromberg

Porto Alegre, 11 de OUTUBRO ---- de 1935

Ilmo. Sr. CHEFE DO TRAFEGO DA VIAÇÃO FERREA
DO RIO GRANDE DO SUL.

Nesta Capital.

De conformidade com a declaração escrita de 11
 do mês de OUTUBRO---- do corrente ano, arquivada nesta Asso-
 ciação, da firma nossa associada BROMBERG SOCIE-
 DADE ANONYMA -----, declaro-vos
 que o Sr. PAULO BROMBERG -----
 com 34- anos de idade, de nacionalidade Brasileira -----,
 estado civil casado-----, é viajante comercial da firma acima
 mencionada, estabelecida á Rua Sete de Setembro -----
 -----n.º 1126-- , nesta capital-- , achando-se, portanto,
 em condições de ser favorecido com as vantagens que essa Via-
 ção Ferrea concede aos representantes do comercio.

Saúdo-vos, atenciosamente, e reiteramo-vos
 as seguranças do nosso alto apreço e distinta consideração.

Paulo Bromberg
 1º Vice-Presidente da Diretoria,
 em exercicio.

Mário Bernal
 Diretor Secretario-Geral

ATENÇÃO

certificado será valido até 31 de

Fonte: acervo da Família Bromberg

ANEXO G: Folder de divulgação da Bromberg

1109

BROMBERG & C^a

PORTO ALEGRE

Casa Importadora

DE

AÇO SEM RIVAL
 Nº 18/16
 RESISTENCIA GARANTIDA 700 KILOS
 COMPRIMENTO GARANTIDO 445 METROS
 UNICOS IMPORTADORES
BROMBERG & CIA.
 PORTO ALEGRE.
 RIO GRANDE. PELOTAS.

Ferragens ◦ Armas ◦ Vidros
 ◦ Drogas ◦ Tintas ◦ Oleos ◦
 Metaes ◦ Louça esmaltada
 ◦ Artigos para Fabricas de
 Cerveja e Sabão ◦ Papeis
 ◦ Machinas de Costura ◦
 Folha de Flandres ◦ Telhas de Zinco ◦ Vinhos ◦
 ◦ ◦ ◦ Miudezas, etc. ◦ ◦ ◦

PORTLAND-CEMENT
 PRIMA QUALITAT
 PCFH HAMBURG
 SCHUTZ-MARKE MARCA REGISTRADA
 man gifne an andern Ende.

UNICA PROPRIETARIA DAS MARCAS REGISTRADAS SEGUINTES :

Arame : « Sem Rival » e « Voador »
Folha de Flandres : « Glory »
 « Pompeiro » e « Sesiani »
Seda caustica : « Glory »
Cimento : « Gato »
Cevada : « Corôa »
Cutelaria : « Sesiani »
Machados : « Cão »

ARAME
 Voador.
 Marca registrada.
FARPADO

Machinas de costura : « Victoria »
Machinas de costura : « Saxonia »
Serras : « Corôa » e « Cão »
Limas : « Caveira »
Metaes : « Espada »
Enxadas : « Colono »
Pás : « Onça »
Papel : « Borboleta »
Vidres : « Sino »

CAVEIRA

 Marca Registrada
 Limas superiores

CIMENTO GATO
 Melhor do que qual-
 quer outro.

CACHORRO
 Machados e outras
 ferramentas

A primeira qualidade de CEVADA é a de MARCA COROA	Arame Farpado Voador COM 300 METROS é o mais pratico e barato	Arame de Aço "SEM RIVAL" é o melhor do mundo	BORBOLETA Papel de embrulho, impressão e escrever
--	--	---	--

A PRIMEIRA
MACHINA
 do mundo é a
 ORIGINAL VICTORIA

ANEXO H: Notas fiscais da Bromberg

No 001778

BROMBERG & C.^{IA} **PEDIDO Nº 004032**

Remetter como *Vem retirar na loja*, 3 de *Agosto* de 1932

Illmo. Snr. *Força Publica do Estado de São Paulo*

Estação _____ Estrada _____

Conhecimento a *entrega a Fabrica Lemith*

Factura a _____

Condições *cont*

marcas
5208

Os preços entendem-se posto nosso deposito. Sujeito a confirmação.

N.º da Cota	Quantidade	ESPECIFICAÇÃO	Peso	Preço	SOMMA
•	✓ 4	<i>marcas selless</i> <i>1 3/4</i>	<i>ca</i>	<i>848</i>	
	✓ 4	<i>Supportes para</i> <i>teste</i>		<i>488</i>	
•		<i>Memorandium nº 94</i>			
	x	<i>Vem retirar a Fabrica</i> <i>Lemith</i>			

BROMBERG & C.^{IA}

PEDIDO Nº 001725

entregue 12 Agosto de 1932
 Remetter como Escola Polytechnica de São Paulo

Illmo. Snr. (Officina Nova)

Estação Estrada

Conhecimento a

Factura a

Condições

Os preços entendem-se posto nosso deposito. Sujeito a confirmação.

N.º da Caixa	Quantidade	ESPECIFICAÇÃO	Peso	Preço	SOMMA
		<u>Material para Transmissões e Montagem</u>			
	6	Cavalettes para Parede de 550 mm		43\$000	258\$000
	72 (74)	idem 640 mm		54\$000	3:996\$000
	25	idem 760 mm		70\$000	1:750\$000
	14	Eixos para Transmissão de 2", torneadas 1498		2\$300	3:445\$400
	68	Caixas para Mancaes "Standard" 2"		32\$000	2:176\$000
	43	idem "SKF" 2"		36\$000	1:548\$000
	111	Rolamentos de 2 fleiras c/bucha e porca 2"		73\$600	8:169\$600
	6	Lavas de junção de disco 2"		58\$500	351\$000
	12	idem cylíndricas 2"		45\$000	540\$000
	6	idem c/bucha cônica 2"		58\$500	351\$000
	2	Supportes p. transmissão intermediaria c/Mancaes de lubrificação automat. 2"		82\$000	164\$000
	2	Anéis de pressão 2"		5\$200	10\$400
	1	Pulia de aço batido 32 x 7"			324\$000
	1	idem 22 x 7"			196\$000
	1	idem 8 x 7"			84\$000
	165,9	Kos. Parafusos c/porcas para assentamento 1/2" de Machinas e Cavalettes		4\$500	746\$600
	234,6	idem 5/8"		4\$050	950\$100
	517,6	idem 3/4"		3\$900	2:018\$600
	269,5	Flanges e Encostes		2\$000	539\$000
	6,2	Aruellas de 1/2, 5/8 e 3/4"		3\$600	22\$300
	1	Groza Parafusos p. Madeira T 2 3/4 x 12			16\$400
	1	idem 2 x 10			10\$000

LO

(Redacted signature)

Conferido por
 Sr. Aulio e Clito

BROMBERG & C.^{IA}

PEDIDO Nº 001725

Remetter como entregue, 12 de Agosto de 1932

Illmo. Snr. Escola Polytechnica de São Paulo

Estação (Officina Nova)

Estrada

Conhecimento a

Factura a

Condições

Os preços entendem-se posto nosso deposito. Sujeito a confirmação.

N.º da Caixa	Quantidade	ESPECIFICAÇÃO	Peso	Preço	SOMMA
		Material para Transmissões e Montagem			
	6	Cavalettes para Parede de 550 mm		43\$000	258\$000
	72 (74)	idem 640 mm		54\$000	3:996\$000
	25	idem 760 mm		70\$000	1:750\$000
	14	Eixos para Transmissão de 2", torneadas 1498		23\$300	3:445\$400
	68	Caixas para Mancaes "Standard" 2"		32\$000	2:176\$000
	43	idem "SKF" 2"		36\$000	1:548\$000
	111	Rolamentos de 2 f leiras c/bucha e porca 2"		73\$600	8:169\$600
	6	Luvas de junção de disco 2"		58\$500	351\$000
	12	idem cylindricas 2"		45\$000	540\$000
	6	idem c/bucha conica 2"		58\$500	351\$000
	2	Supportes p. transmissão intermediana c/Mancaes de lubrificação automat. 2"		82\$000	164\$000
	2	Anéis de pressão 2"		5\$200	10\$400
	1	Pulia de aço batido 32 x 7"			324\$000
	1	idem 22 x 7"			196\$000
	1	idem 8 x 7"			84\$000
	165,9	Kos. Parafusos c/porcas para assentamento 1/2" de Machinas e Cavalettes		4\$500	746\$600
	234,6	" idem 5/8"		4\$050	950\$100
	517,6	" idem 3/4"		3\$900	2:018\$600
	269,5	" Flanges e Encastes		2\$000	539\$000
	6,2	" Aruellas de 1/2, 5/8 e 3/4"		3\$600	22\$300
	1	Goza Parafusos p. Madeira T 2 3/4 x 12			16\$400
	1	" idem 2 x 10			16\$000

Conferido por
H. Aulio e Cleto

BROMBERG & C.^{IA}

PEDIDO Nº 001726

- 2 -

Remetter como entregue, 12 de Agosto de 193²

Ilmo. Snr. Escola Polytechnica de São Paulo

Estação (Oficina Nova)

Estrada

Conhecimento a

Factura a

Condições

Os preços entendem-se posto nosso deposito. Sujeito a confirmação.

N.º da Caixa	Quantidade	ESPECIFICAÇÃO	Peso	Preço	SOMMA
		Transporte			
	+ √ 1	Cadinho de Graphite "Peixe" 2o Kos.			38\$000
	+ √ 1	Forja portatil com ventilador manual			385\$000
	+ √ 1	Torno para Ferreiro No. 7	4o Kos	5\$200	208\$000
	√ 3	Duzias Laminas para serrar ferro 14261/12"		6\$000	18\$000
	√ 1	Caixas Prezilhas p. correias "Aguiar"	No. 3		17\$000
	√ 1	" idem	No. 5		19\$000
	√ 2	Apparelhos para grampar correias No. 12683	176	176\$000	352\$000
	1,05	Kos. Estanho para soldar		11\$000	11\$000
	√ 1	Talha triplex No. 7534/3000 Kos.			775\$000
	√ 2	exs. á 2/5 gall. Transformer Oil		87\$000	174\$000
	√ 1	Tamboz de 25 lbs. Sun Cup Grease C			45\$000
	√ 1	" 25 " Sun Cup Grease LA			48\$000
	√ 1	Lata de 5 gall. Sun Golden Oil No. 92			40\$000
	+ √ 1	Bigorna sueca	77 Kos.	5\$000	385\$000
	√ 1	Talha " Hedef " No. 7556/1500 Kos.			452\$000
	√ 81	Kos. Parafusos com porcas pmm 5/8"		4\$050	328\$000

Conferido por
Dr. Carlos e Clot

BROMBERG & C.^{IA}

PEDIDO Nº 001726

- 2 -

Remetter como entregue, 12 de Agosto de 193²

Illmo. Snr. Escola Polytechnica de São Paulo

Estação (Oficina Nova)

Estrada

Conhecimento a

Factura a

Condições

Os preços entendem-se posto nosso deposito. Sujeito a confirmação.

N.º da Caixa	Quantidade	ESPECIFICAÇÃO	Peso	Preço	SOMMA
		Transporte			
	1	Cadinho de Graphite "Peixe" 20 Kos.			38\$000
	1	Forja portatil com ventilador manual			385\$000
	1	Torno para Ferreiro No. 7	40 Kos.	5\$200	208\$000
	3	Duzias Laminas para serrar ferro 1426 1/12"		6\$000	18\$000
	1	Caixas Presilhas p. correias "Aguilar"	No. 3		17\$000
	1	" idem	No. 5		19\$000
	2	Apparelhos para grampear correias No. 12683	176 Kos.	176\$000	352\$000
	1,05	Kos. Estanho para soldar		11\$000	11\$500
	1	Talha triplex No. 7534/3000 Kos.			775\$000
	2	cxs. á 2/5 gall. Transformer Oil		87\$000	174\$000
	1	Tamboz de 25 lbs. Sun Cup Grease C			45\$000
	1	" 25 " Sun Cup Grease LA			48\$000
	1	Lata de 5 gall. Sun Golden Oil No. 92			40\$000
	1	Bigorna sueca	77 Kos.	5\$000	385\$000
	1	Talha " Hedef " No. 7556/1500 Kos.			452\$000
	81	Kos. Parafusos com porcas panna 5/8"		4\$050	328\$000

M

Conferido por
Sr. Augusto e Cleto

BROMBERG & C.^{IA}

PEDIDO Nº 001727

Remetter como entregue, 12 de Agosto de 1932

Ilmo. Snr. Escola Polytechnica de São Paulo

Estação (Officina Nova) Estrada


Conhecimento a

Factura a

Condições

Os preços entendem-se posto nosso deposito. Sujeito a confirmação.

N.º da Caixa	Quantidade	ESPECIFICAÇÃO	Peso	Preço	SOMMA
		Instalação electrica (Força Motriz)			
	300	Metros Cabo isolado RC/000		9\$380	2:814\$000
	100	" idem RC 6/839		2\$100	210\$000
	100	" idem RC 3/2		4\$140	414\$000
	112	" Fio flexivel No. 8/800		1\$130	126\$600
	267	" idem 10/815		\$600	160\$200
	200	" idem 12/795		\$410	82\$000
	84	" idem 8/839A		1\$250	105\$000
	50	" idem 10/799		\$870	43\$500
	3	Rolos a 1/2 Kg Fio fuzivel de chumbo		4\$000	12\$000
	150	Roldanas de porcellana No. 1929		\$140	21\$000
	80	idem No. 1933		\$600	48\$000
	10	Interruptores triph. No. 1225/40-60 Amp.		58\$000	580\$000
	5	idem No. 1224/40-60 Amp.		52\$000	260\$000
	2	idem No. 1207C/200 Amp.		130\$000	260\$000
	12	Fuziveis cartuchos 200 Ampère		8\$500	102\$000
	9	Entradas de porcellana No. 669		4\$000	36\$000
	12	Terminaes de cobre No. 2023		1\$600	19\$200
	8	Rolos Fita isolante No. 1491		6\$800	54\$400
	1	" idem No. 1492		3\$500	3\$500
	1	Groza parafusos p. Madeira Ø 2 1/4 x 14			18\$000
	37,5	Metros Tubo flexivel galvan. 25 MM Ø		4\$400	165\$000
	100	Metros Fio flexivel 10/815		\$600	60\$000


 Conferido por
 Sr. Antonio C. C.

Nº 002928

BROMBERG & C.^{IA}

PEDIDO Nº 105000

Remetter como *Entregues* 3 de *J.* de 193*2*.

Illmo. Snr. *Escola Polytechnica de São Paulo*

Estação _____ Estrada _____

Conhecimento a *Escola Normal Masculina de Artes e Officinas*

Factura a *11110*

Condições *nesta me*

44
944 -

Os preços entendem-se posto nosso deposito. Sujeito a confirmação.

Quantidade	ESPECIFICAÇÃO	Peso	Preço	SOMMA
<i>20</i>	<i>kg Graphite 1111</i> <i>1111</i>	<i>1 kg</i>	<i>4,-</i> <i>1111</i>	
	<i>sem Requisição A.</i> <i>1111 44.</i>			
	<i>Recbi conferi e aceitei</i> <i>pela Escola N. Masculina de</i> <i>Artes e Officinas</i> <i>Eduardo Alves Ferreira</i> <i>Mechanico - Almasaiife</i>			

BROMBERG & C.^{IA}

PEDIDO Nº 06059

Remetter como Ca. Moço, 28 de 9 de 1932

Illmo. Snr. Excmo Polytechnico de São Paulo

Estação Estrada

Conhecimento a

Factura a

Condições

Os preços entendem-se posto nosso deposito. Sujeito a confirmação.

N.º da Caixa	Quantidade	ESPECIFICAÇÃO	Peso	Preço	SOMMA
	1	Arma Carcano 1187/82			4.200
	1	cabot p ^o a mesma - 1187/82			1.100
	1	Calibre Mauser			81.000
<p>At Requisição A. 2018.</p>					
<p><i>RRy</i></p>					

Entrega
NOTA PROVISÓRIA N.º.....

S. Paulo, 24 de Outubro de 1932.

BROMBERG & CIA.
MK

RUA FLORENCIO DE ABREU, 67
Caixa Postal, 756
End. Telegr.: "Brombergco" e "Alegre"
Telephones: { 2-1070
 2-3000
S. PAULO

A

ESCOLA POLYTECHNICA DE SÃO PAULO
CAPITAL

Pedido N.º 2062.....

requisição nº

Sua Requisição nº ;

6 assentos de ferro p.arados	25\$000	Rs 150\$000
		=.=.=.=.=.
		S.E. ou O.

*Recebu o material
em 14/10/32*

GRANDE FUNDIÇÃO
e Oficinas Mechanicas
Viçya Craig & C. Ltda.
OCT 24 1932
Rua Mons. Andrada N. 152
SÃO PAULO

ANEXO I: Cronologia da Bromberg & Cia

1860: Martin Bromberg chega ao Brasil como procurador dos exportadores Wegner, Enet & Co de Hamburgo (agenciadores da firma Holtzweissig. Rech & Cia, estabelecida em Porto Alegre).

1860: Liquidação da firma alemã Kopp & Rech em Porto Alegre.

1863: Martin Bromberg assume a Empresa de Importação Holtzweissig & Rech. (sociedade com Jacob Rech, genro de Holtzweissig).

1863: Surge a Rech & Cia: início das atividades de importação de Martin Bromberg.

1866: Martin retorna a Alemanha com objetivo de expandir os negócios. Casamento com Berta Sophie.

1867: Martin funda no Brasil com os sócios Sesiani, Bromberg e Rech a firma “Sesiani & Irmãos

1870: Fundação da filial Holtzweissig, Breyer e Cia. na cidade de Rio Grande. Posteriormente essa filial passa para as mãos de Fernando Bromberg (filho de Martin).

1872: Martin muda-se para a Alemanha. Pietzcker assume a gerência da firma Holtzweissig, Breyer & Cia./Rio Grande. Breyer assume a matriz em Porto Alegre.

1873: Ernesto Beneke assume a casa de Porto Alegre com nome de Ernesto Beneke & Cia.

1877: Hugo Lau entra como sócio da casa matriz

1883: Em Porto Alegre surge uma nova sociedade: Lau, Huber & Cia.

1887: A Bromberg inaugura filial na cidade de Pelotas.

1890: Arthur Bromberg (filho de Martin) passa a ser sócio da casa matriz.

1891: J. Day entra como sócio (recuperação das casas no Brasil): surge as Empresas Bromberg & Cia.

1894: Inaugurada em Porto Alegre a Casa Luiz Voelcker & Cia. Gustavo Casper.

1895: Bartolomeu M. Bromberg (filho de Martin) entra como sócio gerente da matriz em Hamburgo. A Bromberg de Hamburgo passa a exportar para o Brasil as máquinas para as primeiras indústrias gaúchas.

1897: A Bromberg firma sociedade com a União de Ferros Bromberg, Daudt & Cia. (nomes como Carlos Daudt e Alberto Bins compunham o empreendimento).

1899: Waldemar Bromberg (filho de Martin) substituiu Huber em Porto Alegre. Iniciava-se a parceria dos dois irmãos (Waldemar e Arthur) nos negócios da capital.

1905: Inauguração da loja Ao Cilindro em Porto Alegre.

1906: A Bromberg firma sociedade com a Mernak S.A. Indústria Brasileira de Máquinas.

1909: Waldemar passou a ser sócio da firma Bromberg & Cia.

1910: Inauguração das filiais Bromberg na Argentina.

1910: Inauguração da filial do Rio de Janeiro com administração de Otto Bromberg (filho de Martin).

1911: Inauguração da loja Ao Cilindro em Rio Grande.

1912: Inauguração da loja Bromberg em Cachoeira do Sul.

1912: Inauguração da filial da Bromberg em São Paulo com administração de Erwin Bromberg (filho de Martin).

1917: Incêndios criminosos nas lojas Bromberg situadas em Porto Alegre.

1932: Fim da Bromberg & Cia.



Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul
Pró-Reitoria de Graduação
Av. Ipiranga, 6681 - Prédio 1 - 3º. andar
Porto Alegre - RS - Brasil
Fone: (51) 3320-3500 - Fax: (51) 3339-1564
E-mail: prograd@pucrs.br
Site: www.pucrs.br